**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS**

LUANA BATISTA DE SOUZA

Era uma febre, era um delírio:
edição crítica de *O Seminarista*, de Bernardo Guimarães

Versão corrigida

**São Paulo
2017**

LUANA BATISTA DE SOUZA

Era uma febre, era um delírio:
edição crítica de *O Seminarista*, de Bernardo Guimarães

Tese apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de doutor em Letras.

Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa

Orientador: Prof. Dr. Sílvio de Almeida Toledo Neto

Versão corrigida

São Paulo
2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S719e Souza, Luana Batista de
Era uma febre, era um delírio: edição crítica de O Seminarista, de Bernardo Guimarães. / Luana Batista de Souza ; orientador Sílvio de Almeida Toledo Neto. - São Paulo, 2017.
280 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. O Seminarista. 2. Bernardo Guimarães. 3. Edição crítica. I. Toledo Neto, Sílvio de Almeida, orient. II. Título.

Folha de aprovação

SOUZA, Luana Batista de.

Era uma febre, era um delírio: edição crítica de *O Seminarista*, de Bernardo Guimarães

Tese apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de doutor em Letras.

Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

*Ao meu avô Christiano (in memoriam),
um homem de pouco estudo e muita sabedoria.*

*“ Mas o mundo foi rodando nas patas do meu
cavalo
já que um dia montei agora sou cavaleiro
Laço firme e braço forte num reino que não tem
rei.”*

(Geraldo Vandré)

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela bolsa concedida durante o doutorado.

Aos professores doutores Marcos Antônio de Moraes e Phablo Fachin, pelas valiosas contribuições no exame de qualificação.

Ao professor doutor Marcelo Módolo, pela disponibilidade, atenção e solicitude.

Ao professor doutor Sílvio de Almeida Toledo Neto, com quem aprendo a cada dia, por aceitar orientar este trabalho, pela seriedade, constante diálogo e compromisso.

Ao professor doutor Heitor Megale (*in memoriam*), a quem devo o tema da minha dissertação, e consequentemente, deste doutorado, e às suas excelentes aulas de Filologia Portuguesa durante a graduação, que despertaram em mim a paixão pela Filologia.

Aos amigos Mônica Gonçalves e Pedro Balle, à Mônica pela escuta, conselhos e troca constante, ao Pedro pelas traduções e cuidado.

Ao meu amor, amigo e companheiro Rodrigo pelo apoio, auxílio, paciência e carinho. Sem ele parte desta tese não seria possível.

À minha família, a quem devo o que sou e o que ainda serei: meus pais, Maria da Cruz e Oswaldo, e o meu irmão, Leandro, pelo apoio, amor, carinho, incentivo e compreensão nas horas difíceis. E à Maggie, pelo seu amor canino.

*“Pinta quadros de assuntos brasileiros,
Gorjeios de aves e o cantor do galo,
O rio largo, o Sol, o umbroso valo,
Campos e serras e despenhadeiros”.*

(Leôncio Pereira)

RESUMO

SOUZA, Luana Batista de. **Era uma febre, era um delírio: edição crítica de *O Seminarista*, de Bernardo Guimarães**. 2017. 280 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Esta tese tem como objetivo apresentar a edição crítica do romance *O Seminarista*, de Bernardo Guimarães, preparada com base no original da obra. A edição justifica-se porque o original, embora disponível, foi modificado ao longo de sua tradição, a ponto de comprometer-se fortemente o estilo do autor, no que apresenta de mais característico. As modificações sofridas pelo texto produziram uma árvore genealógica composta por dois ramos principais, aos quais filiam-se todos os testemunhos estudados: um *ramo completo* e um *ramo abreviado*. Com o objetivo de estabelecer o texto crítico, discutem-se aspectos do romance a partir de uma perspectiva da análise literária, fixam-se critérios para a escolha do texto de base, apresentam-se as teorias existentes no âmbito da Bibliografia Textual, propõem-se relações genealógicas entre os testemunhos e fixam-se normas adequadas para uma edição crítica de original impresso. Além da apresentação crítica da edição príncipe, esta edição registra, em aparato, todas as variantes do texto ao longo dos primeiros testemunhos da tradição da obra.

Palavras-chave: *O Seminarista*, Bernardo Guimarães, Crítica Textual, edição crítica, variantes.

ABSTRACT

SOUZA, Luana Batista de. **It was a fever, it was a delirium:** a scholarly edition from *O Seminarista*, by Bernardo Guimarães. 2017. 280 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

This thesis aims to present the scholarly edition of the novel *O Seminarista*, by Bernardo Guimarães, based on the work's original. The edition is justified by the fact that the original, although available, was modified over its tradition, until strongly compromising the author's style on what it presents as most representative. The changes suffered by the text produced a genealogical tree with two main branches, to which are affiliated all the studied witnesses: an *unabridged branch* and an *abridged branch*. In order to establish a critical text, aspects of the novel are discussed through a literary analysis perspective, criteria are fixed so that the copy-text can be chosen, theories that belong to a Textual Scholarship scope are presented, genealogical relationships between witnesses are proposed and appropriate standards for a scholarly edition of original printed are set. Besides the *editio princeps*, this edition registers, in its apparatus, all the variants in the text that are registered in the first witnesses of the work's tradition.

Keywords: *O Seminarista*, Bernardo Guimarães, Textual Scholarship, scholarly edition, variants.

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Lista de testemunhos

- A — B. L. Garnier (1872)
D — Empresa Democrática (1899)
G — H. Antunes (1923)
H — Jornal do Brasil (1928)
I — Civilização Brasileira (1931)
L — Livraria Martins (1944)
N — Livraria Martins (s.d.)

Lista de símbolos

Adição	{ }
Alteração de ordem	↔
Junção	§+§
Omissão	[]
Reelaboração	{<>}
Separação	§-§
Substituição	<>

Lista de figuras

Figura 1 — Colofão da edição de 1895.....	26
Figura 2 — Erro tipográfico ou de impressão no testemunho A.....	65
Figura 3 — Estema de <i>O Seminarista</i>	82

Lista de gráficos

Gráfico 1 — Estudo analítico das variantes do ramo completo.....	71
Gráfico 2 — Estudo analítico das variantes do ramo abreviado.....	71

Lista de tabelas

Tabela 1 — Subtítulo de obras de autores brasileiros	23
Tabela 2 — Subtítulos de obras de Bernardo Guimarães.....	23

Tabela 3 — Tradição direta de <i>O Seminarista</i>	40
Tabela 4 — Casos de inovação por substituição	43
Tabela 5 — Casos de inovação por reelaboração	46
Tabela 6 — Casos de erro tipográfico	47
Tabela 7 — Testemunhos selecionados.....	49
Tabela 8 — Casos de adição no testemunho D	52
Tabela 9 — Casos de adição no testemunho G	53
Tabela 10 — Casos de adição no testemunho H	53
Tabela 11 — Casos de alteração de ordem no testemunho D	54
Tabela 12 — Casos de alteração de ordem no testemunho G	55
Tabela 13 — Casos de alteração de ordem no testemunho H	55
Tabela 14 — Casos de omissão de palavras no testemunho D	56
Tabela 15 — Casos de omissão de palavra no testemunho G	57
Tabela 16 — Casos de omissão de palavra no testemunho H	57
Tabela 17 — Casos de omissão de palavra no testemunho N	58
Tabela 18 — Casos de omissão de trecho no testemunho G	59
Tabela 19 — Casos de omissão de trecho no testemunho H.....	59
Tabela 20 — Casos de omissão de trecho no testemunho N.....	60
Tabela 21 — Caso de junção de parágrafo no testemunho D	62
Tabela 22 — Caso de separação de parágrafo no testemunho G	62
Tabela 23 — Caso de junção de parágrafo no testemunho H	62
Tabela 24 — Casos de reelaboração no testemunho I.....	63
Tabela 25 — Casos de substituição no testemunho D.....	64
Tabela 26 — Casos de substituição no testemunho G.....	65
Tabela 27 — Casos de substituição no testemunho H.....	65
Tabela 28 — Casos de substituição no testemunho N.....	66
Tabela 30 — Estudo analítico das variantes do testemunho G	68
Tabela 31 — Estudo analítico das variantes do testemunho H	68
Tabela 32 — Estudo analítico das variantes do testemunho I.....	69
Tabela 33 — Estudo analítico das variantes do testemunho N	70
Tabela 34 — Casos de salto do igual ao igual e de empastelamento	77
Tabela 35 — Lugares críticos.....	79

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A TRAJETÓRIA DE <i>O SEMINARISTA</i>	15
1.1 Um romance crítico.....	15
1.2 Romance brasileiro: literatura nacional e desaparecimento do subtítulo	21
1.3 História editorial.....	24
1.3.1 Tradição editorial.....	24
1.3.2 Direitos autorais e domínio público	29
2 A TRANSMISSÃO TEXTUAL	31
2.1 Alguns aspectos sobre a transmissão de <i>O Seminarista</i>	31
2.2 As diferentes redações de um romance: a escolha do <i>copy-text</i>	33
2.2.1 Da escolha da metodologia: Lachmann e <i>Bibliografia textual anglo-americana</i> 33	
2.2.2 A escolha do <i>copy-text</i> de <i>O Seminarista</i>	39
2.3 <i>Collatio</i>	40
2.4 <i>O Seminarista</i> : erros e inovações na tradição abreviada	42
2.4.1 Exemplos de inovação por substituição:	43
2.4.2 Exemplos de inovação por reelaboração:	46
2.5 Confrontando os testemunhos	48
2.6 Tipologia das variantes.....	51
2.6.1 Adição.....	52
2.6.2 Alteração de ordem.....	54
2.6.3 Omissão	55
2.6.3.1 Omissão de palavras	56
2.6.3.2 Omissão de trechos	58
2.6.3.3 Omissão de parágrafos.....	60
2.6.4 Junção e separação de parágrafos	62
2.6.5 Reelaboração	63
2.6.6 Substituição	63

2.7	Estudo analítico das variantes.....	66
3	AS RELAÇÕES GENEALÓGICAS ENTRE OS TESTEMUNHOS DE <i>O SEMINARISTA</i>	73
3.1	A estemática lachmanniana e seus desdobramentos.....	73
3.2	Trajetória editorial e famílias redacionais	75
3.3	Os erros tipográficos.....	76
3.4	A relação genealógica entre os testemunhos: uma proposta de <i>stemma codicum</i>	79
4	DESCRIÇÃO DOS TESTEMUNHOS, NORMAS E APARATO CRÍTICO	83
4.1	Os testemunhos: descrição bibliográfica	83
4.2	Aparato crítico: critérios de preparação.....	95
4.3	Erros tipográficos do testemunho A e suas respectivas emendas.....	101
4.3.1	Trocas de caracteres e fronteira de palavras.....	101
4.3.2	Falhas de impressão	104
4.3.	Erros referentes a nomes de religiosos, santos e topônimos	107
4.4	Erro de citação	108
4.5	Normas e critérios de edição	108
5	EDIÇÃO CRÍTICA	107
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	240
	BIBLIOGRAFIA	245
	ANEXO 1	260
	ANEXO 2.....	263
	ANEXO 3.....	267
	ANEXO 4.....	271
	ANEXO 5.....	274

INTRODUÇÃO

O Seminarista, de Bernardo Guimarães, é um dos muitos casos, recorrentes na literatura nacional, de obras que chegam às mãos do leitor atual marcadas por diversas modificações alheias à vontade do autor, as quais foram geradas, por diversos motivos, durante o processo de transmissão do texto. No caso de *O Seminarista*, pesa especialmente o fato de a obra encontrar-se, desde 1943, em domínio público. Outros fatores, no entanto, condicionaram as alterações do romance ao longo do tempo, mesmo antes de ter entrado em domínio público, como, por exemplo, a constante mudança das leis de direitos autorais, no final do século XIX, e a falta de rigor filológico no preparo das edições publicadas ao longo do século XX e durante o século XXI¹.

O Seminarista é uma das obras mais conhecidas do escritor mineiro Bernardo Guimarães. Publicado em 1872, o livro fez sucesso à época, conforme atestam as primeiras críticas em periódicos, e foi reeditado em 1875. São estas as duas edições em vida do autor, cujos direitos autorais foram cedidos, não sobre um determinado número de edições, mas sim sobre a obra, ao editor Baptiste-Louis Garnier (B. L. Garnier).

Ao analisarmos a trajetória editorial da obra, constatamos que muitas das edições foram publicadas por diferentes editoras, no fim do século XIX, muito provavelmente sem autorização de B. L. Garnier. Durante o século XX, quando a obra entra em domínio público, há diversas edições publicadas, sobretudo em coleções que se destinam a estudantes. Desse modo, desde a edição príncipe até as edições publicadas atualmente, a obra esteve exposta a toda sorte de modificações conforme apresentaremos ao longo desta tese.

O Seminarista possui um campo bibliográfico² muito diversificado, dirigido a diversos tipos de leitores. Além do texto integral ou supostamente integral, com diferentes redações, há duas adaptações da obra: uma história em quadrinhos (“Álbum gigante para adultos”), publicada pela Ebal, em 1955, e uma versão condensada, publicada em 2000, pela Rideel.

¹Esta tese continua a pesquisa desenvolvida durante o nosso mestrado. A dissertação, aprovada em 2012, intitula-se *Grande é o poder do tempo: colação de testemunhos de O Seminarista*, de Bernardo Guimarães.

²Por campo bibliográfico entende-se o grupo formado pelas edições existentes de um determinado texto. Em um campo bibliográfico ideal, é possível encontrar no mercado ou ter fácil acesso a todos os tipos de edição de um determinado texto, capazes de atender às necessidades de todos os tipos de leitores potenciais (CASTRO & RAMOS, 1986: 112).

Falta, contudo, ao campo bibliográfico, uma edição crítica que dê conta de sua trajetória editorial.

A partir do cotejo exaustivo de treze testemunhos, concluído nesta tese, identificamos duas redações do texto, que denominamos *completa* e *abreviada*. De acordo com Souza (2012: 50), a redação completa tem origem na edição príncipe. Esse texto é reproduzido, com modificações, em diferentes edições, até 1928. A redação abreviada é publicada em 1931 e, dentro dos limites estudados, é reproduzida, com alterações, até o final da década de 1940. As edições geradas por uma e outra redação, que compõem os dois ramos estemáticos da tradição da obra, circulam livremente pelo mercado editorial, sem deixar claro ao leitor que poderá estar diante de um exemplar com modificações não-autorais. Essas modificações incidem não apenas sobre o sentido do texto, como também sobre o estilo do autor, caracterizado como descritivo pela crítica especializada. Há no romance diversas passagens descritivas relativas a personagens, paisagens, diálogos e cenas, que são alteradas, visando a reformulações estéticas e de economia em termos de produção do livro enquanto objeto material.

Não podemos deixar de refletir sobre os aspectos literários do texto e suas características principais, visto que as alterações realizadas incidem sobre eles e mudam os efeitos da recepção e interpretação da obra entre os seus leitores.

Esta tese apresenta uma edição crítica de *O Seminarista*, com o propósito de resgatar e preservar, para o leitor atual, o texto autêntico da obra. Restauramos um original presente, controlado pelo autor, que foi alterado ao longo da transmissão da obra³. Além da preocupação com o estabelecimento do texto autêntico, esta edição traz, em aparato, todas as modificações substantivas pelas quais passou a obra durante a sua transmissão, desde o fim do século XIX até meados do século XX. A etapa da recensão (*recensio*) da obra, percorrida neste trabalho, pretende apresentar um quadro nítido da descrição bibliográfica dos testemunhos estudados, assim como de sua relação genealógica. O avanço para além do original visa a historiar a tradição, tal como foi lida e analisada, por diferentes públicos leitores, durante todo o período estudado, que abrange aproximadamente 70 anos.

Esta tese distribui-se por cinco capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “A trajetória de *O Seminarista*”, apresentamos alguns aspectos relativos ao romance com base em uma perspectiva da análise literária. Consideramos as primeiras críticas contemporâneas ao

³ Castro (1997:7) separa duas acepções de crítica textual, de acordo com o seu objeto de estudo e das diferenças metodológicas que essa escolha implica: a crítica textual tradicional e a moderna. A crítica textual tradicional concentra-se no original ausente. O seu escopo é, em última instância, a reconstituição do texto original perdido dentro de uma determinada tradição, buscando estabelecer a vontade última do autor. A crítica textual moderna concentra-se no original presente e busca determinar qual a versão mais recente controlada pelo autor.

lançamento da obra, o cânone crítico e a crítica acadêmica, além de sua história editorial. Estabelecemos as relações entre as casas editoriais, a relação entre autor e editor e discutimos a questão dos direitos autorais e suas implicações para a transmissão da obra. No segundo capítulo, intitulado “A transmissão textual”, o tema abordado é a escolha do *copy-text*, as teorias da Crítica Textual aplicáveis ao estudo da obra e o estudo das variantes textuais, que são analisadas a partir de diferentes aspectos, tais como a sua tipologia e frequência, além dos erros e inovações presentes na tradição do romance. No terceiro capítulo, intitulado “As relações genealógicas entre os testemunhos de *O Seminarista*”, discutem-se as relações genealógicas entre os testemunhos estudados e as hipóteses de constituição de um estema da obra. No quarto capítulo, intitulado “Descrição dos testemunhos, normas e aparato crítico”, descrevem-se os testemunhos estudados, listam-se os erros tipográficos e as falhas gráficas encontrados na edição príncipe, e apresentam-se as normas e critérios para a edição crítica. No quinto e último capítulo, intitulado “Edição crítica”, apresentamos a edição crítica, com aparato negativo, que traz as lições não-genuínas que circularam, e circulam, ainda hoje, entre os leitores.

Pretendemos com esta pesquisa, contribuir com os estudos de Crítica Textual, ao refletirmos sobre a metodologia de trabalho relacionada à elaboração de uma edição crítica, e com a Literatura, ao estabelecermos e fixarmos o texto de uma obra importante da literatura brasileira, e fornecermos ao estudioso da área um texto fidedigno, o mais próximo possível do que foi concebido por Bernardo Guimarães.

1 A TRAJETÓRIA DE *O SEMINARISTA*

1.1 Um romance crítico

Segundo o organizador das obras completas de Bernardo Guimarães, publicadas pela F. Briguiet em 1941, *O Seminarista*:

(...) é um romance bem feito, bem fabulado, bem conduzido em seus menores detalhes, o mais bem escrito desse autor. E, sem dúvida alguma ou favor, o melhor que o romancista mineiro produziu (GUIMARÃES, 1941:8).

Publicado no segundo semestre de 1872, conforme indicam as primeiras notícias sobre a obra, datadas de 21 de setembro e 05 de outubro, veiculadas nos periódicos *Diário do Rio de Janeiro* e *O Mosquito*, respectivamente, *O Seminarista* é um dos romances mais conhecidos do escritor mineiro Bernardo Guimarães, segundo os críticos da época.

A narrativa de *O Seminarista* desenvolve-se no século XIX, na pequena vila de Formiga, em Minas Gerais. É a história do filho do fazendeiro Capitão Antunes, Eugênio, que, desde a infância, nutre um sentimento por Margarida, filha da agregada D. Umbelina. Aos 13 anos, Eugênio é enviado ao seminário para iniciar seus estudos, a fim de se tornar padre. Todavia, a distância criada entre ele e Margarida apenas contribuiu para que seu afeto por ela aumentasse cada vez mais. Após alguns anos de clausura, Eugênio é autorizado a visitar a família. A proximidade de Eugênio e Margarida é vista com maus olhos pelos pais do jovem seminarista, que não querem que a moça seja visitada com frequência. Ao ser enviado de volta ao seminário, depois do episódio do mutirão, em que Eugênio se envolve numa discussão com Luciano, um pretendente de Margarida, foram vãs as súplicas para não se formar padre. Descontente com Umbelina e Margarida, e acreditando ser a menina uma ameaça para a carreira eclesiástica do filho, a família Antunes a expulsa da fazenda. Vítima de uma artimanha criada pelos pais e padres do seminário, Eugênio é ordenado, acreditando que sua amada traiu o juramento de casar-se com ele, casando-se com outro, conforme a falsa notícia dada pelos padres. Anos depois, já ordenado, Eugênio retorna à vila de Formiga para celebrar sua primeira missa. Na noite de sua chegada, é chamado para confessar uma moça doente que acredita estar à beira da morte. Ao chegar à casa simples da enferma, o jovem padre depara-se com Margarida e descobre todas as mentiras de seus pais contra a união dos dois. Tomados pela paixão, os amantes se entregam ao amor e ao desejo. No dia seguinte, antes de celebrar sua primeira missa, Eugênio é chamado para realizar um ofício fúnebre.

Surpreso ao se deparar com o cadáver de Margarida, o jovem enlouquece. Com esse enredo, Bernardo Guimarães aborda a questão do celibato clerical e do despotismo dos pais, que são, por fim, castigados no momento em que eles imaginavam ser o de maior glória: a primeira missa de Eugênio. Ao reconhecer o cadáver da amada, o rapaz é arrebatado pela loucura.

Há no romance uma crítica evidente ao celibato clerical, pois quer-nos parecer que, para o autor, é possível dissociar a vocação espiritual dos desejos carnis. No século XIX, pertencer ao clero era sinal de prestígio social (VOLOBUEF, 1986:286). Parece-nos que o autor pretende discutir com esta obra o fato de se formarem padres sem vocação, apenas levados à profissão pelo desejo de terceiros.

Considerando três momentos na fortuna crítica do romance, podemos observar sua recepção⁴ no momento em que é publicado, a maneira que o cânone crítico o interpreta e analisa, além de alguns artigos acadêmicos que estudam aspectos que não foram tratados anteriormente pelo cânone.

Conforme afirmamos anteriormente, as primeiras notícias e críticas do romance datam do segundo semestre de 1872. Um dos periódicos mais importantes da Corte, o *Diário do Rio do Janeiro*, conhecido também como *Diário do Rio*, foi publicado entre 1821 e 1878. Foi o primeiro jornal diário do país. *O Mosquito*, folha impressa entre 1869 e 1877, pela Typographia Franco-Americana, era um periódico satírico. A Typographia Franco-Americana foi responsável pela impressão da primeira edição de *O Seminarista* e seu proprietário era o editor Baptiste-Louis Garnier, responsável pela publicação das obras de Bernardo Guimarães.

Em sua seção “Publicações”, no *Diário do Rio*, lê-se uma notícia breve e que pouco analisa o romance, sem qualquer indicação de autoria. O texto inicia-se com elogios ao autor, que, segundo o periódico: “tem enriquecido a litteratura brasileira de numerosas narrativas singelas, poeticas e naturaes”. A nota reafirma tanto o caráter nacional, isto é, inspirado na ambientação local, como descritivo do romancista: “ao par de sua reputação de poeta verdadeiramente nacional, pelo colorido da imaginação e pela sublimidade dos affectos, adquire tambem o de pintor esmerado dos costumes do sertão”. *O Seminarista* é descrito neste periódico como “um desses dramas do coração, em que o sacrificio coroa o affecto, e a morte escreve a ultima pagina”. A notícia encerra-se, referindo-se a uma análise especial que o livro

⁴“Processo de captação e compreensão da mensagem transmitida por uma obra ou por um texto” (FARIA & PERICÃO, 2008:618).

pede e à qual seriam dedicados alguns momentos. No entanto, não há neste número do jornal, nem nos seguintes, qualquer análise do romance (PUBLICAÇÕES, 1872:2).

De autoria de M. Souto (1872:7), a crítica publicada em *O Mosquito* vai além de um mero elogio à obra. Inicia-se qualificando o novo romance de Bernardo Guimarães como “lindo e ao mesmo tempo boa lição para aquelles a quem incumbe dirigir as vocações da mocidade e educá-las”. Em seu resumo da obra, M. Souto afirma que a história é singela, e apresenta com detalhes o enredo numa escrita que desperta a curiosidade do leitor. Ao contrário da nota publicada no *Diário do Rio*, este artigo d’*O Mosquito* apresenta um posicionamento do crítico, que comenta, sobretudo, o estilo do autor. Em sua opinião, a leitura do livro é agradável, assim como toda a obra de Bernardo Guimarães; no entanto, aponta que talvez o texto seja muito extenso para o seu assunto:

A acção talvez ganhasse em ser mais condensada, supprimindo-se promenores (*sic*) inuteis, que não chegam a ser episodios, e que distrahem a attenção, seduzida pelo agradável brilho do dizer, talvez ainda muito carregado de comparações, suppôsto o seja menos do que nos livros precedentes (SOUTO: 1872:7).

Souto sugere que a ação do livro seria melhor se fosse condensada e afirma que, embora o romance seja carregado de comparações, em relação às obras anteriores, o é em menor quantidade.

Ao final, reconhece que o autor deu um grande passo ao “entrar ao caminho do romance-estudo” e que, nesse livro, é possível detectar, ainda que não muito desenvolvido, um “pensamento mais sério”, uma “these social em embryão”, e que se espera ser este trabalho seguido por outro mais depurado neste gênero (SOUTO, 1872:7).

Ainda na década de 1870, Velho (*apud* Lima, 2000:320-21) publica, em *Folhas Silvestres*, uma carta-prólogo dirigida a Bernardo Guimarães. Nesta carta, Velho, ao citar *O Seminarista*, afirma tratar-se de uma obra-prima da literatura em língua portuguesa. Para ele, o escritor mineiro soube desenvolver bem as cenas e os caracteres, e, mais do que ninguém, possui na “ponta do seu pincel” a cor local:

Em *O Seminarista*, porém, fez o Sr. Guimarães, uma obra-prima da língua portuguesa, superior à maior parte dos romances portugueses e brasileiros. Desenvolve bem as cenas e caracteres, e tem belíssimas comparações, todas tiradas da nossa terra e vida. Tingiu-se seu espírito da cor da natureza, daqueles vastos horizontes, e pitorescas paisagens da nossa terra. Mais do que ninguém, tem ele na ponta do seu pincel, a cor local, o sentimento da terra e vida brasileira. (...)

As suas cenas se passam nas fazendas e vilas do interior, e são a cópia do que vemos diariamente.

Vê-se a casa, o curral, a gameleira no terreiro a sombrear dez braços em redor, com sua larga e aparada copa (VELHO *apud* LIMA, 2000:320-1).

Dentre os aspectos literários presentes em *O Seminarista*, é em seu estilo que as primeiras críticas, já supracitadas, e o cânone crítico irão deter-se com mais demora. A construção desse estilo é fundamental para a literatura que estava sendo desenvolvida na época, o romance romântico. Entretanto, há também interesse em analisar a impossibilidade do amor entre o protagonista e sua companheira de infância, bem como a construção das personagens.

Romero (1960:987), considera *O Seminarista* um dos romances mais significativos de Bernardo Guimarães, uma vez que a obra é um pequeno estudo de gênero, a narrativa romanceada de um fato real. Em seu breve comentário sobre o livro, em sua *História da literatura brasileira*, o crítico centra-se no enredo e no estilo. Segundo ele:

O livro deixa-se ler docemente; não é atordoador e cheio de convulsões; a ação corre serena e vai direita ao seu fim. Tem muita verdade psicológica e muita exatidão de tintas nas cenas locais. (...) O nosso livro não tem aquele aspecto demonstrativo de uma equação algébrica nem o tom realista de um processo-crime.

O romance é vazado nos velhos moldes; mas tem verdade, dessa verdade que se impunha a um homem que sabia observar, ainda que o não ostentasse (ROMERO, 1960:988) .

A fim de explicitar a linguagem coloquial utilizada pelo escritor mineiro, o crítico apresenta excertos dos capítulos XI e XII, destacando a discussão entre as personagens Luciano e Eugênio, que, para ele, possui “perfeita cor local” (ROMERO, 1960:992). Encerra dizendo que o romancista ouro-pretano não se preocupava com “as portentosas maravilhas do purismo; não quebrava a cabeça nem perdia o sono, cismando sobre a colocação dos pronomes e outras brilhaturas da espécie...” (ROMERO, 1960:992).

Assim como outros críticos, Alphonsus (1952:99) considera *O Seminarista* como o melhor romance escrito por Bernardo Guimarães. Para o crítico são naturais o ambiente do Seminário de Congonhas do Campo, as personagens, os diálogos e inclusive o amor entre Eugênio e Margarida. Em sua opinião, é possível perceber no romance um traço psicológico acentuado, tema que é retomado por Oliveira (1963)⁵, Norwood Andrews Jr. (1963) e Candido (2009).

Considerando os estudos realizados por acadêmicos sobre *O Seminarista*, examinamos com mais pormenor, aquele produzido por Antonio Candido. Estudos desse tipo são

⁵“Quem ler *O Seminarista* viverá um drama de consciência, que teve pura realidade, e a que o autor deu os traços indeléveis do romance, buscando nele introduzir cenas brasileiras, em painéis dignos de grande pincel, a par de estados psicológicos...” (OLIVEIRA, 1963:114).

importantes para mostrar o interesse que ainda desperta nosso romance mais de um século após sua publicação.

Para Candido (2009:551), quem ler *O Seminarista* não pode esquecer-se da utilização psicológica que Bernardo Guimarães faz do cenário descritivo como cenário “qualitativo” dos amores de Margarida e Eugênio, “transformando-os numa paisagem subjetiva, variável na consistência e densidade”. Para o crítico:

O senso regionalista dos costumes e da paisagem; a romântica e esquemática dos sentimentos; a presença tangível da carne – aparecem harmoniosamente entrosados no melhor dos seus livros, *O Seminarista*, que ainda hoje podemos ler com atenção e proveito.

(...)

Graças à singeleza de contador de casos, Bernardo passa longe do romance de tese, embora defina claramente a sua posição, afirmando que o amor não é incompatível com o sacerdócio (...). Interessa-lhe todavia, em primeiro lugar, o drama interior de Eugênio, a coexistência nele, de acentuada tendência mística e de uma disposição amorosa não menos viva.

(...)

A sensualidade aparece como asserção imperiosa da integridade humana, ameaçada de mutilação pela norma clerical; e ao lutar contra a identificação do amor à devoção, os diretores espirituais motivaram, através da consciência do pecado, o aparecimento muito mais perigoso da dualidade entre carne e espírito. Mesmo do fundo do seu mau jeito artístico, Bernardo consegue sugerir a ocorrência fatal deste problema na formação eclesiástica, perturbando, segundo ele o desenvolvimento normal da vocação para o sacerdócio, que em Eugênio não se separava do amor de Margarida. (CANDIDO, 2009:553-54)

No primeiro excerto, Candido fala dos elementos que “aparecem harmoniosamente entrosados” no romance. São eles a descrição dos costumes e da paisagem, a presença da carne e, conseqüentemente, do desejo.

No segundo excerto, o crítico aponta para o fato de que, embora *O Seminarista* esteja longe de ser um romance de tese, Bernardo Guimarães define claramente sua posição com relação ao celibato clerical, afirmando que amor e sacerdócio não são incompatíveis. Chama ainda a atenção para o drama interior vivido por Eugênio, que possui ao mesmo tempo disposição para a vida clerical e para o amor. Este tema é retomado no terceiro excerto, quando Candido fala sobre a inviabilidade do afeto de Eugênio por Margarida, apontado pelos padres do seminário, que só fez com que aumentasse a dualidade entre carne e espírito.

Além da crítica feita por Antonio Candido, há o prefácio da edição da Ática, escrito por Hélio Lopes, que merece atenção. Em *Como se pode ler O Seminarista*, Lopes (1989) define a obra como um romance de linha pastoral, idílico. Afirma que “a linguagem rica e colorida de Bernardo Guimarães é um valioso filão a ser explorado” (LOPES *apud* GUIMARÃES, 1989:8). Sobre a natureza, faz um elogio dizendo que “em sua descrição o

autor carinhosamente se esmera” (LOPES *apud* GUIMARÃES, 198:7) e que a intenção de Bernardo Guimarães seria mostrar a influência da natureza sobre o homem.

Comparando as críticas feitas ao romance, observamos que todas têm em comum a exaltação do caráter descritivo, a partir da presença da cor local, descrevendo-se costumes e paisagens, sobretudo nas críticas publicadas nos periódicos, e também produzidas por críticos coevos a Bernardo Guimarães. Este também é um aspecto considerado negativo por alguns críticos. Apenas nos estudos realizados por acadêmicos outros aspectos serão analisados, como o caráter psicológico e características que indicam uma constituição embrionária de romance de tese. Contudo, as redações consultadas pelos críticos até agora tratados não derivam de uma mesma tradição. Dentre os estudos supracitados, apenas Candido e Lopes utilizaram como fonte a redação abreviada, publicada pela Livraria Martins. Nas referências bibliográficas de seu estudo *Bernardo Guimarães, poeta da natureza*, consta a edição de 1944 (CANDIDO, 2009:768). Embora não haja referência de qual edição Lopes tenha consultado para seu estudo, há indícios de que ele tenha utilizado a redação abreviada. Primeiro porque a edição publicada pela Ática não corresponde ao texto da edição príncipe, segundo porque há no acervo da biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo, um exemplar de 1944 da Livraria Martins que pertencia a sua coleção pessoal, como indica sua assinatura na folha de rosto⁶.

Os demais estudos foram publicados antes de 1931, o que impossibilitaria a consulta à redação abreviada, publicada pela Civilização Brasileira, naquele ano. Trata-se de um dado importante para o estudo da fortuna crítica da obra, visto que, apesar das modificações presentes na redação consultada, sua análise ainda caminha ao encontro dos estudos previamente produzidos.

Do ponto de vista filológico, ao analisarmos a trajetória editorial⁷ de *O Seminarista*, deparamo-nos com mais de uma redação⁸ do texto do romance. Há uma etapa do texto que foi concebida e escrita por Bernardo Guimarães e outra etapa do texto que apresenta significativas modificações em relação ao original, no que concerne ao plano substantivo,

⁶O exemplar está disponível para consulta na biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros. Acervo Hélio Lopes, localização: HL 869.9333 G963q.

⁷Por trajetória editorial entende-se a história de transmissão de uma obra impressa, considerando assim os tipos de edições publicadas, as revisões elaboradas, as editoras envolvidas e todo o processo de produção do livro. Carlos Reis faz uso da expressão "trajecto editorial" na nota prévia da obra *Crítica Textual e edições críticas*: em questão (2006:6).

⁸O termo “redação” é empregado neste trabalho para caracterizar as etapas do texto que apresentam forte alteração no plano substantivo.

conforme mostraremos no capítulo II. No que diz respeito às personagens e episódios, ambas as redações publicam as mesmas informações ainda que com mais ou menos detalhes. O desfecho da história permanece inalterado, contudo, o que vemos é uma sistemática omissão e substituição de palavras, cuja motivação parece ter origem na economia editorial. Além disso, as alterações também estão intrinsecamente ligadas a uma reformatação estilística, ou seja, o estilo do autor, caracterizado por longas descrições e diálogos, é alterado, culminando, muitas vezes, em omissões de trechos e parágrafos descritivos. Os aspectos negativos citados pelo periódico *O Mosquito* desaparecem nas edições posteriores a 1931. Isso não quer dizer que o editor da Civilização Brasileira tenha tido acesso ao periódico, mas que tenha visto uma necessidade, de acordo com o projeto editorial da casa, de alterar o romance, com a intenção de condensá-lo.

Ao afirmarmos que se trata de um romance crítico, estamos nos referindo não apenas ao mote principal do enredo, que é discutir a vocação clerical e o amor do jovem seminarista, mas também aos problemas que envolvem a transmissão textual. As modificações não-autorais inseridas no texto ao longo do seu processo de transmissão acabam por originar uma nova redação. Essa nova redação produz um novo núcleo gerador dentro da tradição da obra. Examinaremos a tradição da obra de forma aprofundada nos capítulos II e III, quando tratarmos das variantes textuais e da estemática, respectivamente. No item 1.3, trataremos da história editorial do romance, por meio da qual será possível compreender a relação entre autor e editor, as relações estabelecidas entre as casas editoriais e quais as consequências para a transmissão da obra.

1.2 Romance brasileiro: literatura nacional e desaparecimento do subtítulo

Ao propor a realização de uma edição crítica, o editor deve estar atento não apenas aos testemunhos que constituem seu *corpus* de pesquisa, mas também à história que estes testemunhos contam. No caso da edição de um texto literário, é uma das tarefas do editor pesquisar sobre o período literário ao qual pertence a obra, assim como sobre particularidades do estilo do autor.

O Seminarista integra o Romantismo e faz parte, de acordo com alguns críticos, da segunda geração romântica (COUTINHO, 1986:20-1), ou ainda do *romantismo nacional e popular* (CARPEAUX, 1964:90-1). Esse movimento literário tem como objetivo a busca da identidade brasileira, a constituição de uma literatura nacional que visa distanciar-se da ex-

metrópole, Portugal, tratando de temas brasileiros, como o índio e a natureza (CANDIDO, 2004:19). Daí a importância da cor local, característica muito presente em romances da época, a exemplo de *O Guarani* e *Iracema*, de José Alencar, e *O Índio Afonso*, de Bernardo Guimarães.

Embora até meados dos anos de 1850 a poesia tenha sido o gênero mais popular no Brasil, é a prosa de ficção que se tornará popular a partir de então. O romance nacional, obra do Romantismo, acaba por tornar-se o gênero romântico por excelência (VOLOBUEF, 1999:166).

É o romance romântico que cria novos parâmetros para a literatura nacional, uma vez que busca consolidar no campo das letras a independência que fora alcançada na política. Neste sentido, observamos na prosa a criação do romance regionalista, do romance histórico e do romance urbano (VOLOBUEF, 1999:168-9). Bernardo Guimarães passa por todos esses gêneros. Escreve *O Garimpeiro*, *O Ermitão do Muquém*⁹, *Rosaura*, *a Enjeitada* e *Histórias e Tradições da Província de Minas Gerais*. Candido (2004:61) o define como escritor característico do Regionalismo, cujo senso penetrante da paisagem aparece nos romances que têm como cenário Minas Gerais ou Goiás. Outros críticos, como Veríssimo (1954:241) e Castello (s.d.:48), vão além e apontam Bernardo Guimarães como o criador do romance regionalista no Brasil.

No catálogo de obras da Garnier, presente nas folhas finais do volume *de O Seminarista*, podemos ver a listagem de livros disponíveis para compras. Como é sabido, a editora de B. L. Garnier foi responsável pela publicação de grandes nomes do nosso cânone literário, tais como José de Alencar, Machado de Assis, Bernardo Guimarães e traduções de Victor Hugo, Alexandre Dumas, entre outros. Foi uma das editoras mais importantes de seu tempo. Como bem aponta Hallewell (2012:238), a partir da metade da década de 1860, ninguém publicou no Brasil mais obras de ficção do que B. L. Garnier. Ainda segundo Hallewell, praticamente não houve um romancista brasileiro de importância que não tenha tido seus livros publicados pelo editor francês. Na listagem abaixo, citamos as obras com os subtítulos, os quais desapareceram ao longo da tradição:

⁹ Será adotada a forma do título apresentada na edição crítica de 1972, feita por Chediak.

Tabela 1 — Subtítulo de obras de autores brasileiros

Ano de publicação	Título	Subtítulo
1855	<i>O Forasteiro</i>	Romance brasileiro
1865	<i>As Minas de Prata</i>	Romance histórico, complemento do precedente
1870	<i>O Gaúcho</i>	Romance brasileiro
1870	<i>Pata de Gazela</i>	Romance brasileiro
1870	<i>Os Franceses no Rio de Janeiro</i>	Romance histórico
1871	<i>O Tronco de Ipê</i>	Romance brasileiro
1872	<i>Til</i>	Romance brasileiro

A partir dos exemplos da tabela, podemos depreender que se tratava de uma decisão da editora inserir subtítulos nas obras publicadas. Esses títulos não são os únicos que apresentam subtítulos; mas, por meio desses exemplos, podemos verificar que pretendia-se classificar as obras ora como romance brasileiro, ora como romance histórico. Alguns desses subtítulos aparecem nas publicações feitas por outras editoras, mas acabam desaparecendo ao longo dos anos. Subtítulos também estão presentes em outras obras de Bernardo Guimarães além de *O Seminarista*, como ilustra a tabela a seguir:

Tabela 2 — Subtítulos de obras de Bernardo Guimarães

Ano de publicação	Título ¹⁰	Subtítulo ¹¹
1853	<i>Cantos da Solidão</i>	Poesias
1868	<i>O Ermitão de Muquem ou a Historia da Fundação da Romaria do Muquem, na Província de Goyas</i>	Romance de costumes nacionaes
1872	<i>O Garimpeiro</i>	Romance
1872	<i>O Seminarista</i>	Romance brasileiro
1875	<i>A Escrava Isaura</i>	Romance
1879	<i>A Ilha Maldita</i>	Romance phantastico
1883	<i>Rosaura: a Engeitada</i>	Romance brasileiro
1904	<i>O Bandido do Rio das Mortes</i>	Romance histórico

Como já foi comentado quanto à tabela anterior, podemos perceber que o subtítulo teria como função indicar ao leitor o gênero literário (poesia ou romance) e, em alguns casos, especificá-lo (romance brasileiro, de costumes, fantástico e histórico).

Conforme é possível notar na folha de rosto da edição príncipe, *O Seminarista* é definido como “romance brasileiro”. Esse subtítulo consta em todas as edições da obra até

¹⁰Transcrito conforme o original.

¹¹Transcrito conforme o original.

1941, exceto na edição de 1928, publicada pelo Jornal do Brasil, e na de 1931, publicada pela Civilização Brasileira. Parece-nos que a presença do subtítulo relaciona a obra ao Romantismo e sua supressão apaga este dado importante.

O nosso *corpus* abrange um período de 77 anos e, dentre os testemunhos recolhidos que não reproduzem o subtítulo, a justificativa para sua supressão conforme comentamos, fica mais evidente nas edições publicadas após 1944. Nessa data, *O Seminarista* é publicado em uma compilação que reúne quatro obras de Bernardo Guimarães, sob o título *Quatro Romances*. Nesse caso, por fazer parte de uma coletânea, é compreensível a supressão do subtítulo. No entanto, perguntamo-nos porque o subtítulo não figura nas edições de 1928 e 1931. Qual seria a causa da supressão nesses casos? Ao omiti-lo, apaga-se um indício textual da ligação da obra com o Romantismo, implicando na supressão da especificação do romance como brasileiro. Embora os indícios levantados apontem para uma decisão editorial, de B. L. Garnier, como a causa da inserção do subtítulo na obra, a sua supressão apaga um elemento importante para caracterizar um certo momento da tradição da obra, quando tinha sido vinculada claramente, pelo seu editor, ao Romantismo. Uma hipótese para o apagamento do subtítulo é que ele pode estar relacionado à consolidação do gênero romance no século XX.

1.3 História editorial

1.3.1 Tradição editorial¹²

Devido ao sucesso alcançado no período, *O Seminarista* foi publicado novamente em 1875¹³ pela mesma casa editorial. As edições de 1872 e 1875 são as únicas edições publicadas em vida do autor, o que indicaria que foram as únicas realizadas sob sua chancela¹⁴. Ainda no ano de 1872, Bernardo Guimarães publicou *O Garimpeiro e Histórias e Tradições da Província de Minas Gerais*, também pela editora B. L. Garnier.

¹² Durante a pesquisa, localizamos um total de 52 testemunhos da obra. Optamos por estudar as 13 primeiras edições, que se dispõem em dois conjuntos distintos (redação completa e redação abreviada), dos quais provavelmente derivou toda a tradição da obra.

¹³ Trata-se de uma data inferida pelo bibliógrafo Rubens Borba de Moraes para o exemplar da Biblioteca José Mindlin. Neste exemplar há uma anotação a lápis na folha de rosto com a data 1875. Ao contrário da primeira edição, não há informação de data no colofão. Transcrevemos a seguir: Typ. FRANCO-AMERICANA, r. d'Ajuda 18.

¹⁴ O manuscrito de *O Seminarista* se perdeu. Da pena de Bernardo Guimarães sobreviveram apenas os manuscritos de *A voz do Pajé*, disponíveis no setor de manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Das demais obras, não há notícias da existência atualmente de qualquer manuscrito.

Ao analisarmos as duas edições de *O Seminarista* publicadas em vida do autor, é possível constatar que a segunda é uma reedição da primeira. São idênticos os erros tipográficos, a mancha e a composição do livro. Se os erros são os mesmos, isso significa que foi utilizada em 1875 a mesma matriz tipográfica de 1872. Há apenas alterações na folha de rosto (uma nova é impressa) e na listagem de obras do autor publicadas por B. L. Garnier, que vem no verso da folha de guarda. Na edição de 1872, lê-se na listagem de obras de Bernardo Guimarães, *Cabeça de Tira-Mentes*, que é corrigido na edição seguinte ([1875]: *Cabeça de Tira-Dentes*). Todo o conteúdo do livro, no que se refere ao texto, inclusive paginação, é idêntico. As edições trazem apenas o texto, sem introdução, prefácio ou índice.

Apesar de ser uma prática pouco comum no fim do século XIX, Bernardo Guimarães vendeu os direitos autorais da obra ao seu editor B. L. Garnier, que poderia nunca mais publicá-la, caso fosse essa a sua vontade. Trata-se de um dado importante, pois, a partir da venda dos direitos, em 27 de julho de 1872¹⁵, o autor não poderia mais interferir na obra e outras casas editoriais só poderiam publicá-la com autorização de B. L. Garnier e seus sucessores.

Desde a sua primeira edição, *O Seminarista* alcançou relativo sucesso entre o público leitor, como pode ser atestado pelas edições publicadas até os dias de hoje. Em nosso mercado editorial, é possível encontrar edições com a redação completa e com a abreviada, sem qualquer menção às diferenças textuais, além da adaptação da obra para história em quadrinhos. A redação completa origina-se com a publicação da edição príncipe. Essa redação é publicada, com algumas alterações referentes a datas, por exemplo, ao longo da sua transmissão. A redação abreviada tem início com a edição da Civilização Brasileira, em 1931, cujo modelo será discutido no capítulo III. Esta redação abreviada continua sendo publicada também com algumas alterações ao longo do tempo. Diferentemente de muitos romances publicados durante o século XIX, *O Seminarista* não foi lançado inicialmente em folhetim; sua primeira edição sai em livro no ano de 1872, publicada por B. L. Garnier, em sua Tipografia Franco-Americana, no Rio de Janeiro.

Sobre as edições de *O Seminarista*, há poucas informações nos exemplares, conforme demonstra a descrição bibliográfica dos testemunhos em Souza (2012). Até o testemunho de 1941, publicado pela F. Briguiet, não há indicação de número de edição a que pertencia o exemplar. Apenas no prefácio dessa edição há uma listagem das edições que teriam sido

¹⁵Transcrevemos a seguir, conforme o original (Fundação Casa de Rui Barbosa: Documentos Pessoais — PASTA: GUIMARÃES, Bernardo, 77/4126): “1º. | O sr. Dr. *Bernardo Joaquim da Silva Guimarães* vende a B. L. Garnier a propriedade com todos os direitos de autor de suas obras, intituladas “*O Seminarista*” e “*O Pão de Ouro*” pela quantia de seiscentos mil reis, que foram já pagos ao primeiro pedido do autor”. (grifo nosso)

publicadas nos anos de 1872, 1875, 1888, 1897, 1899, 1917, 1923, 1928 e 1931. Dentre as edições elencadas, não foram encontrados os testemunhos correspondentes aos anos de 1888 e 1897. Contudo, deparamo-nos com um testemunho de H. Garnier de 1895, data atestada pelo seu colofão.

É fundamental para a história da trajetória editorial da obra conhecer as mudanças de proprietário e de endereço ocorridas com a editora de B. L. Garnier. A partir desses dados é possível determinar a datação das edições, visto que, neste período, os exemplares desta editora não eram datados. Havia apenas uma combinação numérica em seu colofão, cujos dois dígitos finais poderiam indicar o ano de publicação. Contudo, nem todas as edições possuem colofão, como a de 1875, por exemplo.

Desse modo, apenas através do colofão é possível determinar que a publicação de H. Garnier foi publicada em 1895, conforme observamos na figura abaixo:

Figura 1 — Colofão da edição de 1895.

Nesta época, a editora não mais pertencia a Baptiste Louis Garnier, que havia falecido, deixando-a para seu irmão Hippolyte Garnier. Por este motivo, a editora muda de nome e passa a se chamar H. Garnier, em referência ao novo dono. As edições desta nova editora obedecem ao mesmo padrão das edições da editora de B. L. Garnier: não há apresentação, introdução ou prefácio.

Após um intervalo de dezoito anos, uma nova edição é publicada pela Garnier em 1917, denominada nesta época Livraria Garnier, após a morte de Hippolyte Garnier. Essa edição fazia parte da *Coleção dos Autores Célebres da Literatura Brasileira*, um projeto da editora que previa a publicação de clássicos da literatura nacional. Conforme indica o catálogo da editora, publicado em cada edição, os livros eram comercializados em dois formatos: brochura e capa dura. Como a capa dura poderia ser escolhida de acordo com o gosto do leitor, as sete edições a que tivemos acesso possuíam capas de cores diferentes, assim como sua parte interna e a folha de guarda.

Quase trinta anos após a publicação da edição príncipe, vêm a lume, no mesmo ano, três edições: duas delas em livro e uma em folhetim. São publicadas em 1899 as edições da

Empresa Democrática e da Francisco Alves, cujo projeto editorial é idêntico. Ambas são iguais em tudo: na capa, na mancha e no texto. As lições não-genuínas são as mesmas, mas não há qualquer evidência de relação comercial entre as casas editoriais sediadas em São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente. Sabe-se que a Francisco Alves era uma editora conhecida pela publicação de livros didáticos, destinados ao curso colegial e universitário (MACHADO, 2012:111). São edições publicadas em brochura, com papel de baixa qualidade e não há nenhum tipo de apresentação do texto, assim como nas edições anteriores. Em ambos os casos, a revisão é falha, pois estas edições apresentam as primeiras modificações textuais dentro da tradição da obra, conforme veremos adiante.

A publicação em folhetim se dá no periódico *A Folha do Norte*, de Belém, de 19 de novembro de 1899 até o final daquele ano. Trata-se de uma edição fidedigna à príncipe, sem alterações^{16,17}.

Em 1923, sai a público a edição de H. Antunes, considerada, por um dos biógrafos de Bernardo Guimarães, uma edição com figuras anacrônicas e revisão detestável (MAGALHÃES, 1926:137-38). A “revisão detestável” deve-se aos lugares críticos que evidenciam as alterações a que já havia sido submetida a obra. Trata-se, em alguns casos, de lugares críticos já presentes nas edições de 1899, o que indicaria uma relação de parentesco entre elas. As figuras anacrônicas a que se refere Magalhães (1926:137-38) localizam-se na encadernação: duas crianças em pé, abraçadas, próximas a um riacho, em meio a paisagem bucólica, representam os protagonistas da história: Eugênio e Margarida. A edição é de tamanho médio (191 mm x 132 mm). Ao contrário das edições publicadas até então, não apresenta capítulos que abrem página. O projeto editorial permite a economia de material e um exemplar com menos páginas impressas e mais linhas impressas por página (SOUZA, 2012: 157).

Cinco anos depois, em 1928, o *Jornal do Brasil* publica em livro uma nova edição do romance, que em muito se assemelha às publicadas pela Empresa Democrática e H. Antunes. O livro fazia parte do suplemento literário do jornal e era distribuído gratuitamente¹⁸. Embora

¹⁶O texto localiza-se sempre no final da primeira página do periódico, ocupando um espaço de 31 linhas e 6 colunas, na parte inferior da página.

¹⁷Esse testemunho não foi levado em consideração na revisão da obra porque optamos apenas pelas publicações em livro.

¹⁸Conforme indicado na contracapa, o livro fazia parte da “Edição especial de concursos do *Jornal do Brasil*”. Transcrevemos a contracapa: “(...) Para vulgarizar os romances clássicos da nossa literatura resolveu o ‘*Jornal do Brasil*’ oferecer os aos concorrentes de seus Concursos em pequenos volumes, como suplemento gratuito, fornecido nas condições exaradas nos annuncios publicados no ‘*Jornal do Brasil*’ na secção Concursos”.

ainda veicule a redação completa, notam-se modificações que interferem nos aspectos semântico e estilístico da obra.

A edição de 1931, pela Civilização Brasileira, é a primeira com a redação abreviada, que altera radicalmente a obra. Partem dessa edição novas ramificações da tradição, que se prolongam a uma edição de 1944 e a uma edição não datada, mas do mesmo período, publicadas pela Livraria Martins. Outra edição pertencente a essa família é publicada em 1949, pela Sociedade Brasileira de Difusão do Livro. Nos testemunhos da redação abreviada suprimem-se palavras, sequências textuais e parágrafos, além de outros tipos de alteração de que trataremos no capítulo II.

Tanto a edição da Livraria Martins como a da Sociedade Brasileira de Difusão do Livro apresentam um volume com quatro romances, sob o título *Quatro Romances*. Trata-se de uma compilação integrada pelos romances *O Ermitão do Muquém*, *O Seminarista*, *O Garimpeiro* e *O Índio Afonso*. Por seu formato “gigante”, caracteriza-se como a edição que publica mais linhas por página e seus capítulos são sequenciais, sem começar em uma nova página. As edições da Livraria Martins fazem parte da *Coleção Excelsior*.

Em 1941, F. Briguier & Cia. publica a redação completa em uma das mais bem cuidadas edições da obra. Contém uma gravura com o retrato do autor e um prefácio, onde se encontra uma listagem das edições de *O Seminarista* publicadas até então. Foi essa listagem que nos serviu de guia para a recensão dos testemunhos e permitiu a localização de quase todos os citados na introdução do livro, à exceção das edições de 1888 e 1897, publicadas por B. L. Garnier. Em contrapartida, encontramos uma edição não listada, a publicada em 1895, da qual já tratamos.

A edição de 1941 corresponde ao volume V das obras completas de Bernardo Guimarães, publicadas pela F. Briguier & Cia. Foram publicadas 13 obras organizadas e revistas por M. Nogueira da Silva. O volume V é acompanhado de um prefácio que trata da recepção do romance entre os leitores da época, do renome alcançado por Bernardo Guimarães entre os escritores da segunda geração romântica e da recepção da crítica, que, segundo o editor, não soube sentir todo o valor do livro (GUIMARÃES, 1941:6). Há ainda uma breve análise do protagonista, em que se apresenta a personalidade do jovem seminarista e os desdobramentos de sua educação monacal, que o impediam de entregar-se ao amor de Margarida.

1.3.2 Direitos autorais e domínio público

A história editorial de *O Seminarista* está diretamente ligada a questões como o direito autorial. Considerando o contrato de cessão de direitos da obra e a lei vigente na época, poder-se-ia considerar que as edições póstumas são espúrias, uma vez que não há notícia sobre autorização cedida por B. L. Garnier, ou pelos herdeiros de Bernardo Guimarães para sua publicação. Em um espaço de apenas dez anos, a lei de direitos autorais no país sofreu muitas alterações. Inicialmente, no artigo 261¹⁹, publicado em 1830, no Código Criminal do Império, parte III, título III (“Crimes contra propriedade”), instituíram-se penas para quem fizesse uso de obra de autor ainda vivo ou em período inferior a dez anos após a sua morte, caso o autor houvesse deixado herdeiros.

Em 1890, os direitos autorais são tratados especificamente no Código Penal da República, no capítulo V (“Dos crimes contra a propriedade litteraria, artistica, industrial e commercial”), seção I (“Da violação dos direitos da propriedade litteraria e artistica”), artigos 342-350, mantendo o prazo de dez anos, conforme artigo 345²⁰.

Oito anos depois, com a promulgação da Lei nº 496²¹ (Lei Medeiros e Albuquerque), é estabelecido o prazo de cinquenta anos, a partir do dia 1 de janeiro do ano em que a obra é publicada para que esteja sob domínio público. Trata-se de uma lei que define e garante os direitos de obras nacionais. Os direitos das obras estrangeiras só são garantidos a partir da alteração da lei em 17 de janeiro de 1912.

Tendo em vista as alterações de prazo para o domínio público nas leis brasileiras em um intervalo de poucos anos, é de se questionar se as editoras estariam a par desses prazos e se a lei se fazia cumprir. Como é possível explicar, por exemplo, a publicação de duas edições

¹⁹“Art. 261. Imprimir, gravar, lithographar, ou introduzir quaesquer escriptos, ou estampas, que tiverem sido feitos, compostos, ou traduzidos por cidadãos brasileiros, emquanto estes viverem e dez annos depois da sua morte, se deixarem herdeiros. Penas – de perda de todos os exemplares para o autor, ou traductor, ou seus herdeiros; ou na falta delles, do seu valor, e outro tanto, e de multa igual ao tresdobro do valor dos exemplares. Se os escriptos, ou estampas pertencerem a Corporações, a prohibição de imprimir, gravar, lithographar, ou introduzir, durará sómente por espaço de dez annos”. *Código Criminal do Imperio do Brazil*, Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LIM/LIM-16-12-1830.htm>. Acesso em: 15/08/2010.

²⁰“Art. 345. Reproduzir, sem consentimento do autor, qualquer obra litteraria ou artistica, por meio da imprensa, gravura, ou lithographia, ou qualquer processo mecanico ou chimico, emquanto viver, ou a pessoa a quem houver transferido a sua propriedade e dez annos mais depois de sua morte, si deixar herdeiros: Penas – de apprehensão e perda de todos os exemplares, e multa igual ao triplo do valor dos mesmos a favor do autor”.

Codigo Penal dos Estados Unidos do Brazil. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>>. Acesso em: 15/08/2010.

²¹“Art. 3º. O prazo de garantia legal para os direitos enumerados no art. 1º é: 1º, para a faculdade exclusiva de fazer ou autorisar a reproducção por qualquer fórma, de 50 annos, a partir do dia 1 de janeiro do anno em que se fizer a publicação.” *Lei n. 496- de 1 de agosto de 1898 – Define e garante os direitos autoraes*. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/Internet/InfDoc/novoconteudo/Legislacao/republica/leis1898p1780p/pdf02.pdf#page=3>>. Acesso em: 15/10/2010.

em livro e uma em folhetim no ano de 1899? Ou ainda o surgimento da redação abreviada enquanto ainda vigorava o prazo de cinquenta anos para a obra ser considerada de domínio público?

Ao analisarmos a trajetória editorial da obra, observamos que muitas edições foram publicadas postumamente, por diferentes editoras, no fim do século XIX. Desse modo, as possibilidades de alteração do texto configuram-se ainda maiores, uma vez que teriam sido publicadas sem a supervisão do autor ou ainda do seu editor, que possuía os direitos autorais do romance.

Já durante o século XX, quando a obra entra em domínio público, há diversas edições publicadas, sobretudo em coleções que se destinam a estudantes. Muitas dessas edições, como é possível atestar a partir da análise do texto publicado, são publicadas sob a rubrica de *texto integral*, sem a indicação do texto de base utilizado para cotejo e sem que esta edição seja, de fato, integral. É o que observamos, por exemplo, nas edições publicadas pela editora Ática. São edições paradidáticas, acompanhadas por breve apresentação da obra e atividades de verificação de leitura. Considerando o público a que é destinado e a grande circulação desse tipo de edição, deveria haver maior cuidado de revisão; contudo, o texto traz a redação abreviada.

2 A TRANSMISSÃO TEXTUAL

2.1 Alguns aspectos sobre a transmissão de *O Seminarista*

Como é sabido, o autor vendeu os direitos autorais da obra ao editor, ou seja, a publicação de novas edições deveria ser autorizada por B. L. Garnier enquanto a obra não estivesse em domínio público. Contudo, observamos que mesmo durante o período em que o romance não estava sob domínio público muitas edições foram publicadas e, segundo um dos biógrafos do romancista, Basílio de Magalhães, não havia notícias de que foram autorizadas por herdeiros de Bernardo Guimarães ou pela Livraria Garnier (MAGALHÃES, 1926:138). A história dessas edições é fundamental para compreender o trajeto editorial do romance desde a sua primeira publicação.

A partir da análise das edições de *O Seminarista*, foi possível observar diferenças textuais significativas que alteram o texto da edição príncipe, tais como adições, omissões, substituições, etc. Desse modo, nomeamos esses textos como diferentes redações e não versões, uma vez que a versão é o “estado de um texto que considera todas as variantes nele introduzidas, num processo de cópia, pelo autor ou por alguém autorizado”²². Como não se tem notícia de que o autor ou alguém autorizado por ele tenha modificado o texto, não estamos diante de diferentes versões do texto, mas sim de diferentes redações que indicam mudanças dentro da mesma tradição.

Ao publicar em 1931 uma redação de *O Seminarista* divergente da edição príncipe, a editora Civilização Brasileira dá origem a um novo ramo da tradição do romance, que passamos a denominar *ramo do texto abreviado*, enquanto o ramo a que pertencem os testemunhos que reproduzem o texto da edição príncipe é denominado *ramo do texto completo*.

Para melhor contextualizar a edição de 1931 na tradição da obra, faz-se necessário levar em consideração algumas informações a respeito da editora Civilização Brasileira, tais como: quem era seu proprietário, qual era o projeto editorial e os títulos publicados²³.

Ao nos depararmos com o texto publicado pela Civilização Brasileira, surgem algumas questões a respeito de quem teria efetuado as alterações textuais. A partir do estudo da

²²Glossário de crítica textual. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: < <http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm#230>>. Acesso em: 09/08/2016.

²³Ver Souza, 2012: 68, em que esses pontos foram tratados.

tipologia das variantes, exaustiva análise quantitativa e ainda o estudo analítico das variantes (que veremos adiante neste capítulo), foi possível perceber uma regularidade naquilo que é alterado. Podem-se identificar padrões de alteração do texto, caracterizados pela omissão, substituição e reelaboração. Por se tratar de um testemunho publicado muitos anos após a morte de Bernardo Guimarães, descartou-se a hipótese de que um exemplar com anotações autorais tenha chegado à Civilização Brasileira. Desse modo, a nossa hipótese é que um funcionário (tipógrafo, revisor ou editor) da referida casa editorial do romance tenha feito as alterações, uma vez que as mudanças feitas não são involuntárias, mas visam a uma alteração estética, que ocorre especialmente no plano substantivo da obra²⁴.

Dentro da tradição abreviada também são encontradas variantes que evidenciam mudanças neste ramo. É o caso do testemunho da Livraria Martins²⁵.

Em 1944, foi publicado o volume *Quatro romances de Bernardo Guimarães*, contendo as obras *O Ermitão do Muquém*, *O Seminarista*, *O Garimpeiro* e *O índio Afonso*. Não há indicações no livro de qual edição teria sido utilizada como base. Além dessa publicação de 1944 há uma outra edição sem data, que parece ser do mesmo período²⁶. No cotejo entre esses dois testemunhos foram encontradas 66 variantes, sendo 43 substituições, 21 omissões (17 de palavra e 4 de trecho), 1 adição e 1 alteração de ordem. Neste caso, a hipótese mais provável é que a edição sem data tenha sido publicada depois da edição de 1944, devido aos casos de omissão, uma vez que não faria sentido excluir palavras e trechos para depois incluí-los numa edição posterior.

O texto de *O Seminarista* é alterado por muitas modificações, provavelmente intencionais, em suas diferentes edições. Essas modificações são motivadas por diversos fatores, dentre os quais estão: a economia de produção em termos editoriais, a censura e a reescritura²⁷. As variantes identificadas ao longo da tradição deste texto motivaram a elaboração da edição crítica, com vistas a apresentar ao leitor a história editorial da obra, mapeando assim as mudanças sofridas pelo texto desde a sua primeira redação pública. Neste

²⁴Este assunto foi abordado em Souza, 2012: 125.

²⁵Na edição crítica de *O Ermitão do Muquém* (1972), observa-se na introdução crítico-filológica o mesmo padrão de omissões de *O Seminarista*, no testemunho da Livraria Martins, apontando para uma prática comum da editora.

²⁶Ao fazer a descrição bibliográfica dos testemunhos da Livraria Martins, notamos diferenças relacionadas à datação (presente apenas no testemunho L), uso de caixa alta para o artigo e caixa baixa no restante do título na folha de guarda (testemunho L), paginação e colofão (presente apenas no testemunho L).

²⁷As variantes fornecem pistas sobre o perfil intelectual do editor, que muitas vezes parece agir como censor, e outras como preparador de texto, alterando a obra e incidindo, sobretudo, no *usus scribendi* do autor. A esse respeito ver Souza (2012).

sentido, esta edição crítica recupera o original presente, separando-o das modificações não-autorais ocorridas posteriormente na transmissão textual, coloca-as em aparato e emenda o texto onde necessário. A edição crítica justifica-se, pois, por recuperar o texto original para o leitor atual do romance e pela descrição da tradição de *O Seminarista*; por isso, a importância de examinar as edições posteriores à *princeps*. Se a nossa intenção fosse tão-somente a publicação do texto de 1872, sem qualquer tipo de aparato, consideramos que esta edição não se justificaria, uma vez que a edição príncipe encontra-se ao alcance do público, mesmo que com acesso limitado devido a sua localização²⁸. Desse modo, a edição crítica visa a chamar a atenção para o descaso a que se expõem os clássicos de nossa literatura, relegados, muitas vezes, a edições espúrias, permeadas de alterações e dadas a público como *texto integral*.

2.2 As diferentes redações de um romance: a escolha do *copy-text*

2.2.1 Da escolha da metodologia: Lachmann e *Bibliografia textual anglo-americana*²⁹

A definição da metodologia é fundamental para a elaboração de uma edição crítica. Contudo, identificam-se muitas vezes alguns problemas entre a teoria e sua aplicação. No que diz respeito à edição crítica de textos, há diversas linhas teóricas, tais como a francesa de Bédier, a italiana de Contini, Stussi, Segre, a alemã de Karl Lachmann, a norte-americana de Greg, Tanselle, Gaskell, Bowers e outros. Como o nosso objeto de estudo é o texto impresso, voltamos nossa atenção à literatura específica sobre a bibliografia textual, ciência que, infelizmente, não dispõe de muitos títulos publicados em português. Associamos aos conceitos da bibliografia textual outros das teorias lachmanniana e neolachmanniana, que consideramos fundamentais para o estudo do texto impresso.

Apresentamos a seguir um breve panorama sobre a teoria lachmanniana, neolachmanniana e a bibliografia textual anglo-americana.

O método de Lachmann³⁰ tem como objeto os textos manuscritos antigos e como objetivo a sua edição crítica; data de meados do século XIX. É importante salientar que não

²⁸Há um exemplar em microfilme disponível na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, no setor de obras raras: BN OR 392[3].

²⁹*Textual bibliography* é o termo corrente em inglês para Bibliografia textual anglo-americana. Trata-se do estudo de obras enquanto objeto crítico ou analítico ("*Bibliography*"). Enciclopédia Britannica. Disponível em: <<https://global.britannica.com/topic/bibliography>>. Acesso em 13/03/2017).

³⁰Karl Lachmann (1793-1851) foi o primeiro a dividir a Crítica Textual em duas fases distintas: *recensio* e *emendatio*. Ele aplicou seu método durante a vida toda em textos clássicos gregos e latinos, ao Novo Testamento, à poesia alemã medieval, às obras de Lessing. Entre as edições críticas feitas por ele podemos citar: Propércio (1816), *Nibelungen* (1826), *Iwein*, de Hartmann von Aue (1827), Catulo e Tibulo (1829), *Novo*

há um manual ou compêndio escrito por Lachmann, sistematizando seus princípios de crítica textual.

Ao falar do seu método, considera-se um conjunto de critérios para editar textos antigos (Spaggiari & Perugi, 2004:31). Esse método nasce da recusa de aceitar-se a *vulgata* como texto-base e da desconfiança face às edições humanistas, repletas de correções arbitrárias. Lachmann estudou textos bíblicos e greco-latinos, com o objetivo de reconstruir o original perdido, e as relações genealógicas existentes entre os manuscritos. Seu método baseia-se no critério dos erros significativos, posteriormente definidos por Paul Maas (1958:42-3) e utilizados para construir a árvore genealógica (*stemma codicum*) da obra. Esses erros, denominados conjuntivos³¹ e separativos³², são essenciais para determinar a dependência ou independência entre os testemunhos. Trata-se de um procedimento no qual o julgamento pessoal do editor (*iudicium*) não intervém necessariamente na escolha das diversas lições transmitidas. Esse método introduz a classificação cronológica como um princípio da Crítica Textual. Seu método abrange três fases, que obedecem a seguinte ordem (Priego, 2011:25; Spaggiari & Perugi, 2004:33):

1. *Recensio*: recolha de todos os testemunhos que compõem a tradição de um texto; confronto entre testemunhos e determinação das relações genealógicas entre eles.
2. *Emendatio*: reconstrução do arquétipo pela emenda dos erros e seleção de variantes, a partir do valor dos diferentes ramos estabelecidos na tradição.
3. *Constitutio textus*: passa-se do arquétipo ao provável original, com base no *usus scribendi* do autor e no *iudicium* do editor³³.

Por sua vez, a partir da década 1930, com a publicação de *Storia della tradizione e critica del testo*, de Giorgio Pasquali, em 1934, surge o método derivado daquele criado por Lachmann: denomina-se método neolachmanniano ou neolachmannismo. Continua a referir-se ao manuscrito, mas passa a estudar textos vernaculares. É seguido, em sua maioria, por

Testamento (editio minor 1831 e editio maior 1842) e De natura rerum, de Lucrécio (1850) (TIMPANARO, 2005).

³¹“It can be proved that two witnesses (B and C) belong together as against a third (A) by showing an error common to B and C of such a nature that it is highly improbable that B and C committed it independently of each other. Such errors may be called ‘conjunctive errors’ (*errores coniunctivi*)” (MAAS, 1958:43).

³²“We can prove that a witness (B) is independent of another witness (A) by finding in A as against B an error so constituted that our knowledge of the state of conjectural criticism in the period between A and B enables us to feel confident that it cannot have been removed by conjecture during that period. Errors of this kind may be called ‘separative errors’ (*errores separativi*)” (MAAS, 1958:42).

³³ *Glossário de Crítica Textual da Universidade Nova de Lisboa*. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm#C>>. Acesso em: 01/12/2016.

críticos textuais italianos e espanhóis, como, entre outros: Alberto Vàrvaro, Alberto Blecula, Cesare Segre, D'Arco Silvio Avalle, Giorgio Pasquali, Gianfranco Contini, Michele Barbi e Sebastiano Timpanaro.

A Nova Filologia italiana manteve o interesse pelo original perdido do autor, buscando a combinação do rigor estemático com o estudo da tradição textual da obra que se pretende editar. Os testemunhos dessa tradição não são mais vistos como meros portadores de erros e variantes, uma vez que passam a ser analisados e avaliados individualmente, como produto de um determinado contexto cultural (PRIEGO, 2011: 30).

A escola anglo-americana, conhecida como *bibliography*, surge a partir da publicação, em 1950-1951, do artigo *The rationale of copy-text*, de Walter Wilson Greg, sobre o qual falaremos adiante. Essa escola concentra-se na edição de textos impressos em língua moderna e nos problemas gerados pela sua transmissão, e diferencia as variantes entre substantivas e acidentais. Entre os principais autores estão Fredson Bowers, Walter Wilson Greg e G. Thomas Tanselle.

Em seu *Rationale of copy-text*, Greg trata de um assunto fundamental para a Crítica Textual: o texto-base. Para ele, a autoridade do texto nunca é absoluta, mas sim relativa³⁴. Ao tratar da edição de textos clássicos e de textos ingleses, ele aponta para uma diferença de procedimentos.

Enquanto o editor de textos clássicos normaliza a ortografia buscando sua atualização, sua função estaria limitada à escolha entre aqueles manuscritos que ofereceriam variantes significativas (no caso de edições politemunhais), ao passo que na edição dos textos ingleses, naquele momento, optara-se por preservar a ortografia dos textos mais antigos ou daquele que fora escolhido para a edição, enfatizando assim a importância dos acidentais nestas edições.

Uma diferença fundamental entre o que Greg denomina de prática editorial moderna e o método lachmanniano estaria no tipo de texto que é escolhido como *copy-text*. Para os editores modernos, o texto escolhido deve ser o texto existente que se supõe estar mais próximo daquilo que o autor escreveu. Deve-se segui-lo com o mínimo de alteração possível (não sendo este necessariamente a última edição em vida do autor). Para os seguidores de Lachmann, a escolha estaria baseada no texto que apresenta maior autoridade em comparação aos demais existentes. Nas palavras de Greg, os conceitos de *copy-text* não são os mesmos para textos clássicos e para os textos ingleses:

³⁴ “What its more hasty devotees failed to understand, or at any rate sufficiently to bear in mind, was that authority is never absolute, but only relative” (GREG, 1950-1951:20).

(...) the conception of ‘copy-text’ does not present itself to the classical and to the English editor in quite the same way; indeed, if I am right in the view I am about to put forward, the classical theory of the ‘best’ or ‘most authoritative’ manuscript, whether it be held in a reasonable or in an obviously fallacious form, has really nothing to do with the English theory of ‘copy-text’ at all. (GREG, 1950-1951: 20)

Para Greg, o *copy-text*³⁵, termo usado para definir o exemplar de colação, não deve ser tratado como sacrossanto, mesmo com relação às variantes substantivas. Isso quer dizer que o editor pode e deve emendar o texto quando achar necessário, tal como em casos de erros tipográficos.

Embora em seu *Rationale*, Greg esteja falando especificamente sobre o drama inglês impresso no Renascimento, sua discussão levantou questões básicas aplicáveis à teoria editorial em geral, e seu *Rationale* foi adotado por vários editores que trabalhavam com períodos tardios da literatura inglesa, como também da literatura norte-americana³⁶.

Greg (1950-1951:19) deixa claro que rejeita métodos ecléticos e reconhece o método genealógico de Lachmann, e seus sucessores no século XIX, como o maior avanço já alcançado na Crítica Textual, visto que fornece base científica para o conceito de texto genuíno (*the most authoritative text*). Entretanto, o mesmo autor observa que esse avanço não aconteceu sem erros³⁷, uma vez que a ausência de uma análise lógica, nas mãos de editores³⁸ menos exigentes, pode incorrer na tentativa de reduzir a Crítica Textual a um código de regras mecânicas.

Para Greg, a última edição não é automaticamente o texto que possui mais autoridade (*the most authorative text*). Ele reflete sobre a situação de editores de textos ingleses com relação ao tipo de textos que editam. Aqueles que tratam de textos ingleses têm optado pela ortografia antiga (*old spelling*), ao passo que os editores de textos clássicos normalizam a ortografia.

³⁵ O termo *copy-text* aparece pela primeira vez na edição crítica de McKerrow de *The works of Thomas Nashe*. Contudo, tratava-se de nomear um conceito já familiar e foi utilizado no sentido geral de indicar o texto mais antigo de uma obra que o editor selecionou como base da sua edição (GREG: 1950-1951:19).

³⁶ *The Mark Twain Papers*, editado por Frederick Anderson (1966), *Hannibal, Huck & Tom*, editado por Walter Blair (1969), *Mysterious Stranger Manuscripts*, editado por William M. Gibson (1969) e *The Writings of William Gilmore Simms: Centennial Edition*, editado por John Caldwell Guilds e James B. Meriwether (1969).

³⁷ “The genealogical method was the greatest advance ever made in this field, but its introduction was not unaccompanied by error. For lack of logical analysis, it led, at the hands of its less discriminating exponents, to an attempt to reduce textual criticism to a code of mechanical rules” (GREG, 1950-1951:20).

³⁸ Aqui, por editor entende-se “responsável por uma edição, de cujos direitos legais fica detentor” (*Glossário de Crítica Textual da Universidade Nova de Lisboa*. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm#E>>. Acesso em: 01/12/2016.).

É Greg quem estabelece, no âmbito da Bibliografia anglo-americana, a diferença entre as variantes substantivas e acidentais^{39,40}. As lições substantivas afetam o sentido do autor ou a essência da sua expressão e englobam as palavras do texto como unidades significativas. As variantes acidentais afetam a apresentação formal do texto através da ortografia, pontuação e divisão da palavra (BOWERS, 1975:491). Dessa maneira, há no texto o plano substantivo, relativo à estrutura linguística e semântica do texto, e o plano dos acidentais, relacionado à forma gráfica e ortográfica (CASTRO, 1990:52). Os copistas e tipógrafos tratam essas duas categorias de maneiras diferentes, visto que eles tentam reproduzir com precisão as lições substantivas, mas são guiados por suas preferências pessoais ao reproduzir os acidentais⁴¹, e podem alterar a pontuação, por exemplo (GREG, 1950-1951:23).

Variantes substantivas e acidentais devem ser tratadas de maneira diferente pelo editor crítico. No que tange às variantes substantivas, o julgamento editorial depende tanto de uma avaliação das circunstâncias de produção das edições que possuem variantes quanto de uma relativa confiança nessas edições, formada com base no número de erros manifestos (*manifest errors*). Mas o cerne da questão é a avaliação feita pelo editor, de variantes consideradas particulares, isto é, que suscitam dúvidas sobre sua origem: se são do autor, ou se estariam em concordância com o gosto individual do tipógrafo ou revisor, sendo assim, fruto de uma conjectura do tipógrafo ou revisor, baseada em seus conhecimentos da obra.

A contribuição central do trabalho de Greg é mostrar que os impressos, assim como os manuscritos, também são modificados por processos físicos em sua produção, os quais decorrem do próprio processo de impressão. São exemplo os erros tipográficos, que podem originar uma leitura e interpretação inadequadas do texto.

Segundo Tanselle (1987:20), Fredson Bowers é quem mais se empenhou para que a teoria de Greg fosse amplamente conhecida e foi quem demonstrou sua aplicabilidade. Suas contribuições são de dois tipos: i – discutir o processo de edição e a aplicação do *Rationale* a outras áreas além do Drama Renascentista; ii – demonstrar que edições atuais, baseadas na

³⁹Essa divisão terá fundamento na de Gaston Paris, que estabelece a diferença entre forma e substância, em sua edição de *Vie de Saint Alexis* (1872) (SPAGGIARI & PERUGI, 2004:60).

⁴⁰A distinção entre a variante e sua forma varia de acordo com as tradições filológicas, podendo ser classificada pelos franceses como "variantes de forme" e "de fond" e pelos italianos como "varianti formali" e "sostanziali" (SPAGGIARI & PERUGI, 2004:60). A classificação atribuída a Greg (1950-1951) entre substantivas e acidentais no âmbito da Bibliografia anglo-americana é feita de maneira rigorosa, sobretudo por referir-se às primeiras edições impressas do drama inglês da Renascença. Esses textos apresentam problemas relacionados à pontuação, ortografia, divisão de palavra.

⁴¹"As regards substantive readings their aim may be assumed to be to reproduce exactly those of their copy, though they will doubtless sometimes depart from them accidentally and may even, for one reason or another, do so intentionally: as regards accidentals they will normally follow their own habits or inclination, though they may, for various reasons and to varying degrees, be influenced by their copy" (GREG, 1950-1951:22-3).

teoria de Greg, não apenas mostram sua funcionalidade em grande escala, mas também desenvolvem um aparato apropriado para acompanhar os textos editados desta forma.

Ao analisar as edições feitas por Bowers, o CEAA (Centro de Edições de Autores Americanos⁴²) passa a adotar o *Rationale* de Greg e o aparato de Bowers nas edições de autores norte-americanos do século XIX, o que demonstra a aplicabilidade da teoria de Greg para outros tipos de texto e para outras épocas (TANSELLE, 1987:26). Discutiremos o aparato de Bowers no capítulo IV.

Em linhas gerais podemos resumir a teoria de Greg em três partes:

- a) Sugere-se que um editor pode legitimamente decidir alterar alguns dos acidentais do *copy-text*;
- b) O editor não deve aceitar, em uma edição autoral revista, nenhuma variante substantiva que pareça obviamente incorreta, que não pareça uma lição que o autor teria inserido, ou que pareça completamente indiferente. Se uma variante aparenta ser tão indiferente ao editor ao ponto de ele não ter base para argumentar a favor ou contra a sua adoção, ele deve seguir o *copy-text*, como um meio prático para decidir o que fazer;
- c) A escolha do *copy-text*, em si, varia de acordo com as circunstâncias, uma vez que há situações em que uma edição revista deve ser escolhida como *copy-text*, pois há evidências de que o autor a supervisionou de modo tão bem cuidado que tanto os acidentais como o plano substantivo tiveram sua aprovação.

Como é possível observar, a teoria de Greg está relacionada à escolha do *copy-text* e à classificação das variantes entre acidentais e substantivas. Contudo, no que diz respeito às variantes substantivas, o editor norte-americano não apresenta nenhuma proposta de categorização para classificá-las. Devido à grande quantidade de variantes substantivas encontradas no cotejo da tradição de *O Seminarista*, vimos a necessidade de classificá-las, não só para entender se havia padrões de variação, mas também para compreender melhor as modificações ocorridas na tradição e suas repercussões. Destarte, utilizamos a classificação de variantes feita por Blecua (1983), mais adequada ao texto manuscrito, e aplicamo-la aos casos encontrados. Embora em seu trabalho Blecua refira-se preferencialmente aos manuscritos e

⁴²O Centro de Edições de Autores Americanos é basicamente um comitê formado sob a égide do MLA (Modern Language Association). Foi criado em 1966 e tinha como função iniciar e coordenar a organização de projetos editoriais de autores norte-americanos do século XIX, tais como Cooper, Stephen Crane, John Dewey, Emerson, Hawthorne, Howells, Irving, Melville, Simms, Thoreau, Mark Twain, e Whitman, além de adotar e apoiar projetos já existentes. O CEAA instituiu-se como um selo em 1967, garantindo ao leitor um texto que possui precisão e que incorpora um método particular de edição estabelecido pelo *Statement of editorial principles*, criado pelo CEAA. ("The CEAA and modern textual editing". Library (1977) s5-XXXII(1):61-74).

aos impressos até o século XVIII, consideramos que a sua classificação também pode ser utilizada no caso de textos manuscritos e impressos mais recentes.

Inicialmente, receamos que a adoção de princípios metodológicos neolachmannianos e da bibliografia anglo-americana pudesse resultar em um procedimento inoperante. No entanto, a partir da realização das etapas deste trabalho, constatamos que os princípios de uma e de outra teoria podem ser empregados de forma complementar. A minuciosa classificação dos erros feita por Blecua supre uma lacuna da bibliografia anglo-americana, que não se preocupa em classificar variantes. Em compensação, a bibliografia anglo-americana é fundamental para tratar de questões específicas do texto impresso, por ser esse o seu objeto de estudo.

2.2.2 A escolha do *copy-text* de *O Seminarista*

Antes de iniciarmos o confronto entre os testemunhos, escolhemos o *copy-text* da obra. Para efetuar a escolha, duas possibilidades se apresentam *a priori* ao editor quando se trata de textos impressos: optar pela primeira edição ou pela última revista e publicada antes da morte do autor (GREG, 1950-1951: 29).

No caso de *O Seminarista*, sabemos que foram publicadas apenas duas edições em vida de Bernardo Guimarães. Pressupõe-se que o autor deve ter controlado ambas as edições, que trazem o texto original da obra. Entre a primeira e a segunda edição, perguntamo-nos: qual deve ser a edição escolhida como *copy-text*?⁴³

A escolha do *copy-text* deve ser feita considerando-se as variantes substantivas e acidentais, de modo a ser preparada uma edição a mais próxima possível dos hábitos do autor (GREG, 1950-1951:21).

Dessa forma, uma hipótese seria tomar a segunda edição como *copy-text*, porque o texto dessa edição seria o último que sofreu intervenção autoral. No entanto, não é o que observamos: o confronto entre as edições não revela modificações entre elas. Ao contrário, os erros tipográficos são os mesmos, o que evidencia o uso da mesma matriz tipográfica na primeira e na segunda edição. Há uma única alteração na folha de rosto: não há indicação do ano de publicação no verso, como ocorre na primeira edição. Considerando-se a identidade quase total entre as duas edições, seria mais adequado denominar a segunda como reimpressão, embora não seja o que ocorre na literatura.

⁴³É importante lembrar o fato de que Bernardo Guimarães vendeu os direitos autorais sobre a obra, para o seu editor, Baptiste Louis Garnier, antes da publicação da primeira edição.

Desse modo, por não haver diferenças textuais entre as duas primeiras edições da obra, escolhemos a edição príncipe como *copy-text*. Justificam ainda essa escolha: a data explícita da primeira edição, no verso da folha de rosto; a afirmação de Greg (1950-1951:29) de que a edição mais antiga está mais próxima dos originais do autor; e a possibilidade de, a princípio, esta edição ter sofrido menos alterações no plano dos acidentais, uma vez que no plano substantivo seria mais controlada pelo autor. Com base nesses pressupostos, concluímos que tanto o plano dos acidentais quanto o plano substantivo teriam sido verificados e controlados por Bernardo Guimarães na edição príncipe.

No primeiro capítulo, ao tratarmos da fortuna crítica de *O Seminarista*, observamos que tanto a crítica da época, como a crítica acadêmica atual destacam as qualidades do estilo descritivo do autor, presente em sua produção artística e, principalmente, no romance em estudo. No entanto, é justamente essa característica — o estilo descritivo do autor — a que mais se modifica na transmissão do texto. Por isso, ao analisar a trajetória editorial da obra, baseamo-nos na riqueza descritiva para descartar a possibilidade de um exemplar de trabalho com anotações de Bernardo Guimarães ter chegado às mãos de um editor da Civilização Brasileira. Consequentemente, este testemunho não poderia ser considerado como o *copy-text* da obra, em detrimento das edições de B. L. Garnier, publicadas em vida do autor.

2.3 *Collatio*

Em Souza (2012) apresentou-se a recensão da tradição direta de *O Seminarista*. Entre 1872 e 1949, foram localizados 13 testemunhos da obra, que apresentamos a seguir, nomeados em ordem alfabética a partir do ano de publicação.

Tabela 3 — Tradição direta de *O Seminarista*

Testemunho	Ano	Editores	Redação
A	1872	B.L. Garnier	completa
B	1875	B.L. Garnier	completa
C	1895	H. Garnier	completa
D	1899	Empresa Democrática	completa
E	1899	Francisco Alves	completa
F	1917	Livraria Garnier	completa
G	1923	H. Antunes	completa
H	1928	Jornal do Brasil	completa
I	1931	Civilização Brasileira	abreviada
J	1941	F. Brigueit & Cia.	completa

L	1944	Livraria Martins	abreviada
M	1949	Sociedade Brasileira de Difusão do Livro	abreviada
N	s.d.	Livraria Martins	abreviada

Desse conjunto de testemunhos, em nossa dissertação de mestrado, foram cotejados cinco: A, I, L, M e N. A princípio, o cotejo foi realizado de maneira manual, a partir de leitura comparativa de palavra a palavra e os lugares críticos foram anotados, classificados e analisados. Estes testemunhos foram os escolhidos porque nossa intenção era apresentar e examinar as variantes que deram origem ao ramo da tradição que traz a redação abreviada. Por isso, o cotejo foi feito a partir do confronto do *copy-text* (testemunho A) com o primeiro testemunho com redação abreviada (testemunho I) e demais testemunhos abreviados (L, M, N). Considerando-se o princípio da *eliminatio codicum descriptorum* (eliminação dos códices descritos), foi possível excluir o testemunho M, uma vez que reproduz N, o qual teve como modelo. No confronto entre os testemunhos L e N, foram encontrados 66 lugares críticos, sobretudo omissões e substituições, indicando que L serviu de modelo para N. No processo de transmissão do romance, dentre os tipos de modificação encontrados (adição, alteração de ordem, junção, omissão, separação, substituição e reelaboração), a que se mostrou mais frequente foi a omissão, seguida pela substituição. Trataremos das variantes no item 2.6 deste capítulo.

Dando continuidade à recensão, cotejamos os demais testemunhos, a fim de verificar outras modificações em seu processo de transmissão. Para a segunda fase do cotejo, considerando-se o número de testemunhos disponíveis e o interesse em realizar as análises em menor tempo e com a mesma eficiência que a colação óptica, utilizamos o *software* de colação Juxta Commons.

Criado pela Universidade de Virgínia, o *software* Juxta Commons é uma ferramenta de código aberto para a comparação e confronto de vários testemunhos, originalmente concebida para ajudar os estudiosos e editores a examinar a história de um texto do manuscrito a suas versões impressas. O programa permite a comparação de diversos testemunhos e gera aparato crítico em formato *.docx* ou *html*. É de grande utilidade para a realização de edições digitais, visto que um dos *outputs* é em linguagem *html*, que facilita a criação de códigos de linguagem *web*. Seu acesso é gratuito e há a possibilidade de armazenar e compartilhar arquivos. Para utilizá-lo, é necessário que o texto esteja digitado e são aceitos arquivos nos formatos: *txt*, *xml*, *html*, *doc*, *rtf*, *pdf* e *epub*. Adicionados os arquivos à plataforma e listados os testemunhos, é possível gerar o cotejo automático, que é apresentado em diversos *outputs*, a saber: mapa de calor (texto-base com as variantes realçadas),

apresentação justaposta dos testemunhos com indicação da localização das variantes, histograma (distribuição da frequência das variantes), *tei* (*text encoding initiative* – linguagem *web* para criação de edições digitais) e *versioning machine* (permite a comparação a partir da edição diplomática dos testemunhos). A comparação do texto se dá a partir do confronto de unidades mínimas e a listagem das variantes no aparato é apresentada a partir da linha em que se encontra (numerada automaticamente pelo programa).

Entre as vantagens do *software*, podemos citar a agilidade conferida ao trabalho do editor devido à comparação automatizada dos testemunhos, a criação automática de aparato crítico, as diferentes possibilidades de *output*, que permitem a utilização da edição não apenas no formato digital, como também no impresso, e a análise das variantes substantivas e acidentais.

Apesar das vantagens, a utilização do Juxta Commons não pode se dar tão-somente a partir do cotejo gerado, pois o editor ainda é fundamental na elaboração da edição crítica, visto que é seu papel revisar e analisar as variantes, apresentando resultados e reflexões. Ademais, o cotejo automatizado reconhece apenas quatro categorias de variantes, a saber: adição, alteração de ordem, omissão e substituição. Os casos de junção, separação e reelaboração não são reconhecidos e é necessário cotejá-los manualmente. Para não desconfigurar os caracteres gráficos, visto que o programa foi originalmente concebido para cotejar textos em língua inglesa, é necessário inserir arquivos salvos no formato UTF-8.

Utilizamos o programa para cotejar os testemunhos D, E, G e H com o *copy-text* e os resultados encontrados indicaram a necessidade de mantê-los no *stemma codicum*, visto que foram encontrados diversos lugares críticos. A existência desses lugares críticos indica que, apesar de reproduzirem o texto da edição príncipe, há nesses testemunhos alterações no processo de transmissão da redação completa, e por isso a necessidade de mostrá-las em aparato. Trataremos desses testemunhos no item 2.4 deste capítulo. Além do cotejo automatizado, é necessário que se revisem os resultados, a fim de verificar a ocorrência de junções, separações e reelaborações, que não são detectadas pelo *software*.

2.4 O Seminarista: erros e inovações na tradição abreviada

O ramo da redação abreviada apresenta tanto erros como inovações, por suposto não-autorais, nem advindas de um original encontrado 60 anos depois da publicação da edição príncipe.

Conforme tratamos no item 2.2.1 deste capítulo, o método lachmanniano baseia-se no critério dos erros significativos, os quais definem a relação genealógica entre os testemunhos. Nesta tese, para classificar as variantes identificadas, adotamos a terminologia de Blecua (1983). Segundo Blecua (1983:48), com relação a autenticidade de uma lição, será *erro* ou *inovação* todo desvio do original. Ao copiar o texto, o copista comete erros involuntários, podendo em alguns casos indicar um erro em seu modelo e corrigi-lo com a ajuda de outro testemunho ou por conjectura. Convém fazer a distinção entre lição autêntica ou original e lição correta, visto que tanto os erros como as inovações são desvios de um modelo ideal, que pode ser o original ou outro do qual derivam todos os testemunhos conservados, o arquétipo. O arquétipo pode trazer lições não autênticas, mas aparentemente corretas que passam aos seus descendentes. É importante lembrar que uma lição autêntica pode ser errônea, uma vez que os autores também estão sujeitos a cometer erros no ato de escrever.

Em vez de denominar todo desvio do original como *erro*, separamos os *erros tipográficos* das *inovações* do texto. Os erros tipográficos, involuntários, podem alterar não só elementos acidentais como substanciais do texto. Os erros tipográficos ocorrem principalmente entre caracteres, que podem ser adicionados, omitidos, invertidos, reordenados ou substituídos. As inovações, voluntárias ou involuntárias, decorrem, quando conscientes, de causas variadas (linguísticas, morais etc.) e produzem no texto adições, omissões, alterações de ordem, substituições e reelaborações. Modificam, em maior ou menor profundidade, elementos substanciais do texto. Tanto os erros como as inovações podem ser relevantes para a classificação estemática dos testemunhos.

Conforme a categorização adotada, seguem exemplos de inovação encontrados nos testemunhos D, G, H, I, L, N com relação ao testemunho A⁴⁴ e os exemplos de inovação dentro da família do ramo abreviado, entre os testemunhos L e N. Os exemplos são apresentados em tabelas e comentados a seguir.

2.4.1 Exemplos de inovação por substituição:

Tabela 4 — Casos de inovação por substituição

i	talvez aquella alma impresionavel e apaixonada (testemunho A)	talvez aquella calma impresionavel e apaixonada (testemunho I)
---	--	---

⁴⁴ Além da questão cronológica, pesa também o teor das intervenções encontradas, que alteram completamente o enredo, principalmente nos casos de substituição ou reelaboração. No caso das omissões, é evidente como os cortes no texto contrariam o estilo de Bernardo Guimarães, já descrito no capítulo I. No entanto, um leitor, cujo contato com a obra se limite apenas à redação abreviada, não desconfiará estar diante de modificações feitas por uma pena que não pertence ao autor.

ii	heide chorar sempre (testemunho A)	hei de orar sempre (testemunho I)
iii	o senhor não é aquelle sujeitinho (testemunho A)	o senhor não é aquele coroinha (testemunho I)
iv	era um excellente rapaz, morigerado e tractador da vida (testemunho A)	era um excellente rapaz, morigerado e trabalhador (testemunho I)
v	passaram-se assim dois annos, em que a vida correu para Eugenio (testemunho A)	passaram-se assim doze anos, em que a vida correu para Eugenio (testemunho D)
vi	A tonsura sacerdotal era uma coroa de espinhos (testemunho L)	A tonsura sacerdotal era uma canoa de espinhos (testemunho N)
vii	onde pastava o gado (testemunho L)	onde estava o gado (testemunho N)

A partir da observação dos exemplos apresentados na tabela 4, verificamos que i e ii apresentam variantes graficamente semelhantes. Em i, estamos diante de um caso de substituição em que a mudança realizada é o acréscimo do grafema <c>, que altera o plano da substância textual. Ao substituir-se *alma* por *calma*, deixa-se de falar sobre a psique de Eugênio, sobre o impacto que as obras de Ovídio e Virgílio teriam sobre seu caráter, sua personalidade, e passa-se a enfatizar uma característica de temperamento, a calma. O trecho em que ocorre a variação é o seguinte no testemunho I: “Se desde o começo lhe tivessem posto nas mãos o livro dos *Testes* de Ovídio ou as *Éclogas* de Virgílio, talvez aquela **calma** impressionável e apaixonada se tivesse mais depressa congraçado com o latim”. Constatamos que o vocábulo em destaque parece não ser coerente com as características que são atribuídas à personagem: impressionável e apaixonada. Ainda que haja um certo estranhamento com o uso de *calma*, a compreensão do texto não é prejudicada, no sentido de que a inovação não gera uma frase agramatical, mas origina uma leitura inadequada.

As variantes *chorar* e *orar* também apresentam proximidade gráfica e, assim como o exemplo i, poderiam suscitar dúvidas se seria uma inovação ou um erro tipográfico pelo acréscimo de <ch>, mesmo que esse erro origine uma lição adiáfora ou neutra. Ao recuperar o trecho em que ocorre a alteração, pode-se pensar em diferentes hipóteses que a justifiquem como intencional. A princípio, pode ter havido o propósito de evitar-se a repetição do verbo *chorar*, tal como no testemunho A, que denota a ênfase do sofrimento de Margarida ao se separar de Eugênio: “— Deixa-me **chorar**, Eugênio. Que hei de eu fazer?... hei de **chorar** sempre até que voltes”. Outra motivação da ocorrência de *orar* estaria relacionada à construção (não-autoral) da personagem Margarida, no sentido de que o ato de rezar denotaria uma mulher religiosa, casta e não a figura amorosa que sofre e chora ao se separar do amado. Outra possibilidade que se apresenta para os exemplos i e ii é a ocorrência de um erro

tipográfico decorrente da ausência de <c> e <ch>, resultado de distração do compositor ou tipógrafo.

A substituição em iii muda o sentido do diálogo entre Luciano e Eugênio. Trata-se de uma discussão entre os dois rapazes, e Luciano, para demonstrar seu desdém por Eugênio, chama-o de *sujeitinho*, depreciando-o. Quando *sujeitinho* é trocado por *coroinha*, Eugênio passa a ser identificado pela função que desempenha na missa da vila, durante sua estadia na fazenda dos pais, após o início dos estudos no seminário. Desse modo, a forma pejorativa com que Luciano se dirige ao jovem seminarista se perde, assim como a agressividade na discussão entre eles. Neste caso, poderia-se até ver como uma ironia o uso de *coroinha*.

Em iv, embora as expressões *tractador da vida* e *trabalhador* possam parecer equivalentes, elas não são sinônimas. A causa da substituição poderia ser a economia no espaço da mancha do livro. Trata-se, segundo nossa hipótese, de um recurso comum em muitos casos de substituição no testemunho I: busca-se conservar o sentido expreso no testemunho A ao selecionar vocábulos do mesmo campo semântico, mas com número inferior de caracteres. Por exemplo: *floresta* x *bosque*, *senhora* x *d.*, entre outros. *Tractador da vida* poderia ser interpretado como *responsável*, *aquele que trata das coisas da vida*, *das coisas importantes*, ao passo que *trabalhador*, de acordo com o *Dicionário da Língua Brasileira* (1832), de Luiz Maria da Silva Pinto, teria o sentido de *dado ao trabalho*, *amador do trabalho*. Esta é a visão que os Antunes têm de Luciano e o motivo pelo qual querem casar o rapaz com Margarida, para que ela deixe de ser uma ameaça à carreira eclesiástica de Eugênio e ele possa tornar-se padre.

Em v, a substituição de *dois* por *doze* aumenta em dez anos o período em que Eugênio permanece no seminário após sua ida à fazenda. Essa mudança cronológica influencia diretamente a sucessão dos fatos.

Em vi, a substituição de *coroa* por *canoa*, poderia ser vista, a princípio como inadequada, pois não corresponde à referência feita à coroa de Jesus Cristo, resultando em um forte desvio em relação ao original. Todavia, há no período uma comparação entre a sedução experimentada por Eugênio ao rever Margarida, após ser nomeado padre, e como isso se operava no seu íntimo: “arrepentia-se mil vezes de ter tomado o timão, tão superior às suas forças, de uma nau pujante destinada a afrontar mares tão tormentosos”. Talvez a presença da imagem da nau tenha influenciado na substituição, por má leitura, de *coroa* por *canoa*.

Por fim, a substituição do verbo *pastar* por *estar*, altera o texto no sentido de não mais descrever a ação do gado, mas a sua localização. Ainda assim, a modificação não causa prejuízo à leitura do texto.

2.4.2 Exemplos de inovação por reelaboração:

Tabela 5 — Casos de inovação por reelaboração

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO I
i	Duas lindas e faceiras creanças, que alli vinhão quase sempre divertir-se e travessear junto da ponte á sombra das paineiras. Erão um rapazinho de doze a treze annos, e uma menina, que parecia ser mais nova do que elle uns doiz ou trez annos.	Dois meninos brincavam á sombra das paineiras: um rapazinho de doze a treze annos e uma menina, que parecia ser pouco mais nova do que elle.
ii	Ditas estas palavras, as duas mulheres acompanhadas da demais familia forão-se recolhendo para casa, silenciosas e profundamente impressionadas por aquelle extraordinário incidente, que tornou-se por muitos dias o assumpto da conversação naquella casa	O extraordinario incidente foi por muitos dias o assumpto da conversação naquella casa
iii	Alli parou á porta de um pobre casinha isolada. A porta estava aberta; o rapazinho retirou-se; o padre entrou, e bateu com a sua bengala no soalho do corredor.	Alli parou á entrada de uma casinha.
iv	outros assobiando ou cantando, outros tocando flauta, clarineta e outros instrumentos	outros assobiando ou cantando, outros tocando variados instrumentos de sopro
v	Quando Eugenio entrou, Margarida estava sentada sobre a cama com o cotovelo sobre o travesseiro e mão na face.	Quando Eugenio entrou, Margarida estava recostada ao travesseiro.

Nos casos de inovação causada por reelaboração, é interessante notar como essa categoria contraria a proposta estética de Bernardo Guimarães, visto que não só em *O Seminarista*, como em outros romances, *A Escrava Isaura*, *O Garimpeiro*, *O Ermitão do Muquém*, há longos períodos descritivos, em que as personagens, o cenário e as ações são caracterizados por muitos detalhes. O mesmo ocorre com as omissões de palavras, trechos e parágrafos, impedindo-se que o leitor tenha contato com o texto tal qual foi concebido pelo seu autor. Conforme mostraremos no item 2.6 — Tipologia das variantes, a reelaboração ocorre quando são realizadas adaptações ou atualizações de natureza estilística ou linguística. Nos exemplos supracitados, notam-se muitos casos de adaptação, que, além de alterar o sentido original do texto, muitas vezes o abreviam consideravelmente.

Como referimos no capítulo anterior, Bernardo Guimarães é um autor conhecido por descrições pormenorizadas, uma das características que marca a sua obra. Contudo, esse teor descritivo diminui significativamente quando frases e parágrafos são reescritos.

No exemplo i, “duas lindas e faceiras creanças” passam a ser “dois meninos”, assim como “divertir-se e travessear” tornam-se “brincavam”. A informação de que a menina é dois ou três anos mais nova é omitida.

Em ii e iii, um parágrafo inteiro de narração é transformado em uma frase que, de certa forma, resume e seleciona a informação principal. O incidente com a cobra que se enrola no corpo de Margarida e que impressionou profundamente Umbelina e a Senhora Antunes no exemplo ii, é descrito no testemunho I como um incidente que se tornou o assunto das conversas por muitos dias. A reação e a emoção experimentadas pelas mulheres não são mencionadas. Por sua vez, no exemplo iii, a sequência de ações do jovem padre: parar em frente à porta, entrar e bater com a bengala no assoalho do corredor é resumida apenas a sua entrada na casa.

Os instrumentos musicais citados na edição príncipe, *flauta e clarineta*, passam a ser descritos como *variados instrumentos de sopro*. Um estudioso interessado em conhecer instrumentos tocados no Brasil ou nas Minas Gerais no fim do século XIX, não teria acesso a essa informação, uma vez que eles foram englobados no conjunto de instrumentos de sopro. Além da informação, a descrição da cena é abreviada e, de certa forma, simplificada, na medida em que termos mais específicos são substituídos por conceitos mais gerais e, possivelmente, compreensíveis por um público maior, como observamos em outros casos.

A descrição de Margarida sentada sobre a cama com o cotovelo apoiado no travesseiro e a mão na face, quando reencontra Eugênio, no exemplo v, é resumida à imagem da moça recostada ao travesseiro.

Os casos de reelaboração parecem ir ao encontro da hipótese de intenção de redução do texto e de sua simplificação lexical e conceitual. A redução do número de caracteres e a consequente economia de espaço também é evidente na comparação entre os trechos dos testemunhos citados.

Outras variantes são nitidamente erros no testemunho de base ou em outro testemunho da tradição:

Tabela 6 — Casos de erro tipográfico

i	Outras vezes ficava olhando para o occidente . (testemunho A)	Outras vezes ficava olhando para o acidente . (testemunho N)
---	--	---

ii	sua pudicícia teria infallivelmente naufragado (testemunho A)	sua judicícia teria infalivelmente naufragado (testemunho N)
iii	Por esse tempo o padre missionario Jeronimo Conçalves de Macedo (testemunho I)	Por esse tempo o padre missionário Jerônimo Gonçalves de Macedo (testemunho L)
iv	enleada e afagada por um cobra (testemunho I)	enleada e afagada por uma cobra (testemunho L)

Nos exemplos de i a iv, estamos diante de erros tipográficos que são causados no momento de composição da matriz do livro. Esses erros podem surgir da troca de uma letra por outra (exemplos de i a iii) ou da omissão de uma letra (exemplo iv). Há erros tipográficos que são corrigidos (exemplos iii e iv) e lições corretas que resultam em erros, os quais, por vezes, atribuem um novo sentido ao texto.

No caso do exemplo i, uma hipótese a ser levantada seria de uma variante decorrente de *lectio faciliior*. No entanto, o emprego de *acidente* não faz sentido, uma vez que *ocidente* refere-se ao poente, ao lado onde o sol se põe. Eugênio não está a olhar para algo desastroso que aconteceu, mas sim para a direção da fazenda, do pôr-do-sol.

Como é possível notar, há na redação abreviada muitas alterações, cujas categorias serão apresentadas no item 2.6. Essas alterações (por ex. substituições de palavras e trechos, reelaborações e erros tipográficos) distanciam os testemunhos desse ramo da tradição daquele da redação completa. Não consideramos, no entanto, que a redação abreviada configura uma outra obra, mas sim um outro estado do testemunho, que se localiza em um outro ramo da tradição da mesma obra. Não aceitamos como sustentável a hipótese de o texto abreviado decorrer de revisões do autor, não só pelo período que o separa da edição príncipe, como também por causa da venda dos direitos da obra ao editor B. L. Garnier assim que esta é lançada. A esses fatos acrescentamos também que a incidência das alterações ocorre mais especificamente sobre os diálogos, as descrições e as narrações. A simplificação desses aspectos acentua o distanciamento do texto em relação ao *usus scribendi* de Bernardo Guimarães.

2.5 Confrontando os testemunhos

Conforme Greg (1950-1951), escolhido o *copy-text*, segue-se a colação entre testemunhos. No conjunto de testemunhos com redação completa, estão, além da edição príncipe, todas as edições subsequentes em um período de quase 70 anos. No conjunto de

testemunhos com redação abreviada, há quatro testemunhos, publicados em um período de quase 20 anos.

A colação entre testemunhos obedeceu a duas etapas. A primeira constituiu-se da colação entre os testemunhos A (edição príncipe) e I, que são os primeiros, genealógica e cronologicamente, de uma e de outra família de testemunhos com diferentes redações do texto. Identificaram-se os seguintes tipos de variação: a) lição⁴⁵ mais longa em A do que em I; b) lição mais longa em I do que em A; c) substituição de lições entre A e I. Observaram-se também os trechos de texto coincidentes entre os testemunhos A e I.

Na segunda etapa, confrontamos os testemunhos A e I com os demais testemunhos de cada família redacional, procurando identificar as categorias acima definidas. A partir do exame exaustivo dos testemunhos de cada uma das famílias, aplicamos o princípio da *eliminatio codicum descriptorum* (eliminação dos testemunhos descritos). Da família de A, eliminamos os testemunhos B, C, E, F e J. Da família de I, eliminamos o testemunho M. Desse modo, após a eliminação dos testemunhos, dos 13 selecionados para a realização deste trabalho, permanecem sete.

Tabela 7 — Testemunhos selecionados

TESTEMUNHO	ANO	EDITORIA	REDAÇÃO
A	1872	B.L. Garnier	completa
D	1899	Empreza Democratica	completa
G	1923	H. Antunes	completa
H	1928	Jornal do Brasil	completa
I	1931	Civilização Brasileira	abreviada
L	1944	Livraria Martins	abreviada
N	s.d.	Livraria Martins	abreviada

Os testemunhos B, C e F reproduzem exatamente o mesmo texto da edição príncipe, sendo possível identificar em B os mesmos erros tipográficos de A, conforme mencionamos no item 2.3. D e E reproduzem o mesmo texto, com os mesmos lugares críticos em relação a A; mas incluímos na genealogia da obra apenas D, por ter sido publicado na mesma cidade de A, Rio de Janeiro, ao passo que E foi publicado em São Paulo. O testemunho J corresponde ao mesmo caso dos testemunhos publicados pela Garnier e, por isso, justifica-se a sua eliminação. Entre os testemunhos gerados a partir de I, eliminamos apenas o testemunho M,

⁴⁵ “Conteúdo de um lugar do texto em qualquer dos seus testemunhos; pode ser substantiva (palavras ou frases) ou adjectiva – accidental na teoria do *copy-text* de Greg – (sinais de pontuação e capitalização, por exemplo). Os conceitos de lição e de variante são relativos e válidos apenas quando se compara um manuscrito com outros. Uma variante existe na medida em que difere da lição de outro manuscrito”. (*Glossário de Crítica Textual*. Disponível em <<http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm#L>>. Acesso em: 25/02/2015).

que reproduz o texto de N. Os testemunhos desta família apresentam diversos lugares críticos, resultantes de um processo de modificação expressivo: no confronto entre A e I foram encontradas 252 variantes e, na família abreviada, entre I e N foram encontradas 94 variantes.

Nesta nova etapa de colação, o número de variantes encontradas foi inferior ao primeiro levantamento apresentado em Souza (2012). Apesar do baixo número de ocorrências, essas variantes mostram como houve alteração dentro das famílias da redação longa e abreviada ao longo de 72 anos, desde a publicação da edição príncipe. Trata-se de dados importantes para o levantamento do processo de transmissão da obra, uma vez que, a partir deles, passamos a conhecer as redações do texto que circularam entre leitores de diferentes épocas e a refletir sobre sua recepção.

Dentro da família da redação completa, foram encontradas variantes em três testemunhos, a saber: D, G e H. No confronto entre A e D, foram encontradas 58 variantes: três adições, uma junção, três alterações de ordem, cinco omissões de palavras e 46 substituições. Além disso, foram corrigidos nove erros tipográficos de A. Entre A e G foram encontradas 57 variantes que se subdividem em seis adições, quatro alterações de ordem, nove omissões de palavra, duas omissões de trecho, uma junção, uma separação e 34 substituições. Por fim, entre A e H há 81 variantes, cujas categorias são: oito adições, duas alterações de ordem, nove omissões de palavra, duas omissões de trecho e 60 substituições.

A partir desses dados é possível depreender que não existe intenção de reduzir o texto nos testemunhos D e H, visto que foram registrados poucos casos de omissões de palavras e trechos e nenhum caso de omissão de parágrafo. Em contrapartida, a variante mais frequente é a substituição: 47 casos em D, 34 em G e 60 em H, o que indica a manutenção da extensão do texto, embora o plano substantivo seja afetado. Além das variantes, há também casos de correção de erros tipográficos de A. Assim como em D, G e H, na tradição completa, verificamos em L, na tradição abreviada, a manutenção do texto em sua extensão, pois também não foram registrados casos de omissões de parágrafo. As ocorrências de omissão somam 21 e as de substituição são 43. Essas ocorrências indicam que, dentro dos ramos das famílias redacionais, os testemunhos derivados de seus modelos, apesar de apresentarem variantes, não se distanciam a ponto de constituírem uma nova obra.

No ramo da tradição abreviada consideramos, pelas razões já explicadas, os testemunhos I, L e N. I é o primeiro testemunho da redação abreviada. Seguem-se, com modificações, L e N. Entre I e L foram encontradas 94 variantes, sendo quatro adições, uma

paragrafação, 18 omissões de palavra, seis omissões de trecho e 65 substituições. Entre os testemunhos publicados pela Livraria Martins, foram encontradas 66 variantes: uma adição, uma alteração de ordem, 21 omissões e 43 substituições.

2.6 Tipologia das variantes

As variantes identificadas foram analisadas e classificadas a partir das categorias propostas por Blecua (1983)⁴⁶. Essa escolha foi feita face à necessidade de classificar todos os casos de variação encontrados. A Bibliografia anglo-americana preocupa-se mais com a escolha do *copy-text* e com o aparato da edição crítica, mas não faz uma classificação pormenorizada das variantes, além das categorias *substantiva* e *acidental*. Por isso, fomos buscar na filologia neolachmanniana uma descrição que pudesse abarcar e esquematizar os dados coletados.

A partir das quatro categorias modificativas aristotélicas, Blecua (1983:20-30) propõe uma classificação que denomina *erros de cópia*⁴⁷: adição, alteração de ordem, omissão e substituição. Seu trabalho refere-se sobretudo à poesia, de modo que as variantes ocorrem em nível do fonema, da sílaba, da palavra, do verso e da estrofe, o que requereu uma adaptação para utilizá-lo como modelo. Nesse sentido, às categorias propostas por Blecua, acrescentamos outras três, a saber: *junção*, *separação* e *reelaboração*. Subdividimos a omissão em: i – omissão de palavras, ii – omissão de trechos e iii – omissão de parágrafos. As variantes cotejadas classificam-se, portanto, da seguinte maneira:

- a) adição;
- b) alteração de ordem;
- c) omissão:
 - i. omissão de palavras;
 - ii. omissão de trechos;
 - iii. omissão de parágrafos;
- d) junção;
- e) separação;
- f) substituição;

⁴⁶As variantes presentes no testemunho I frente ao testemunho A e dos testemunhos L e N frente a I foram analisadas e apresentadas em Souza (2012).

⁴⁷Subdividimos o conceito de erro em erro tipográfico e inovação, como explicado no item 2.4 deste capítulo. A classificação apresentada neste item abrange essas duas categorias.

g) reelaboração.

2.6.1 Adição

No que diz respeito à adição, a definição parece ser mais aplicável ao texto manuscrito, visto que é definida por Blecua (1983:20) como a repetição de uma letra, sílaba, palavra ou frase em passagens repetitivas, favorecida pela proximidade de trechos iguais ou muito parecidos. Contudo, o que verificamos em nosso cotejo é a inserção de novos elementos, tais como artigos, conjunções, pronomes e verbos.

Conforme mostra Cambraia (2010:21-2), em artigo que analisa as variantes presentes na tradição do *Livro de Isaac*, este tipo de adição é comum em textos da tradição de língua portuguesa e latina e esta categoria teria como objetivo “aumentar o grau de coesão textual”. O *Livro de Isaac* é uma obra que data do século I d. C., manuscrita, e que segue um processo de reprodução e de transmissão muito diferente da obra analisada neste trabalho. A tradução para o português data do século XIV (CAMBRAIA, 2007:178). No entanto, as modificações que apresenta sugerem padrões que podem, em certa medida, aproximar-se do que temos constatado em *O Seminarista*.

A adição é o tipo de variante com menor número de ocorrências nas duas famílias de testemunhos da obra. Vejam-se exemplos.

Tabela 8 — Casos de adição no testemunho D⁴⁸

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO D
i	Vou para o estudo, Margarida; papae mais mamãe querem que eu vá estudar para padre. (cap I)	Vou para o estudo, Margarida; papae e mais mamãe querem que eu vá estudar para padre. (cap I)
ii	Se a imagem da simples e travessa menina de doze annos não se tinha apagado do espirito. (cap IX)	Se a imagem da simples e travessa menina de doze annos não se lhe tinha apagado do espirito. (cap IX)
iii	combata noite dia, vencerá como Jacob (cap. XVIII)	combata noite e dia, vencerá como Jacob (cap. XVIII)

⁴⁸ Para levantamento exaustivo, cf. Anexo 1 – Tabela 1 – Casos de adição no testemunho D.

Tabela 9 — Casos de adição no testemunho G

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO G
i	que quero eu fazer com criação? (cap I)	que quero eu fazer com a criação? (cap I)
ii	que zelava com extremo cuidado (cap III)	que zelava com a extremo cuidado (cap III)
iii	e escondia cuidadosamente esses manuscritos, que scismava longamente. (cap V)	e escondia cuidadosamente esses manuscritos, em que scismava longamente. (cap V)
iv	contentou-se em chorar sobre sua sorte (cap XV)	contentou-se em chorar sobre a sua sorte (cap XV)
v	combata noite dia, vencerá como Jacob (cap XVIII)	combata noite dia, que vencerá como Jacob (cap XVIII)
vi	Depois de ter volvido n' alma todas tristas e amargas reflexões (cap XVII)	Depois de ter volvido na alma todas essas tristes e amargas reflexões (cap XVII)

Tabela 10 — Casos de adição no testemunho H⁴⁹

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO H
i	impedia que se tornasse uma paixão imperiosa e fatal (cap V)	impedia que elle se tornasse uma paixão imperiosa e fatal (cap V)
ii	Papae mais mamãe querem que eu vá estudar (cap I)	papae e mais mamãe querem que eu vá estudar (cap I)
iii	Ai de mim!... meu Deus! (cap XIX)	Ai de mim! Ai de mim! ... meu Deus! (cap XIX)
iv	Depois de ter volvido n'alma todas tristas e amargas reflexões (cap XVII)	Depois de ter volvido n'alma todas estas tristes e amargas reflexões (cap XVII)

Na tabela 8, há dois casos de inovação por inserção da conjunção “e”, que buscam dar mais coesão ao período. No exemplo vi da tabela 9, o pronome demonstrativo desempenha o papel de determinante, servindo apenas para reforçar seu escopo: “tristes e amargas reflexões”. Há ainda neste caso a correção do erro tipográfico de A. Esse mesmo caso repete-se no exemplo iv da tabela 10.

Na tabela 9, a inserção do artigo “a” nos exemplos i e iv poderia ser vista como facultativa, visto que em i a sua ausência não altera significativamente o texto e antes de pronome possessivo não precisa ser empregado (exemplo iv). No exemplo ii a inserção de “a” gera uma frase agramatical. Trata-se de um erro evidente. Em iii, a preposição introduz a subordinada adjetiva, que inicia com o objeto indireto de *scismava*. Corrige o testemunho A.

Na tabela 10, *elle* explicita o sujeito da oração subordinada objetiva direta (exemplo i). Em ii, a conjunção *e* é redundante e deve constituir um erro. Em iii, observamos que a adição repete parte da fala de Margarida, enfatizando seu desespero quando reencontra Eugênio, após anos afastados. Essa repetição pode ser vista como um erro tipográfico, devido à falta de

⁴⁹Para levantamento exaustivo, cf. Anexo3 – Tabela 1 – Casos de adição no testemunho H.

atenção ao compor-se o livro. Pode também ter sido motivada por razões estilísticas, ao dar ênfase ao desespero da personagem.

O baixo número de ocorrências desse tipo de variante aponta para uma tendência a não ampliar-se o texto na família de redação abreviada. Conforme examinamos adiante, a tendência predominante é completamente oposta: redução sistemática da obra.

2.6.2 Alteração de ordem

A alteração de ordem ocorre quando dois ou mais elementos, habitualmente adjacentes, tais como letras, sílabas, palavras ou frases, têm sua ordem modificada. Para Blecua (1983:23), o próprio mecanismo da imprensa favorece a inversão de letras e palavras devido à composição por tipos móveis. No texto em prosa, é comum, por exemplo, a ocorrência de inversão nas enumerações (BLECUA, 1983:23).

Entretanto, o que constatamos a partir das variantes coletadas são casos de modificação substancial, decorrentes da mudança na colocação pronominal e da alteração da ordem de algumas palavras dentro da frase, e não a alteração ocasionada por um erro tipográfico. A alteração de ordem, ao lado da adição, também é uma variante com baixo número de ocorrências. Seguem exemplos:

Tabela 11 — Casos de alteração de ordem no testemunho D

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO D
i	não se o que sabia era a mais pequena rusga (cap XII)	não se sabia o que era a mais pequena rusga (cap XII)
ii	Era essa paixão como o arbusto, a que geada despojou das folhas (cap XXIII)	Era essa paixão como o arbusto, que a geada despojou das folhas (cap XXIII)
iii	E com vem quem mostrar-se valente? (cap XII)	E com quem vem mostrar-se valente? (cap XII)

Nas três ocorrências de alteração de ordem em D, observamos que são casos em que o *copy-text* foi corrigido, com base em conjecturas do editor ou tipógrafo de D. Tanto a variante ii quanto a iii ocorrem em G e H tal como está em D, o que suscita duas hipóteses. A primeira é que D serviu de modelo para G e H e a segunda é que se trata de um erro óbvio em A e, por isso, a sua emenda decorre de fácil conjectura. Dessa forma, G poderia derivar diretamente de A. Outra hipótese seria que tanto D quanto G e H derivam de um mesmo testemunho perdido que continha o erro.

Tabela 12 — Casos de alteração de ordem no testemunho G

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO G
i	E com vem quem mostrar-se valente? (cap XII)	E com quem vem mostrar-se valente? (cap XII)
ii	não poderei hir ao menos hoje a casa da tia Umbelina... (cap XIV)	não poderei ao menos hoje ir á casa da tia Umbelina... (cap XIV)
iii	Ponderava-lhe demais, que uma vez ordenado, seu pae não duvidaria em restituir a Margarida as suas boas graças (cap XVIII)	Ponderava-lhe demais, uma vez ordenado, seu pae que não duvidaria em restituir a Margarida as suas boas graças (cap XVIII)
iv	Jeronymo procedia por pedido e especial recommendação de seus collegas de Congonhas (cap XVIII)	Jeronymo procedia por pedido especial e recommendação de seus collegas de Congonhas (cap XVIII)

Em ii e iv temos um caso em que a alteração de ordem interfere no sentido da frase. Em ii a ênfase em A está no verbo *ir*; no testemunho G no dia que o pedido foi feito, *hoje*. Em iii, o deslocamento de *que* altera o sujeito de *ponderava*. A alteração do lugar da conjunção *e* em iv coordena *pedido e especial recommendação* em A e *pedido especial e recommendação* em G.

Tabela 13 — Casos de alteração de ordem no testemunho H

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO H
i	E com vem quem mostrar-se valente? (cap XII)	E com quem vem mostrar-se valente? (cap XII)
ii	Era essa paixão como o arbusto, a que geada despojou das folhas (cap XXIII)	Era essa paixão como o arbusto, que a geada despojou das folhas (cap XXIII)

Ambos os casos de alteração de ordem no testemunho H também aparecem no testemunho D e G. Trata-se de casos em que o *copy-text* foi corrigido.

2.6.3 Omissão

A omissão é definida por Blecua (1983:20-1) como omissão de uma letra, uma sílaba, palavra ou frase de extensão variável, feita pelo copista, quando o elemento seguinte inicia ou termina de forma igual ou muito semelhante.

Nos casos coletados neste trabalho, a omissão ocorre quando uma palavra, um trecho ou até mesmo um parágrafo inteiro é suprimido, sem que essa supressão esteja, necessariamente, relacionada a outro elemento igual ou semelhante no texto. O que caracteriza as omissões é que ocorrem muitas vezes em passagens descritivas, com períodos

longos, em que o autor faz uso de adjetivações. Como diz Blecua (1983:48), a variação consciente da lição do modelo pode decorrer de causas muito variadas, tais como os hábitos de escrita do copista.

2.6.3.1 Omissão de palavras

A omissão de palavras ocorre quando um substantivo, um adjetivo, um pronome ou um verbo, por exemplo, são suprimidos nos testemunhos D, G, H e N. Por um lado, em alguns casos, como mostraremos a seguir, a omissão corrige o texto da edição príncipe, eliminando repetições. Por outro, a omissão pode alterar substancialmente o sentido do texto sem corrigi-lo.

Tabela 14 — Casos de omissão de palavras no testemunho D⁵⁰

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO D
i	que olhavam para aquelle excentrico e mysterioso collega com certa curiosidade cheia de respeito e admiração (cap. XV)	que olhavam para aquelle excentrico e mysterioso collega com certa curiosidade cheia de admiração (cap. XV)
ii	sua fronte altanada curvou-se a um profundo sentimento respeito de respeito e submissão (cap. XV)	sua fronte altanada curvou-se a um profundo sentimento de respeito e submissão (cap. XV)
iii	para ser um digno ministro da religião do Crucificado (cap. XV)	para ser um digno da religião do Crucificado (cap. XV)

Na tabela 14, vemos que a omissão em i e iii modifica o plano substantivo do texto, pois em i perde-se a noção de *respeito e admiração*, presente no olhar curioso dos colegas de Eugênio no seminário. Em iii, a posição eclesiástica é omitida, alterando a frase e o texto, uma vez que não se refere mais a um *digno ministro da religião do Crucificado*, mas, de forma geral, a um *digno da religião*, ou seja, um indivíduo religioso, um fiel e não um membro do clero. No segundo caso, a omissão corrige a lição da edição príncipe ao eliminar a repetição de *respeito*.

⁵⁰ Para levantamento exaustivo, cf. Anexo 1 – Tabela 3– Casos de omissão de palavras no testemunho D.

Tabela 15 — Casos de omissão de palavra no testemunho G⁵¹

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO G
i	tenho tanta vontade de ter tambem a minha vaquinha. (cap. I)	tenho tanta vontade de ter a minha vaquinha. (cap. I)
ii	Era ela uma matrona gorda e corada (cap. II)	Era uma matrona gorda e corada (cap. II)
iii	nem com quem quer que fosse (cap. VII)	nem com quer que fosse (cap. VII)
iv	cada vez mais se irritava a sua impaciencia (cap. XI)	cada vez mais se irritava a impaciencia (cap. XI)
v	investido de todas as ordens sacras e precedido de uma grande reputação de sabedoria (cap. XX)	investido de todas as ordens e precedido de uma grande reputação de sabedoria (cap. XX)

Nos exemplos acima, extraídos do testemunho G, há variantes que também ocorrem no testemunho I e podem indicar parentesco entre os dois, conforme veremos neste capítulo. No testemunho G, as omissões referem-se a advérbio, pronome sujeito, pronome relativo, pronome possessivo e substantivos. No exemplo i, a omissão do advérbio apaga a ênfase dada por Margarida ao dizer que gostaria de ter vacas, assim como Eugênio. No exemplo ii, o pronome sujeito, enfático, que foi excluído, é facilmente recuperável pelo contexto e a sua ausência não modifica o sentido do texto. A omissão do pronome relativo em iii parece ser fruto de erro de leitura, pois gera uma frase agramatical. Em iv, a supressão do pronome possessivo não deixa claro de quem era a impaciência, mas essa informação pode ser recuperada do contexto. Já em v, a omissão de *sacras* pode ter tido como motivação suprimir-se uma possível redundância da expressão *ordens sacras*, uma vez que se subentende pelo contexto que as ordens são sacras. Além disso, pode ser resultado da simplificação do texto.

Tabela 16 — Casos de omissão de palavra no testemunho H

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO H
i	com as vistas minuciosas e escrutadoras do artista (cap IV)	com as vistas minuciosas escrutadoras do artista (cap IV)
ii	para ser um digno ministro da religião do Crucificado (cap XV)	para ser um digno da religião do Crucificado (cap XV)
iii	A esta revelação Eugenio estava livido (cap XIX)	A esta revelação Eugenio, livido (cap XIX)
iv	uma mentira para illudir a Umbelina (cap XI)	uma mentira para illudir Umbelina (cap XI)

Na tabela 16, no exemplo i verifica-se que a omissão da conjunção *e* altera o sentido, de modo que as vistas do artista deixam de ser *minuciosas e escrutadoras*, para serem vistas minuciosas que são escrutadoras, embora em H a passagem torne-se ambígua e até agramatical. No exemplo ii, como já foi referido acima, ao suprimir *ministro* deixa-se de fazer

⁵¹ Para levantamento exaustivo, cf. Anexo 2 – Tabela 3 – Casos de omissão de palavra no testemunho G.

referência a um cargo eclesiástico, visto que qualquer praticante poderia ser visto como *um digno da religião do Crucificado*. Em iii, por sua vez, haveria duas possibilidades de interpretação da variante: a primeira, a omissão do verbo *estar* e a segunda, a substituição do verbo por uma vírgula. Com omissão ou substituição, o fato é que o texto não sofre modificação substancial. Em iv, a presença ou ausência do artigo definido não é igualmente alteração substancial, por ser facultativo antes de antropônimo. No entanto, o emprego do artigo pesa estilisticamente no contexto.

Tabela 17 — Casos de omissão de palavra no testemunho N

	TESTEMUNHO L	TESTEMUNHO N
I	Luciano Gaspar de Oliveira Faria e Andrade nunca mais há de cruzar a soleira (cap. XII)	Luciano Gaspar de Oliveira e Andrade nunca mais há de cruzar a soleira (cap. XII)
Ii	lhe proibimos pôr lá mais os pés (cap. XVI)	lhe proibimos pôr lá os pés (cap. XVI)
Iii	veio pelo menos dar-lhes um caráter menos sombrio (cap. XVII)	veio pelo menos dar-lhes caráter menos sombrio (cap. XVII)
Iv	os braços cruzados e a cabeça pendida sobre o peito (cap. XXII)	os braços cruzados e a cabeça sobre o peito (cap. XXII)

Entre os testemunhos da redação abreviada, também foram encontradas omissões de palavra. No exemplo i, há a omissão de parte do sobrenome de Luciano; uma motivação possível para o apagamento seria sua extensão, ou descuido na composição do texto. Em ii, o apagamento do advérbio *mais* não altera substancialmente o texto: reduz a ênfase na proibição imposta pelos pais de Eugênio sobre sua presença na casa de Umbelina e abrevia o texto. Em iii, por sua vez, a omissão do artigo *um* não altera o texto profundamente. Por fim, em iv, perde-se a informação sobre a especificação da posição da cabeça de Margarida ao receber a visita de Eugênio.

2.6.3.2 Omissão de trechos

Enquadram-se nesta categoria omissões de trechos textuais com mais de três palavras. Neste caso há omissões de frase, explicação, descrição, fala das personagens ou ainda de

comentários do narrador⁵². Não há ocorrências de omissão de trechos no testemunho D, apenas nos testemunhos G, H, I, L, e N.

Tabela 18 — Casos de omissão de trecho no testemunho G

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO G
i	Dahi aquella severidade e rigor para com seu filho , severidade e rigor que lhe não erão usuaes (cap X)	Dahi aquella severidade e rigor que lhe não eram usuaes (cap X)
ii	Era o negrume carregado de uma noite pezada, muda e funerea; de uma noite toldada, sem luz de estrellas nem lampejos de relampagos, sem rumorejos de harmonia, nem fragores de tempestade (cap XV)	Era o negrume carregado de uma noite pesada, muda e funerea; de uma noite toldada, sem luz de estrellas nem lampejos de harmonia, nem fragores de tempestade (cap XV)

No exemplo i vemos que a omissão de trecho é motivada pela repetição de *severidade*; trata-se, pois, de um caso de salto de igual para igual. O segundo exemplo altera o sentido do texto, de *lampejos de relampagos* para *lampejos de harmonia*. Também pode ser um caso de salto de igual para igual, devido à semelhança parcial entre *lampejos* e *rumorejos*.

Tabela 19 — Casos de omissão de trecho no testemunho H

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO H
i	Dahi aquella severidade e rigor para com seu filho , severidade e rigor que lhe não erão usuaes (cap. X)	Daqui aquella severidade e rigor que lhe não erão usuaes (cap. X)
ii	Se por fraco e pusillanime sou incapaz de combater, deveria nunca ter deixado a sombra do lar paterno , deveria nunca ter tomado estas sagradas insignias de soldado da Cruz. (cap. XXI)	Se por fraco e pusillanime sou incapaz de combater, deveria nunca ter tomado estas sagradas insignias de soldado da Cruz. (cap. XXI)

Assim como ocorre em G, foram coletados no testemunho H apenas dois casos de omissão de trecho. O primeiro caso também ocorre em G, e, como explicado anteriormente, parece decorrer da repetição de *severidade*, constituindo-se como um salto do igual ao igual. Este também é o mesmo tipo de omissão do exemplo ii, dessa vez pela repetição seguida, no mesmo parágrafo, do verbo *deveria*. Ao voltar os olhos para o modelo, o tipógrafo ou compositor teria visto apenas a segunda ocorrência do verbo, omitindo, deste modo, todo o trecho anterior: *deveria nunca ter deixado a sombra do lar paterno*.

⁵²O *Seminarista* é um romance narrado em terceira pessoa por um narrador onisciente, que em muitas passagens, conversa com seu leitor. Isso fica claro, por exemplo, no início do capítulo XII, quando pergunta ao seu leitor sobre a quatragem: “Sabe o leitor o que é quatragem?... Não sabe. É uma dança”.

Tabela 20 — Casos de omissão de trecho no testemunho N

	TESTEMUNHO L	TESTEMUNHO N
i	armando arapucas e esparrelas para apanhar pombas, sabiás, inhambus, saracuras e outros pássaros com que obsequiava a sua linda amiguinha , a qual com isto mostrava-se infinitamente satisfeita (cap. III)	armando arapucas e esparrelas para apanhar pombas, sabiás, inhambus, saracuras, a qual com isto mostrava-se infinitamente satisfeita (cap. III)
ii	tu és o anjo mau destinado a precipitar-me no abismo das torturas!...mas... que importa!...ah!... se continuasse a querer-me quem...sabe?...que valem sem ti o paraíso e todas as suas delícias? (cap. XIX)	tu és o anjo mau destinado a precipitar-me no abismo das torturas!...mas... sabe?... que valem sem ti o paraíso e todas as delícias? (cap. XIX)
iii	contra um inimigo indigno dele, contra uma mulher, que o fascinara com as aparências de um anjo, e que não era mais que larva imunda (cap. XIX)	contra um inimigo indigno de um anjo, e que não era mais que larva imunda (cap. XIX)
iv	Cala-te, Margarida!... Ai de mim! é agora que avalio a felicidade que perdi. Ah! perdão, perdão, meu Deus!... eu blasfemo! (cap. XXIII)	Cala-te, Margarida!... Ah! perdão, perdão, meu Deus!... eu blasfemo! (cap. XXIII)

As omissões de trecho no testemunho N alteram a compreensão do parágrafo. Em i, a omissão do verbo *obsequiava* e do seu complemento *a sua linda amiguinha*, deixa a oração seguinte (*a qual com isto mostrava-se infinitamente satisfeita*) sem sentido, uma vez que estaria subordinada a *amiguinha*. Em ii, a omissão das indagações de Eugênio sobre Margarida ainda permite compreender que o jovem seminarista estaria disposto a se relacionar com ela, ainda que pudesse sofrer os castigos divinos. Já a omissão de *suas* generaliza *delícias*. Em iii, o trecho omitido altera substancialmente o texto, dando à passagem sentido completamente diferente em L e em N. Descreve-se a luta que Eugênio trava contra o amor que sente por Margarida e sua decepção ao receber a falsa notícia de seu casamento. O inimigo (Margarida), referido como indigno de Eugênio, *uma mulher, que o fascinara com as aparências de um anjo*, passa ser *indigno de um anjo*. Em iv, omite-se a declaração de Eugênio sobre a felicidade que ele perdeu ao lado da amada e, desse modo, seu pedido de desculpas parece estar associado ao ato de pedir para Margarida calar-se.

2.6.3.3 Omissão de parágrafos

A omissão de parágrafos ocorre apenas nos testemunhos da família derivada de I. Essa variante corresponde a 19,84% dos casos de variação nesses testemunhos e altera

profundamente o plano substantivo do texto. Os parágrafos omitidos em I trazem descrições ou diálogos.

Ao omitirem-se esses parágrafos, alteram-se características da narrativa do romance, tornando-se impossível ao leitor recuperar o que foi excluído. A omissão de parágrafos incide diretamente sobre uma das principais características do estilo do autor, pois são suprimidos, sobretudo, trechos descritivos ou comentários autorais, que podem ter sido interpretados como supérfluos ou excessivos pelo tipógrafo ou editor do testemunho I.

Além de mudar o estilo da obra, a omissão dos parágrafos descritivos, que são os mais numerosos do romance, modifica a narrativa. É notável, no entanto, que, embora a fortuna crítica da obra tenha se baseado, na sua maior parte, em exemplares com a redação abreviada, o descritivismo seja assinalado como uma das principais características da obra de Bernardo Guimarães.

É importante observar que esse tipo de omissão localiza-se muitas vezes nas páginas iniciais dos capítulos. Interessa perguntar-nos sobre o que terá levado a excluírem-se esses parágrafos e não outros. Uma hipótese é a supressão de trechos cuja ausência não interferisse no desenrolar da trama do romance.

Comentários do narrador, quando se dirige ao leitor, foram também apagados. O mesmo ocorre quando a explicação é redundante, porque tratada anteriormente e retomada no trecho excluído.

A supressão de diálogos elimina aspectos que não podem ser recuperados pelo contexto. É o que ocorre quando se omitem os diálogos de Umbelina (mãe de Margarida), Luciano (pretendente de Margarida) e do amigo do capitão Antunes (amigo do pai de Eugênio), durante o mutirão, na casa de Umbelina. Nessa passagem, ocorre uma rusga entre Eugênio e Luciano, que fora preterido por Margarida, por causa do jovem seminarista. Vejamos a seguir a sequência dos diálogos excluídos no ramo estemático derivado de I:

- i. — Não, mas sou amigo d'elle e do pae. Se continúa a desfeiteal-o, tem de se haver commigo, já o disse, e torno a repetir... (cap. XII - §37)
- ii. — Não tem resultado nenhum, senhor Luciano; e que tenha, o senhor que tem com isso?... (cap. XII - §43)
- iii. — Eu nada, minha senhora; mas... a fallar-lhe a verdade, eu não desejava ver tão cedo a senhora como avó, e por semelhante maneira... (cap. XII - §44)

Em i, consta a fala de um amigo da família Antunes que tenta proteger Eugênio da briga com Luciano. Em ii e iii, há uma sequência omitida: primeiro a fala de Umbelina a respeito da curiosidade e insinuações de Luciano sobre Eugênio e Margarida, e, em seguida, a resposta de Luciano.

2.6.4 Junção e separação de parágrafos

Essas duas categorias foram definidas com base nas variantes encontradas ao cotejarmos os testemunhos. A junção é a fusão de dois ou mais parágrafos em um e a separação é o processo inverso, ou seja, um parágrafo é separado em dois ou mais. Trata-se de uma variante que incide sobre a estrutura formal do texto. Juntamente com a adição e a alteração de ordem, sua frequência é muito baixa, sendo computados menos de 10 casos. Poder-se-ia pensar que essa variante resulta de erro, por desatenção, que tenha causado a fusão dos parágrafos, ao comporem-se as páginas do livro. Ou, por outra, a variação na composição dos parágrafos pode originar-se de um rearranjo do texto, com a intenção de modificarem-se os parágrafos, fundindo-os ou separando-os. As passagens a seguir ilustram esse tipo de variação. O sinal § indica o início do parágrafo.

Tabela 21 — Caso de junção de parágrafo no testemunho D

TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO D
§ — Não o há sobre a terra...talvez mais renhida e encarniçada que a primeira § Hoje porem... e recua espavorido diante do inimigo? (cap. XVIII)	§ — Não o há sobre a terra...talvez mais renhida e encarniçada que a primeira. Hoje porém... e recua espavorido diante do inimigo? (cap. XVIII)

Tabela 22 — Caso de separação de parágrafo no testemunho G

TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO G
É verdade ... outr'ora. Ella lhe apparecia... e de sangue. (cap. V)	É verdade ... outr'ora. § Ella lhe apparecia... e de sangue. (cap. V)

Tabela 23 — Caso de junção de parágrafo no testemunho H

TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO I
§ — Não o há sobre a terra.... Que a primeira. §Hoje porem ...inimigo? (cap. XVIII)	§ — Não o há sobre a terra.... Que a primeira. Hoje porem ...inimigo? (cap. XVIII)

2.6.5 Reelaboração

Definimos a reelaboração com base na afirmação de D'Arco Silvio Avalle em seus *Principi di critica testuale* (1972:60-1) sobre o conceito de *rifacimento*:

Per rifacimento si intende di norma una rielaborazione sotto forma sia di adattamenti o aggiornamenti stilistici o linguistici, sia di collaborazione poetica, cui può andare soggetto un certo componimento ad opera di copisti, di imitatori dozzinali o addirittura di grandi scrittori.

Deste modo, podemos entender a reelaboração como um processo de adaptações ou atualizações, estilísticas ou linguísticas. Modificam-se, nesses casos, a forma e a substância do texto. Trechos ou parágrafos do romance são reescritos, conservando-se ou não o conteúdo da edição príncipe. A não-ocorrência de reelaboração nos testemunhos da família derivada de A evidencia a maior fidelidade dos testemunhos aos seus respectivos modelos. A ocorrência desse tipo de variante no testemunho I e em seus descendentes denota, porém, nítida tendência de reestruturação da obra. Os casos de reelaboração em I foram tratados em Souza (2012). Vejamos alguns exemplos a título de ilustração:

Tabela 24 — Casos de reelaboração no testemunho I

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO I
i	Ditas estas palavras, as duas mulheres acompanhadas da demais família forão-se recolhendo para casa, silenciosas e profundamente impressionadas por aquelle extraordinário incidente, que tornou-se por muitos dias o assumpto da conversação naquella casa. (cap. II)	O extraordinario incidente foi por muitos dias o assumpto da conversação naquella casa. (cap. II)
ii	Eugenio confuso e embaraçado olhava de esquelha para Margarida não ousando fital-a, e estava cheio de pasmo e de surpresa. Não contava com a mudança que quatro annos poderião operar no desenvolvimento da menina, e cuidava vir ainda encontrar pouco mais ou menos a mesma innocente e linda creança que deixara, assim como elle. (cap. VIII)	Eugenio confuso e embaraçado olhava de esquelha para Margarida não ousando fital-a, pasmo com a mudança que quatro annos puderam operar no desenvolvimento da menina, e cuidava vir ainda encontrar pouco mais ou menos a mesma innocente e linda criança que deixara pequena como elle (cap. VIII)
iii	Antunes cheio de indignação tomou de accordo com sua mulher a barbara resolução de enxotar de sua fazenda aquellas duas pobres e inoffensivas mulheres. (cap. XVI)	Antunes, cheio de indignação, tomou de accordo com sua mulher a resolução de expulsal-as da fazenda. (cap. XVI)

2.6.6 Substituição

Para Blecua (1983:25-30), trata-se de um fenômeno mais complexo que os outros. O autor classifica a substituição em onze categorias, das quais nos servirão as substituições por

sinônimos e por antônimos. Para o filólogo espanhol, é muito difícil esclarecer se os casos de sinonímia são erros ou inovações (BLECUA, 1983:25). A substituição ocorre habitualmente entre palavras e relaciona-se, de modo geral, a problemas cognitivos, de ordem semântica. No caso da obra em estudo, o fenômeno ocorre quando uma palavra ou um pequeno trecho é substituído por outro, sinônimo ou não. Como é possível observar tanto em I quanto em N, há pelo menos três tipos de substituição: i) por sinônimos com menos caracteres; ii) por vocábulos com grafia semelhante e significado diferente; e iii) por vocábulos com grafia e significado diferentes. Já nos testemunhos D, G e H, as substituições, muitas vezes, consistem em correções de erros tipográficos da edição príncipe, tais como *morido* por *marido*, *trista* por *triste*, *rapidamenta* por *rapidamente*, ou escolha de preposições *no* por *ao*, *de* por *do*, *a* por *em*, entre outros.

A diferença entre a reelaboração e a substituição decorre do tipo de modificação realizada: a reelaboração abrange passagens mais extensas do texto e incide sobre o conteúdo de todo o trecho. A substituição incide sobre a palavra ou, em poucos casos, segmentos de frase.

Tabela 25 — Casos de substituição no testemunho D⁵³

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO D
i	via-se, ha-de haver quarenta annos (cap. I)	via-se, ha-de haver sessenta annos (cap. I)
ii	O viandante, que por alli passasse, – ha cerca de quarenta annos (cap. II-)	O viandante, que por ali passasse, ha cerca de sessenta annos (cap. I)
iii	A comadre deve lembrar-se que foi uma serpente, que tentou nos a mãe Eva. (cap. II)	A comadre deve lembrar-se que foi uma serpente, que tentou nossa mãe Eva. (cap. II)
iv	até que um escravo chegando com um varapao veio dar cabo della (cap. II)	até que um escravo chegando com um varapão veio dar cabo della (cap. II)

Em i, a substituição altera o tempo em que se passa a narrativa, havendo uma diferença de vinte anos entre o tempo descrito na edição príncipe e o descrito pelo testemunho D. A mesma modificação é repetida em ii, indicando ser essa uma inovação planejada. No testemunho H a ocorrência é a mesma, o que pode indicar uma relação de parentesco entre esses testemunhos, visto que não se trata de um erro evidente, que poderia ocorrer independentemente em diversos testemunhos. Ao contrário, a alteração do tempo da história é uma variante precisa e que tem um grande peso na filiação entre os testemunhos, uma vez que torna o enredo incoerente, por haver incompatibilidade entre as datas referidas. Já o terceiro

⁵³ Para levantamento exaustivo, cf. Anexo 1 – Tabela 5 – Casos de substituição no testemunho D.

exemplo resulta de um possível erro tipográfico. Conforme vemos na figura 2, não há hífen entre o verbo *tentou* e *nos*, o que comprovaria haver um erro tipográfico ou de impressão em *nossa*, que passa a ser emendado no texto crítico.

Figura 2 — Erro tipográfico ou de impressão no testemunho A

Por fim, em iv, o testemunho D apresenta um erro tipográfico: substituição de *a* por *ã*.

Tabela 26 — Casos de substituição no testemunho G⁵⁴

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO G
i	outros tocando flauta, clarineta e outros instrumentos (cap. IV)	outros tocando flauta, clarinete e outros instrumentos (cap. IV)
ii	talvez aquella alma impressionavel e apaixonada (cap. V)	talvez aquella calma impressionavel e apaixonada (cap. V)
iii	as reprehensões e ameaças maternas viêrão dar maior vulto (cap. X)	as reprehensões e ameaças maternas viraram dar maior vulto (cap. X)
iv	não tinha o menor receio de ser preferido por quem quer que fosse (cap. XI)	não tinha o menor receio de ser preterido por quem quer que fosse (cap. XI)

No primeiro caso temos a substituição por um sinônimo, sendo *clarineta* uma forma mais antiga segundo Houaiss (2009), datada de 1836, ao passo que *clarinete* seria uma forma com primeira ocorrência registrada em 1873⁵⁵. As substituições feitas por palavras não-sinônimas alteram substancialmente o texto. Nos exemplos ii e iii ocorre a modificação de alguns caracteres, acréscimo de *c* e substituição de *-érão* por *-raram*, o que gera profunda alteração semântica no texto. No primeiro caso, passa-se de uma *alma impressionável* para uma *calma impressionável*. No segundo caso, o verbo *viraram* não faz sentido no contexto. A substituição de *preferido* por *preterido* altera completamente a cena em que Luciano discute com Eugênio. Luciano julga ser o companheiro ideal para Margarida e não teme ninguém, principalmente o jovem seminarista.

Tabela 27 — Casos de substituição no testemunho H

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO H
i	via-se, ha-de haver quarenta annos (cap. I)	via-se, há-de haver sessenta annos (cap. I)
ii	ha cerca de quarenta annos (cap. I)	ha cerca de sessenta annos (cap. I)

⁵⁴ Para levantamento exaustivo, cf. Anexo 2 – Tabela 7 – Casos de substituição no testemunho G.

⁵⁵ Essas datações podem mudar, se ocorrências mais antigas da palavra eventualmente forem descobertas.

iii	vossê ha-de ficar um padrinho bem bonitinho (cap. I)	vossê ha-de ficar um padrezinho bem bonitinho (cap. I)
iv	Tendo prendido os bezerros (cap. I)	Tenho prendido os bezerros (cap. I)

Conforme supracitado, os casos i e ii são os mesmos do testemunho G. Já os exemplos iii e iv são casos de substituição por sinônimos de grafia semelhante. As variantes *padrinho* e *padrezinho* seriam diminutivos de *padre*, ainda que as demais ocorrências do vocábulo *padrinho* em A estejam relacionadas ao “homem que acompanha alguém (ger. criança) em seu batizado ou em sua crisma, e assume a responsabilidade de cuidar de sua educação cristã”⁵⁶. A substituição de *tendo* por *tenho* em iv parece ser um erro tipográfico do testemunho H. A passagem não é um diálogo e não se justifica o uso de *tenho*, porque não há um sujeito enunciador desse verbo; trata-se de um trecho narrativo em terceira pessoa.

Tabela 28 — Casos de substituição no testemunho N

	TESTEMUNHO L	TESTEMUNHO N
i	onde pastava o gado (cap. I)	onde estava o gado (cap. I)
ii	Apre! ... como faz calor! (cap. VIII)	Arre! ... como faz calor! (cap. VIII)
iii	cada vez se irritava mais a impaciência (cap. XI)	cada vez se irritava mais a paciência (cap. XI)
iv	a alva casinha, o vargedo e os últimos topos das figueiras (cap. XVI)	a alva casinha, o arvoredo e os últimos topos das figueiras (cap. XVI)

Em i, há substituição do verbo *pastava* por *estava*. A modificação ocorre de um verbo mais específico para um mais geral. Em ii, as interjeições em um e outro testemunho são sinônimas, indicando aborrecimento. No exemplo iii, ocorre a substituição entre antônimos, provavelmente por erro tipográfico em N. Em iv, *vargedo*, isto é, conjunto de vargens, que são grandes extensões de terra plana, é substituído por *arvoredo*, isto é, extenso aglomerado de árvores em determinada área (s. v. Houaiss). São termos que retratam cenários completamente diferentes.

2.7 Estudo analítico das variantes

Além das categorias tipológicas propostas por Blecua, é possível realizar um estudo analítico das variantes considerando-se três categorias relacionadas a sua natureza linguística,

⁵⁶ CALDAS AULETE, 2014 (Disponível em <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 23/10/2016).

a saber: gramatical, lexical e textual⁵⁷. Fazem parte da categoria gramatical: pronomes, artigos, preposições e conjunções. A categoria lexical é composta por advérbios, substantivos, adjetivos e verbos. Por fim, são variantes textuais, as sequências compostas por mais de duas palavras. Este estudo analítico tem como objetivo delimitar quais categorias são mais acrescentadas ou omitidas no processo de transmissão da obra. Apontam-se tendências de redução, manutenção ou ampliação do texto e procura-se evidenciar quais seriam os padrões e a finalidade das alterações: proporcionar coesão ao texto, corrigi-lo ou modificá-lo.

Classificamos as variantes decorrentes do cotejo entre: a) o testemunho A e os testemunhos D, G, H, I; e b) os testemunhos I e N. A seguir apresentamos as tabelas com os totais de dados coletados.

Tabela 29 — Estudo analítico das variantes do testemunho D

CATEGORIAS / TIPOS DE VARIAÇÃO	ADIÇÃO	ALTERAÇÃO DE ORDEM	JUNÇÃO	OMISSÃO DE PALAVRA	SUBSTITUIÇÃO	TOTAIS
Gramatical	3	—	—	3	13	19 (32,75%)
Lexical	—	—	—	2	33	35 (60,34%)
Textual	—	3	1	—	—	4 (6,9%)

O testemunho D, como já dito anteriormente, faz parte do ramo da tradição da redação completa, em que há maior tendência de manutenção do texto integral. A partir do estudo analítico das variantes, nota-se que a categoria com maior frequência é a lexical (35/60,34%), seguida pela gramatical (19/32,75%) e a textual é a menos recorrente (4/ 6,9%). Entre os tipos de variação, a substituição é a mais frequente. O grande número de substituições parece confirmar a nossa hipótese de manutenção do texto, uma vez que, ao substituir-se efetua-se uma troca, mas mantém-se, na maior parte das vezes, o número de vocábulos. Contudo, notamos que muitas vezes há substituição por um vocábulo sinônimo com número inferior de caracteres ou ainda de termos mais cultos por outros mais coloquiais.

⁵⁷ Esta análise tem como base conferência intitulada *Crítica textual comparada: uma aplicação à tradição latino-românica do “Livro De Isaac”*, apresentada pelo Prof. Dr. César Nardelli Cambraia, no XXVII – Enanpoll, em 12/07/2012.

Tabela 30 — Estudo analítico das variantes do testemunho G

CATEGORIAS / TIPOS DE VARIAÇÃO	ADIÇÃO	ALTERAÇÃO DE ORDEM	JUNÇÃO	SEPARAÇÃO	OMISSÃO DE PALAVRA	OMISSÃO DE TRECHO	SUBSTITUIÇÃO	TOTAIS
Gramatical	6	2	—	—	7	—	20	35 (61,40%)
Lexical	—	—	—	—	2	—	14	16 (28,07%)
Textual	—	2	1	1	—	2	—	6 (10,52%)

Assim como os testemunhos D e H, G também faz parte do ramo da tradição que difundiu a redação completa do texto. O número total de variantes é quase o mesmo em relação ao do testemunho D. Em muitos casos, observamos mudanças que podem alterar bastante a edição príncipe, em substituições como *tratador* por *traidor*, por exemplo. Nesse testemunho, observamos a mesma tendência de manutenção do texto do testemunho D, o que se reflete no grande número de substituições de natureza gramatical e lexical, com 20 e 14 casos, respectivamente. O que podemos notar em relação a D, é que o número total de variantes gramaticais é maior (35), correspondendo a mais da metade dos casos, indicando, provavelmente, variantes que visam a coesão do texto.

Tabela 31 — Estudo analítico das variantes do testemunho H

CATEGORIAS / TIPOS DE VARIAÇÃO	ADIÇÃO	ALTERAÇÃO DE ORDEM	JUNÇÃO	OMISSÃO DE PALAVRA	OMISSÃO DE TRECHO	SUBSTITUIÇÃO	TOTAIS
Gramatical	5	—	—	7	—	29	41 (51,25%)
Lexical	2	—	—	2	—	29	33 (41,25%)
Textual	1	2	1	—	2	—	6 (7,5%)

Diferentemente dos testemunhos D e G, o testemunho H é o que apresenta o maior número de variantes dentro do ramo da tradição completa. A categoria de maior frequência é a gramatical, representando mais da metade dos casos de variação (41/ 51,25%), seguida pela lexical (33/ 41,25%). Já a variação textual apresenta poucos casos, apenas seis, que equivalem a 7,5% das variantes. É interessante notar que a substituição é o tipo de variação com mais casos: 29 gramaticais e 29 lexicais. Tanto a alteração de ordem, quanto a junção e a omissão de trecho mostraram-se menos frequentes. Nos casos de variação textual encontramos, por exemplo, dois casos que parecem ser motivados pelo salto de igual ao igual devido a repetição de palavras iguais no mesmo período.

Tabela 32 — Estudo analítico das variantes do testemunho I

COTEJO ENTRE OS TESTEMUNHOS A E I									
CATEGORIAS / TIPOS DE VARIAÇÃO	ADIÇÃO	ALTERAÇÃO DE ORDEM	PARAGRAFAÇÃO	OMISSÃO DE PALAVRA	OMISSÃO DE TRECHO	OMISSÃO DE PARÁGRAFO	SUBSTITUIÇÃO	REELABORAÇÃO	TOTAIS
Gramatical	9	—	—	21	—	1	20	—	51 (19,92)
Lexical	1	—	—	27	—	—	68	—	96 (37%)
Textual	—	4	7	3	53	23	1	18	109 (42,5%)

A partir do cotejo entre os testemunhos A e I, quantificamos as ocorrências considerando a sua categoria linguística e a tipologia das variantes. Os resultados indicam tendência a redução do texto, visto que as variantes textuais correspondem a 42,57% dos casos, sendo identificados 53 casos de omissão de trecho e 23 de omissão de parágrafo. As variantes de natureza lexical correspondem a 37,5% dos casos, caracterizados em sua maioria por omissões de palavras (27) e substituições (68). As variantes gramaticais, cujo número total de ocorrências é melhor, também aponta para a redução do texto, uma vez que há 21 casos de omissão de palavra e 20 de substituição frente a apenas 9 casos de adição.

Tabela 33 — Estudo analítico das variantes do testemunho N

COTEJO ENTRE TESTEMUNHO I E N						
	ADIÇÃO	PARAGRAFAÇÃO	OMISSÃO DE PALAVRA	OMISSÃO DE TRECHO	SUBSTITUIÇÃO	TOTAL
Gramatical	1	—	4	4	19	30 (30,92%)
Lexical	3	—	13	2	39	63 (64,95%)
Textual	—	1	—	3	—	4 (4,13%)

No testemunho N é possível identificar uma tendência de manutenção do texto, evidenciada pelo elevado número de variantes de natureza lexical (63/ 64,95%) e do baixo número de variantes textuais (4/ 4,13%). Em ambos os testemunhos, nota-se que as palavras acrescentadas são inversamente proporcionais às omitidas.

Considerando os dados apresentados, há na tradição completa uma tendência a manter o texto da redação príncipe, visto que há mais variantes de natureza gramatical e lexical e poucos casos de variação textual. Além disso, a categoria que mais apresentou variação foi a substituição, operação realizada para corrigir erros e também para alterar vocábulos da edição príncipe.

Em sentido oposto está a tradição da redação abreviada. No primeiro estágio da transmissão, ou seja, de A para I, há 109 casos de variação textual, sendo a omissão de trecho a mais frequente (53), seguida pela omissão de parágrafo (23) e reelaboração (18), esta última presente apenas neste ramo da tradição. Trata-se de duas categorias diretamente relacionadas à redução do texto. Entretanto, no segundo estágio de sua transmissão, de I para N, já não há mais a redução do texto, mas a sua manutenção, que é demonstrada pelos 63 casos de variantes lexicais frente aos quatro casos de variantes textuais.

Em linhas gerais, ao observamos os gráficos do estudo analítico de cada tradição, é possível perceber as tendências de manutenção e redução do texto. No gráfico 1, vemos que no ramo completo, o número total de variantes dos testemunhos D e G são próximos, mas há uma inversão de ocorrências das categorias lexical e gramatical entre eles, visto que no testemunho D há 35 variantes lexicais e 19 gramaticais, ao passo que em G há 16 variantes

lexicais e 35 gramaticais. Já o testemunho H apresenta um número total de variantes mais elevado, com a particularidade de ter 35 casos de variantes lexicais (número próximo ao do testemunho D) e 41 casos de variantes gramaticais (número próximo ao do testemunho G). O que permanece quase constante é a baixa ocorrência de variantes lexicais: 4, 6 e 6 nos testemunhos D, G e H, respectivamente.

Gráfico 1 — Estudo analítico das variantes do ramo completo

Gráfico 2 — Estudo analítico das variantes do testemunho abreviado

No ramo do testemunho abreviado é nítida a intenção de redução do texto devido ao número elevado de variantes textuais entre os testemunhos A e I (109), seguido pelas variantes lexicais (96) e gramaticais (51). Entre os testemunhos I e N verifica-se uma drástica redução no número de variantes textuais, o que indica a manutenção do texto. A proporção entre as variantes textual e lexical não é mais tão equilibrada quanto no testemunho I.

3 AS RELAÇÕES GENEALÓGICAS ENTRE OS TESTEMUNHOS DE *O SEMINARISTA*

3.1 A estemática lachmanniana e seus desdobramentos

A estemática surge com o trabalho de Karl Lachmann⁵⁸ e pretende estabelecer a relação genealógica entre os testemunhos. Lachmann foi o primeiro a propor esse método como uma abordagem sistemática, que auxiliaria na edição de textos. Suas ideias podem ser encontradas nas introduções de suas edições, como a de 1850, da obra de Lucrécio⁵⁹, e em alguns artigos⁶⁰, visto que Lachmann nunca escreveu uma obra teórica sobre crítica textual e edição de textos. Contudo, é Paul Maas quem apresenta de maneira formal o método de Lachmann na obra *Textkritik* (1927). Conforme abordamos no capítulo II, esse método é baseado nos conceitos de erros conjuntivos e separativos. A partir da verificação de erros conjuntivos e separativos, é estabelecido o estema da obra, em que se dispõem, genealogicamente, os testemunhos sobreviventes, o arquétipo e o original perdido. A maior parte dos estemas construídos a partir desse método são bífidos na sua parte alta, o que gerou questionamentos importantes de Joseph Bédier, em sua edição crítica do *Lai de l'Ombre*, feita com base na teoria do bom manuscrito⁶¹.

No entanto, o bédierismo não é um método amplamente aceito pelos editores críticos e muitas das ressalvas feitas a esse método conduzem a uma evolução do método lachmanniano, no que tange à forma de se entender a relação genealógica entre os testemunhos.

Um dos primeiros críticos ao método lachmanniano, Dom Henri Quentin, ressalta que o original do autor teria erros e, por essa razão, não poderia ser utilizado para agrupar os manuscritos, uma vez que os erros poderiam ser arquetípicos. Além disso, Quentin insistia em que o processo de recensão, se adequadamente aplicado, poderia resultar apenas no estabelecimento do arquétipo e não na reconstrução do original do autor, como era pretendido

⁵⁸Lachmann não é o primeiro a sugerir a existência de relações genéticas entre testemunhos. Erasmus em 1508 e Scaliger em 1552 discutiram que os manuscritos poderiam estar geneticamente relacionados (BORDALEJO, 2003:39).

⁵⁹LUCRETI. *De rerum natura*: libri sex. Reimer, 1850.

⁶⁰Über das Hildebrandslied. *Abhandlungen*, Berlim: Academia de Berlim, 11 de jun. 1830.

⁶¹A primeira edição de *Lai de l'Ombre* foi feita seguindo o método de Lachmann. Uma vez que Bédier descobre que muitos dos estemas produzidos a partir do método de Lachmann eram bífidos, ele questionou seu estema e decidiu reeditar *Lai de l'Ombre* a partir do bom manuscrito, aquele considerado o melhor manuscrito da tradição (a partir da avaliação da tradição textual e das relações entre os testemunhos), quase sem retoques (BORDALEJO, 2003: 44).

pelos seguidores de Lachmann (BORDALEJO: 2003, 42). Uma importante contribuição de sua parte é não mais pensar na noção de *erro* e adotar a noção de *variante*, que passa a ser incorporada em versões reformuladas do método de Lachmann.

A escola anglo-americana, por sua vez, tem como objetivo final compreender a *intenção autoral* (*authorial intention*)⁶², produzindo assim dois tipos de edição: edição documental (*documentary editing*) e edição crítica. A edição documental tem como característica editar e publicar o texto original sem muitas alterações feitas pelo editor crítico. Esse tipo de edição tem como objetivo a preservação do texto. A edição crítica, por sua vez, prepara um texto resultante do julgamento do editor, em pontos em que ocorrem lições questionáveis.

Segundo Bordalejo (2003:47), a escola intencionalista (*intentionalist school*), que deriva do trabalho de Greg, afirma que as intenções do autor são recuperáveis através de um processo que requer conhecimento da gênese do texto e de seus testemunhos relevantes, assim como do autor em questão. Tanselle (1978: 28), um dos seguidores dessa escola, apoia a ideia de que o autor é capaz de cometer erros e que esses erros devem ser corrigidos pelo editor⁶³.

Rumo a uma revisão do método genético está a Nova Estemática (*New Stemmatology*), que difere do método lachmanniano ao considerar a distribuição das variantes, ou seja, as concordâncias entre os manuscritos, independentemente de serem erros ou não. Essa teoria é criticada por Kane e Donaldson, que acreditam que nem todas as concordâncias nas lições não-originais são necessariamente uma evidência de relação genética.

Na edição do oitavo volume de *The Text of the Canterbury Tales*, Manly e Rickert usaram uma versão revisada do método de Lachmann que diferia radicalmente daquela descrita por Maas. Manly e Rickert consideraram em seu método os conceitos de grupo genético, grupo acidental (concordância por coincidência) e grupo-variante (*group-variant*) (BORDALEJO, 2003: 54).

Com os avanços da tecnologia computacional, é possível compor o estema a partir de uma análise mecânica de textos digitoscritos. Como é sabido, há softwares específicos que colacionam os textos (*Collatex*, *Donne Variorum*, *Juxta Commons*) e também há softwares que elaboram o estema.

⁶²“(...)what the editors believe the author finally intended for every aspect of the form and substance of the work at hand” (SCHACHTERLE, 2003-2004: 317).

⁶³ É necessário que o editor crítico esteja ciente que ele deve sinalizar essas correções de “deslizes” do autor em sua edição, evitando a *emenda silenciosa*, que impede que o leitor saiba o que foi alterado (TANSELLE, 1978:28).

Além da árvore feita à mão, originada no século XIX nos princípios do método de Lachmann, o editor crítico tem atualmente à sua disposição programas que realizam uma classificação automatizada através de uma proposta filogenética, que é a que mais se aproxima de um estema manual. São eles: *PAUP*, *STEMMA Project* e *SplitsTree*. Assim como o estema manual apresenta alguns problemas com relação a testemunhos contaminados, o mesmo acontece quando se usa um desses programas, como o *PAUP*, por exemplo. Há limitações em ambos os casos, mas a vantagem do método automatizado é o tempo para obter os resultados, sensivelmente mais rápido que no método manual.

3.2 Trajetória editorial e famílias redacionais

Conforme explicado no capítulo II, a tradição de *O Seminarista* divide-se em dois ramos de testemunhos, classificados a partir da extensão do texto apresentado: *ramo do texto completo* e *ramo do texto abreviado*. Pertencem ao ramo do texto completo os testemunhos que derivam da edição príncipe (testemunho A): B, C, D, E, F, G, H e J. Integram o ramo do texto abreviado os testemunhos que descendem do testemunho I: L, M e N. Esses testemunhos, nomeados alfabeticamente e em ordem cronológica, abarcam um longo período de publicações do romance. A análise dessa tradição evidencia que o texto da obra não permaneceu inalterado, mas passou por um processo de acentuada modificação. Após a aplicação do critério de eliminação dos testemunhos descritos (*eliminatio codicum descriptorum*), os ramos de ambas as famílias reduziram-se. O ramo do texto completo compõe-se dos seguintes testemunhos: A, D, G e H. O ramo abreviado, por sua vez, compõe-se dos seguintes testemunhos: I, L e N.

No capítulo anterior foram apresentados os erros e inovações na tradição abreviada. Denominamos como *erro* os *lapses tipográficos* e como *inovações* as modificações substantivas feitas ao texto. A identificação das inovações mais significativas servirá de guia para estabelecermos o parentesco existente entre os testemunhos que compõem a tradição da obra.

Além do critério cronológico, outros devem ser considerados na análise das relações genealógicas entre os testemunhos. Há, por exemplo, a influência de fatores externos, como possíveis relações comerciais, existentes entre editoras. Conforme mencionamos no capítulo II, tanto a Empresa Democratica quanto a Francisco Alves publicam o mesmo texto, inclusive com as mesmas características materiais: as capas das edições são idênticas, os caracteres

tipográficos são os mesmos, as medidas da mancha são iguais, assim como os erros tipográficos. Não descobrimos, porém, na literatura especializada qualquer relação entre essas casas editoriais, que se localizavam em estados diferentes, respectivamente Rio de Janeiro e São Paulo.

3.3 Os erros tipográficos

No item 2.4 do capítulo II, tratamos dos erros e inovações presentes na tradição abreviada. Chamamos a atenção para a diferença entre lição autêntica ou original e lição correta, uma vez que o autor é passível de cometer erros. Além de eventuais erros cometidos pelo autor, ou presentes na edição príncipe, em nosso cotejo, fica evidente o grande número de lições não-autorais presentes ao longo da tradição da obra.

Ao tentarmos estabelecer as relações genealógicas entre os testemunhos, é preciso considerar, além das variantes textuais, os lapsos tipográficos e a sua influência na transmissão do texto. Não há, em nenhum dos testemunhos de *O Seminarista* examinados, qualquer indicação sobre a edição que teria servido de modelo à edição examinada. Hipóteses a esse respeito só podem ser levantadas a partir da comparação entre os testemunhos.

Além das variantes substantivas, erros tipográficos causados, por exemplo, pelo salto do igual ao igual, ou salto bordão, e pelo empastelamento, são elementos fundamentais para corroborar as relações genealógicas entre os testemunhos da obra.

Primeiramente, considerando-se a família de A, os erros tipográficos são fundamentais para verificar que os testemunhos A e B possuem a mesma matriz tipográfica, o que justifica a eliminação de B, como testemunho *descriptus*.

Erros tipográficos nos testemunhos A e B

- i. cobertas sempre de **verdesp astage ns**, e marchetadas aqui e acolá (cap. IV)
- ii. Grupo das mulheres **ajoelhados** abaixo das grades (cap. IV)
- iii. **aquello** adoração calma e extatica (cap. V)
- iv. **um**afeição mundana (cap. X)
- v. Depois de ter volvido n'alma **todas tristas** e amargas reflexões, Eugenio exclamava (cap. XVII)

Em segundo lugar, a variação entre A e os demais testemunhos também é marcada por erros tipográficos. Vejam-se exemplos:

Tabela 34 — Casos de salto do igual ao igual e de empastelamento

CASOS DE SALTO DE IGUAL AO IGUAL		
i.	A lembrança de Margarida era já em sua alma essa saudade meiga e maviosa, que nos faz assomar aos lábios um triste sorriso através de uma chuva de lágrimas consoladoras, e não essa saudade amarga e pungente, que nos espreme o coração, e dele faz borbotar lágrimas de fel e de sangue. (testemunho A - cap. V)	A lembrança de Margarida era já em sua alma essa saudade meiga e maviosa, que nos espreme o coração, e delle faz borroso atravez de uma chuva de lagrimas consoladoras, e não essa saudade amarga e pungente, que nos espreme o coração, e delle faz borbotar lagrimas de fel e sangue. (testemunho I- cap. V)
ii.	Este diálogo era suspirado com voz trêmula e abafada entre comprimidos intervalos de soluços, carícias e beijos devorados entre lágrimas, e ninguém poderia adivinhar que fundas tristezas, que ansiosas e cruéis inquietações se exalavam (testemunho A - cap. XIV)	Este diálogo era suspirado com voz trêmula e abafada entre lágrimas, e ninguém poderia adivinhar que fundas tristezas, que ansiosas e cruéis inquietações se exalavam (testemunho I, L, N - cap. XIV)
iii.	Margarida, a pobre Margarida, via eclipsar-se para sempre e sem remédio a estrela de suas esperanças no seio de um fúnebre e sinistro negrume, que de mais em mais se condensava sobre sua cabeça . A alegria e o sossego fugiram daquela alma, onde a saudade e o pesar se aninharam para sempre. Ela via que os elementos revoltos só preparavam tempestades no horizonte de sua vida, e conspiravam de modo assustador para desunir dois destinos, que o céu parecia ter criado para se desenvolverem e se extinguirem ao lado um do outro, e não podia encarar sem horror esse futuro, onde a estrela de sua felicidade pálida e incerta vacillava à borda de um horizonte tenebroso. (testemunho A - cap. XVI)	Margarida, a pobre Margarida, via eclipsar-se para sempre e sem remedio a estrella de suas esperanças no seio de um funebre dade e o pezar se aninharam para sempre. Ela via que os ele- e sinistro negrume, que demais em mais se condensava sobre sua cabeça .A alegria e o socego fugiram daquela alma, onde a sau- mentos revoltos só preparavam tempestades no horizonte de sua vida, e conspiravam de modo assustador para desunir dois destinos, que o céu parecia ter creado para se desenvolverem e se extinguirem ao lado um do outro, e não podia encarar sem horror esse futuro, onde a estrella de sua felicidade pallida e incerta vacillava á borda de um horizonte tenebroso. (testemunho H - cap. XVI)
iv.	À medida que se ia aproximando da casa de Umbelina, à vista daqueles sítios, onde não havia uma árvore, uma restinga, que o não tivesse abrigado à sua sombra, uma vereda do bosque que não tivesse recebido o vestígio de seus passos , uma fonte ou arroio que não lhe tivesse lambido os pés ou umedecido os lábios sequiosos, ia-se cada vez mais exaltando na imaginação de Eugênio a viva e profunda impressão (...). (testemunho A - cap. IX)	À medida que se ia aproximando da casa de Umbelina, á vista daquelles sitios, onde não havia uma arvore, uma restinga, que o não tivesse recebido os vestigios de seus passos , uma fonte ou arroio que não lhe tivesse lambido os pés ou humedecido os labios sequiosos, ia-se cada vez mais exaltando na imaginação de Eugenio a viva e profunda impressão (...)(testemunho I, L, N - cap. IX)
v.	Via diante de si a incerteza do futuro, o inabalável emperramento de seus pais, que a todo o transe o queriam fazer padre , a sorte precária de Margarida, mal vista e repudiada por eles, pobre e frágil criatura exposta a todos os embates de um destino cruel, e a todas as seduções e azares de um mundo corrupto e libertino. (testemunho A - cap. XVII)	Via diante de si a incerteza do futuro, o inabalavel emperramento de seus dre , a sorte precária de Margaria, mal vista e repudiada por elles, pobre e fragil creatura exposta a todos os embates de um destino cruel e a todas as seducções e azares de um mundo corrupto e libertino. (testemunho I - cap. XVII)

Em i, há a repetição de “que nos”: “que nos faz assomar aos lábios” e “que nos espreme o coração”. Além disso, tem “borbo-” no início da palavra, de modo a dar a impressão de que houve um empastelamento⁶⁴, misturando, assim, “dele faz borbotar lágrimas de fel e de sangue” e “sorriso através de uma chuva de lágrimas consoladoras”, originando “que nos espreme o coração, e dele faz borbo- através de uma chuva de lágrimas consoladoras, e não essa saudade amarga e pungente, que nos espreme o coração e dele faz borbotar lágrimas de fel e de sangue”. Trata-se de um caso claro de erro tipográfico, ocasionado por um erro de leitura no modelo. Devido ao erro tipográfico em I, os testemunhos L e N passam a apresentar a seguinte lição: “A lembrança de Margarida era já em sua alma essa saudade meiga e maviosa, que nos espreme o coração, e dele faz borbotar lágrimas de fel e de sangue”, omitindo-se o trecho “que nos faz assomar aos lábios um triste sorriso através de uma chuva de lágrimas consoladoras, e não essa saudade amarga e pungente”.

Em ii, o salto do igual ao igual ocorre devido à repetição da preposição “entre” no mesmo período: “entre comprimidos intervalos de soluços, carícias e beijos devorados” e “entre lágrimas”. A proximidade entre a preposição proporciona um contexto favorável à omissão do trecho “entre comprimidos intervalos de soluços, carícias e beijos devorados”. No entanto, este é um dos casos de difícil identificação em que não é possível afirmar se houve um salto do igual ao igual ou se a omissão foi intencional.

Assim como os exemplos i e v, iii é um caso evidente de erro tipográfico, em que o trecho “e sinistro negrume, que de mais em mais se condensava sobre sua cabeça” é substituído pelo trecho “de um funebre dade e o pesar se aninharam para sempre. Ela via que os ele- e sinistro negrume, que demais em mais se condensava sobre sua cabeça”. O empastelamento aqui é mais evidente que em i por haver no meio do período partes de palavras soltas: “dade”, “sau” e “mentos”. A falta de revisão da prova tipográfica denota o descuido com o texto publicado, visto que esse caso seria facilmente corrigido se a prova tipográfica fosse revista.

A causa da omissão em iv não pode ser claramente identificada, pois pode resultar de um salto do igual ao igual, devido à repetição do trecho “que o não tivesse”, que apresenta uma leve variação na primeira ocorrência devido ao pronome oblíquo “o”. O motivo da omissão também poderia ser a proximidade do pronome “que” no mesmo período. Em todo caso, após a omissão do trecho “que o não tivesse abrigado à sua sombra, uma vereda do

⁶⁴ “Amontoado confuso de caracteres tipográficos”. (FARIA & PERICÃO, 2008: 278).

bosque”, a leitura do período não é prejudicada, de modo que, na ausência do texto completo para consulta, o leitor que tiver contato apenas com o testemunho em que houve a omissão não desconfiará que o texto foi modificado nesse período.

Por fim, o exemplo v evidencia um erro tipográfico, cometido provavelmente ao compor-se a matriz tipográfica do livro. O fato de o trecho omitido localizar-se na última linha da página favorece a má leitura do modelo: a palavra que deveria abrir a nova página, “pais”, deve ter sido confundida com “padres”, devido à sílaba inicial “pa”. Contudo, a nova página inicia-se com “dre”, excluindo-se o trecho “pais, que a todo o transe o queriam fazer padre”.

Como evidenciam os exemplos acima analisados, fica claro que os testemunhos H, I, L e N apresentam muitos erros desse tipo. No entanto, nem todos os erros foram transmitidos pelos testemunhos do ramo abreviado. A não transmissão de todos os erros pelos testemunhos indica que pode ter havido mais de um modelo textual para os testemunhos abreviados. Os casos i, iii e v, por exemplo, não aparecem em outros testemunhos do ramo, mas, devido à sua natureza, eles não poderiam ser emendados com base apenas no testemunho I, visto que esse testemunho traz má composição da matriz tipográfica. A dúvida que se coloca, portanto, é saber quais são as fontes do ramo abreviado.

3.4 A relação genealógica entre os testemunhos: uma proposta de *stemma codicum*

Embora os testemunhos da família A reproduzam o *copy-text*, foram identificados lugares críticos que nos levam a questionar A como modelo. A lição genuína, “quarenta”, que situa cronologicamente a história narrada no romance, e a não-genuína, “sessenta”, reproduzida pelos testemunhos D e H, não poderia ter ocorrido de maneira isolada nos dois testemunhos. Supomos, portanto, que D seja modelo de H, devido a sua data de publicação. Outros lugares críticos ajudam a esclarecer melhor as relações existentes entre os testemunhos:

Tabela 35 — Lugares críticos

	A	D	G	H	I	L	N
i	quarenta	sessenta	quarenta	sessenta	quarenta	quarenta	quarenta
ii	asseada	asseada	asseada	asseada	nova	nova	nova
iii.	padrinho	padrinho	padrinho	padrezinho	padrinho	padrinho	padrinho

iv.	pitorescas selvas	pitorescas selvas	pitorescas selvas	pitorescas selvas	pitorescos bosques	pitorescos bosques	pitorescos bosques
v.	alma	alma	calma	alma	calma	calma	calma
vi.	vaporoso	vaporoso	vaporoso	vaporoso	pavoroso	pavoroso	pavoroso
vii.	porrete	prodígio	prodígio	prodígio	prodígio	prodígio	prodígio
viii.	beberreiras	bebedeiras	bebedeiras	bebedeiras	bebedeiras	bebedeiras	bebedeiras
ix.	expansão	expansão	expansão	expansão	explosão	explosão	explosão
x.	auras	auras	auras	auras	auroras	auroras	auroras
xi.	fútil	fútil	útil	fútil	útil	útil	útil
xii.	gosto	gosto	gesto	gosto	gesto	gosto	gosto
xiii.	levantava- se	levantava- se	levantava- se	levantava- se	levantava- se	levanta-se	levanta-se

Entre os treze lugares críticos selecionados como significativos dentro da tradição da obra, somente dois separam claramente o ramo do texto completo: “sessenta”, nos testemunhos D e H, e “padrezinho”, em H. A ocorrência de “sessenta” apenas no testemunho H é uma evidência de que D lhe serviu de modelo, visto que não se trata de um erro óbvio ou de uma conjectura feita a partir do próprio texto. Já a ocorrência de “padrezinho” apenas em H, indica uma lição terminal e demonstra que esse testemunho não serviu de modelo para nenhum dos demais testemunhos examinados. Dentro da tradição estudada, H é último testemunho a publicar o texto completo.

No ramo do texto abreviado, encontram-se cinco lugares críticos que apontam para I como modelo. Esses lugares críticos não poderiam ser considerados como emendas ao ramo completo, mas sim como inovações. Nesse conjunto, há casos de inovação que pertencem ao mesmo campo semântico da lição de A (*selva* x *bosque*), ainda que não sejam sinônimos. Os demais casos possuem um significado totalmente diferente da lição que substituem. Algumas variantes são exclusivas dos testemunhos L e N (*levanta-se*).

Entre os dois ramos da tradição, identificam-se cinco lugares críticos que os separam nitidamente, o que aponta para uma direção diferente daquela imaginada a princípio. Inicialmente, acreditávamos que o testemunho A, e apenas ele, teria servido de modelo para o testemunho I. Contudo, ao observarmos alguns dos lugares críticos encontrados durante a colação, percebemos que I reproduz algumas das lições não-genuínas do testemunho G (*calma*, *útil* e *gesto*). Essas correspondências indicam que I descende de G e não de A.

Corroborar essa hipótese a data de publicação de G: há entre a publicação de G e I um intervalo de oito anos, ao passo que entre A e I, o intervalo é de 59 anos.

Há ainda variantes que separam o *copy-text* de todos os outros testemunhos da tradição. Como essas variantes foram transmitidas a toda a tradição, a lição genuína perdeu-se para o leitor atual e conserva-se exclusivamente na edição príncipe. A variante “bebedeiras” pode ser um sinônimo ou uma emenda não-autoral de “beberreiras”, forma não-dicionarizada, mas pertencente ao campo semântico de *ação ou resultado de embriagar-se*. A variante “prodígio” difere completamente de “porrete”. Esta forma tem entre outras acepções a de “aquilo que surte efeito, é decisivo na solução de um problema (diz-se esp. de remédio)”, conforme o *Novíssimo Aulete – dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Contudo, a forma “prodígio”, com a acepção de *maravilha*, é a que se difunde por toda a demais tradição.

O testemunho I, que dá origem à redação abreviada, não deve descender diretamente de A. Essa hipótese confirma-se por meio do cotejo de I com os demais testemunhos da tradição. O testemunho I reproduz tanto lições genuínas quanto não-genuínas, além de trazer inovações. Dentre as lições não-genuínas há “prodígio”, em variação com a lição genuína “porrete”, que aparece apenas no testemunho A. Os demais testemunhos reproduzem a lição não-genuína, que aparece pela primeira vez no testemunho D. Trata-se de um caso em que não é possível pensar em conjecturas isoladas, pois não se trata de erro óbvio. Deste modo, por ser uma lição presente nos testemunhos D, G e H e ausente em A, podemos descartar A como seu modelo. Sobrariam ainda três testemunhos que poderiam servir como modelo.

Dentro da família de I, as relações entre os testemunhos parecem ser mais evidentes. Percorrendo os testemunhos que integram esse conjunto, é possível notar que L reproduz o texto de I, o qual teria servido como modelo para a edição.

O cotejo entre os testemunhos L e N revela 30 lugares críticos, sendo 21 casos de substituição e 9 de omissão. Os casos de substituição relacionam-se, em sua maioria, com a troca por vocábulos de grafia semelhante. O testemunho L teria servido de modelo para o testemunho N, conservando a grande maioria de suas lições e apresentando novas variantes.

Considerando o que foi exposto, propomos a seguinte relação genealógica entre os testemunhos:

- a) A dá origem ao ramo do texto completo;
- b) I dá origem ao ramo abreviado;
- c) D serve de modelo para H;
- e) G serve de modelo para I;

- f) I é o modelo de L;
- g) L é o modelo de N.

Com base nessa proposta, formula-se o seguinte estema para a tradição de O Seminarista:

Figura 3 — Estema de *O Seminarista*

Conforme o estema proposto, o testemunho D descende de A e H reproduz as lições de D. H tem lugares críticos pontuais que não são transmitidos a nenhum testemunho da tradição, o que indica que não serviu de modelo a nenhum dos demais testemunhos estudados. Ocupa, portanto, uma posição terminal no estema.

O testemunho G transmite o texto A, mas modificado por variantes significativas (*gesto* e *útil*), que são reproduzidas apenas pelo testemunho I, e, em alguns casos, transmitidas aos demais testemunhos do ramo do texto abreviado. O que temos denominado *ramo abreviado* inicia, portanto, em I, e não na extremidade do ramo que descende de A. G ainda contém a redação longa, mas já traz variantes que o colocam como ponto de origem da família de testemunhos abreviados. Os lugares críticos mais relevantes indicam que é plausível que I descenda de G, havendo em I erros tipográficos (que dão origem a uma lição aparentemente correta), interpretações (substituições decorrentes de uma banalização do modelo) e má leitura. Como é possível notar a partir dos lugares críticos apresentados, I reproduz e transmite lições de G, como também apresenta inovações próprias (*nova*, *auroras* e *explosão*) que são, por sua vez, transmitidas aos testemunhos L e N.

4 DESCRIÇÃO DOS TESTEMUNHOS, NORMAS E APARATO CRÍTICO

Para a realização de um texto crítico, a partir de uma perspectiva lachmanniana, seguem-se três etapas: a *recensio*, a *constitutio textus* e *dispositio textus*. Este capítulo concentra-se, inicialmente, em uma das etapas da *recensio*: a descrição bibliográfica dos testemunhos. Seguem-se dois tópicos referentes à *dispositio textus*: as normas de edição e os critérios de elaboração do aparato crítico.

A edição de *O Seminarista*, que compõe o capítulo V desta tese, visa a oferecer ao leitor o texto da edição príncipe, criticamente preparado, assim como as modificações sofridas pelo texto ao longo de sua transmissão entre 1872 e 1949. A edição que preparamos não tem como objetivo exclusivamente a apresentação do texto original estabelecido conforme os critérios da Crítica Textual, mas também revelar ao leitor, por meio do aparato crítico, as variantes não-genuínas da obra que circularam, e ainda circulam, entre o público. Procuramos reconstituir, dessa forma, parte da trajetória editorial da obra, além de observar e analisar as variantes que circularam entre o público leitor de diferentes épocas.

4.1 Os testemunhos: descrição bibliográfica

A partir da busca de testemunhos que compõem a tradição direta de *O Seminarista*, foram localizados um total de treze testemunhos. Esse conjunto é composto pela edição príncipe, fonte da transmissão da redação completa, e os testemunhos do ramo da tradição da redação abreviada. Conforme explicamos no capítulo II, desse total de testemunhos, sete integram o estabelecimento do texto crítico.

Segue a lista dos testemunhos da obra que servem de base para a edição crítica. Indicamos, inicialmente, a sigla atribuída a cada testemunho, seguida pela editora e pela data de publicação.

A – B. L. Garnier (1872)

D – Empreza Democratica (1899)

G – H. Antunes (1923)

H – Jornal do Brasil (1928)

I – Civilização Brasileira (1931)

L – Livraria Martins (1944)

N – Livraria Martins (s.d.)

Os testemunhos foram descritos a partir de critérios da Bibliografia Material (BOWERS, 1949). A descrição bibliográfica é de grande valia para determinar, por exemplo, a datação do testemunho, quando não há indicações, através de informações sobre a editora, a saber: endereço, gráfica utilizada, lista de livros publicados, catálogos. Foi a partir dessa descrição que conseguimos estabelecer as datações dos testemunhos da Garnier, e após analisá-los, realizar a *eliminatio codicum descriptorum*.

Nossa descrição baseia-se em Bowers⁶⁵ (1949), especificamente quanto aos elementos para a descrição de livros do século XIX.

Na descrição, foram considerados os seguintes itens⁶⁶:

- **Identificação.** Nome do autor; título da obra; nome do editor; local de publicação; nome da editora e data de publicação (CAMBRAIA, 2005:30).
- **Folha de rosto.** Para Bowers (1949:135), inicialmente deve-se transcrever a folha de rosto. Trata-se do primeiro item de qualquer descrição bibliográfica. O objetivo de transcrevê-la é fornecer toda a informação necessária para a comparação com qualquer cópia individual, a fim de confirmar sua identidade ou estabelecer a variação.
- **Imprenta.** É a declaração do nome do editor, do livreiro, do tipógrafo, o local e a data de publicação, ou ainda a combinação de todos esses itens. Quando a imprenta aparece na folha de rosto, muitos bibliógrafos a transcrevem como parte do título. É frequentemente transcrita no conteúdo, mas pode ser transcrita após o título, sob a denominação de *Imprenta especial* (BOWERS, 1949:172 e 429). Neste trabalho, empregamos apenas o termo *Imprenta*.
- **Formato.** É considerado a base para a investigação bibliográfica da variação de impressão. Caso o formato seja estabelecido, este deve figurar de acordo com os símbolos utilizados para descrever livros antigos, como in-4°, in-8°, in-12°, in-16°. Se o formato for desconhecido, deve ser omitido (BOWERS, 1949:429).
- **Tamanho.** Após o formato, ou como seu substituto, pode ser colocada a medida da folha entre parênteses⁶⁷ (BOWERS, 1949:430).

⁶⁵Bowers (1949: 427-53), na sua obra *Principles of Bibliographical Description*, enumera diversos itens que devem ser observados e descritos nos livros. Todavia, não será considerada a “collational formula”, fórmula de paginação e folha, visto que, para os nossos objetivos, os itens utilizados dão conta da descrição.

⁶⁶Quando não houver informação a respeito de um dos itens, o mesmo não constará na descrição.

- **Colofão**⁶⁸. Pode ser encontrado na última página de uma seção, ou ainda no final do volume, depois de tabelas e índices. Sua transcrição deve seguir os mesmos princípios da folha de rosto (BOWERS, 1949:185).
- **Conteúdo**. Assegura ao leitor bibliográfico que a variação no conteúdo não ocorre sem causar efeito sobre a estrutura. Transcrevem-se adequadamente títulos ou texto e fornece ao estudante de literatura os conteúdos do texto com certos detalhes (BOWERS, 1949:438).
- **Tipografia**. Deve-se colocar a medida da mancha⁶⁹ e, em seguida, uma breve descrição dos tipos, quando for possível identificá-los. A melhor maneira é anotar o número de linhas do texto numa página padrão, seguido pela medida da página: altura x largura (BOWERS, 1949:445-46).
- **Encadernação**. O primeiro item descrito deve ser o material da capa, que, juntamente a sua cor, será descrito o mais precisamente possível. A capa deve ser descrita com as suas ornamentações e os conteúdos de maneira “quase-facsimile”. Em seguida, devem ser descritas as laterais, as dobras das páginas, cor, marca d’água, etc. (BOWERS, 1949:446-447).

Além desses itens, outros foram analisados, tendo como base Cambraia (2005:30): suporte material, particularidades, exemplar examinado e descrições prévias:

- **Suporte material**. Microfilme, tipo de papel, formato eletrônico, etc.
- **Exemplar examinado**. Cota e nome da instituição detentora.
- **Descrições prévias**. Bibliografia.

Para a descrição dos testemunhos, a fim de simplificar a transcrição, foram utilizadas as seguintes siglas:

c.i.e. = canto inferior esquerdo

c.i.d. = canto inferior direito

⁶⁷Ao discorrer sobre o tamanho, Bowers (1949:430) discute a respeito de qual unidade de medida usar: polegada, centímetros ou milímetros. Adotaremos milímetros por ser uma unidade métrica mais precisa.

⁶⁸“Transcrição do dístico final de um livro que contém informações sobre o autor, o tipo de edição, o lugar e a data da publicação da obra. Diz-se também da informação fornecida pelos tipógrafos sobre o lugar e a data da impressão e que, regra geral, aparece no final da obra. O colofão funciona, portanto, como emblema de um editor, também conhecido por *imprint*, quando aparece na capa de um livro” (CEIA, Carlos. “Colofão” in *E-Dicionário de termos literários*. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/C/colofao.htm>>. Acesso em: 20/10/2009.)

⁶⁹“Conjunto de linhas impressas na página ou parte da página que é impressa. Pode ser em uma só medida ou em duas ou mais colunas; caixa de escrita; mancha do texto” (FARIA & PERICÃO, 2008:476).

c.s.e. = canto superior esquerdo
 c.s.d. = canto superior direito
 f.g. = folha de guarda
 f.f.g. = falsa folha de guarda
 f.r. = folha de rosto
 f.f.r = falsa folha de rosto
 v.f.f.g. = verso da falsa folha de guarda
 v.f.f.r. = verso da falsa folha de rosto

Iniciamos pela descrição do *copy-text*, o testemunho A, e seguimos com a apresentação dos demais testemunhos, conforme a ordem cronológica de publicação.

Testemunho A: B. L. Garnier, 1872

GUIMARÃES, Bernardo. *O Seminarista*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1872.

O | SEMINARISTA | ROMANCE BRASILEIRO | POR | B. GUIMARÃES | – | RIO DE JANEIRO | B.L. GARNIER | LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTÓRICO | 69, Rua do Ouvidor, 69.

Imprenta: (capa) RIO DE JANEIRO| B. L. GARNIER| LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO| 69, Rua do Ouvidor, 69.

(v.f.f.r.): TYP. FRANCO-AMERICANA, rua da Ajuda n. 18.

(p. *cclix*): TYP. FRANCO-AMERICANA, rua d'Ajuda, 18 – 1872.

Formato: 122 x 77 mm⁷⁰.

Suporte material: microfilme.

Colofão: (p. *cclx*) TYP. FRANCO-AMERICANA, rua d'Ajuda, 18 – 1872.

Conteúdo: (v. capa) ‘Obras que se achão á venda na mesma Livraria’ [29 títulos divididos em quatro seções de acordo com os autores. Dispostos em duas colunas. Inicia-se com ‘O Ermitão do Muquem’, de Bernardo Guimarães e termina em ‘Luciola’, de G.M.]. (p. *i. f. f. r.*) título do livro no centro da página. (p. *ii v. f.f.r.*) ‘Obras do mesmo autor’ [5 títulos. Inicia-se com ‘Historias e Tradicções da Provincia de Minas-Geraes’ e termina

⁷⁰Como o livro foi consultado em microfilme, retiramos as medidas de LIMA (2000:144).

com ‘Poesias. Cantos da solidão’]. Na parte inferior da página | TYP. FRANCO-AMERICANA, rua da Ajuda, n. 18. | (p. *iii*) f.r.. (p. *iv* – v.f.r.) Em branco, anotações manuscritas e carimbo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. (p. 5) texto, encabeçado pelo título do livro, seguido pela indicação do capítulo ‘I’. (p. 14) em branco. (p. 15) texto encabeçado ‘II’. (p. 25) texto encabeçado ‘III’. (p. 35) texto encabeçado ‘IV’. (p. 46) em branco. (p. 47) texto encabeçado ‘CAPITULO V’. (p. 57) texto encabeçado ‘CAPITULO VI’. (p. 67) texto encabeçado ‘CAPITULO VII’. (p. 78) em branco. (p. 79) texto encabeçado ‘CAPITULO VIII’. (p. 90) em branco. (p. 91) texto encabeçado ‘CAPITULO IX’. (p. 106) em branco. (p. 107) texto encabeçado ‘CAPITULO X’. (p. 118) em branco. (p. 119) texto encabeçado ‘CAPITULO XI’. (p. 129) texto encabeçado ‘CAPITULO XII’. (p. 139) texto encabeçado ‘CAPITULO XIII’. (p. 148) em branco. (p. 149) texto encabeçado ‘CAPITULO XIV’. (p. 158) em branco. (p. 159) texto encabeçado ‘CAPITULO XV’. (p. 169) texto encabeçado ‘CAPITULO XVI’. (p. 178) texto encabeçado ‘CAPITULO XVII’. (p. 187) texto encabeçado ‘CAPITULO XVIII’. (p. 200) em branco. (p. 201) texto encabeçado ‘CAPITULO XIX’. (p. 211) texto encabeçado ‘CAPITULO XX’. (p. 220) em branco. (p. 221) texto encabeçado ‘CAPITULO XXI’. (p. 230) em branco. (p. 231) texto encabeçado ‘CAPITULO XXII’. (p. 240) em branco. (p. 241) texto encabeçado ‘CAPITULO XXIII’. (p. 253) texto encabeçado ‘CAPITULO XXIV’. (p. 258) depois do texto. FIM. (p. *cclix*) 37 títulos à venda pela editora divididos pelos autores, totalizando 16 divisões. Dispostos em duas colunas. Inicia-se com ‘Contos Fluminenses’ de Machado de Assis e termina em ‘Julia’ de Octavio Feuillet. (p. *cclx*) 30 títulos à venda pela editora divididos pelos autores, totalizando em 23 divisões. Dispostos em duas colunas. Inicia-se em ‘O Marquez de Pombal’ de Cl. Robert e termina em ‘Por causa de Maria Pataca’ de J. A. Ribeiro de Rezende. Abaixo da lista, imprensa com data de publicação.

Tipografia: 1 coluna. 26 linhas.

Encadernação: capa de brochura. [ornamento] BERNARDO GUIMARÃES | – | O | SEMINARISTA | ROMANCE BRASILEIRO | – | RIO DE JANEIRO | **B. L. GARNIER** | LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTÓRICO | 69, Rua do Ouvidor, 69 | (parte interna da capa) ‘Obras que se achão á venda na mesma Livraria’ [29 títulos divididos em quatro seções de acordo com os autores. Inicia-se com ‘O

ermitão do Muquem’, de Bernardo Guimarães e termina em ‘Luciola’, de G.M.] | contracapa em branco .

Particularidades: (capa) anotação manuscrita no c.s.d. ‘10-87’ (p. i) anotação manuscrita na parte superior da folha ‘80, 2, 31’. (p. iii) anotação da data manuscrita logo abaixo da imprensa ‘[1872]’. Na parte inferior da página, carimbo da Bibliotheca de F.R. Paz – Rio. (p. iv) Em branco, anotações manuscritas e carimbo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro no c.i.e.. (p. 33) anotação manuscrita e carimbo da BN no lado esquerdo logo abaixo do texto. (p. 257) é numerada ‘27’.

Exemplar examinado: BN OR 392 [3].

Notas: Ao contrário do que afirma LIMA (2000:145), trata-se sim de um exemplar datado. A datação está no colofão, localizado na página *cclx*.

Descrições prévias: NOGUEIRA DA SILVA *apud* GUIMARÃES, 1941:8. LIMA, 2000:144-5.

Testemunho D: Empreza Democratica, 1899

GUIMARÃES, Bernardo. *O Seminarista*. Rio de Janeiro: Empreza Democratica, 1899.

Bernardo Guimarães | O SEMINARISTA | — | ROMANCE BRASILEIRO- | RIO DE JANEIRO | Empreza Democratica Editora | — | 1899.

Imprensa: (f.r.) RIO DE JANEIRO | Empreza Democratica Editora | — | 1899.

Formato: 133 mm x 76 mm⁷¹.

Suporte material: microfilme.

Conteúdo: (f.g.) título. (v.f.g.) em branco. (f.r.) Folha de rosto. (v.f.r.) em branco, anotações manuscritas e carimbo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. (p. 5) ornamento, texto encabeçado pelo título do livro, seguido pela indicação do capítulo ‘I’. (p. 12) texto encabeçado ‘II’. (p. 20) texto encabeçado ‘III’. (p. 27) texto encabeçado ‘IV’. (p. 36) texto encabeçado ‘V’. (p. 43) texto encabeçado ‘VI’. (p. 51) texto encabeçado ‘VII’. (p. 59) texto encabeçado ‘VIII’. (p. 68) texto encabeçado ‘IX’. (p. 80) texto encabeçado ‘X’. (p. 88) texto encabeçado ‘XI’. (p. 96) texto encabeçado ‘XII’. (p.

⁷¹Devido à consulta em microfilme, retiramos esta informação de LIMA, 2000: 149.

104) texto encabeçado 'XIII'. (p. 111) texto encabeçado 'XIV'. (p. 118) texto encabeçado 'XV'. (p. 126) texto encabeçado 'XVI'. (p. 133) texto encabeçado 'XVII'. (p. 140) texto encabeçado 'XVIII'. (p. 150) texto encabeçado 'XIX'. (p. 158) texto encabeçado 'XX'. (p. 165) texto encabeçado 'XXI'. (p. 177) texto encabeçado 'XXII'. (p. 179) texto encabeçado 'XXIII'. (p. 188) texto encabeçado 'XXIV'. (p. 192) depois do texto 'FIM'.

Tipografia: 1 coluna. 33 linhas. 125 mm x 75mm⁷².

Encadernação: capa dura, na cor marrom, meio lombo em couro na cor preta. No lombo, em letras douradas, lê-se 'B. GUIMARÃES — O SEMINARISTA'.

Particularidades: (v.f.r.) anotações manuscritas referentes ao número de guarda. (p. 5) anotação manuscrita no c.s.e. 'B.P. | 19-3-52' | Ex. 2'.

Exemplar examinado: FBN I-313, 5, 21.

Descrições prévias: NOGUEIRA DA SILVA *apud* GUIMARÃES, 1941:8. LIMA, 2000: 149.

Testemunho G: H. Antunes, 1923.

GUIMARÃES, Bernardo. *O Seminarista*. Rio de Janeiro: H. Antunes & Cia, 1923.

Bernardo Guimarães | — | O SEMINARISTA | — | ROMANCE BRASILEIRO | desenho de três flores | H. ANTUNES & C. | RUA BUENOS AYRES N. 185 | Rio de Janeiro | — | 1923 (anotações manuscritas a lápis referentes ao número de chamada do exemplar no c. e.).

Imprenta: (capa) LIVRARIA | ANTUNES & C^A | RIO DE JANEIRO.

(f.r.) H. ANTUNES & C. | RUA BUENOS AYRES N. 185 | Rio de Janeiro | — | 1923.

Formato: 191 mm x 132 mm.

Suporte material: cartáceo.

Conteúdo: (p. i f.g.) título do livro. (p. ii v.f.g.) em branco. (p. iii f.r.) folha de rosto. (p. iv v.f.r.) em branco. carimbo da biblioteca da Faculdade de Letras da UFRJ. (p. 5) ornamento. título do livro. texto encabeçado 'I'. (p. 10) texto encabeçado 'II'. (p. 15) texto encabeçado 'III'. (p.20) texto encabeçado 'IV'. (p. 25) texto encabeçado 'V'. (p. 30) texto encabeçado 'VI'. (p. 35) texto encabeçado 'VII'. (p. 40) texto encabeçado

⁷²Tamanho deduzido a partir do exemplar da Francisco Alves, considerando-se as semelhanças entre as edições.

‘VIII’. (p. 45) texto encabeçado ‘IX’. (p. 52) texto encabeçado ‘X’. (p. 57) texto encabeçado ‘XI’. (p. 62) texto encabeçado ‘XII’. (p. 67) texto encabeçado ‘XIII’. (p. 72) texto encabeçado ‘XIV’. (p. 76) texto encabeçado ‘XV’. (p. 81) texto encabeçado ‘XVI’. (p. 86) texto encabeçado ‘XVII’. (p. 91) texto encabeçado ‘XVIII’. (p. 97) texto encabeçado ‘XIX’. (p. 102) texto encabeçado ‘XX’. (p. 107) texto encabeçado ‘XXI’. (p. 112) texto encabeçado ‘XXII’. (p. 117) texto encabeçado ‘XXIII’. (p. 123) texto encabeçado ‘XXIV’. (p. 125) depois do texto ‘FIM’.

Tipografia: 1 coluna, 45 linhas. 135 mm x 86 mm.

Encadernação: capa dura, não original, em percalux, cor preta. Na capa, em letras douradas, há o nome do autor seguido pelo título do livro. Capa original em brochura conservada, com ilustração colorida, de duas crianças ao lado de um riacho, cercadas por árvores. Em vermelho, no alto da página, está o nome do autor, logo abaixo, em amarelo, o título da obra. No c.i.e. a imprenta. (contracapa) 'LIVROS Á VENDA NA | LIVRARIA H. ANTUNES & Cia.' [listagem com 28 obras, iniciando por ‘Historias e Sonhos’, de Lima Barreto e terminando com ‘O Garimpeiro’, de Bernardo Guimarães].

Exemplar examinado: UFRJ B869.333 S471 1923.

Descrições prévias: MAGALHÃES, 1926:137-8. NOGUEIRA DA SILVA *apud* GUIMARÃES, 1941:8. LIMA, 2000:150-1.

Testemunho H: Jornal do Brasil, 1928

GUIMARÃES, Bernardo. *O Seminarista*. Rio de Janeiro: Oficinas Graphicas do ‘Jornal do Brasil’, 1928.

B. GUIMARÃES | O SEMINARISTA | ornamento | OFFICINAS GRAPHICAS | DO “JORNAL DO BRASIL” | RIO DE JANEIRO | — | 1928.

Imprenta: (capa) SUPPLEMENTO ROMANTICO | DO | JORNAL DO BRASIL | N.º 14.

(f.r.) OFFICINAS GRAPHICAS | DO “JORNAL DO BRASIL” | RIO DE JANEIRO | — | 1928.

Formato: 205 mm x 145 mm.

Suporte material: cartáceo.

Conteúdo: (p. i f.r.) folha de rosto. (p. ii v.f.r.) em branco. (p. 3) ornamento. texto encabeçado 'I'. (p. 7). texto encabeçado 'II'. (p. 11). texto encabeçado 'III'. (p. 15). texto encabeçado 'IV'. (p. 20). texto encabeçado 'V'. (p. 25). texto encabeçado 'VI'. (p. 29). texto encabeçado 'VII'. (p. 34) texto encabeçado 'VIII'. (p. 38) texto encabeçado 'IX'. (p. 45) texto encabeçado 'X'. (p. 50) texto encabeçado 'XI'. (p. 54) texto encabeçado 'XII'. (p. 58) texto encabeçado 'XIII'. (p. 62) texto encabeçado 'XIV'. (p. 66) texto encabeçado 'XV'. (p. 70) texto encabeçado 'XVI'. (p. 74) texto encabeçado 'XVII'. (p. 78) texto encabeçado 'XVIII'. (p. 84) texto encabeçado 'XIX'. (p. 88) texto encabeçado 'XX'. (p. 92) texto encabeçado 'XXI'. (p. 96) texto encabeçado 'XXII'. (p. 100) texto encabeçado 'XXIII'. (p. 105) texto encabeçado 'XXIV'. (p. 108) depois do texto 'FIM'. (contracapa) 'Suplemento Romantico do Jornal do Brasil' [listagem dos 14 volumes publicados pelo Jornal do Brasil. Inicia-se com 'Diva', de José de Alencar e termina com 'O Seminarista', de Bernardo Guimarães].

Tipografia: 1 coluna, 33 linhas. 150 mm x 95 mm.

Encadernação: brochura na cor marrom, nome do autor e título do livro cercados por ornamentos.

Exemplar examinado: pertencente à autora.

Descrições prévias: NOGUEIRA DA SILVA *apud* GUIMARÃES, 1941:8. LIMA, 2000:151.

Testemunho I: Civilização Brasileira, 1931.

GUIMARÃES, Bernardo. *O Seminarista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1931.

BERNARDO GUIMARÃES | O SEMINARISTA | Este romance, que remonta ao século dezanove e se mantém actualíssimo, revela o vigor descriptivo do famoso romancista mineiro. | Historia commovedora de um coração, hesitante entre a vocação do claustro e o amor. | CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA EDITORA | Rio de Janeiro 1931.

Imprensa: (capa) Civilização Brasileira.

(f.r.) CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA EDITORA | Rio de Janeiro 1931.

Formato: 151,4 mm x 85 mm⁷³.

Suporte material: microfilme.

⁷³Devido à consulta em microfilme, retiramos esta informação de LIMA, 2000: 149.

Conteúdo: (p. i f.r.) folha de rosto. (p. ii v.f.r.) em branco. Anotações manuscritas referentes ao número de chamada do exemplar e carimbo da 'Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro'. (p. 3) texto encabeçado 'I'. (p. 8) texto encabeçado 'II'. (p. 15) texto encabeçado 'III'. (p. 21) texto encabeçado 'IV'. (p. 29) texto encabeçado 'V'. (p. 37) texto encabeçado 'VI'. (p. 44) texto encabeçado 'VII'. (p. 51) texto encabeçado 'VIII'. (p. 59) texto encabeçado 'IX'. (p. 70) texto encabeçado 'X'. (p. 78) texto encabeçado 'XI'. (p. 84) texto encabeçado 'XII'. (p. 90) texto encabeçado 'XIII'. (p. 97) texto encabeçado 'XIV'. (p. 103) texto encabeçado 'XV'. (p. 111) texto encabeçado 'XVI'. (p. 117) texto encabeçado 'XVII'. (p. 124) texto encabeçado 'XVIII'. (p. 133) texto encabeçado 'XIX'. (p. 140) texto encabeçado 'XX'. (p. 146) texto encabeçado 'XXI'. (p. 153) texto encabeçado 'XXII'. (p. 160) texto encabeçado 'XXIII'. (p. 168) texto encabeçado 'XXIV'. (p. 172) depois do texto 'FIM'.

Tipografia: 1 coluna. 33 linhas.

Encadernação: brochura, com ilustração colorida de um casal sentado, lendo um livro em um banco embaixo de uma árvore, em um ambiente rural. O rapaz está vestido de azul e a moça de vermelho. Nome do autor, em versalete, cor marrom com contorno amarelo alinhado à direita, na parte superior da capa. Título do livro em duas linhas pouco acima do centro da capa, também em versalete, cor marrom com contorno amarelo alinhado à direita. Tamanho da fonte é maior do que a do nome do autor. Na parte inferior, no canto esquerdo, lê-se o nome da editora em versalete, cor marrom. Na contracapa, em cor azul, no c.s.e., lê-se o nome da editora alinhado à esquerda. Em quadro que ocupa o centro da contracapa, há uma listagem intitulada 'Edições dos grandes | autores' [sete títulos, iniciando-se em 'As Minas de Prata', de José de Alencar, terminando em 'A mulher de trinta annos', de H. Balzac]. Abaixo do quadro, no c.i.e., há o valor que era comercializado '2\$500'. Uma linha abaixo, no c.i.d., alinhado à direita, há o endereço da livraria 'Rua Lavradio, 160 | RIO DE JANEIRO'. No parte inferior da contracapa, alinhado à esquerda, há o endereço da tipografia 'Typ. Cupolo – Lad. Santa Ephigenia, 21 – S. Paulo'.

Particularidades: (f.r.) carimbo da 'Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro'.

Exemplar examinado: BN I - 309,5,3.

Descrições prévias: NOGUEIRA DA SILVA *apud* GUIMARÃES, 1941:8. LIMA, 2000:151.

Testemunho L: Livraria Martins, 1944

GUIMARÃES, Bernardo. *Quatro Romances (O Ermitão de Muquém, O Seminarista, O Garimpeiro, O Índio Afonso)*. São Paulo: Livraria Martins, 1944.

[ornamento] BERNARDO GUIMARÃES | ★ | Quatro Romances | O ERMITÃO DE MUQUÉM | O SEMINARISTA | O GARIMPEIRO | O ÍNDIO AFONSO | ★ | 1944 | LIVRARIA MARTINS EDITORA | SÃO PAULO.

Imprensa: (capa) Livraria Martins Editora.

(f.r.) 1944 | LIVRARIA MARTINS EDITORA | SÃO PAULO.

Formato: 210 mm x 140 mm.

Suporte material: cartáceo.

Colofão: (v. contracapa) ★ Este livro foi composto e impresso | nas oficinas da Empresa Gráfica da | “Revista dos Tribunais” Ltda., à rua | Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo, | para a Livraria Martins Editôra, em maio de 1944.

Conteúdo: (f.g.) nome do autor seguido pelo título do livro. (f.r.) folha de rosto. (p. 133) título do livro. (p. 134) em branco. (p. 135) texto encabeçado ‘I’. (p. 138) texto encabeçado ‘II’. (p. 142) texto encabeçado ‘III’. (p. 146) texto encabeçado ‘IV’. (p. 151) texto encabeçado ‘V’. (p. 155) texto encabeçado ‘VI’. (p. 160) texto encabeçado ‘VII’. (p. 164) texto encabeçado ‘VIII’. (p. 169) texto encabeçado ‘IX’. (p. 176) texto encabeçado ‘X’. (p. 181) texto encabeçado ‘XI’. (p. 185) texto encabeçado ‘XII’. (p. 188) texto encabeçado ‘XIII’. (p. 192) texto encabeçado ‘XIV’. (p. 196) texto encabeçado ‘XV’. (p. 201) texto encabeçado ‘XVI’. (p. 205) texto encabeçado ‘XVII’. (p. 209) texto encabeçado ‘XVIII’. (p. 215) texto encabeçado ‘XIX’. (p. 219) texto encabeçado ‘XX’. (p. 223) texto encabeçado ‘XXI’. (p. 227) texto encabeçado ‘XXII’. (p. 231) texto encabeçado ‘XXIII’. (p. 237) texto encabeçado ‘XXIV’. (p. 240) em branco. (v. contracapa) colofão.

Tipografia: 1 coluna. 42 linhas. 162 mm x 98 mm.

Encadernação: brochura, cor branca. Nome do autor e título impressos em azul marinho. No alto, acima da ilustração, título ‘Quatro Romances | de | BERNARDO GUIMARÃES’. Abaixo, os títulos: ‘O ERMITÃO DE MUQUÉM | O SEMINARISTA | O GARIMPEIRO | O ÍNDIO AFONSO |’ e na margem inferior, o nome da editora: ‘LIVRARIA MARTINS EDITORA’.

Particularidades: No alto das páginas pares há o nome do autor e nas ímpares, o título do livro.

Exemplar examinado: IEB HL 869.9333 G963g.

Descrições prévias: GRAVATÁ, 1970:8. LIMA, 2000:102.

Testemunho N: Livraria Martins, [s.d.]

GUIMARÃES, Bernardo. *Quatro Romances (O Ermitão de Muquém, O Seminarista, O Garimpeiro, O Índio Afonso)*. São Paulo: Livraria Martins, [s.d.].

[ornamento] BERNARDO GUIMARÃES | ★ | Quatro Romances | O ERMITÃO DE MUQUÉM | O SEMINARISTA | O GARIMPEIRO | O ÍNDIO AFONSO | ★ | LIVRARIA MARTINS EDITORA | SÃO PAULO.

Imprenta: (capa) Livraria Martins Editora.

Formato: 210 mm x 140 mm.

Suporte material: cartáceo.

Colofão: (v.f.g.) Êste livro foi composto e impresso nas oficinas | da Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais” Ltda., | à rua Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo, para a Livraria| Martins Editora.

Conteúdo: (f.g.) nome do autor seguido pelo título do livro. (v.f.g.) colofão. (f.r.) folha de rosto. (p. 131) título do livro. (p. 132) em branco. (p. 133) texto encabeçado ‘I’. (p. 136) texto encabeçado ‘II’. (p. 140) texto encabeçado ‘III’. (p. 144) texto encabeçado ‘IV’. (p. 149) texto encabeçado ‘V’. (p. 153) texto encabeçado ‘VI’. (p. 158) texto encabeçado ‘VII’. (p. 162) texto encabeçado ‘VIII’. (p. 167) texto encabeçado ‘IX’. (p. 174) texto encabeçado ‘X’. (p. 179) texto encabeçado ‘XI’. (p. 183) texto encabeçado ‘XII’. (p. 186) texto encabeçado ‘XIII’. (p. 191) texto encabeçado ‘XIV’. (p. 194) texto encabeçado ‘XV’. (p. 199) texto encabeçado ‘XVI’. (p. 203) texto encabeçado ‘XVII’. (p. 207) texto encabeçado ‘XVIII’. (p. 213) texto encabeçado ‘XIX’. (p. 217) texto encabeçado ‘XX’. (p. 221) texto encabeçado ‘XXI’. (p. 225) texto encabeçado ‘XXII’. (p. 229) texto encabeçado ‘XXIII’. (p. 235) texto encabeçado ‘XXIV’. (p. 238) em branco.

Tipografia: 1 coluna. 42 linhas. 162 mm x 98 mm.

Encadernação: brochura, com ilustração colorida de R. Z. No alto, acima da ilustração, título ‘Quatro Romances | de | BERNARDO GUIMARÃES’. Abaixo da ilustração, os títulos ‘~ O ERMITÃO DE MUQUÉM ~ O SEMINARISTA ~ | ~ O GARIMPEIRO ~ O ÍNDIO AFONSO ~’ e o nome da editora. Na lombada, há indicação do volume do exemplar ‘3’, seguido pelo nome do autor ‘BERNARDO | GUIMARÃES’, título ‘QUATRO | ROMANCES | O Ermitão | de Muquém | O seminarista | O Garimpeiro | O Índio Afonso’, e coleção ‘COLEÇÃO | EXCELSIOR’.

Particularidades: No alto das páginas pares há o nome do autor e nas ímpares, o título do livro.

Exemplar examinado: pertencente à autora.

4.2 Aparato crítico: critérios de preparação

O aparato crítico é parte fundamental da edição crítica, porque nele são registradas todas as variantes do texto. Cabe, inicialmente, ao editor escolher se o aparato será positivo ou negativo. O primeiro tipo de aparato registra tanto as variantes rejeitadas como as lições aceitas no texto crítico. O segundo tipo de aparato registra somente as variantes rejeitadas no texto crítico. Nesse caso, são transcritas no aparato as lições não-genuínas. Em nossa edição utilizaremos o aparato negativo. Situamos o aparato na margem direita do texto, a fim de facilitar a correspondência visual imediata com o lugar do texto em que ocorre a lição variante.

Antes de tratarmos da notação do aparato bem como das normas e critérios de edição, descrevemos as características do aparato crítico proposto por Bowers, o qual foi utilizado como modelo nas edições críticas da CEAA, e sintetizamos o importante estudo intitulado *Some Principles for Editorial Apparatus*, de Tanselle (1972)⁷⁴.

Logo no início do artigo, Tanselle (1972:42) deixa claro que não há nada na teoria de Greg que indique a necessidade da utilização de aparato. Segundo o autor, as edições críticas produzidas na época, a partir da teoria de Greg, apresentam uma lista similar de categorias no aparato. Tratam-se de informações importantes que devem figurar em edições críticas independentemente dos princípios seguidos para o estabelecimento do texto.

⁷⁴Conforme explicitamos no capítulo II, seguimos a teoria do *copy-text* de Greg para a escolha do texto de base e, para o estabelecimento do aparato, consideramos as observações de Tanselle (1972) e Bowers (1953). São estudos fundamentais para a edição e a apresentação do texto impresso.

Como bem observa Tanselle (1972:41-2), alguns tipos de aparato são determinados, em parte, pelo propósito da edição. Se uma edição for politemunhal, em seu aparato devem vir anotadas as lições variantes. Para Tanselle, a natureza do aparato é determinada pelas decisões que estão por trás do estabelecimento do texto, tais como a teoria que fundamenta a escolha do *copy-text*.

Ao falar dos tipos existentes de aparato e dos aspectos que o integram, Tanselle começa a tratar das edições críticas do século XIX, cuja prática editorial era listar em notas de rodapé as lições variantes (*variant readings*), normalmente uma seleção daquelas consideradas mais significativas, e notas discursivas dispostas no final da edição⁷⁵. Em seguida, o autor cita o novo modelo de aparato estabelecido em 1904 com a edição de *Nashe*, por McKerrow. Posteriormente, em *Prolegomena for the Oxford Shakespeare* (1939), McKerrow refina e elabora seu procedimento discutindo em detalhes a forma que ele considerava que deveria ter um aparato crítico. A posição do aparato continua a mesma: dois conjuntos de rodapé (lições variantes e informações linguístico-históricas), mas com a adição da discussão sobre os símbolos e a maneira de empregá-los em cada entrada da lição variante. Por fim, a publicação em 1953 do primeiro volume da edição crítica de Dekker feita por Bowers, é vista por Tanselle (1972:43) como um evento muito importante, na medida em que influencia a forma dos aparatos críticos daquele período. A grande contribuição de Bowers foi separar a lista de variantes em diversas partes, a saber: apenas as lições substantivas são marcadas no rodapé; as lições acidentais são reunidas numa lista separada ao fim do texto; outras duas listas, no fim da edição, organizam as variantes de imprensa (*press-variants*) e as variantes substantivas anteriores a 1700 (*pre-1700 editions*) denominadas colação histórica (*historical collation*)⁷⁶.

A adoção do modelo de aparato de Bowers pelas edições do Centro de Edição para Autores Americanos (CEAA) indica a adesão de um novo padrão de aparato nas edições críticas acadêmicas para obras do século XVI e posteriores. Conforme esse padrão, o aparato contém os seguintes quatro elementos: a) conjunto de notas discursivas; b) lista de emendas ao *copy-text*; c) registro da hifenização no final da linha (*line-end hyphenation*) e d) colação

⁷⁵É exemplo desse procedimento a seguinte edição: William Aldis Wright's *Cambridge Shakespeare* (1863).

^{76cc}(...) only substantive departures from the copy-text were recorded in footnotes; the departure in accidentals were then gathered into a separate list at the end of the text; and two more lists at the end dealt with press-variant formes and with substantive variants in other pre-1700 editions ('historical collation')" (TANSELLE, 1972:43).

histórica (*historical collation*). Acompanham esses elementos um ensaio que explana a história do texto e a escolha do seu *copy-text*.

Os itens supracitados são o foco da análise do artigo de Tanselle, que trata ainda da disposição (*arrangement*) do aparato e dos símbolos (*symbols*) a serem empregados. Falaremos a seguir sobre cada um deles e quais são os mais importantes para a nossa edição.

O primeiro elemento tratado por Tanselle é a disposição do aparato, primeira decisão a ser tomada ao se fazer uma edição crítica. Há uma prática editorial nas edições de autores americanos de apresentar o texto livre do aparato, o que é chamado de *clear text*. Como justificativa para essa prática, há duas razões: a primeira refere-se ao estabelecimento do texto, cuja responsabilidade é do editor. É função do editor publicar um texto confiável a partir de um conjunto de princípios. A segunda justificativa é a facilidade de citar e reimprimir o *clear text*. Segundo Tanselle, a inserção do aparato crítico no texto se justificaria no caso de edição de cartas, diários ou cadernos de notas.

Em nossa edição, optamos pelo oposto do que propõe Tanselle: o aparato está localizado na mesma página do texto, na margem direita, justaposto à variante no texto. Seguimos nesse aspecto edições críticas de textos literários em língua portuguesa. São exemplo as edições críticas de autores brasileiros publicadas pelo Instituto Nacional do Livro durante as décadas de 1960 a 1980, como as de Machado de Assis organizadas pela Comissão Machado de Assis. Nessas edições, o aparato localiza-se no rodapé, antecedido pela numeração do parágrafo em que ocorre a variante e a sigla do testemunho que a contém. Outro fator que contribuiu com a nossa forma de elaborar o aparato crítico é a própria natureza da edição: não se trata da reconstituição de um original ausente e sim da edição de um original presente. No entanto, voltamos a nossa atenção não só para o texto estabelecido, mas também para um aparato crítico que registra as modificações textuais ocorridas durante a trajetória editorial de *O Seminarista*.

Além da importância da posição do aparato crítico em si, é necessário estabelecer a ordem dos elementos apresentados no aparato. Nesse sentido, Tanselle (1972:52) afirma que o importante é que essas informações estejam presentes e não que sejam apresentadas numa determinada ordem. Ele cita como a disposição mais comum as emendas em primeiro lugar, devido à sua importância imediata, registrando as alterações feitas no *copy-text*. Contudo, considerando todos os elementos que compõem o aparato, o padrão sugerido por ele é (1) notas sobre o texto; (2) emendas; (3) hifenização no final da linha (*line-end hyphenation*) e (4) colação histórica (*historical collation*). Outra parte essencial é um ensaio descrevendo os

princípios editoriais adotados, a história do texto e quaisquer problemas que surgiram na aplicação dos princípios.

Após esse panorama, fica evidente a diferença entre o aparato crítico para a teoria norte-americana e para a teoria neolachmanniana. Todos os elementos que constituem a introdução crítico-filológica, à exceção das lições rejeitadas, nas edições neolachmannianas, são partes constituintes de todo o aparato quando tomada por base a bibliografia norte-americana. Nesse sentido, fica claro o porquê da defesa da publicação do texto estabelecido enquanto *clear-text*, visto que todos esses elementos reunidos na página do texto crítico dificultariam a sua leitura.

Em nossa edição, o aparato, apresentado na margem direita do texto, será composto apenas pelas modificações surgidas ao longo da transmissão do original, as quais circularam, inadvertidamente, entre o público leitor.

Os símbolos estão relacionados à nomeação dos testemunhos utilizados na edição e também a conceitos abstratos e relações (*abstract concepts e relationships*). Segundo Tanselle (1972:56), praticamente toda edição utiliza símbolos e abreviaturas. Um dos principais motivos é a economia, de modo que, se um editor faz referência a dezenas de vezes a uma determinada edição publicada numa determinada época e lugar, é senso comum que ele deva criar uma forma concisa de fazer essa referência. Contudo, como problematiza Tanselle, a maneira como o símbolo ou abreviatura são criados deve levar em conta o leitor e a sua facilidade de retenção da informação. Se o número de símbolos é múltiplo, a ponto de dificultar que o leitor retenha a informação e tenha de consultar constantemente a lista que os identifica, todo o sistema deve ser repensado. Significa dizer, em outras palavras, que o símbolo que permite uma fácil consulta, referência e compreensão é um bom símbolo. Caso não tenha essas características, o símbolo deve ser eliminado.

Ao longo do texto, Tanselle discute a nomeação dos testemunhos, seja quanto a sua ordem cronológica (utilizando-se letras do alfabeto ou números) seja quanto à construção de um símbolo que contenha informações relacionadas à edição e que possa ser memorizado. No segundo caso, é possível a combinação do país de edição com o ano de publicação. A indicação de publicação através do formato do exemplar (para textos anteriores à invenção da imprensa) e edições publicadas no mesmo ano podem ter uma indicação suplementar para diferenciá-las. Conforme o autor, é um erro querer incluir no símbolo todas essas informações ao mesmo tempo, visto que cabe ao símbolo fornecer uma referência não ambígua e cabe ao

editor decidir então qual parte da informação sobre a edição tornará o símbolo mais útil para uma dada situação. Desse modo, o autor conclui que o ajuste mais óbvio a se fazer seria eliminar a nomeação por formato e usar números consecutivos ou letras. Um sistema mnemônico, por outro lado, poderia ser menos simples, mas se ele mostra-se menos pesado, isto é, sem todas as informações sobre país, editora, ano de publicação, e o leitor consegue lembrar numerosos símbolos sem dificuldades pode ser vantajoso do ponto de vista da impressão. Os símbolos utilizados para conceitos abstratos (*abstract concepts*) e relações (*relationships*), e não para documentos concretos ou impressões, deveriam ser em um número o mais baixo possível. O autor exemplifica com dois símbolos que são utilizados de forma recorrente em edições daquele período e que se referem à variação na pontuação: (~) para palavra citada anteriormente e (^) para ausência de pontuação em determinado local do texto.

Na edição de *O Seminarista*, há duas categorias em que utilizamos símbolos. Em primeiro lugar, para a nomeação dos testemunhos coletados, optamos pelo critério cronológico, utilizando as letras do alfabeto de forma consecutiva. Essa decisão foi tomada considerando-se o número de edições publicadas pela mesma casa editorial, fato que poderia gerar dificuldades de memorização caso se optasse pela nomeação a partir da letra inicial ou parte do nome da editora. Em segundo lugar, para a própria classificação das variantes, com o objetivo de que o leitor identifique rapidamente a variante em questão.

Posteriormente aos símbolos, Tanselle trata das notas sobre o texto (*textual notes*), que devem figurar antes das emendas, por estarem relacionadas diretamente ao texto. Esta seção do aparato também pode ser chamada de *Discussões sobre as lições adotadas* (*Discussion of adopted readings*). Trata-se de comentários a respeito de lições problemáticas individuais no texto que foi estabelecido; todas as lições que aí aparecem são as lições adotadas (*adopted readings*). Sua citação deve ser sucinta, normalmente indicando-se a página e o número da linha e a lição seguida pela discussão. Normalmente adota-se um colchete, o sinal convencional para distinguir o lema⁷⁷, separando a lição da discussão. As notas sobre o texto na edição de *O Seminarista* não compõem uma seção separada, visto que serão discutidas neste capítulo.

As notas sobre o texto devem ser seguidas pela lista de emendas, cujo propósito é fornecer um registro conveniente de todas as mudanças de interesse textual, substantivas e acidentais, feitas por um editor no *copy-text* de uma determinada edição (TANSELLE, 1972:64-65). As variantes são indicadas pela página e linha da citação, a lição do texto

⁷⁷"Forma gráfica escolhida convencionalmente como entrada de um dicionário ou léxico". (FARIA & PERICÃO, 2008:434)

editado, o símbolo representando a origem daquela lição e a lição rejeitada pelo *copy-text*. Sua forma de apresentação inclui a indicação da página e da linha, o lema seguido pelo colchete e um ponto-e-vírgula para separar a fonte da lição do *copy-text*.

É possível separar em duas listas as lições substantivas emendadas e as variantes acidentais, caso o número de ocorrências seja muito grande. Em muitos casos, quando se trata de uma alteração de algo recorrente, como a diferença entre a grafia de uma palavra em duas edições diferentes, o editor, em vez de listar todas as ocorrências, tornando a lista mais extensa, pode agrupá-las numa ocorrência que exemplifique o número de casos dessa lição e indicar a emenda realizada. Entretanto, esse tipo de decisão pode acarretar na mudança silenciosa do texto⁷⁸, o que nunca deve ocorrer, pois o editor deve deixar claro em sua edição todas as emendas que foram realizadas. A respeito da distinção entre acidentais e lições substantivas, Tanselle chama a atenção para mudanças na pontuação que afetam o sentido do texto e que por isso devem ser vistas como substantivas.

A lista de emendas, em nossa edição, antecede o texto estabelecido, integrando este capítulo.

O penúltimo aspecto abordado por Tanselle não se mostra produtivo na edição de *O Seminarista*. Trata-se da hifenização no final da linha (*line-end hyphenation*), que, segundo ele, é um aspecto tratado apenas em 1962, por Bowers, na edição de *The Scarlet Letter*. Essa hifenização apresenta dois tipos de problema: primeiro, quando um possível composto é hifenizado no final da linha no *copy-text* e o editor deve decidir se assim reproduz em sua edição ou como uma palavra única. Segundo, ao adotar a forma hifenizada na edição crítica, o editor deve informar ao leitor se em qualquer citação feita à edição a palavra citada deve ser hifenizada ou não. Se o editor mantém o hífen ele está seguindo aquilo que já estava presente no *copy-text* e se ele elimina o hífen está tratando-o como uma convenção editorial de publicar uma palavra única. Todavia, é necessário atentar para a natureza das palavras hifenizadas, pois, de um lado, há casos em que se trata de uma simples divisão de sílaba, o que não gera dúvidas ao editor sobre a maneira que deve ser publicada, e de outro, há casos de compostos em que a questão sobre a manutenção ou eliminação não é facilmente respondida.

⁷⁸"Nontextual changes — those affecting the design of the document embodying the copy-text but not the text itself — may of course be made silently. But to make textual changes silently, even though the categories of such changes are announced and discussed in the textual essay, is to deny the principle that it is risky to allow the absence of a positive designation to be significant. (...) Furthermore, the specific instances of any type of textual alteration, however trivial they may seem, may be of particular concern to some linguistic, literary, or historical scholar, and the burden of locating these instances should not be placed on the user of the text but is rather the editor's responsibility" (TANSELLE, 1972: 66-67).

Para nós, o último aspecto abordado é o que mais importa para o estabelecimento do nosso texto crítico: a colação histórica (*historical collation*). Nesta parte, são registradas as lições variantes que ocorreram em edições significantes (*significant editions*) do texto. Sua ênfase é histórica e se distingue da lista de emendas, que pretende mostrar as mudanças feitas pelo editor. Neste caso, é a história das outras variantes que é contada nesta seção. Segundo Tanselle (1972:81), todas as edições autorizadas que foram publicadas enquanto o autor estava vivo devem ser incluídas, assim como qualquer edição póstuma que der a entender que utiliza um novo texto de autoridade ou que poderia ter utilizado esta evidência. Além disso, a colação histórica é geralmente limitada às lições variantes. Em nosso texto crítico a atenção deve voltar-se a estas variantes, que são apresentadas na margem direita do texto, com a indicação de cada testemunho em que ocorre uma lição distinta do *copy-text*. A fim de evitar uma edição pesada, com muitos dados, as diferenças relativas aos acidentais são tratadas nos critérios e normas de edição.

4.3 Erros tipográficos do testemunho A e suas respectivas emendas

Apresenta-se a seguir a lista exaustiva dos erros tipográficos identificados em A e suas respectivas emendas. Indicam-se o número do capítulo, o número do parágrafo, a lição errônea e a emenda.

4.3.1 Trocas de caracteres e fronteira de palavras

- I, 3 — escreita [estreita]
- I, 4 — formavaõ [formavam]
- I, 17 — Porisso [Por isso]
- I, 19 — ja [já]
- I, 48 — taugendo [tangendo]
- II, 56 — velho donos [velhos donos]
- II, 75 — qne [que]
- III, 117 — iuteiro [inteiro]
- III, 120 — oratOrio [oratório]
- IV, 137 — verdesp astage ns [verdes pastagens]
- IV, 145 — ajoelhados [ajoelhadas]

- IV, 146 — solemnus [solenes]
 IV, 150 — visto [vista]
 IV, 157 — preocupado [preocupado]
 V, 163 — aquello [aquela]
 V, 179 — cingiriam [cingiria]
 VI, 190 — comquantoadmirasse [conquanto admirasse]
 VIII, 251 — sisudas [sisudos]
 VIII, 252 — recémchegado [recém- chegou]
 VIII, 271 — confessionorio [confessionário]
 VIII, 277 — colocar-seà [colocar-se à]
 IX, 282 — menoscom [menos com]
 IX, 295 — Por tanto [Portanto]
 IX, 300 — do terra [da terra]
 IX, 304 — restabelecidos [restabelecidas]
 IX, 309 — em uma letra E [em um a letra E]
 IX, 327; XIV, 558; XIV, 559 — heide [hei de]
 IX, 335 — clara [claro]
 X, 369 — proseguia [prosseguir]
 X, 387 — ameaças [ameaças]
 X, 388 — um afeição [uma afeição]
 X, 389 — rudemento [rudemente]
 X, 391 — dem onio [demônio]
 XI, 401 — Lafontaine [La Fontaine]
 XI, 402 — q uaes [quais]
 XI, 404 — m odo [modo]
 XI, 405 — Umbelima [Umbelina]
 XII, 450 — Euginio [Eugênio]
 XIII, 485 — vlila [vila]
 XIII, 488 — fa - fazendo⁷⁹ [fazendo]
 XIII, 497 — tn [tu]
 XIV, 533 — olhor [olhar]

⁷⁹Este erro encontra-se na última palavra do final da página.

- XIV, 551 — aind a [ainda]
 XIV, 557 — Eugendo [Eugênio]
 XIV, 558 — hade [há de]
 XIV, 560 — Margrrida [Margarida]
 XV, 573 — nehuma [nenhuma]
 XV, 576 — advinharão-lhe [adivinham-lhe]
 XV, 579 —respeito de respeito [respeito]
 XV, 580 — abonimavel [abominável]
 XV, 584 — proporçõss [proporções]
 XV, 593 — nm [um]
 XVI, 596 — secerdotal [sacerdotal]
 XVI, 612 — esssa [essa]
 XVI, 613 — da [das]
 XVII, 622 — particular., [particular.]
 XVII, 623 — da [das]
 XVII, 636 — ecclesiastico [eclesiástica]
 XVII, 636 — oferecida [oferecidos]
 XVII, 638 — nutrinda-se [nutrindo-se]
 XVII, 640 — tristas [tristes]
 XVIII, 642 — morido [marido]
 XVIII, 645 — com pleto [completo]
 XVIII, 645 — contiua [contínua]
 XVIII, 674 — Egenio [Eugênio]
 XVIII, 675 —parar [para]
 XVIII, 678 — diando [diante]
 XIX, 686 — ordem [ordens]
 XIX, 694 — poude [pôde]
 XX, 716 — fazer, [fazer.]
 XX, 718 — amplora [ânfora]
 XX, 728 — orphão [órfã]
 XX, 733 — assustadores [assustadoras]
 XX, 753 — out ro [outro]
 XXI, 759 — primeiro [primeiros]

- XXI, 760 — teem [tem]
 XXI, 767 — estremec ia [estremecia]
 XXII, 790 — meia [meio]⁸⁰
 XXII, 801 — senhora! — [senhora!]
 XXII, 830 — ainda,.. [ainda...]
 XXII, 843 — a que [que a]
 XXIII, 848 — resnpondeu [respondeu]
 XXIII, 850 — rapidamenta [rapidamente]
 XXIII, 883 — languor [langor]
 XXIII, 886 — mão [mãos]
 XXIII, 886 — afagavam [afagava]

4.3.2 Falhas de impressão

- I, 49 — pel [pelo]
 II, 53 — diver os [diversos]
 II, 54 — circumd vão [circundavam]
 II, 59 — ma ícia [malícia]
 II, 59 — a delicias [as delícias]
 II, 60 — estr nho [estranho]
 II, 63 — sumiu- e [sumiu-se]
 II, 66 — o tras [outras]
 II, 66 — lembrar-s [lembrar-se]
 II, 66 — c madre [comadre]
 II, 66 — nos a [nossa]
 III, 88 — enl ia [enleia]
 III, 92 — co seguirão [conseguiram]
 III, 93 — atr z [atrás]
 III, 96 — pape s [papéis]
 II,I 104 — fall [fala]

⁸⁰Trata-se de um advérbio invariável na modalidade culta da língua, porém o termo varia na modalidade popular da língua.

- III, 117 — fica [ficar]
 III, 119 — p ssado [passado]
 III, 123 — ach l- o [achá-lo]
 IV, 124 — iolentamente [violentamente]
 IV, 134 — p la [pela]
 IV, 134 — vist s [vistas]
 IV, 137 — capõ s [capões]
 IV, 137 — mo tas [moitas]
 IV, 141 — pitto esco [pitoresco]
 IV, 142 — bo ques [bosques]
 IV, 145 — companheiro [companheiros]
 IV, 145 — pa ecesse [parecesse]
 IV, 148 — um [uma]
 IV, 148 — pateo [pátio]
 IV, 149 — cas s [casas]
 V, 159 — pad es [padres]
 V, 162 — suppo tavel [suportável]
 V, 163 — seduct ra [sedutora]
 V, 163 — empe ho [empenho]
 V, 164 — comm nicar [comunicar]
 V, 173 — agita a [agitava]
 V, 175 — Par [Para]
 V, 175 — t mado [tomado]
 V, 175 — i so [isso]
 V, 177 — s r [ser]
 V, 180 — a piração [aspiração]
 VI, 185 — conten a-se [contenta-se]
 VI, 193 — cor ção [coração]
 VI, 199 — inhão [tinham]
 VI, 202 — ficárã [ficaram]
 VII, 222 — as im [assim]
 VII, 228 — falla ão [falavam]
 VII, 240 — b rd s d [bordas das]

- VII, 241 — quei ou [queimou]
 VII, 242 — compa ados [compassados]
 VIII, 247 — de viando-o [desviando-o]
 VIII, 249 — liv e [livre]
 VIII, 249 — restitu rão [restituíram]
 VIII, 249 — do [dos]
 VIII, 252 — recémchegado [recém-chegado]
 VIII, 254 — co adre [comadre]
 VIII, 255 — d ressa [depressa]
 VIII, 255 — cumprimento [cumprimentos]
 VIII, 255 — surprez [surpresa]
 VIII, 255 — anno [anos]
 VIII, 255 — e perava [esperava]
 VIII, 275 — c vaco [cavaco]
 IX, 363 — fica a [ficava]
 XI, 396 — via-s [via-se]
 XI, 405 — visinh ãas [vizinhanças]
 XII, 429 — e te [este]
 XII, 441 — grosse ra [grosseira]
 XIII, 480 — grand [grande]
 XIII, 500 — balb ciou [balbuciu]
 XIII, 511 — fo sem [fossem]
 XIII, 530 — d [de]
 XIV, 547 — e condida [escondida]
 XIV, 564 — inquietação [inquietações]
 XV, 569 — jo ial [jovial]
 XV, 570 — cont s [contas]
 XV, 573 — direct r [diretor]
 XV, 579 — curvou- e [curvou-se]
 XV, 584 — est va [estava]
 XV, 586 — sombri s [sombrias]
 XVI, 614 — ngustia [angústia]

XVII, 638 — de tino [destino]
 XVIII, 679 — p ra [para]
 XX, 722 — achavã [achavam]
 XXI, 760 — vid [vida]
 XXI, 760 — mét [meta]
 XXI, 767 — ca ix [cáliz]
 XXI, 785 — engala [bengala]
 XXI, 788 — assent da [assentada]
 XXI, 794 — enc ntador [encantador]
 XXI, 795 — expres ão [expressão]
 XXI, 798 — qu r-se [quer-se]
 XXIII, 845 — véo [véus]

4.3. Erros referentes a nomes de religiosos, santos e topônimos

Na edição príncipe, há recorrência de erros evidentes no registro de nomes de religiosos, santos e topônimos, como indicam os exemplos a seguir. Não podemos afirmar se são erros autorais ou tipográficos.

V, 169; XIX, 687; XXI, 757; XXI, 764 — S. Vicente de Paula⁸¹ [S. Vicente de Paulo]
 XVIII, 663 — Viçosa⁸² [Viçoso]
 XXIII, 663 — Congonhas de Campo⁸³ [Congonhas do Campo]
 XXI, 753 — Vila do Tamanduá⁸⁴ [Vila de Tamanduá]

⁸¹De acordo com dados da diocese de Minas Gerais, a forma correta é S. Vicente de Paulo.

⁸²Trata-se de uma substituição incorreta, visto que aqui não se trata de uma referência à cidade de Viçosa, mas ao Dom Viçoso (1787-1875), bispo da cidade de Mariana por 29 anos. De acordo com a CNBB: "D. Viçoso foi o 7º bispo de Mariana, nomeado em 1843. Além de reformar o clero da sua diocese, foi um educador e um grande guerreiro na conscientização do povo mineiro contra a escravidão as queimadas e a preservação das matas. Criou em Minas Gerais o primeiro colégio feminino, em 1849. Quando faleceu, na Cartuxa, em Mariana, em 07 de julho de 1875, já era considerado santo pelo povo que o amava muito". Disponível em: <http://www.santuariodocaraca.com.br/processo-de-beatificacao-de-dom-vicoso/>. Acesso em: 26/03/2017.

⁸³Há no texto cinco ocorrências desse topônimo, sendo quatro *Congonhas do Campo* e um *Congonhas de Campo*. Sendo assim, optou-se pela lição de maior número.

⁸⁴Há no texto três ocorrências desse topônimo, sendo duas *Vila de Tamanduá* e uma *Vila do Tamanduá*. Desse modo, optou-se pela forma da maioria.

4.4 Erro de citação

O erro nem sempre é causado pelo copista, nos manuscritos, ou pelo tipógrafo, compositor ou editor, nos impressos. Muitas vezes o erro está presente no texto genuíno, mas não se configura enquanto lição correta por mais que seja genuína ou autêntica (CUNHA, 1985: 418). O que se observa em *O Seminarista*, é a citação incorreta da décima *Bucólica*, versos 53 e 54, de Virgílio. Bernardo Guimarães cita *Crescent illae, et vos crescetis, amores* enquanto a citação correta seria *Crescente illae; crescetis, amores*. Trata-se aqui de um erro de memória cometido pelo autor e que foi emendado no texto crítico.

4.5 Normas e critérios de edição

O presente texto de *O Seminarista* foi estabelecido pelo cotejo dos testemunhos descritos no item 1 deste capítulo. O testemunho A (1872), a edição príncipe, é o *copy-text*, ao qual foram comparados todos os outros testemunhos: D (1899), G (1923), H (1928), I (1931), L (1944) e N (s.d.). Seguem as normas obedecidas nesta edição.

- a) Enumeram-se todos os parágrafos do texto, em ordem crescente, a partir do numeral 1.
- b) Abrem-se os capítulos sempre em uma nova página, à direita do leitor, conforme ocorre no *copy-text*.
- c) Corrige-se a marcação da sequência dos capítulos do *copy-text*, que enumera os quatro primeiros capítulos somente com algarismos romanos e acrescenta a palavra “capítulo”, antes do número, a partir do capítulo V. Nesta edição, todo início de capítulo é indicado da mesma forma: capítulo + numeral romano.
- d) Atualiza-se a ortografia, conforme as normas ortográficas vigentes (acordo ortográfico de 2009).
- e) Atualiza-se a ortografia dos topônimos e antropônimos.
- f) Mantém-se o mesmo critério do *copy-text* quanto ao emprego de maiúsculas e minúsculas.
- g) Mantém-se o mesmo critério do *copy-text* quanto à pontuação. Corrigem-se apenas casos em que há lapso evidente.
- h) Mantém-se o mesmo critério do *copy-text* quanto à marcação de itálicos.
- i) Mantém-se o apóstrofo.

- j) Conservam-se as abreviaturas.
- k) Emendam-se os erros tipográficos.
- l) Emendam-se os erros linguísticos evidentes.
- m) Restauram-se as formas apagadas devido a falhas de impressão.
- n) Nos casos em que há no *copy-text* uma forma atualmente desusada, mas ainda dicionarizada, opta-se por manter a forma desusada.
- o) Registram-se em aparato todas as variantes substantivas dos testemunhos D, G, H, I, L, N, frente a A. Dispõem-se na margem direita da página.
- p) Registram-se em aparato somente os erros gráficos de outros testemunhos da tradição quando esses erros possam ter gerado uma forma aparentemente correta.
- q) Símbolos que indicam os tipos de variação existentes entre os testemunhos da obra:

Adição	{ }
Alteração de ordem	↔
Junção	§+§
Omissão	[]
Reelaboração	{<>}
Separação	§-§
Substituição	< >

- r) Demais símbolos empregados no aparato: > após a lição do *copy-text* para indicar a lição existente nos demais testemunhos.
- s) Registram-se em aparato somente a primeira e a última palavras de variantes mais extensas do que quatro palavras.
- t) Os casos de reelaboração e substituição (acima de duas palavras) registram-se em aparato da seguinte forma: A: (sigla da edição príncipe, dois pontos), trecho que sofre reelaboração ou substituição, >, sigla do(s) testemunho(s) em que há reelaboração ou substituição, trecho reelaborado entre {<>} e ou substituído entre < >.

5 EDIÇÃO CRÍTICA

O Seminarista

CAPÍTULO I

- 1 A uma légua, pouco mais ou menos, da antiga vila de Tamanduá na província de Minas Gerais e a pouca distância da estrada que vai para a vizinha vila da Formiga, via-se, há de haver quarenta¹ anos, — uma pequena e pobre casa, mas alva, risonha e asseada². Uma porta e duas janelinhas formavam toda a sua frente; a um lado, por baixo de uma figueira silvestre, que a sombreava toda com sua vasta e copada ramagem via-se uma outra janelinha guarneçada de balaústres de madeira³.
- 2 Estava esta casinha situada embaixo de uma colina de pendor suave, aos pés da qual, se desdobrava delicioso vargado coberto de rasteiro e viçoso capim, e sombreado aqui e acolá por algumas paineiras e sucupiras⁴.
- 3 O vargado era terminado por uma estreita orla, por baixo de cujas moitas despidas um córrego escondia seu curso sereno e preguiçoso⁵.
- 4 Um estreito caminho partindo da porta da casa cortava o vargado e ia atravessar o capão e o córrego por uma pontezinha de madeira fechada do outro lado por uma tronqueira de varas. Junto à ponte de um lado e outro do caminho viam-se duas belas e⁶ corpulentas paineiras, cujos galhos entrelaçando-se no ar formavam uma linda⁷ arcada de verdura, que dava entrada para além da ponte a um extenso rincão coberto de succulenta e vistosa pastagem⁸.
- 5 Lá no fundo da valada onde ia morrer o rincão entre duas linhas de espigões, desenhavam-se ao longe em fundo luminoso e pitoresco as casas, os currais e os tufados pomares de uma linda fazenda⁹.
- ¹ D, H: <sessenta>.
- ² I, L, N: <nova>.
- ³ I, L, N: [a ... madeira.].
- ⁴ I, L, N: [Estava ... sucupiras.].
- ⁵ I, L, N: [O ... preguiçoso.].
- ⁶ I, L, N: [belas e].
- ⁷ I, L, N: [linda].
- ⁸ A: que.... pastagem. > I, L: {<formavam uma arcada de verdura, à entrada do campo onde estava o gado.>}; N: {<formavam uma arcada de verdura, à entrada do campo onde pastava o gado.>}.
- ⁹ I, L, N: [Lá... fazenda.].

- 6 O viandante, que por ali passasse, — há cerca de quarenta¹⁰ anos, — havia de notar com interesse duas lindas e faceiras crianças, que ali vinham quase sempre divertir-se e travessear junto da ponte à sombra das paineiras^{11, 12}.
- 7 Eram um rapazinho de doze a treze anos, e uma menina, que parecia ser mais nova do que ele uns dois ou três anos.
- 8 A menina era morena, de olhos grandes, negros e cheios de vivacidade, de corpo esbelto e flexível como o pendão da imbaúba.
- 9 O rapaz era alvo, de cabelos castanhos, de olhar meigo e plácido e em sua fisionomia como em todo o seu ser transluziam indícios de uma índole pacata, doce e branda.
- 10 Era por¹³ uma bela tarde de janeiro. Os dois meninos como de costume achavam-se à sombra das paineiras. A menina sentada sobre a relva despencava um molho de flores silvestres de que estava fabricando um ramalhete, enquanto seu companheiro atracando-se como um macaco aos galhos das paineiras balançava-se¹⁴ no ar, fazia mil passes e piruetas para diverti-la.
- 11 Perto deles, espalhadas no vargado, umas três ou quatro vacas e mais algumas rezes estavam tosando tranquilamente o fresco e viçoso capim da valada¹⁵.
- 12 O sol que já não se via no céu, toucava apenas com uma luz de ouro os topos abaulados dos altos espigões, uma aragem quase imperceptível mal rumorejava pelas abas do capão e esvoaçava por aquelas baixadas cheias de sombras e fresquidão¹⁶.
- 13 — Vamos, Eugênio. São horas... vamos apartar os bezerros e tocar as vacas para a outra banda.
- 14 Dizendo isto a menina levantava-se¹⁷ da relva, e atirando para trás dos ombros os negros e compridos cabelos sacudiu do regaço uma nuvem de flores despencadas.
- 15 — Pois vamos lá com isso, Margarida — exclamou Eugênio vindo ao chão de um salto, e ambos foram ajuntar as poucas vacas, que ali andavam pastando.
- 16 — Arre! com mil diabos!... que bezerrada mofina! — exclamou o rapaz tangendo os bezerros. — Por que é que estes bezerros da tia Umbelina andam sempre assim tão magros?
- ¹⁰ D, H: <sessenta>.
- ¹¹ I, L, N: [O ... paineiras.].
- ¹² A: § duas lindas ... paineiras. § Eram ... anos > I, L, N: {<Dois meninos brincavam à sombra das paineiras: um rapazinho de doze a treze anos e uma menina, que parecia ser pouco mais nova do que ele.>}.}
- ¹³ I, L, N: [por].
- ¹⁴ I, L, N: <balouçava-se>.
- ¹⁵ I, L, N: [da valada].
- ¹⁶ I, L, N: [e fresquidão].
- ¹⁷ L, N: <levanta-se>.

17 — Ora! pois o que é que você quer? mamãe tira quase todo o leite das vacas, e deixa um pinguinho só para os pobres bezerros. Por isso mesmo quase nenhuma cria aqui pode vingar, e alguma que escapa mamãe vende logo.

18 — E por que é que ela não te dá uma bezerrinha? aquela vermelhinha estava bem bonita para você...

19 — Qual! ... não vê que ela me dá! ... e eu que tenho tanta vontade de ter também¹⁸ a minha vaquinha. Há que tempo Dindinha prometeu de me dar uma bezerra e até hoje estou esperando...

18 G, I, N: [também].

20 — Mamãe? ... ora!... é porque ela se esqueceu... deixa estar, que eu hei de falar com ela... mas não, eu mesmo é que hei de te dar uma novilha pintada muito bonitinha que eu tenho. Assim como assim, eu tenho de me ir embora mesmo, que quero eu fazer com¹⁹ criação?

19 G, I, L, N: {a}.

21 — Como é isso?!... exclamou Margarida com surpresa. — Pois você vai-se embora? ...

22 — Vou, Margarida; pois você ainda não sabia? ...

23 — Eu não; quem me havia de contar? para onde é que você vai, então?

24 — Vou para o estudo, Margarida; papai²⁰ mais mamãe querem que eu vá estudar para padre.

20 D, H: {e}.

25 — Deveras, Eugênio!... ah! meu Deus!.. que ideia!... e é muito longe esse estudo? ...

26 — Eu sei lá; eles estão falando que eu vou para Congonhas...

27 — Congonhas! ... ah! já ouvi falar nessa terra; não é onde moram os padres santos?... ah! meu Deus! isso é muito longe!

28 — Qual longe! ... tanta gente já tem ido lá e vem outra vez. Mamãe já mandou fazer batina, sobrepeliz, barrete e tudo. Quando tudo ficar pronto, eu hei de vir cá vestido de padre para você ver que tal fico.

29 — Tomara eu ver já!... você há de ficar um padrinho²¹ bem bonitinho!

21 H: <padrezinho>.

30 — E quando eu for padre, você há de ir por força ouvir minha primeira missa, não há de, Margarida?...

31 — Se hei de!... e também mais uma coisa, que eu²² hei de 22 I, L, N: [eu].
fazer... adivinha o que é...

32 — O que é? ... fala.

33 — Mamãe costuma dizer, que eu já estou ficando grande,
e que daqui a um ano bem posso me confessar, e para isso anda me
ensinando doutrina; mas eu não tenho ânimo de me confessar a
padre nenhum... Deus me livre! tenho um medo... uma vergonha!...
mas com você é outro caso, estou pronta, e por isso não quero me
confessar enquanto você não for padre...

34 — Está dito, Margarida; prometo que há de ser você
a primeira pessoa que eu²³ hei de confessar; antes disso não 23 I, L, N: [eu].
confesso pessoa nenhuma, nenhuma desta vida; eu te juro,
Margarida.

35 — Muito bem! muito bem! está dito. Agora me conta,
Eugênio; quando é que você vai-se embora?

36 — É para o mês que vem...

37 — Ah! meu Deus! pois já tão depressa! e você não há
de ficar com saudade de mim?...

38 — Se fico!... muita, muita saudade, Margarida! —
quando penso n'isso fico tão triste, que me dá vontade de
chorar.

39 — E eu, pobre de mim!... como vou ficar tão sozinha!
com quem é que eu hei de brincar daqui em diante? ... não sei
como há de ser, meu Deus!...

40 Os dois meninos pararam, e com a fronte pendida para
o chão guardaram silêncio por alguns instantes; aquelas duas
frontes tão puras, ainda há pouco tão radiantes de prazer e de
inocência, pela primeira vez se anuviaram de uma pequena
sombra de tristeza.

41 Era um primeiro e tênue vapor, que mal lhes embaçava o
sereno fulgor da aurora da vida; mas esse leve vapor bem poderia
converter-se em sinistra e carregada nuvem prenhe de desgraças²⁴.

42 Eram quase ave-marias. A sombra do crepúsculo ia de
manso derramando-se pelas devesas silenciosas. A favor daquela
funda e solene mudez ouvia-se o débil marulho das águas do
ribeiro escorregando por sob a úmida e sombria abóbada do

24 I, L, N: [Era...
desgraças.].

vergel, enquanto²⁵ um sabiá pousado²⁶ na mais alta grimpada da paineira mandava ao longe os ecos do seu costumado²⁷ hino preguiçosamente cadenciado, com que parece estar acalentando a natureza prestes a adormecer debaixo das propícias e sonolentas asas da noite²⁸.

²⁵ I, N: [enquanto].

²⁶ H: <pousando>.

²⁷ I, L, N: [costumado].

²⁸ A: debaixo ... da noite > I, L, N: {<debaixo das asas próprias da noite>}.

43 Os meninos quados e taciturnos olhavam em derredor de si com tristeza. Pela primeira vez cismas saudosas, anuviadas de um leve toque de melancolia, pairavam sobre aquelas fronteiras infantis. Dir-se-ia, que naqueles vagos rumores da solidão ao despedir-se do dia estavam ouvindo o derradeiro adeus do gênio prazenteiro da meninice²⁹, e que no dúbio clarão róseo que afogueava ainda a orla extrema do ocidente, entreviam o último sorriso da aurora da existência.

²⁹ A: Dir-se-ia... meninice > I, L, N: {<Dir-se-ia que, nos vagos rumores do fim do dia, estavam ouvindo o derradeiro adeus do gênio prazenteiro da meninice>}.

44 Foi Margarida quem interrompeu aquele triste silêncio.

45 — Meu Deus! — exclamou ela, — o que estamos aqui fazendo embasbacados? há que tempo o sol já entrou, Eugênio! está ficando muito tarde. Vamos! ... vamos... toca as vacas.

46 E quebrando um raminho a menina pôs-se a tocar as vacas³⁰.

³⁰ I, L, N: [E ... vacas].

47 — Eia! Dourada! ... eia!... Minerva!... Duquesa!... Eia!... Eia!...

48 Eugênio correu a abrir a pequena tronqueira das vacas, que ficava além da ponte. Apartados os bezerros e passadas as vacas, Eugênio tornou a fechá-la, e passando um braço sobre o ombro de Margarida, e esta enlaçando com o seu a cintura do companheiro, foram voltando calados e ainda debaixo³¹ da mesma impressão de tristeza, tangendo diante de si os bezerros até a casa de Umbelina, que ficava ali³² a uns quinhentos passos de distância.

³¹ A: debaixo da > I: <sob da >; L, N: <sob a>.

³² I, L, N: [ali].

49 Tendo³³ prendido os bezerros em um pequeno curral³⁴, Margarida recolheu-se a sua³⁵ casa, e Eugênio enfiando o caminho por onde viera, ganhou de novo a pontezinha³⁶ e a tronqueira, e³⁷ deitou-se a correr pelo rincão afora dirigindo-se para a casa de seus pais, que era a fazenda de que já falamos, e que ficava como a meia légua de distância³⁸.

³³ H: <tenho>.

³⁴ I, L, N: [Tendo ... curral].

³⁵ I, L, N: [sua].

³⁶ I, L, N: <ponte>.

³⁷ I, L, N: [e].

³⁸ A: deitou-se ... distância. > I, L, N: {<deitou-se a correr pelo rincão afora dirigindo-se para a fazenda que ficava a meia légua de distância.>}.

CAPÍTULO II

- 50 Antes de passarmos adiante, cumpre que o leitor saiba quem são esses dois pequenos personagens que encontra logo ao limiar desta história, esses dois pastorinhos, que apesar de seus tenros anos se apresentam com visos de quererem ser os protagonistas dela³⁹.
- 51 Eugênio era filho do capitão Francisco Antunes, fazendeiro de medianas posses, mas homem considerado no lugar e pessoa de importância⁴⁰. Fazendeiro⁴¹ trabalhador, bom e extremoso pai de família, liso e sincero em seus negócios, partidista firme, e cidadão sempre pronto para os ônus públicos, nada lhe faltava para gozar da maior consideração e respeito entre os seus conterrâneos.
- 52 Antunes tinha terras de sobejo para a pouca escravatura que possuía, e portanto dava morada em sua fazenda a diversos agregados, que⁴² sem lhe pagarem⁴³ contribuição alguma nem em serviço nem em dinheiro, como é costume em nossa boa terra, usufruíam algumas nesgas de suas extensas possessões territoriais⁴⁴.
- 53 Entre esses agregados contava-se a senhora⁴⁵ Umbelina, a qual⁴⁶ com sua filha Margarida e uma velha escrava ocupava a casinha que descrevemos no capítulo antecedente. Umbelina vivia de sua pequena bitácula à beira da estrada vendendo aguardente e quitandas aos viandantes, cultivando seu quintal, pensando suas vaquinhas, e da venda de frutas, hortaliças⁴⁷ e leite sabia com sua diligência e economia tirar um sofrível rendimento.
- 54 Era ela⁴⁸ uma matrona gorda e corada, de rosto sempre afável e prazenteiro; sua asseada e garrida casinha alvejando entre o verdor das balsas e campinas que a circundavam, era uma confirmação palpitante do rifão, que diz, — não há traste que não se pareça com seu dono. — Eram portanto uma e outra mui próprias para atrair os viandantes, que não deixavam de apear-se à porta da bitácula da tia Umbelina, a fim de tomarem alguns refrescos ou provarem de suas excelentes quitandas.
- 55 Umbelina fora casada com um alferes de cavalaria, que havia morrido nas guerras do Rio Grande do Sul, deixando sua
- ³⁹ I, L, N: [Antes... dela.].
- ⁴⁰ I, L, N: [mas... importância.].
- ⁴¹ I, L, N: [fazendeiro].
- ⁴² I, L, N: [que].
- ⁴³ A: sem lhe pagarem > I, L, N: <exigir>
- ⁴⁴ I, L, N: [como ... territoriais.].
- ⁴⁵ I, L, N: <d.>.
- ⁴⁶ I, L, N: <que>.
- ⁴⁷ G, H, I, L, N: <hortaliças>
- ⁴⁸ G, I, L, N: [ela].

mulher e Margarida, sua única filhinha, ainda no berço no estado da mais completa indigência... Antunes e sua mulher, que tinham antigas relações de amizade com o falecido alferes, e que eram padrinhos da menina, deram a mão à pobre e desvalida viúva, e a estabeleceram em suas terras.

56 Margarida teria pouco mais de ano, quando sua mãe foi morar na fazenda do capitão Francisco Antunes. Como Eugênio, filho deste, ainda em tenra idade, não tinha senão um irmão e uma irmã muito mais velhos que ele, e que de há muito se tinham casado, e abandonando o ninho paterno tinham⁴⁹ cada qual tomado o seu rumo, Margarida foi como um presente, que o céu lhe enviava para companheira dos brincos de sua infância. Por isso mesmo os velhos donos da casa muito a estimavam, e a tratavam com todo o mimo, como se fora sua própria filha. Margarida bem o merecia: era uma encantadora menina, de muito bom natural e muito viva e engraçadinha.

⁴⁹ I, L, N: <tinha>.

57 Os dois meninos queriam-se como se fossem irmãos, andavam sempre juntos, e não se separavam senão à noite para irem dormir⁵⁰.

⁵⁰ I, L, N: [para irem dormir].

58 Um dia aconteceu-lhes⁵¹ um estupendo e singular incidente, que não posso deixar de referir, incidente que qualquer espírito supersticioso teria tomado por um sinistro agouro ou como um prenúncio assustador do destino da menina⁵².

⁵¹ I: <lhe>.

⁵² I, L, N: [incidente ... menina].

59 A pequena Margarida, apenas na idade de dois anos, estando a brincar no quintal por onde andava passeando a dona da casa, Umbelina e mais família⁵³, desgarrou-se por um momento da companhia da rapariga que a vigiava, e da de seu camarada de infância, que já contava seus quatro anos⁵⁴. Quando este deu pela falta e foi procurá-la, encontrou-a assentada na relva junto de uma fonte a brincar, com o que, Santo Deus!... a brincar com uma formidável e truculenta jararaca. A cobra enrolava-se em anéis em volta da criança, lambia-lhe os pés e as mãos com a rubra e farpada língua, e dava-lhe beijos nas faces. A menina a afagava sorrindo, e dava-lhe pequenas pancadas com um pauzinho que tinha na mão, sem que o hediondo animal se irritasse e lhe fizesse a mínima ofensa. Se o Gênesis não nos apresentasse esse terrível

⁵³ I, L, N: [por ... família].

⁵⁴ I, L, N: [que ... anos.].

réptil como cheio de astúcia e malícia seduzindo a primeira mãe da humanidade e fazendo-a perder para si e para toda a sua descendência as delícias do paraíso terreal, dir-se-ia que até a serpente tem seus impulsos generosos e também sabe respeitar a fraqueza e a inocência da infância.

60 Mal o menino deu com os olhos naquele estranho e arrepiador espetáculo, rompeu logo em gritos.

61 — Mamãe!... mamãe!... bradava ele com quanta força tinha; — olha cobra!... uma cobra está comendo Galida! ...

62 A mãe dele e Umbelina, que não andavam longe, ouvindo os gritos do menino acudiram logo pressurosas, pálidas e transidas de susto, armadas cada uma de um comprido pau. Ao avistarem a cobra enroscando-se nos braços e no pescoço da pobre menina, estacaram horrorizadas, a testa se lhes inundou de suor frio, as pernas lhes tremeram, e pouco faltou para que rolassem no chão sem sentidos. Umbelina principalmente estava no mais angustioso transe; foi-lhe mister agarrar-se à estaca de um varal para não cair por terra. As duas mulheres não atinavam com o que deveriam fazer; atacando a cobra receavam assanhá-la e fazer com que mordesse a menina, ao mesmo tempo não podiam deixar em tamanho perigo aquela pobre criança, que continuava a rir-se e a brincar com a cobra com toda a estouvadice e com o maior descuido do mundo, como se estivesse brincando com uma boneca⁵⁵.

63 Passaram-se alguns instantes da mais cruel ansiedade. Passados eles felizmente a cobra, pressentindo a aproximação de gente, foi-se retirando tranquilamente, e sumiu-se nas moitas de um matagal vizinho⁵⁶.

64 Livres daquele primeiro susto, mas não de todo tranquilas, as duas senhoras correram apressadamente a revistar todo o corpo da criança, e tendo reconhecido que o terrível bicho não lhe havia feito nem a mais leve ofensa, levantaram as mãos ao céu derramando lágrimas de gratidão por tão singular benefício, que tomaram por um milagre da Providência.

65 A senhora Antunes chamou logo em altos gritos os escravos, e ordenou-lhes que perseguissem e matassem a cobra.

⁵⁵ A: com ... boneca. > I, L, N: {<como se fosse uma boneca.>}.

⁵⁶ A: Passaram-se ... vizinho. > I, L, N: {<Passaram alguns instantes da mais cruel ansiedade, ao fim dos quais, a serpente desenroscou-se e foi-se retirando tranquilamente, e sumiu-se nas moitas.>}.

Umbelina porém, não queria consentir que se fizesse mal ao animal que havia respeitado e afagado sua querida filha.

66 — É bicho mau, bem sei, — dizia ela, — mas esta ... coitada!... parece não ser da laia das outras; a menina brincava com ela como se fosse um cão de fralda, e a bicha não lhe fez mal nenhum.

67 — Nada!... nada! — exclamava a outra. — Quem seu inimigo poupa, nas mãos lhe morre. Sempre é um bicho que Deus excomungou. A comadre deve lembrar-se que foi uma serpente que tentou nossa mãe⁵⁷ Eva.

⁵⁷ I, L, N: [mãe].

68 — Mas uma cobra, que em vez de morder lambe e afaga...

69 — Também a serpente do paraíso não mordeu Eva; arrastou-se a seus pés e afagou-a para melhor enganá-la.

70 — Ora, comadre, também a minha Eva ainda está muito pequenina para poder ser tentada pela serpente.

71 — É que já o bicho maldito a está pondo de olho para mais tarde fazer-lhe mal.

72 — Qual, comadre!... é porque até as cobras têm respeito à inocência...

73 — Fie-se nisso!... por sim por não, esta não me há de escapar.

74 Dizendo isto, a senhora Antunes, com todo o cuidado e precaução sondava com os olhos a moita do matagal⁵⁸ em que a cobra se tinha sumido. Tendo-a enfim descoberto, encarou-a fixamente, e sem despregar dela os olhos, levou as mãos aos atilhos da cintura da saia, que começou a arrochar cada vez com mais força, murmurando certas orações e esconjuros cabalísticos.

⁵⁸ I, L, N: [do matagal].

75 É esta uma simpatia de que usam as nossas roceiras para tornarem as cobras imóveis e pregá-las por assim dizer em um lugar, e dizem que é de um efeito imediato e infalível.

76 Talvez o leitor não creia nessas coisas que chamam abusões do povo, mas o certo é, que desde o momento em que a senhora Antunes pregou os olhos na cobra e começou a arrochar a saia na cintura, a bicha parou imediatamente e não se mexeu uma linha do lugar em que estava, até que um escravo chegando com um varapau⁵⁹ veio dar cabo dela.

⁵⁹ D, H: <varapão>.

77 O rapaz depois de ter-lhe machucado bem a cabeça, suspendendo a custo o enorme bicho na ponta da vara, tirou-o da moita⁶⁰, e arremessou-o no gramal.

⁶⁰ I, L, N: [tirou-o da moita, e].

78 A cobra veio cair com medonho ronco⁶¹ aos pés de Umbelina, que soltou um grito agudo e deu um salto para trás.

⁶¹ I, L, N: [com medonho ronco].

79 — O que é isso, comadre? está com medo? — exclamou a senhora Antunes com uma gargalhada. Pois não quer ver o lindo e inocente bichinho, que ainda agora estava lhe beijando a filha? —

80 — Jesus!... santo nome de Jesus! — bradou Umbelina persignando-se e olhando de través o hediondo animal, que se estorcia no chão. — Que bicho medonho!... de que escapou minha pobre filhinha!...

81 — Ah!... já está vendo? ... a comadre deve um favorão a Deus por ter permitido que a cobra não morderse a menina.

82 — Anda cá, Josefa! — continuou ela dirigindo-se à escrava. — Daqui em diante mais cautela com estas crianças, ouviste? não te arredes de perto delas... se as deixares outra vez por aí à toa⁶² sozinhas, lavro-te de relho, pasmada, e ponho-te na roça com uma enxada na mão... olha a cara desta desmazelada!... esta sonsa, que nem para tomar conta de umas crianças tem préstimo!...

⁶² I, L, N: [à toa].

83 Ditas estas palavras, as duas mulheres acompanhadas da demais família foram-se recolhendo para casa, silenciosas e profundamente impressionadas por aquele extraordinário incidente, que tornou-se por muitos dias o assunto da conversação naquela casa.⁶³

⁶³ A: Ditas... casa.
> I, L, N: {<O extraordinário incidente foi por muitos dias o assunto da conversação naquela casa>}.}

84 Umbelina via nele um milagre, pelo qual dava infinitas graças ao céu apertando nos braços a filhinha que, como ela dizia, tinha nascido naquele dia. A mulher de Antunes, porém, que tinha o espírito propenso a acreditar em superstições e agouros, teimava em ver naquilo um sinistro prenúncio, que ela mesma não sabia explicar.

CAPÍTULO III

- 85 Margarida, pois, não saía quase da casa do Capitão⁶⁴ Francisco Antunes, onde conduzida por sua mãe entrava pela manhã, e não saía senão à tardinha. Muitas vezes mesmo acontecia-lhe dormir lá, quando fazia mau tempo, ou quando os afazeres de Umbelina não lhe permitiam ir buscá-la.
- 86 À medida que a menina ia crescendo, a senhora Antunes, como boa madrinha que era, ia-lhe ensinando o que a sua tenra idade comportava, e desde os cinco anos lhe pôs nas mãos a agulha e o dedal.
- 87 Margarida, por sua graça e gentileza, por sua⁶⁵ extrema docilidade e por sua⁶⁶ precoce vivacidade era mui querida de todos, especialmente de Eugênio, que não saía de junto dela, e ficava triste todas as tardes, quando ela se retirava para sua casa⁶⁷.
- 88 Assim foi se criando e fortalecendo desde o berço entre aquelas duas almas infantis uma viva e profunda afeição, que de⁶⁸ dia a dia mais afundava as raízes naqueles dois tenros corações, como em uma terra fresca e cheia de seiva virginal⁶⁹. Eram como duas flores silvestres em botão, nascidas do mesmo hastil⁷⁰, nutrindo-se da mesma seiva, acariciadas pela mesma aragem, que ao abrirem-se cheias de viço e louçania encontravam-se sorrindo-se e namorando-se em face uma da outra, e balanceando-se às auras da solidão procuravam beijar-se trocando entre si eflúvios de amor. De dia em dia crescia essa mútua amizade entre as duas crianças, como um cipó, que nascendo entre dois tenros arbustos vizinhos, se enleia em torno deles e confunde seus galhos tornando-os como um só.
- 89 Não eram ainda Romeu e Julieta; mas eram inseparáveis como Paulo e Virgínia vagueando pelas sombras das pitorescas selvas⁷¹ da Ilha de⁷² França.
- 90 Entretanto Eugênio tocava já aos seus nove anos, e um dia foi preciso mandá-lo morar na Vila⁷³ em casa de um parente, a fim de frequentar a escola de primeiras letras.
- 91 Ah! foi esse um dia de prantos e desolação naquela pequena família. Parecia que ela havia sido fulminada por
- ⁶⁴ D, G: <capitão>.
- ⁶⁵ I, L, N: [por sua].
- ⁶⁶ I, L, N: [por sua].
- ⁶⁷ A: especialmente ... casa. > I, L, N: {<e inseparável de Eugênio.>}.
⁶⁸ L, N: [de].
- ⁶⁹ I, L, N: [virginal].
- ⁷⁰ I, L, N: <haste>.
- ⁷¹ A: pitorescas selvas > I, L, N: <pitorescos bosques>.
- ⁷² D: <da>.
- ⁷³ D: <vila>.

alguma grande desgraça. Umbelina e a dona da casa ralhavam e afagavam, sorriam e choravam ao mesmo tempo; os meninos resmungavam queixas e soluçavam pelos cantos da casa. O pai gritava, enternecia-se e exasperava-se alternativamente à vista de tanta choradeira. E tudo isto por causa de um menino que ia para a escola dali a légua e meia!!...

92 No momento de partir foi a muito custo que conseguiram arrancar os dois meninos dos braços um do outro.

93 Foi necessário que Umbelina agarrasse à força sua filha, que se atirava pelo chão estorcendo-se e rasgando as roupas em desespero, e queria a todo transe ir correndo pela estrada afora atrás de seu companheiro, que lá se ia em lágrimas e soluços.

94 Por alguns dias Margarida ficou metida em sua casa, triste e amuada. Uma dor de alguns dias já é para assombrar em um coração de oito anos. Mas o tempo é o melhor, senão o único consolador das mágoas passageiras da vida. Sobretudo no coração das crianças o seu bálsamo é de uma eficácia e prontidão espantosa. Assim pois, com o tempo e também porque quase todos os domingos Eugênio vinha passar o dia na fazenda, Margarida foi-se consolando e acomodando com a sua sorte.

95 Eugênio esteve dois anos na escola, e quando voltou definitivamente para a casa paterna, Margarida, que estava entre os nove e⁷⁴ dez anos, já não era tão assídua em casa do fazendeiro. A menina já podia ajudar⁷⁵ sua mãe, sabia coser, bordar, e era muito diligente em toda a espécie de serviço caseiro compatível com a sua idade. Portanto somente aos domingos e dias santos, ou por acaso em alguma tarde costumava aparecer em casa de seus padrinhos em companhia de sua mãe.

96 Desde então trocaram-se os papéis, e era Eugênio quem não deixava a pequena casa da tia Umbelina, onde passava os dias quase inteiros junto a Margarida, ajudando-a em seus pequenos serviços, ou pelos campos e capões vizinhos, armando arapucas e esparrelas para apanhar pombas, sabiás, inhambús, saracuras e outros pássaros, com que obsequiava a sua linda amiguinha⁷⁶, a qual com isto mostrava-se infinitivamente satisfeita.

⁷⁴ I: {os}.

⁷⁵ L, N: {a}.

⁷⁶ L, N: [e ... amiguinha].

97 Os pais de Eugênio não deixavam de ralhar com ele em
razão de não parar em casa.

98 — Meu filho, — dizia a mãe em tom de branda repreensão,
— eu desejava bem saber o motivo, por que não me paras em
casa!... parece que não queres mais bem a tua mãe?!...

99 — Quero, mamãe...

100 — Não queres... isto já é muito travessear... é preciso
sossegar um pouco... não paras um instante ao pé de mim. Não
gostas de teu pai, nem de tua mãe?!...

101 — Gosto, mamãe...

102 — Qual!... não gostas. De manhã apareces apenas para
tomar a bênção, tomas à pressa o teu café com leite, e depois...
adeus, Sr. Eugênio, passe por lá muito bem; até a hora de jantar,
ou até à noite!!... Isto não vai bem!... estou zangada contigo.

103 — E se eu contar a mamãe, por que é que eu fico lá tanto
tempo, mamãe fica zangada comigo?...

104 — Eu sei!?... conforme... fala; o que é então?...

105 — Pois mamãe saiba, que a tia Umbelina me pediu para
ensinar a ler à Margarida...

106 — Deveras, meu filho?... interrompeu a mãe rindo-se
muito. — Que galante mestrinho tem a minha afilhada! por Deus
que não sei qual dos dois mais precisará de bolos, o mestre ou a
discípula.

107 — Mamãe está caçoando!... pois é deveras! estou
ensinando a ler à Margarida.

108 — Está bom, meu filho; mas para isso será preciso gastar
todo o dia!... o teu mestre por ventura te estava ensinando o dia
inteiro?...

109 — Mas, mamãe, a tia Umbelina quer que ela aprenda
depressa; e é preciso eu dar a ela duas, três e quatro lições por dia.
Daqui lá é bem longe, e eu não posso estar de lá para cá, e de cá
para lá a toda hora.

110 — Arre, nem com tanta sede ao pote! ... mas, meu filho,
isso não pode continuar; eu quero ver-te mais vezes perto de mim.

111 — Só se mamãe pedisse à tia Umbelina, que Margarida
viesse para cá...

112 A mãe sorriu-se.

113 — Isso não é mais possível, Eugênio; — tornou ela. — Bem vêes que Margarida já está ficando grande; já ajuda sua mãe, que precisa muito dela...

114 — Qual, mamãe!... o que Margarida faz em casa, eu e ela indo para lá de tarde fazemos num instante... é recolher os bezerros, dar milho às galinhas... ora bolas!... isso custa nada? ... a costura ela pode trazer para cá...

115 — Para tudo achas remédio... mas isso não pode ser assim...

116 — Então mamãe não quer que vá mais lá? — disse o menino quase a chorar.

117 — Não é isso, filho. Não te digo que não vás; mas é preciso voltar mais cedo, e não ficar lá o dia inteiro. A tua casa é aqui e não lá.

118 As coisas não passavam destas brandas repreensões, antes queixas da mãe de Eugênio. Este continuava sempre com a mesma assiduidade ao pé de Margarida; todavia o mais que fazia em atenção às ordens ou antes a pedido de sua mãe, era voltar — às vezes — mais cedo para casa, com grande sacrifício de seu coração. Os pais sorriam-se cheios de satisfação da ingenuidade do *mestrinho*, como daí em diante o chamavam, e não lhe levavam a mal as suas longas e cotidianas ausências.

119 Eugênio não mentia, quando disse a sua mãe que ensinava a ler à sua companheira de infância. O viandante, que por ali transitasse naquela época, teria por vezes ocasião de contemplar à sombra das paineiras junto à pontezinha de que já falamos, um curioso e interessante grupo, um esbelto rapagote⁷⁷ de cerca de doze anos assentado na grama, e com um braço passado sobre o ombro de uma gentil menina um pouco mais nova, apontando-lhe as letras do alfabeto.

⁷⁷ H: <rapazote>.

120 Eugênio era dotado de índole calma e pacata, e revelava ainda na infância juízo e sisudez superior à sua idade; tinha inteligência fácil e boa memória. Além disso mostrava grande pendor para as coisas religiosas. Seu principal entretenimento⁷⁸, abaixo de⁷⁹ Margarida, cuja companhia preferia a tudo, era um pequeno oratório, que zelava com⁸⁰ extremo cuidado e trazia

⁷⁸ I, L, N: <entretimento>.

⁷⁹ A: abaixo de > I, L, N: <depois de>.

⁸⁰ G: {a} .

sempre enfeitado de flores, pequenas quinquilharias e ouropéis⁸¹. ⁸¹ I, N: <européis>.

Diante deste oratório o menino se extasiava fazendo o papel de capelão, rezando terços e ladainhas e celebrando novenas com toda⁸² a regularidade e com uma gravidade verdadeiramente ⁸² I, L, N: [toda].
cômica. Seus assistentes eram os crioulinhos da casa, e às vezes ele tinha por sacristão a Margarida, que com isto muito se encantava.

121 Em vista de tudo isto os pais entenderam que o menino tinha nascido para padre, e que não deviam desprezar tão bela vocação. Assentaram pois, de mandá-lo estudar e destiná-lo ao estado clerical.

122 Naquelas épocas de crença⁸³ viva e piedade religiosa ter um ⁸³ I: <criança>.
filho padre era um prazer, uma glória, de que muito se ufanavam os pais e as mães de família, e mesmo hoje, principalmente entre os nossos morigerados e religiosos fazendeiros, não falta quem pense que não pode haver carreira mais bonita, mais santa, nem mais honrosa. Assim pensamos também, quando aqueles que a abraçam, a exercem nobre e dignamente.

123 Na véspera do dia, em que tinha de partir para o Seminário de Congonhas do Campo, Eugênio que tinha ido à casa de Umbelina despedir-se dela e de sua filha, demorou-se mais do que de costume. Foi preciso mandar buscá-lo. Foram achá-lo no sítio, em que já o vimos por vezes, debaixo das paineiras, abraçado com Margarida, e ambos a chorarem⁸⁴. ⁸⁴ I, L, N: <chorar>.

124 Embebidos em sua profunda mágoa, nem pressentiam a noite que vinha descendo, e ali ficariam chorando até o romper d'alva, se não os viessem despertar daquele doloroso letargo.

125 Que belo prelúdio para quem se destinava ao estado clerical!...

CAPÍTULO IV

126 Eis o nosso herói transportado das livres e risonhas
campinas da fazenda paterna para a monótona e austera prisão
de um seminário no arraial de Congonhas do Campo, de
barrete e sotaina preta, no meio de uma turba de companheiros
desconhecidos, como um bando de anús pretos encerrados em um
vasto viveiro.

127 Que mudança radical de vida!... que meio tão diferente
daquele em que até então tinha vivido! Essa transplantação devia
modificar profundamente a existência do arbusto tão violentamente
arrancado do solo natal.

128 Antes porém de prosseguirmos, repousemos um
pouco nossas vistas sobre o pitoresco edifício do seminário e
especialmente sobre a alva e formosa Capela do Senhor Bom
Jesus de Matosinhos, que em frente dele se ergue no alto da colina,
como a branca pomba da aliança pousada sobre os montes.

129 Ali ela refulge como um fanal de esperança⁸⁵ ao triste
caminheiro estafado e perdido pelas escabrosas sendas da vida,
como um refúgio de paz aos aflitos peregrinos do vale das
lágrimas, como um cofre das graças e perdões da misericórdia
divina, oferecendo alívio e cura a todos os sofrimentos do corpo,
consolação e refrigério a todas as atribulações do espírito.

⁸⁵ I, L, N:
<esperanças>.

130 De⁸⁶ fato é o que aí vão procurar, e quase sempre
encontram, milhares de peregrinos e romeiros, que partindo dos
pontos os mais afastados aí⁸⁷ vem ajoelhar-se ao pé do altar do
Bom Jesus, suplicando-lhe a cura de suas enfermidades, e alívio a
suas dores.

⁸⁶ I, L, N: <O>.

⁸⁷ I, L, N: [aí].

131 Sobe-se ao adro da capela por uma escadaria de dois
lances flanqueados de um e outro lado pelos vultos majestosos
dos profetas da antiga lei, talhados em gesso, e de tamanho um
pouco maior do que o natural.

132 É sabido, que essas estátuas são obra de um escultor
maneta, ou aleijado da mão direita, o qual para trabalhar era
mister, que lhe atassem ao punho os instrumentos.

133 Por⁸⁸ sem dúvida a execução artística está muito longe da

⁸⁸ I, L, N: {isso}.

perfeição. Não é preciso ser profissional para reconhecer nelas a incorreção do desenho, a pouca harmonia e falta de proporção de certas formas. Cabeças mal contornadas, proporções mal guardadas, corpos por demais espessos e curtos, e outros muitos defeitos capitais e de detalhes estão revelando que esses profetas são filhos de um cinzel tosco e ignorante... Todavia as atitudes em geral são características, imponentes e majestosas, as roupagens dispostas com arte, e por vezes o cinzel do rude escultor soube imprimir às fisionomias uma expressão digna dos profetas.

134 O sublime Isaías, o terrível e sombrio Habacuc, o melancólico Jeremias são especialmente notáveis pela beleza e solenidade da expressão e da atitude. A não encará-los com as vistas minuciosas e⁸⁹ escrutadoras do artista, esses vultos ao primeiro aspecto não deixam de causar uma forte impressão de respeito e mesmo de assombro. Parece que essas estátuas são cópias toscas e incorretas de belos modelos da arte, que o escultor tinha diante dos olhos ou impressos na imaginação.

⁸⁹ H: [e].

135 Mesmo assim quanto não são superiores às quatro disformes e gigantescas caricaturas de pedra, que ornam... quero dizer, que desfiguram os quatro ângulos da cadeia do⁹⁰ Ouro Preto! ...

⁹⁰ D, I, L, N: <de>.

136 O seminário, que nada tem de muito notável, é um grande edifício de sobrado, cuja frente se atravessa a pouca distância por detrás da igreja, tendo nos fundos mais um extenso lance, um pátio, e uma vasta quinta. Das janelas do edifício se descortina quase todo⁹¹ o arraial, e a vista se derrama por um não muito largo, porém formoso horizonte.

⁹¹ L, N: [quase todo].

137 Colinas bastantemente acidentadas, cobertas de sempre verdes pastagens, e marchetadas aqui e acolá de alguns capões verde-escuros formam o aspecto geral do país. Por entre elas estendem-se profundos e deliciosos⁹² vales, por entre os quais⁹³ deslizam torrentes de águas puras e frescas à sombra de moitas de verdura e bosquetes matizados de uma infinidade de lindas flores silvestres.

⁹² I, L, N: [e deliciosos].

⁹³ A: por entre os quais > I, L, N: <e>.

138 Em torno e mais ao longo um cinto de montanhas verdes, antes⁹⁴ colinas mais elevadas, cobertas de selvas e pastagens, parecem envolver com amoroso abraço aquele solo santo, em que,

⁹⁴ L, N: [ante].

segundo a lenda, o Bom Jesus revelou por evidentes e repetidos milagres queria que ali se erguessem seu templo e seus altares.

139 Da frente da capela por uma extensa e íngreme ladeira desce uma rua extremamente irregular e tortuosa, que vai terminar à margem do pequeno rio Maranhão, que divide o arraial em dois, comunicando-se por uma ponte de madeira.

140 Na parte superior dessa rua, que forma um espaçoso largo, veem-se algumas cúpulas ou pequenas rotundas de pedra, dentro das quais se acham figurados os passos da paixão de Cristo em imagens de tamanho natural, e são especial objeto da veneração e curiosidade de quantos visitam aquela localidade.

141 O arraial derramado em ruas irregulares pelo pendor das colinas em uma e outra margem do rio, tem um aspecto alegre e pitoresco, e seus arredores monticulosos apresentam às vezes risonhas paisagens e aprazíveis perspectivas.

142 Eis o novo cenário, a que havemos transportado o nosso herói. O espetáculo não podia deixar de ser curioso e interessante, e nem a nova fase de vida em que ia entrar, deixaria de ter encantos para um menino que tanto gostava das práticas de devoção religiosa, e tão forte tendência mostrava para o misticismo. Contudo aquele filho do sertão acostumado a percorrer livre como o veado⁹⁵ os campos e bosques da fazenda paterna, não pôde a princípio deixar de estranhar a severa reclusão e imprescritível regularidade daquela vida monótona e compassada do seminário. Mas o gênio pacato, e a extrema docilidade de Eugênio, ajudados pela bossa da beatividade ou veneratividade, que a tinha muito desenvolvida, fizeram com que em menos tempo do que qualquer outro se habituassem e tomassem gosto mesmo pelo seu novo gênero de vida, como se fosse o elemento em que nascera.

⁹⁵ I, L, N: [livre como o veado].

143 Só uma coisa perturbava o seu bem-estar, e lançava uma sombra na limpidez e serenidade do seu horizonte. Era a saudade imensa, que tinha do lar paterno e especialmente de Margarida, saudade que nem o tempo, nem os seus novos hábitos e ocupações puderam jamais arrancar-lhe do coração.

144 Nas orações, na igreja, no recreio, nas horas de estudo e de repouso, Eugênio encontrava sempre mil motivos que lhe

avivavam na ideia a imagem de Margarida.

145 Na missa, ao entrar na igreja na fila de seus companheiros, se perpassando um olhar rápido e furtivo pelo grupo das mulheres ajoelhadas abaixo das grades divisava entre elas alguma linda e graciosa menina, se lhe afigurava ver Margarida, e se não fora o regente, que postado por detrás dos estudantes passeava sobre eles olhares severos e vigilantes, Eugênio não resistiria à tentação de olhar para trás algumas vezes a fim de iludir as saudades de Margarida contemplando uma criatura, que com ela se parecesse.

146 Da madrugada aos domingos Eugênio acordava em sua cama ao som dos hinos sagrados, que o povo assistindo à missa matinal entoava na capela. No meio daquela multidão de vozes de todos os timbres e volumes, que faziam restrugir o santuário, e que⁹⁶ ecoavam por fora em acentos melancólicos e solenes ele distinguia uma voz argentina fresca e suave. Margarida lhe acudia ao pensamento, Margarida, quando defronte do pequeno oratório entoavam⁹⁷ juntos esses cânticos singelos e tocantes, repassados de mística piedade, que ambos sabiam de cor desde a mais tenra infância. Era assim que Margarida cantava! Eugênio abandonava-se a uma espécie de êxtase cheio de voluptuosidade; sua alma subia ao céu nas asas do amor e da devoção, porém envolta em uma sombra de melancolia.

147 Depois do meio-dia e à tardinha a sineta do seminário tangia alegre a hora do recreio.

148 Então a turba dos seminaristas com suas batinas e barretes negros, divididos em quatro turmas segundo as idades, — grandes, médios, submédios e meninos⁹⁸ — despenhava-se fora das portas como uma nuvem de melros pretos a quem se abriu a entrada do viveiro, e se derramava pelo pátio, pelo quintal, pelo adro da capela e pelas colinas vizinhas, uns tagarelando, outros assobiando ou cantando, outros tocando flauta, clarineta⁹⁹ e outros instrumentos¹⁰⁰, fazendo uma algazarra confusa, imensa, atroadora. Era ainda um coro de melros cantando, saltando, esvoaçando ao longo de vicejante e risonha encosta¹⁰¹.

149 O regente dos submédios, entre os quais se achava Eugênio, costumava dirigir sua turma para o lado do quintal a uma

⁹⁶ I, L, N: [que].

⁹⁷ I, L, N: <entoava>.

⁹⁸ H: <mínimos>.

⁹⁹ D: <clarinete>.

¹⁰⁰ A: flauta, clarineta e outros instrumentos > I, L, N: {<variados instrumentos de sopro >}.

¹⁰¹ I, L, N: [Era encosta.].

extensa esplanada ou terraço formado por um muro, que serve de cerco à quinta, cujo terreno mais elevado fica a cavaleiro sobre uma rua erma e quase sem casas, que corre ao lado do seminário.

150 Há nessa esplanada um belo grupo de magníficas e giganteias¹⁰² castanheiras silvestres, e viam-se também ali naquele tempo frescos e sombrios caramanchões de maracujá, e lindas latadas de flores trepadeiras. Gozava-se ali¹⁰³ um ambiente fresco e perfumado, e a vista se expandia ao longe por alegres e formosos horizontes.

¹⁰² D, H: <gigantescas>.

¹⁰³ I, L, N: [ali].

151 Enquanto seus companheiros brincavam, corriam, saltavam e garrulavam¹⁰⁴, balançando-se¹⁰⁵ em gangorras, ou trepando pelas árvores, Eugênio se isolava, e sentado no paredão olhava para os outeiros e espigões que se desdobravam diante de seus olhos.

¹⁰⁴ I, L, N: [garrulavam].

¹⁰⁵ I, L, N: <balouçando-se>.

152 Se via um grupo de mulheres passeando ao longo das colinas verdes, e entre elas alguma menina, seu coração suspirava. Margarida! murmurava ele, e aquele nome tão doce, que lhe escapava como um soluço do fundo do coração, ia morrer nas asas da brisa perfumada, abafado pela algazarra de seus alegres companheiros. Era um arrulho de juritis perdido no meio da atroadora garrulice dos melros.

153 Outras vezes ficava olhando para o ocidente¹⁰⁶. Era desse lado que ficava a sua terra natal. Por largo tempo ficava com os olhos pregados nas nuvens brilhantes, que como franjas de ouro pairavam sobre os cumes das últimas colinas, e lá iam boiando a atufar-se no vapor esbraseado do ocidente¹⁰⁷. Ele se transportava em espírito para o seio daquelas nuvens de ouro, donde pensava poder-se¹⁰⁸ enxergar as colinas e vargedos da fazenda paterna, e dali conversava com a saudosa companheira de sua infância. Tinha inveja da andorinha e do corvo, que talhando os ares lá se iam perder nas douradas brumas do ocaso demandando os sítios venturosos, onde morava a bem querida do seu coração, e pesaroso por não poder acompanhá-los dizia-lhes do íntimo d' alma — dai saudades à Margarida! —

¹⁰⁶ L, M: <acidente>.

¹⁰⁷ L, M: <acidente>.

¹⁰⁸ D: <poderem-se>.

154 O sino da capela badalando ave-marias o vinha despertar daquelas doces e saudosas cismas.

155 — Anda, sorumbático!... vamos, meu sonso!... que
estás aí banzando? — bradavam-lhe seus galhofeiros e alegres
companheiros.

156 Então os meninos descobrindo-se, com as mãos postas
dentro de seus barretes, os olhos baixos, e a fronte venerabunda
postavam-se em semicírculo em face do regente, e murmuravam
em voz baixa a prece das Ave-Marias.

157 Eugênio, posto que com o espírito preocupado pelas
inquietações e saudades de um afeto terreno, rezava com mais
fervor e recolhimento do que seus frívolos e descuidosos
companheiros. Seu espírito apurado ao fogo de um amor infantil e
casto, como o sutil e rosado vapor da manhã despegava-se da terra
com facilidade remontando ao firmamento.

158 As puras e santas afeições da alma, longe de a desviarem
do caminho do céu, são asas com que mais depressa se eleva ao
trono de Deus.

CAPÍTULO V

159 No seminário o menino Eugênio era um exemplo de
boa conduta e aplicação. Cordato, dócil e obediente, depressa
grangeou a benevolência e estima dos padres, e a simpatia de seus
companheiros. No estudo porém não deu a princípio muito boas
contas de si, não¹⁰⁹ apresentou os progressos que eram de esperar
de sua boa memória e inteligência.

¹⁰⁹ I, L, N: <nem>.

160 A imagem de Margarida e a saudade do lar paterno
enchiam-lhe de sobra¹¹⁰ o espírito e o coração para deixarem
lugar às fastidiosas lições de gramática latina. O compêndio de
Antonio Pereira foi para ele um pesadelo, debaixo¹¹¹ do qual
teve de gemer e suar por alguns meses. Lia e relia as páginas
da lição a ponto de as esfarelar para conseguir gravar na
memória algumas palavras. É que eram seus olhos somente que
passeavam por sobre aquelas letras mortas, que nada diziam ao
seu espírito.

¹¹⁰ I, L, N: <sombra>.

¹¹¹ I, L, N: <diante>.

161 Aquelas definições e classificações tão frias e áridas,
aquelas enfiadas enfadonhas de declinações e conjugações, como
um bando de morcegos e corujas recusavam-se obstinadamente
a penetrar no cérebro inflamado do adolescente, onde como em
um santuário ardente e luminoso fulgurava incessantemente a
imagem de Margarida. Se desde o começo lhe tivessem posto
nas mãos o livro dos *Tristes* de Ovídio ou as *Églogas* de Virgílio,
talvez aquela alma¹¹² impressionável e apaixonada se tivesse mais
depressa congraçado com o latim.

¹¹² G, I, L, N: <calma>.

162 Foi pois com muita lentidão e um insano trabalho, que só
a muita perseverança e força de vontade tornara suportável, que
Eugênio conseguiu ir gravando na memória os seus rudimentos
de latim.

163 Entretanto era preciso saber para ser padre, e portanto
Eugênio entregava-se ao estudo com ardor inextinguível, e fazia
esforços inauditos para banir do espírito a sedutora visão que o
perturbava. Neste empenho a sua tendência ao misticismo e à vida
religiosa vieram eficazmente auxiliá-lo, e mesclando-se às suas
afeições terrenas contribuíram não para extingui-las, mas para

enfraquecê-las até certo ponto¹¹³ tirando-lhes o caráter ardente e inquieto, e confundindo-as com aquele culto respeitoso e sereno, com aquela adoração calma e estática, que o menino consagrava à Virgem Mãe de Deus.

¹¹³ A: contribuíram
... ponto > L, N:
{<contribuíram
para extingui-las até
certo ponto>}.

164 Amor e devoção se confundiam na alma ingênua e cândida do educando, que ainda não compreendia a incompatibilidade que os homens têm pretendido estabelecer entre o amor do criador e o amor de uma de¹¹⁴ suas mais belas e perfeitas criaturas, — a mulher; — a mulher, que Deus criou para amar e ser amada, a mulher, que sem o amor é como a caçoula de perfumes, a que o ministro do templo esqueceu-se de comunicar o fogo santo, que os faz arder e subir em nuvens rescendentes a beijar os pés de Deus.

¹¹⁴ I, L, N: <das>.

165 Assim, o coração naturalmente afetuoso e terno de Eugênio, não podendo dar ampla expansão a seus afetos mundanos, se refugiava no ascetismo da devoção religiosa, e derramava-se com efusão aos pés do altar, sem que esse culto da divindade excluísse dele o terno sentimento que experimentava por Margarida, sentimento de que ele ainda ignorava a natureza, e nem lhe sabia o verdadeiro nome.

166 Volvendo ao céu o pensamento nas asas da oração, nessas horas de êxtase e de místico recolhimento, por entre os coros de anjos que rodeavam o sólio estrelado da Rainha de todos os santos, ele entrevia o faceiro e mimoso rosto de Margarida, e adorava-a também.

167 Assim essa afeição pura e casta, a qual se ainda não era o amor, era a sua fecunda e brilhante crisálida, amenizava e como que embalsamava com seu tépido bafejo os atos de devoção e a austeridade da vida claustral, enquanto a devoção, por seu lado, mitigando os ardores e impaciências daquele sentimento, impedia que¹¹⁵ se tornasse uma paixão imperiosa e fatal.

¹¹⁵ H: {elle}.

168 Tinham os padres em muito apreço e estima as belas qualidades de Eugênio, e principalmente a decidida vocação que revelava para o estado clerical. Ignorando o que se passava no íntimo de¹¹⁶ seu coração assentaram de animá-lo e corroborá-lo¹¹⁷ naquele santo propósito com exortações e leituras adequadas a esse fim.

¹¹⁶ I, L, N: <do>.

¹¹⁷ I, L, N: [e corroborá-lo].

169 Naqueles tempos os dignos e veneráveis sacerdotes da Congregação da Missão de S. Vicente de Paulo, aos quais tantos benefícios deve a província de Minas, não se descuidavam de empregar meios para atrair neófitos ao seio daquela respeitável corporação. Como os jesuítas, porém com mais escrúpulo e menos violência, procuravam dirigir a educação moral e intelectual dos meninos de modo a inspirar-lhes gosto pela vida ascética dos claustros e a resolvê-los a tomar a loba e o barrete de congregados.

170 Não ficaram totalmente sem fruto¹¹⁸ os seus esforços, e viram-se muitos moços de famílias distintas alistarem-se nas fileiras dos filhos de S. Vicente.

¹¹⁸ L, N: <frutos>.

171 Notando as felizes disposições de Eugênio, os padres não podiam deixar de nutrir a esperança de vê-lo no seu grêmio, e para esse fim empregavam desde já habilmente os meios convenientes.

172 Passaram-se assim dois¹¹⁹ anos, em que a vida correu para Eugênio, senão descuidosa e prazenteira como na fazenda paterna, ao menos serena e sem dissabores. Cada vez mais estimado dos padres e benquisto de seus companheiros, à medida que seu coração se ia acalmando, sua inteligência se desobumbrava, e fazendo rápidos progressos compensava largamente o tempo perdido com a dificuldade dos primeiros esforços.

¹¹⁹ L: <doze>.

173 É verdade que a imagem de Margarida nunca lhe saía do coração, mas já não o incomodava tanto, nem lhe agitava o espírito como outr'ora¹²⁰. Ela lhe aparecia como a figura de um anjo, desenhando-se ao longe e sorrindo-lhe tristemente por entre as brumas melancólicas do horizonte vaporoso¹²¹. A lembrança de Margarida era já em sua alma essa saudade meiga e maviosa, que nos faz assomar aos lábios um triste sorriso através de uma chuva de lágrimas consoladoras, e não essa saudade amarga e pungente¹²², que nos espreme o coração, e dele faz borbotar lágrimas de fel e de sangue¹²³.

¹²⁰ G, I, L, N: §-§ Ela lhe aparecia...de sangue.

¹²¹ I, L, N: <pavoroso>.

¹²² L, N: [que ... pungente].

¹²³ A: que ... sangue. > I: {<que nos espreme o coração, e dele faz borbooso através de uma chuva de lágrimas consoladoras>} ; L, N: {<que nos espreme o coração, e dele faz borbotar lágrimas de fel e de sangue>}.

174 Passados dois anos porém, um incidente veio perturbar a uniformidade suave e serena, se bem que um pouco melancólica, da vida de Eugênio. Um dia a íntima confiança que merecia de seus mestres e diretores, ia-se abalando profundamente.

175 Eugênio já tinha entrado para a terceira classe de latim, e
começando a traduzir o livro dos *Tristes* de Ovídio e as *Églogas*
de Virgílio sentiu-se tomado de um vivo gosto pela poesia. Para
isso o predispunham sua terna sensibilidade e ardente imaginação.
Só esperava a mão, que viesse correr aos olhos de sua inteligência
inexperiente o véu que encobre esses desconhecidos e encantados
horizontes, essas paisagens fantásticas e deslumbrantes, tão cheias
de magia, de luz e de harmonia, em que os espíritos elevados
encontram tão grato abrigo contra¹²⁴ insipidez e as asperezas da
vida real.

¹²⁴ I, L, N: {a}.

176 Virgílio de um lado e Ovídio do outro deram-lhe as mãos
e o introduziram no templo da harmonia.

177 Era mais um precioso achado para aquela imaginação
viva e brilhante, para aquele coração tão rico de afetos. Mais
uma corda virgem acabava de ser vibrada naquela feliz e delicada
organização. À devoção e ao amor vinha juntar-se mais um novo
encanto na vida do adolescente; mais um eco acordava melodioso
no seio dessa alma tão cheia de harmonias íntimas e misteriosas.

178 Religião, amor, poesia, eis os elementos, que bastavam
para encher aquela existência e torná-la a mais feliz do mundo.
Eram como três anjos de asas de azul e ouro, que esvoaçavam de
contínuo em torno dessa alma infantil e cândida, e a arrebatavam
aos céus em gozos inefáveis.

179 Deus, Margarida e a musa formavam como uma tríplice
auréola, que cingiria a fronte de Eugênio de glória, amor e
beatitude, se os destinos do homem pudessem correr sempre na
vida serenos e risonhos, como soem se nos antolhar nos sonhos
dourados de puerícia¹²⁵.

¹²⁵ I, L, N: [Deus ...
puerícia.].

180 Eugênio, pois, ao ler os primeiros versos de Virgílio, sentiu
na fronte o bafejo do anjo da poesia que dava-lhe à alma como um
sentido mais, abrindo nela uma nova fonte de suaves e inefáveis
emoções. As *Églogas* do imortal Mantuano o encantavam. As
cenas do amor bucólico o arrebatavam retrazendo-lhe na fantasia
em cadentes¹²⁶ e melodiosos versos os singelos e aprazíveis
painéis da vida campesina, em que tantas vezes ele figurara como
ator, e fazendo-lhe lembrar com a mais viva saudade o ditoso

¹²⁶ D, H: <cadentes>.

tempo, em que junto com Margarida errante pelos vargedos e colinas da fazenda paterna lidava com o pequeno rebanho de Umbelina. A não ser padre santo, — que era até então a sua mais forte aspiração, — a vida que mais lhe sorria à imaginação era a de pastor, contanto que fosse em companhia de Margarida.

181 Não contente com admirar e sentir as belezas desses grandes poetas, Eugênio que tinha em si um grande fundo de sentimento e calor poético, ensaiava-se às vezes procurando traduzir em estrofes as emoções de seu coração, e as imagens que lhe pululavam no espírito. E quem senão Margarida, aquela beleza em botão, poderia inspirar os cantos daquela musa ainda no berço?...

182 Mas um dia, — como eu ia contando¹²⁷, Eugênio esteve a ponto de perder todo o bom conceito e estima, que até então tinha merecido de seus preceptores.

¹²⁷ I, L, N: [— como eu ia contando].

183 Eugênio se ocupava às vezes em escrever algumas coisas, que não eram os seus temas de latim, e escondia cuidadosamente esses manuscritos,¹²⁸ que cismava longamente. Como os meninos estudavam e dormiam em um vasto salão aberto, esta circunstância não pôde escapar aos olhos escrutadores e perspicazes do regente. Picado de curiosidade, este entendeu que devia saber o que continham aqueles papéis. Portanto, na hora do recreio, incumbindo a outro o cuidado de levar os meninos a passeio, deixou-se ficar no salão, e foi dar busca aos papéis de Eugênio, esperando não encontrar entre eles, afora as listas de significados e os temas de latim, senão algum esboço de sermão ou talvez algum ensaio de hinos religiosos, com cuja leitura já de antemão se regalava sua ávida curiosidade.

¹²⁸ G, I, L, N: {em}.

184 De fato encontrou alguns esboços informes nesse gênero, mas qual não foi a sua surpresa, quando entre esses papéis encontrou também uma longa carta escrita no tom o mais erótico e¹²⁹ sentimental e uma porção de versinhos amorosos dirigidos a uma rapariga por nome Margarida!? Que terrível auto de corpo de delito! Que sentença esmagadora, que anátema tremendo pairava então sobre a loura¹³⁰ cabeça de Eugênio, que a essa hora sentado como de costume no paredão da esplanada do quintal, tranquilo e descuidoso cismava saudades da sua Margarida!...

¹²⁹ I, L, N: [erótico e]

¹³⁰ I, L, N: [loura].

CAPÍTULO VI

185 Os versos de Eugênio eram apenas alguns ensaios incompletos e de forma tosca e imperfeita, algumas quadrinhas eróticas¹³¹, e estrofes sem nexos esparsas aqui e acolá em pequenas tiras de papel. Eram as primeiras tentativas de um estro¹³² infantil, que ensaiava os voos, como o passarinho novo que não podendo ainda lançar-se pelo espaço, contenta-se com esvoaçar em torno do ninho.

¹³¹ I, L, N: [algumas quadrinhas eróticas].

132 N: <astro>.

186 O regente, que era também o¹³³ seu professor de latim, e muito curioso de espécimes desse gênero, conservou alguns desses versos, que lhe pareceram menos toscos e mais bem acabados, como as duas seguintes coplas:

133 H: [o].

187

Longe de teus lindos olhos,
Ó Margarida,
Passo a noite, passo o dia
Em cruel melancolia;
Ai! triste vida!

.

Que importa estejas ausente,
Ó bem querida;
O teu formoso semblante
Estou vendo a cada instante,
Ó Margarida.

188 No gênero bucólico o que havia de mais completo e
inteligível, era o seguinte:

189 Enquanto o nosso gado vai pastando
A verde relva ao longo da ribeira,
Vamos, Menalca, repousar um pouco
 À sombra da paineira.
Ali tu ressoando a doce avena
A Clore cantarás, que é tua vida;

E eu te escutando chorarei saudades
Da minha Margarida.

.....

Mas basta; a sombra desce dos outeiros,
E o sol se esconde atrás daquela ermida,
É tempo de ir buscar o manso gado
Da minha Margarida.

190 O padre regente, conquanto admirasse o precoce talento poético do menino, foi às nuvens com semelhante descoberta, e tratou logo de sequestrar e ir meter nas mãos do padre-mestre diretor aqueles execrandos papéis, à exceção de alguns poucos que como apreciador do talento de seu aluno quis conservar consigo.

191 O diretor, cheio de assombro e altamente escandalizado, resolveu chamar à sua presença e interrogar com todo o rigor o autor daquelas libertinagens, disposto a castigá-lo severamente.

192 — Que hipócrita! — exclamava o padre cheio de santa indignação. — Em tão tenra idade e já com o coração tão corrompido!... ah! velhaquete!... e andava-me aqui com carinha de santo!... que castigo merece uma hipocrisia tal!...

193 Pobre menino!... aquela ingênua expansão de uma alma pura e afetuosa, que sabia ainda conciliar o culto do criador com o amor da criatura¹³⁴, em vez de ser considerada como um interessante fenômeno fisiológico, como o idílio mavioso de um coração de criança¹³⁵, que se expandia como uma flor aos primeiros raios da aurora exalando perfumes de poesia, era pelo contrário aos olhos do fanático preceptor um pecado abominável, uma revoltante hipocrisia.

¹³⁴ I, L, N: <criança>.

¹³⁵ I, L, N: [o ... coração].

194 Portanto, depois que os seminaristas se recolheram do recreio e que a sineta deu sinal da hora do repouso, Eugênio foi intimado pelo seu regente para comparecer no quarto do padre-mestre diretor.

195 Este chamado era terrível. De ordinário só tinha lugar quando o estudante tinha incorrido em alguma grave falta, e era quase sempre seguido de severas repreensões e por vezes de

exemplares e rigorosos castigos. Transido de terror, posto que a consciência nada lhe arguisse, pálido e trêmulo como um réu, que vai ouvir a sentença de sua condenação, o pobre menino atravessou os longos corredores, e encaminhou-se para o cubículo do diretor, que ficava na extremidade do edifício pelo lado da frente¹³⁶.

¹³⁶ I, L, N: [pelo lado da frente].

196 — Então, senhor Eugênio, que papéis são estes? — foi-lhe logo perguntando sem mais preâmbulos o padre-mestre, com voz áspera e sobrolho carregado, e mostrando os papéis que tinham sido subtraídos da pasta do menino.

197 Eugênio reconheceu logo os seus papéis; ficou fulminado e lívido como um defunto. Quis responder, mas não atinava com o que havia de dizer. Tremendo e confuso abaixou a cabeça e calou-se.

198 — Que papéis são estes, senhor Eugênio? não me responderá? ... continuou o padre com voz cada vez mais áspera.

199 Eugênio não respondia. Em pé, imóvel e de braços cruzados em frente do padre, que se achava sentado junto a uma mesa, dir-se-ia que a vergonha e o terror o tinham petrificado, se não fora um leve tremor que lhe agitava o corpo desde a cabeça até aos¹³⁷ pés.

¹³⁷ I, L, N: <os>.

200 — Com efeito, senhor estudante! — prosseguiu o padre com a voz grave e solene; — quando nós todos aqui o tínhamos no conceito do melhor e mais bem comportado dos estudantes; quando eu o apontava como um exemplo a seus companheiros, cai-lhe enfim a máscara, e o senhor mostra que não é senão o tipo da mais rematada hipocrisia!... é incrível!... entretanto é a pura verdade!... Que quer dizer esta carta? ... estes versinhos? ... que abominação é esta?... explique-me isto, senhor Eugênio. Então toda essa sua devoção, que tanto nos edificava, essa carinha de santo, esses seus modos humildes não eram mais do que uma máscara para nos enganar, e que encobria um libertino?! é assim que corresponde aos louváveis desejos de seu pai, que tanta vontade tem de vê-lo padre? diga-me, não se peja dentro da consciência do triste papel que está fazendo?...

201 Que sermão para um menino de quinze anos e para uma alma tímida, boa e sensível como a de Eugênio!...

202 Eugênio ficou aterrado. Tanto a sua língua como a sua
 inteligência ficaram como que paralisadas ao choque daquela
 furibunda apóstrofe. Sua surpresa e estupefação eram completas.
 Nunca lhe passara pela cabeça, que querer bem a uma criança
 como ele, e fazer-lhe versos fosse uma abominação, um horroroso
 pecado, e se procurava ocultar esses produtos do seu estro infantil,
 era mais por acanhamento e por uma espécie de pudor instintivo,
 e não porque tivesse consciência de cometer um ato repreensível.

203 O menino estava em torturas, mas enfim era preciso
 responder alguma coisa.

204 — Senhor padre!... me perdoe... — pôde ele enfim
 responder balbuciando e tremendo. — Eu não sabia... que isso era
 proibido...

205 — Isso o quê?...

206 — Fazer versos...

207 — Mas que qualidade de versos, senhor estudante?... fazer
 versos a Deus, aos santos, aos anjos, isso também os santos padres
 da igreja os faziam, e V.m.¹³⁸ também lá os tinha no seu calhamaço
 de envolta com estas abominações... mais ¹³⁹ este sacrilégio! ... E
 não me fará o favor de dizer quem é esta Margarida?...

¹³⁸ D, H: <Vmc.>.

¹³⁹ D, G, H, I, L, N:
 <mas>.

208 — É uma pobre criança, senhor padre, uma menina minha
 vizinha, e que foi criada junto comigo.

209 — Ah!... mais essa! ... tão criança, e já tinha lá em sua terra
 dessas relações pecaminosas!... e o senhor seu pai por ventura não
 sabia disso, quando o mandou para cá a fim de o educarmos para
 padre? é essa a bela vocação, que ele tanto exaltava? que guapo
 padre, que em vez de estudar e rezar ocupa-se em fazer cartas e
 versinhos de amores?...

210 — Mas, senhor padre... eu não mandei a carta nem os
 versos para a Margarida...

211 — Porque não pôde; ... e que importa isso?... bastava
 pensar em tais coisas para cometer um grande pecado, e V.m.¹⁴⁰ não só
 pensou, como escreveu. Essas paixões pecaminosas e torpes não
 se devem aninhar no coração de ninguém, e muito menos no de um
 menino, que se destina ao estado ¹⁴¹ eclesiástico. Meu amiguinho,
 se pretende continuar com essas abominações, arranque já do

¹⁴⁰ D, H: <Vmc.>.

¹⁴¹ H: <estudo>.

corpo essa batina, deite fora esse barrete que está profanando com sua indigna conduta, ponha-se em calças¹⁴² e vá-se com Deus para casa de seus pais. Não consentiremos que esteja aqui pervertendo os outros com o seu pernicioso exemplo. Pode estar certo, que puniremos mais severamente a hipocrisia do que o escândalo. Este não é tão perigoso.

¹⁴² I, L, N: [com ... calças].

212 — Oh! senhor padre!... senhor padre! perdoe-me pelo amor de Deus! — exclamou Eugênio caindo de joelhos aos pés do padre, e não podendo continuar, tapou o rosto com as mãos¹⁴³, e desatou n'uma torrente de lágrimas e soluços.

¹⁴³ A: tapou ... mãos > I, L, N: {<levou ao rosto as mãos>}.

213 Um pouco comovido com aquela cena o padre pegou-lhe no braço, fê-lo levantar-se, e disse-lhe em tom mais brando:

214 — Está bem!... está bem!... não esteja aí a chorar. Quero acreditar que tudo isto não foi senão efeito da ignorância e simplicidade; mas fique advertido de uma vez para sempre... Levante-se, filho de Deus, enxugue essas lágrimas e faça firme protesto de não cair mais nessas libertinagens. Aqui estão os seus papéis; quero que os queime com as suas próprias mãos, e não pense mais nessa Margarida, que o ia lançando no caminho da perdição.

215 O padre fez acender uma vela, e o estudante com mão trêmula nela queimou, como se fossem sacrílegos, aqueles inocentes produtos da sua musa infantil.

216 — Muito bem! — disse o padre vendo caírem no chão umas após outras as folhas denegridas dos papéis queimados. — Muito bem! agora é preciso também queimar nesse coraçãozinho inexperiente o lixo das paixões mundanas e pecaminosas no fogo do amor divino, redobrando de devoção, rezando com muito fervor, impondo-se jejuns e penitências, e suplicando do fundo da alma ao divino Espírito-Santo, que lhe ilumine o entendimento e lhe vigore o coração dando-lhe forças para poder combater vitoriosamente contra a tentação do pecado. Para esse fim há de V.m.¹⁴⁴ jejuar uma semana inteira e preparar-se para no fim dela fazer confissão geral e receber a comunhão. Tenha paciência, é só por este meio que poderá combater a tentação, que assim o anda desviando da senda de seus deveres, e o pretende arredar de sua

¹⁴⁴ D, H: <Vmc.>.

santa e verdadeira vocação. Vá; vá para o salão estudar. Por esta vez está relevada a sua falta, e se se arrepender deveras, e emendar-se, continuará a merecer a nossa estima e nossos desvelos. Do contrário o reenviaremos a seus pais; mas espero que o menino não quererá dar-lhes tão grande desgosto.

CAPÍTULO VII

217 Eugênio entrou para o salão mergulhado n'um pego de
dor, de vergonha, de terror, e sofrendo o embate de mil diversas e
violentas impressões. Seus companheiros de salão olhavam para
ele cheios de pasmo.

218 Em que grave falta teria incorrido aquele bom menino, tão
dócil, tão sossegado e estudioso?

219 —Se aquele, que é um santinho, e nunca falta às suas
obrigações, está sujeito a estas, que será de mim, que nem por
isso dou muito boas contas de mim, e não sou lá das melhores
fazendas! — Assim cada um deles transido de medo pensava em
sua consciência.

220 Eugênio vendo a atenção de que era objeto da parte deles,
quereria afundar-se cem braços pela terra abaixo. Sentado sobre
o seu tamborete, e debruçado sobre o seu leito, que servia aos
estudantes a um tempo de cama e de mesa de estudo, para furtar-se
aos olhares curiosos e espantados de seus companheiros enrolou
os braços em volta do rosto e assim ficou até à noite exalando de
quando em quando soluços abafados¹⁴⁵.

¹⁴⁵ I, L, N: [Sentado...
abafados.].

221 Aquele estranho acontecimento vinha despertar em
seu espírito uma multidão de ideias e reflexões novas, que lhe
tumultuavam no cérebro, e o punham na maior tortura e confusão.
Não compreendia que mal pudesse haver em querer bem a uma
menina e em fazer-lhe versos. Bem sabia que tinha de ser padre, e
esse era o seu mais ardente desejo; sabia igualmente que o padre
não pode casar-se, e muito menos amar uma mulher qualquer;
mas nunca lhe passou pelo espírito a ideia de casamento com
Margarida, nem com quem¹⁴⁶ quer que fosse, nem tão pouco
que aquela afeição que consagrava à menina, fosse o que se
chama amor. Ficou portanto confuso e aterrado, quando aquele
sentimento que lhe parecia tão inocente e sem consequência, lhe
foi exprobrado¹⁴⁷ como um crime hediondo, um sacrilégio, uma
ofensa enorme feita à divindade.

¹⁴⁶ G, I: [quem].

¹⁴⁷ I: <exprobrado>.

222 Repugnava-lhe semelhante ideia, mas entretanto sentia
que era forçoso curvar-se a ela e submeter-se aos ditames do

seu diretor. Mas esquecer-se de Margarida, renunciar para sempre àquela afeição tão pura e suave, que até então lhe havia embalsamado a existência com¹⁴⁸ seus eflúvios celestes, e que constituía por assim dizer a seiva de seu coração, o perfume de sua alma, era um empenho diante do qual o seu espírito recuava espavorido, e a sua inteligência, posto que inexperiente, bem entrevia que isso não lhe seria possível.

¹⁴⁸ G, I, L, N: {os}.

223 Todavia Eugênio, como submisso e dócil que era por natureza, não podia deixar de compreender que o padre diretor devia ter toda a razão, e pressentia que a afeição que votava a Margarida, era um estorvo temível, um escolho, em que iria naufragar irremediavelmente a sua vocação religiosa. E como desejava sincera e ardentemente abraçar o estado sacerdotal, começou a ter um¹⁴⁹ horror, não à pessoa de Margarida, — que mal lhe havia feito ou poderia fazer a pobre menina, —mas à ideia de amá-la.

¹⁴⁹ H: [um].

224 Não podia desprezar e muito menos odiar a sua boa e gentil companheira de infância, mas era forçoso... esquecê-la de todo! não; não o queria, e nem isso era possível, mas era preciso não trazê-la tão de contínuo presente ao pensamento. Nesse intuito Eugênio tentou embalde esforços sobre-humanos.

225 À tarde, no recreio, em vez de ir assentar-se como d'antes no paredão da esplanada a contemplar as colinas vizinhas e as nuvens douradas do ocidente afogueado pelos últimos clarões do dia, envolvia-se na turba folgazã dos companheiros, e procurava abafar no turbilhão e algazarra de seus trêfegos divertimentos as cismas saudosas que nessas horas, como vapores de rosa nas asas de uma brisa perfumada, costumavam pairar-lhe pelo espírito.

226 Quando à hora de missa entrava na igreja, desviava os olhos do grupo das mulheres, e quando acordava de madrugada aos sons dos hinos sagrados, ao ouvir aquela voz suave e argentina que lhe¹⁵⁰ fazia lembrar Margarida, cobria bem a cabeça, e tapava os ouvidos com ambas as mãos.

¹⁵⁰ I, L, N: [lhe].

227 De noite, quando sonhava com ela, — e isto sempre lhe acontecia, — despertava benzendo-se, punha-se de joelhos e rezava longamente pedindo a Deus que lhe arredasse do espírito aquela tentação, que até dormindo tanto o perturbava.

228 Mas debalde Eugênio cerrava os olhos e os ouvidos, debalde procurava furtar-se à influência dessas impressões externas, que lhe falavam de Margarida. De que lhe servia isso, se ele a tinha dentro de si, e não lhe era possível estender um véu que a ocultasse aos olhos da alma, dentro da qual encontrava sempre a sorrir, refulgente de formosura, a imagem de Margarida, como lâmpada sempre acesa dentro de um santuário, e ouvia-lhe constantemente a voz como um eco mavioso, que a viração que passa acorda de contínuo no seio de uma gruta misteriosa.

229 Era tempo perdido querer riscá-la da lembrança. A encantadora menina cada vez mais louça e risonha, cada vez mais tentadora, estava sempre a lhe aparecer em sonhos, como um anjo de luz procurando à porfia desvanecer e afugentar as sombras tristonhas que os escrúpulos de uma consciência fanatizada começavam a acumular no espírito do adolescente.

230 Eugênio cumpriu à risca os jejuns e penitências que lhe foram prescritos durante uma semana, no fim da qual devia prosternar-se no tribunal da penitência aos pés do confessor, e aliviar sua consciência do peso daquele hediondo pecado, o qual entretanto fazia as delícias de sua vida. E quem escolheria ele para seu confessor senão o próprio padre-mestre diretor, que já estava ao fato das fraquezas de seu coração, e das alucinações de sua imaginação?

231 O menino confessou-se com verdadeira contrição e sinceros desejos de emendar-se, revelando toda a luta íntima, que sustentava sem resultado para banir do espírito a imagem da sua querida Margarida.

232 O padre deu-lhe animações e conselhos salutareis exortando-o a¹⁵¹ que persistisse naquela luta agradável aos olhos de Deus, e que tivesse fé e esperança na misericórdia divina, que alcançaria segura e completa vitória. Entre outras muitas coisas santas e salutareis que disse ao menino, fez-lhe ver que de certo Margarida, como criança que era, já há muito dele se teria esquecido, e que não era senão o demônio que tomava a figura dessa menina para perturbar-lhe o espírito, arredá-lo de uma santa vocação, e arrastá-lo ao caminho da condenação eterna; que

¹⁵¹ N: [a].

se lembrasse que o espírito das trevas querendo perder nossos primeiros pais transformou-se em uma serpente, que enleando-se submissa e dolosa aos pés de Eva, lançou-lhe n'alma o gérmen da desobediência e da cobiça, o que fez perderem para sempre, ela e o seu companheiro, as delícias do paraíso terreal.

233 Como remédio prático para combater a tentação recomendou-lhe que se desse a trabalhos incessantes do corpo e do espírito; exercício ativo e violento mesmo nas horas de recreio, lição dobrada a¹⁵² estudar na ocasião do repouso, e sobretudo orações, penitências e mortificações durante a noite.

¹⁵² H: <e>.

234 O estudante ouvia com a maior atenção, e recolhia no fundo da alma todos os conselhos e exortações do padre, disposto a pô-los em prática imediatamente. De todas as coisas porém, que disse o padre, a que mais profunda moessa deixou em seu espírito, foi a alusão da serpente no paraíso. Lembrou-se da cobra que se tinha enleado ao corpo de Margarida, quando era pequenina, das palavras que então sua mãe proferiu com respeito à serpente que tentou Eva no paraíso, e estremeceu.

235 Havia ali uma terrível analogia de situações, que ele sentia confusamente; as sinistras apreensões de sua¹⁵³ mãe pareciam tender a realizar-se, e¹⁵⁴ um terror vago se apoderou da alma de Eugênio.

¹⁵³ A: de sua > G: <da>.

¹⁵⁴ G, I, L, N: [e].

236 O estudante seguiu à risca todas as exortações e conselhos do padre.¹⁵⁵

¹⁵⁵ I, L, N: §+§ O...padre. § Na ocasião...corpo.

237 Na ocasião do recreio corria, saltava, lutava, jogava a bola e a peteca sem dar um instante de repouso ao corpo.

238 Nas horas do repouso estudava a morrer, e quando já não tinha lição a estudar pegava em qualquer livro pio, e lia, lia incessantemente.¹⁵⁶

¹⁵⁶ I, L, N: §+§ Nas... incessantemente. § Quando...prostrar.

239 Quando vinha a noite achava-se fatigadíssimo, mas em vez de entregar-se ao descanso que a natureza reclamava, conservava acesa a sua lâmpada até horas mortas da noite, rezando ou estudando, e quando a apagava ficava ainda ajoelhado e de braços abertos sobre o leito, até que um sono irresistível o viesse prostrar nele.¹⁵⁷

¹⁵⁷ I, L, N: [nele].

240 No fim de algum tempo Eugênio estava magro, pálido, alquebrado, que mais parecia uma múmia ambulante. Tinha-se

de todo amortecido o brilho de seus grandes olhos azuis, e rugas precoces sulcavam-lhe as faces macilentas¹⁵⁸. O adolescente de dezesseis anos tinha visos de¹⁵⁹ um ancião às bordas da sepultura.

¹⁵⁸ A: e ... macilentas > I, L, N: {<e profunda palidez cobria-lhe o rosto magro>}.

¹⁵⁹ A: tinha visos de > I, L, N: <parecia>.

¹⁶⁰ I, L, N: <deixavam>.

241 Estes estragos físicos não deixaram¹⁶⁰ também de repercutir de um modo deplorável no moral e na inteligência. O espírito de Eugênio, a princípio exaltado pela forte tensão em que o mantinha aquela luta travada consigo mesmo, por fim extenuado de cansaço acabou por tornar-se moroso e pesado. Sua terna e delicada sensibilidade embotou-se, ou antes apagou-se no gelo de um beatismo frio, austero e sem arroubos. Essa imaginação tão viva e risonha, que como travessa borboleta esvoaçava entre o céu e a terra, entre as flores da colina, e as nuvens matizadas dos brilhantes horizontes, queimou as asas de ouro na luz da candeia fumacenta do estudo e da oração.

242 Seu caráter mesmo modificou-se profundamente, e¹⁶¹ esse menino outrora tão benigno, tão complacente e comunicativo, posto que algum tanto retraído e melancólico, foi-se tornando de mais em mais seco e frio, desconfiado e sorumbático. Andava como um fantasma, de cabeça baixa e movimentos compassados e vagarosos. O olhar frouxo e estatelado tinha perdido essa travessa mobilidade, esse fulgor transparente próprios dos verdes anos.

¹⁶¹ I, L, N: [e].

243 Fatal e deplorável poderio do fanatismo sobre um espírito novel e exaltado, acessível a todas as alucinações!

244 Para esquecer Margarida era preciso quebrantar o corpo a ponto de o reduzir quase a cadáver, embrutecer o espírito e mirrar o coração, e Eugênio não trepidou diante de tão horrível alternativa. À força de trabalhos e insônias, de orações, jejuns e mortificações continuadas, caiu em tal estado de prostração, de atonia física e moral, que embotando-se-lhe de todo a sensibilidade e quase extinto o lume da inteligência, o rapaz ficou como que reduzido a um autômato.

245 Naquele descalabro geral de todas as impressões vivas, de todas as emoções afetuosas, de toda a crença no amor e na felicidade neste mundo, naturalmente também a imagem de Margarida, arrebatada no comum naufrágio, devia ter-se apagado naquele coração, e Eugênio julgou ter conjurado para sempre a

tentadora aparição¹⁶², que lançava a perturbação em sua alma. Era verdade: o anjo luminoso desaparecera de seu espírito, como de um santuário deserto onde a lâmpada se havia apagado, ficando reduzido a uma espelunca tristonha, gélida e sombria, e apenas de longe em longe pairava sobre ele, e lançava-lhe no seio um reflexo pálido como luz de uma estrela afogada entre nuvens.

¹⁶² I, L: [e ... aparição].

246 Eis como uma educação fanática e falseada, abusando de certas predisposições do espírito, lança naquela alma o gérmen de uma luta íntima e cruel, que fará o tormento de toda a sua vida, e o arrastará talvez à última desgraça, se a misericórdia divina dele não se amercear.

CAPÍTULO VIII

247 Havia já quatro anos, que Eugênio se achava no Seminário sem visitar sua família. Seu pai já por vezes tinha escrito aos padres pedindo-lhes que permitissem que o menino viesse passar as férias em casa. Estes porém já de posse dos segredos da consciência de Eugênio, receando com razão que as seduções do mundo o arredassem do santo propósito em que ia tão bem encaminhado, opuseram-se formalmente, e responderam-lhes fazendo ver, que aquela interrupção na idade em que se achava o menino, era extremamente perigosa, e podia ter péssimas consequências desviando-o para sempre de sua natural vocação.

248 Uma ausência porém de quatro anos já era excessiva para um coração de mãe, e a de Eugênio, principalmente depois que soube que¹⁶³ seu filho andava mofino e adoentado, não pôde mais por modo nenhum conformar-se com a vontade dos padres. Estes portanto, muito de seu mau grado, não tiveram remédio senão deixá-lo partir.

¹⁶³ I, L, N: [soube que].

249 A viagem, o movimento, as distrações, o ar livre restituíram em breve tempo à feliz organização do mancebo o viço e o vigor natural, que a longa enclausuração e a vida ascética lhe iam apagando tanto no físico como no moral. À medida que viajava e ia se avizinando ao¹⁶⁴ lar paterno, ia-se de novo acendendo o brilho dos seus olhos, voltavam-lhe as cores ao rosto pálido, e com elas voltavam-lhe¹⁶⁵ também a enxamear no espírito as fagueiras recordações dos brincos da infância em companhia de sua bem querida companheira, como um bando de passarinhos, que depois de uma longa internada saem das moitas a esvoaçar, espanejar-se e cantar pelos ramos floridos do vergel aos raios de uma formosa manhã de agosto.

¹⁶⁴ I, L, N: <do>.

¹⁶⁵ G, I, L, N: [lhe].

250 Eugênio ardia de impaciência por tornar a ver a casa paterna, os sítios amados, onde passara a infância com Margarida. Em sua inexperiente confiança já não receava perigo algum em ver em carne e osso aquela encantadora menina, da qual somente a lembrança outrora o assustava, pois julgava-se bastante premunido pelos conselhos e exortações do padre contra qualquer

sedução do mundo, e abandonava-se sem reserva às suaves emoções, e ao alegre alvoroço, que lhe ofegava no¹⁶⁶ coração.

¹⁶⁶ H: <o>.

251 O dia da chegada de Eugênio foi um dia de festa em casa do capitão Antunes. Pai e mãe se extasiavam diante do filho, e não se fartavam de contemplá-lo admirando-lhe o porte e o crescimento, as maneiras e o rosto já tão graves e sisudos, e enfim aquele todo verdadeiramente sacerdotal.

252 Como Eugênio chegara a casa quase à noite, somente na manhã do¹⁶⁷ dia seguinte Umbelina e sua filha puderam ir cumprimentar e visitar o recém-chegado, o pequeno padre, como já chamavam a Eugênio. Apenas este deu com os olhos em Margarida, sentiu um abalo estranho, uma perturbação extraordinária; corou e empalideceu no mesmo instante, ficou trêmulo, confuso e tolhido, como se tivesse diante de seus olhos um espectro ameaçador, e apenas pôde balbuciar um cumprimento embaraçado.

¹⁶⁷ G, I: <de>.

253 Quanto a Umbelina, essa saltou logo com sofreguidão ao colo do rapaz, apertou-o nos braços, beijou-o na testa dirigindo-lhe os mais bizarros cumprimentos.

254 — Santo Deus! como está grande e bem parecido!... está um homem feito... e já está com um caráter de padre santo!... quem há de dizer, comadre, que este é aquele mesmo menino que eu ainda outro dia carregava num braço e esta menina no outro e levava para casa para dar-lhe bananas e biscoitos, de que ele tanto gostava?... meu Deus, como o tempo corre depressa!...¹⁶⁸

¹⁶⁸ I, L, N: [quem ... depressa!...].

255 Enquanto Umbelina se desabafava nestes e outros cumprimentos, Eugênio confuso e embaraçado olhava de esguelha para Margarida não ousando fitá-la, e estava cheio de¹⁶⁹ pasmo e de surpresa. Não contava com a mudança que quatro anos poderiam operar no desenvolvimento da menina¹⁷⁰, e cuidava vir ainda encontrar pouco mais ou menos a mesma inocente e linda criança que deixara, assim¹⁷¹ como ele. Eugênio, com ser mais velho dois anos, não havia feito mudança notável, e ainda se considerava menino. Não sabia que o desenvolvimento nas mulheres se opera com muito maior rapidez, e ficou assombrado quando em vez de uma menina, que esperava pôr sobre os joelhos e brincar com ela

¹⁶⁹ I, L, N: [e estava cheio de].

¹⁷⁰ A: Não... menina > I, L, N: {<pasmo com a mudança que quatro anos puderam operar no desenvolvimento da menina>}.

¹⁷¹ I, L, N: <pequena>.

como nos bons tempos de outrora¹⁷², viu apresentar-se diante de seus olhos uma linda mocetona, alta, garbosa, bem feita e em toda a plenitude de seu desenvolvimento.

¹⁷² I, L, N: [e ... outrora].

256 De fato, a interessante menina em quatro anos tinha-se transformado na mais encantadora moça.

257 A tez era de um moreno delicado e polido, como resvalando uns reflexos de matiz de ouro. Os olhos grandes e escuros tinham essa luz suave e aveludada, que não se irradiava, mas parece querer recolher dentro d'alma todos os seus fulgores à sombra das negras e compridas pestanas, como tímidas rolas, que se encolhem escondendo a cabeça debaixo da asa acetinada; as sobrancelhas pretas e compactas davam ainda mais realce ao mavioso da luz que os inundava, como lâmpadas misteriosas de um santuário. Os cabelos, uma porção dos quais trazia soltos por trás da cabeça, lhe rolavam negros e luzidios sobre os ombros como as catadupas enoveladas de uma cachoeira. Ao mais leve sorriso, que lhe entreabria os lábios, cavavam-se-lhe nas duas mimosas faces com uma graça indefinível essas feiticeiras covinhas, que o vulgo chama com tanta propriedade — grutas de Vênus. A boca, onde o lábio inferior cheio e voluptuoso dobrava-se graciosamente sobre um queixo redondo e divinamente esculpado, a boca era vermelha, fresca e úmida como uma rosa orvalhada. O colo, os ombros, os braços, eram de uma morbidez e lavor admiráveis.

258 Sua fala era uma vibração de amor, que alvoroçava os corações, o olhar como luz de lâmpada encantada, que fascina e desvaira; o sorriso era um lampejo de volúpia, que fazia sonhar com as delícias do Éden.

259 Era enfim o tipo o mais esmerado da beleza sensual, mas habitado por uma alma virgem, cândida e sensível. Era uma estátua de Vênus animada por um espírito angélico.

260 Ainda que Eugênio não conhecesse e amasse Margarida desde a infância, ainda que a visse então pela primeira vez, era impossível, que toda a virtude e austeridade daquele cenobita em botão não se prostrasse vencido diante daquela deslumbrante visão.

261 Margarida estava vestida de cor de rosa com muita graça e
simplicidade; tinha por único enfeite na cabeça um simples botão
de rosa. Eugênio esteve por muito tempo mudo e entregue a um
indizível acanhamento diante da companheira de sua infância,
como se se¹⁷³ achasse em presença de uma alta e poderosa princesa. ¹⁷³ I: [se].

262 Foi a tia Umbelina quem primeiro rompeu o silêncio:

263 — Está com efeito um mocetão o Sr. Eugeninho!... há de
dar um bonito padre.

264 O estudante olhou para Margarida como quem dizia —
nunca! corou e abaixou os olhos sorrindo tristemente, como o faria
a mais pudica donzela. Aquele cumprimento de bonito padre, que
lhe era lançado em face ali em presença de Margarida, causou-lhe
uma estranha e desagradável impressão.

265 — É isso mesmo, — continuou Umbelina em ar de
gracejo, — já não conhece os seus amigos velhos ou d'aqui a
pouco é senhor padre, senhor vigário, e nem há de querer mais
olhar para a gente, não é assim, senhor Eugeninho?

266 — Não diga isso nem brincando, tia Umbelina, — replicou
Eugênio cada vez mais enfiado. — Deus me livre de fazer pouco
caso de ninguém, quanto mais da gente de casa, de quem eu tinha
tanta saudade. O que me admira é ver a dona Margarida como
cresceu tanto e ficou moça tão depressa.

267 — Toma lá, menina! — exclamou Umbelina dando uma
risada; — está-te dando de dona!... que dizia eu?... para ele já
somos como gente estranha. Já se esqueceu que ainda o outro dia
brincavam juntos?... deixemo-nos de donas aqui, senhor Eugênio;
esta menina é para V.m.¹⁷⁴ o mesmo que uma irmãzinha. Quero ¹⁷⁴ D, H: <Vmc.>.
vê-lo tal qual era d'antes.

268 — Mas ela... já está tão... já está moça... — ia gaguejando
Eugênio no maior enleio, — e eu achava... que...

269 — Tem razão, meu filho; — atalhou a mãe acudindo ao
embaraço do filho; — nem sempre a gente é criança; Margarida
já está ficando uma senhora, e você não pode tratar *a ela* agora,
como no tempo em que brincavam juntos o *esconde-esconde*.

270 — Assim deve ser mesmo; retorquiou Margarida com
um sorriso cheio de encanto, mas um tanto malicioso; — minha

madrinha tem razão; também ele já está ficando um homem sério, e eu daqui em diante não devo tratar senão pelo – senhor Eugênio, não é assim, mamãe?

271 — Sem dúvida, minha filha. Agora vou caindo em mim, e vejo que todos têm razão. Nem todo o tempo é um. Algum dia ainda pode acontecer, que te ajoelhes aos pés ali do senhor Eugênio no confessionário, e é bom desde já ir-te acostumando a tratá-lo com o respeito que lhe é devido.

272 Margarida e Eugênio olharam um para o outro. Lembraram-se do juramento mútuo, que se haviam feito havia quatro anos a respeito de confissão, no vargado junto às paineiras da ponte, e uma abaixou os olhos e corou; o outro, que já estava rubro a não poder mais, empalideceu.

273 Com aqueles gracejos Eugênio tornava-se cada vez mais tolhido e desconcertado, coçava a cabeça, mordida os beiços, e estava quase a chorar de desapontamento. O título de padre, que até então lhe parecia tão bonito, naquela ocasião não sei porque lhe causava arrepios e lhe parecia horivelmente áspero e desentoadado.

274 Margarida principalmente, que havia herdado um pouco do espírito cáustico e zombeteiro de sua mãe, trazendo à conversa também a sua pilhéria, tinha acabado de desconcertar e desorientar completamente o pobre rapaz. Vendo porém, quanto o afligia e incomodava aquela conversação, arrependeu-se no íntimo d'alma, e como corrida de seu próprio procedimento procurou repará-lo do melhor modo que pôde.

275 — Queira perdoar-me, se o agravei, senhor Eugênio, — disse-lhe com meiguice. — Nós estamos brincando, e não temos a menor intenção de incomodá-lo. Eu não me lembrava que não estamos mais naquele nosso bom tempo em que eu lhe dizia quanta asneira me vinha à boca, sem que o senhor desse o cavaco...

276 — Eu dar o cavaco?! está enganada!... disse o rapaz levantando-se e forcejando por mostrar-se lesto e desembaraçado. — Podem caçoar, quanto quiserem, que eu nem dou fê.

277 Entretanto não teve remédio senão ir colocar-se à uma janela a fim de ocultar a perturbação e desapontamento que lhe transtornava a fisionomia.

278 — Aqui ninguém é capaz de caçoar com V.m.¹⁷⁵, senhor Eugênio; acudiu Umbelina; — Deus nos livre de tal. Estamos gracejando; a gente também não há de estar sempre séria como uma abadessa: de vez em quando é preciso rir um bocado.

279 — Diz muito bem, comadre; — atalhou a senhora Antunes; a gente deve divertir-se. Isso do Eugênio, é acanhamento que trouxe do seminário; logo há de se ir desembaraçando... apre¹⁷⁶!... como faz calor!... vamos nós passear à horta, hein, comadre?...

280 — Pronta!... vamos; vamos todos. Lá conversaremos à vontade, e o nosso Eugênio vendo os lugares em que brincou em criança, talvez perca metade do acanhamento¹⁷⁷.

¹⁷⁵ D, H: <Vmc.>.

¹⁷⁶ N: <arre>.

¹⁷⁷ I, L: [Lá ... acanhamento.].

CAPÍTULO IX

281 A educação claustral é triste em si e em suas consequências;
o regime monacal, que se observa nos seminários, é mais próprio
para formar ursos do que homens sociais. Dir-se-ia que o
devotismo austero, a que vivem sujeitos os educandos, abafa e
comprime com suas asas lôbregas e geladas naquelas almas tenras
todas as manifestações espontâneas do espírito, todos os voos da
imaginação, todas as expansões afetuosas do coração.

282 O rapaz que sai de um seminário depois de ter estado
ali alguns anos, faz na sociedade a figura d'um idiota. Desazado,
tolhido e desconfiado, por mais inteligente e instruído que seja, não
sabe dizer duas palavras com acerto e discrição, e muito menos
com graça e afabilidade. E se acaso o moço é tímido e acanhado
por natureza, acontece muitas vezes ficar perdido para sempre.

283 Eis a razão porque Eugênio, que todos desejavam e
esperavam ver brilhar na conversação como um pequeno sábio,
representou o papel tristíssimo que vimos, diante de pessoas que
desde a infância lhe eram familiares. Não era por certo, que ele
não sentisse no cérebro um turbilhão de ideias, e mil sentimentos
estuaress-lhe no coração; mas é que o espírito está sujeito às
mesmas leis do corpo a certos respeitos. Como aquele, que esteve
longos anos encarcerado, ao sair da prisão não pode¹⁷⁸ mover mais
os membros entorpecidos, assim o espírito recluso largo tempo
entre as paredes de um claustro, atado continuamente ao poste¹⁷⁹
do estudo forçado e da oração, sente-se paralisado, quando lhe é
mister desenvolver-se em uma esfera mais ampla e mais livre.

¹⁷⁸ D: <pôde>.

¹⁷⁹ D, H: <posto>.

284 Verdade é que a situação de Eugênio era naquela ocasião
sobremaneira melindrosa. Seu coração passava por uma crise
violenta e profunda, como o leitor pode imaginar. Se a imagem
da simples e travessa menina de doze anos não se¹⁸⁰ tinha apagado
do espírito durante uma ausência de quatro anos, a presença
real dela agora transformada em mulher, antes em anjo radiante
de mocidade e formosura, o havia deslumbrado e subjugado
completamente, ameaçando deitar por terra toda a sua vocação
clerical, e anular de todo o resultado dos esforços empregados

¹⁸⁰ D, H: {lhe}.

pelos padres durante quatro anos de noviciado.

285 O mancebo já se envergonhava de querer ser padre, e
todas as vezes que olhava para Margarida, não podia conformar-
se com semelhante ideia.

286 A visita de Umbelina e sua filha, como é de costume na
roça, durou quase todo o dia. As vizinhas, em companhia da dona
da casa e de Eugênio, correram a casa toda, foram ao moinho,
ao paiol, passearam pelo quintal, comeram frutas, colheram
flores, jantaram e tomaram café três ou quatro vezes. Eugênio as
acompanhava mas quase sempre um pouco afastado, taciturno e
sorumbático, e apenas dizendo uma ou outra palavra, quando sua
mãe ou Umbelina o interpelavam. Estava como que espantado,
com os olhos fitos em Margarida, querendo falar, e não achando
nada que dizer. As grandes emoções lançam uma nuvem no
espírito e paralisam a língua.

287 Margarida, porém, que ainda não tinha sido iniciada nos
rigores e escrúpulos da vida claustral, e por cujo espírito nunca
passara a ideia de ser freira, abandonava-se com efusão à alegria
de tornar a ver o seu companheiro de infância, e sorria, cantava,
brincava como uma borboleta por entre os canteiros florescidos
do jardim, ou pelas sombras do pomar, apanhando flores e frutas
que vinha oferecer a Eugênio, e com suas alegres conversas
e encantadoras travessuras o provocava a sair daquele estado
constrangido e acanhado em que o via.

288 De repente Margarida, dando uma volta pelo jardim,
apanhou duas flores e correu a apresentá-las a Eugênio.

289 — Aqui estão estas duas flores, — disse ela, — um cravo
e uma rosa. O cravo é você e a rosa sou eu. Fique com a rosa,
que eu guardarei o meu cravo. Aquele que deitar fora a sua flor, é
porque não sabe querer bem.

290 Eugênio tomando a flor, pela primeira vez ousou fitar
em Margarida olhos ardentes de ternura e paixão, mas para
logo os abaixou, e cobriu-se de rubor, como faria a mais pudica
e tímida virgem.

291 — Oh!... Margarida!... eu — ia dizendo o moço, porém
Margarida voltando-se ligeira sem o escutar foi correndo para

junto de sua mãe, que se achava a alguma distância com a senhora Antunes.

292 — Eu te adoro!... — era por certo o que Eugênio ia dizer; essa palavra, porém, Margarida já a tinha lido nos olhos do mancebo.

293 Em sua ingênua candura, Margarida não enxergava inconveniente algum em reatar e mesmo, se fosse possível, estreitar os laços da sua antiga familiaridade e afeição para com o amigo da sua infância. Como a flor, que entrega sem resistência o perfume do seu cálix ao sopro das virações, ela dava livre expansão aos inocentes afetos do seu coração.

294 Quando as visitas se foram embora, Eugênio pôs-se a refletir e ficou muito descontente de si mesmo. A lembrança do papel nulo e quase ridículo que fizera diante de Margarida mortificava-o, e protestou de si para si que quando fosse à casa de Umbelina, havia tirar completa desforra.

295 Portanto no dia seguinte pela manhã Eugênio apressou-se em ir pagar a visita às suas boas vizinhas. Era em princípio de outubro; a manhã estava risonha e brilhante; as primeiras chuvas já tinham lavado os horizontes desse vapor fumacento que os abafa nos meses de agosto e setembro, e que, desbotando-lhes as cores e confundindo-lhes as formas, os envolve como em um véu místico de saudade e melancolia. O ar estava tão transparente, o céu era de um azul tão puro e límpido, que permitiam ver distintamente em toda a sua nitidez as formas e ondulações das últimas colinas nos mais remotos longes. O sol cintilava sobre o tapete orvalhado dos espigões, e a fresca aragem da manhã sacudia da coma dos arvoredos¹⁸¹ as lágrimas da noite.

¹⁸¹ A: dos arvoredos > I, L, N: <das árvores>.

296 À medida que se ia aproximando da casa de Umbelina, à vista daqueles sítios, onde não havia uma árvore, uma restinga, que o não tivesse abrigado à sua sombra, uma vereda do bosque que não tivesse¹⁸² recebido o vestígio¹⁸³ de seus passos, uma fonte ou arroio que não lhe tivesse lambido os pés ou umedecido os lábios sequiosos, ia-se cada vez mais exaltando na imaginação de Eugênio a viva e profunda impressão que na véspera nele deixara a presença de Margarida. Era a encantadora e pitoresca moldura que circundava a imagem de um anjo.

¹⁸² I, L, N: [abrigado ... tivesse].

¹⁸³ I, L, N: <os vestígios>.

- 297 Aquele alva casinha atufada entre as ramagens da grande
figueira silvestre, aquele vargado coberto de fresca e macia grama,
a ponte, a tranqueira¹⁸⁴, as paineiras vizinhas, o caminho da vila,
que lá¹⁸⁵ ia serpeando entre os capões e galgando de colina em
colina, todo esse panorama o enlevava, e lhe afogava o coração
n'um pego de mil suaves emoções.
- 298 O rumorejo daquelas folhagens, o murmúrio daquele
córrego, o canto dessas aves, o eco dessas brenhas, como que
lhe sussurravam ao ouvido um hino de amor, de felicidade e de
esperança.
- 299 Todos aqueles seres eram também seus conhecidos, seus
amigos de infância, que festejavam sua volta, e com ela exultavam
de prazer.
- 300 Como respirava à larga o peito do mancebo através dos
campos e colinas da terra natal! que bálsamo salutar e vivificante
lhe entornavam n'alma aquelas auras impregnadas de aromas
silvestres, que lhe bafejavam a fronte e brincavam com seus
cabelos!
- 301 Quão tristonhos e acanhados lhe pareceram então os
horizontes e os outeiros de Congonhas do Campo à vista das risonhas
campinas e largas perspectivas da fazenda paterna! Como lúgubre e
sombria se lhe afigurava a fachada do seminário em comparação do
aspecto faceiro e festival da casinha da tia Umbelina!
- 302 Adeus seminário!... Adeus místicas e devotas veleidades!
adeus rezas e penitências!... adeus projetos eclesiásticos e
sacerdotais! tudo isso fugiu-lhe de rondão¹⁸⁶ da fantasia, como um
bando de corujas, fugindo espavoridas de¹⁸⁷ lôbrega caverna, onde
o sol enfiou de chofre uma réstia de luz viva.
- 303 Eugênio sentia reverdecer em seu seio a flor da pura e
inocente afeição de¹⁸⁸ sua infância e aspirava-lhe os últimos e
inebriantes perfumes.
- 304 Margarida, que já esperando Eugênio o tinha avistado
de¹⁸⁹ longe, foi ao seu encontro na ponte das paineiras. Ali, à
vista daquelas mudas testemunhas de todos os seus brinquedos
de infância, todo o seu medo e acanhamento esvaeceu-se como a
névoa da montanha ao sopro da brisa matinal. Quando chegaram à
- ¹⁸⁴ G, I, L, N: <tronqueira>.
- ¹⁸⁵ I, L, N: [lá].
- ¹⁸⁶ D, G, H, I, L, N: <roldão>.
- ¹⁸⁷ I, L, N: <da>.
- ¹⁸⁸ I, L, N: <da>.
- ¹⁸⁹ D, H: <ao>.

casa de Umbelina com semblante risonho e as mãos entrelaçadas, já toda a afeição e intimidade entre eles estavam restabelecidas no antigo pé.

305 Eugênio soube retribuir com usura a visita¹⁹⁰ que lhe fizeram as vizinhas; ficou o dia inteiro em casa delas.

¹⁹⁰ G, I, L, N: <as visitas>.

306 À tarde, depois de ter Eugênio desenferrujado a língua em plena liberdade, contando-lhes todas as particularidades de¹⁹¹ sua vida de seminarista, e de ter Margarida esgotado os capítulos da crônica de casa durante a ausência do seu amigo, esta convidou Eugênio a passear.

¹⁹¹ I, L, N: <da>.

307 Sem que tivesse precedido ajuste algum, os passos dos dois adolescentes se encaminharam instintivamente para o sítio favorito de seus brinquedos de outr'ora, e dirigiram-se através do vargado para a ponte das paineiras. Chegados ali, Eugênio encostou-se ao tronco de uma das paineiras, e de braços cruzados ali ficou por alguns instantes silencioso e pensativo. A lembrança das horas de puro e inocente prazer, que ali outr'ora havia fruído em companhia de Margarida, se elevava como um perfume do íntimo do coração, e remontando ao espírito o envolvia como em um ambiente de odor e suavidade.

308 — Que está aí a cismar? — disse Margarida sacudindo-lhe o braço. — Volte-se e veja o que é que está aí na casca dessa paineira e daquela também.

309 Eugênio reparou para o tronco das duas paineiras, e viu neles entalhados em um a letra E, e no outro a letra M.

310 — Eugênio e Margarida! — exclamou ele. — Aposto que é isto que querem dizer estas letras.

311 — É isso mesmo; adivinhou. Fui eu que fiz essas letras aí com a ponta de um canivete.

312 — Que bonita lembrança você teve! eu também no seminário às vezes tive essa ideia, quando estava traduzindo Virgílio... se você soubesse latim, eu havia de jurar, que já leu aquele autor...

313 *Crescente illae; crescetis, amores*

314 — Não entendo nada desses latinórios; o que sei é que esta árvore sou eu, e essa lá é você. Assim como elas nasceram aqui

juntas e juntas hão de morrer, assim desejo que aconteça a nós dois, que também nascemos perto um do outro e fomos criados juntos. Nós também havemos de viver juntos como estas duas árvores, entrançando no ar os ramos uns nos outros, não é assim, Eugênio?

315 — Quem dera, Margarida!... se Deus permitisse isso, era tão bom!... mas... eu sei¹⁹²?...

¹⁹² I: <usei>.

316 — Há de permitir; por que não? que necessidade temos nós de nos apartar um do outro?

317 — Mas eu não sou senhor de mim, Margarida; hei de fazer o que meu pai mandar.

318 — Isso é agora; mas depois que ficar homem...

319 — Ah! isso sim; depois que eu for homem, hei de fazer o que eu entender, e Deus nos há de ajudar, que acabados os meus estudos nunca mais nos havemos de separar, sou eu que t'o juro, Margarida.

320 Depois os dois, continuando a passear pela vargem, a cada passo evocavam uma lembrança de seus brincos e travessuras infantis.

321 — Lembra-se do juramento que aqui me fez?... perguntou Margarida parando subitamente em certo lugar.

322 — Eu?... qual juramento?...

323 — Bem que se lembra; está se fazendo esquecido.

324 — Palavra, que não me lembro...

325 — Não creio... Pois não me jurou aqui que havia de ser eu a primeira pessoa que havia de confessar quando fosse padre?...

326 Padre!... a esta palavra fatal Eugênio sentiu um arrepio e estremeceu; queria nunca mais ouvi-la em dias de sua vida, principalmente dos lábios de Margarida.

327 — Ora! ora! que lembrança essa agora!... replicou o moço com um sorriso desapontado e procurando disfarçar a sua perturbação, — como é que eu hei de me lembrar mais dessas tolices de criança!

328 — Tolice! por quê?... pois não é tão bonito ser padre?...

329 — E é mesmo, e eu na verdade tinha muita vontade de o ser.

330 — Como é isso, Eugênio?... tinha?... então já não tem mais?...

331 — A falar a verdade, Margarida... — respondeu Eugênio com hesitação, — não sei o que te diga... hoje em dia não me acho com muito jeito para padre, não.

- 332 — Por quê?...
- 333 — Ora por quê?... por quê?... pois você não adivinha?
- 334 — Nunca fui adivinhadeira...
- 335 — Pois está bem claro. Para ser padre é preciso que eu não olhe mais para você, que não te queira mais bem, e que nem me lembre de você... e isso é coisa que eu não posso; é teimar à toa, não posso fazer.
- 336 — E o mais é que é verdade, Eugênio; você tem razão. Eu também, — para que eu¹⁹³ hei de mentir?... — eu também cá comigo não tinha lá grande vontade que você fosse padre, não; padre¹⁹⁴ sempre é uma coisa que mete respeito, e até faz medo. Oh! meu Deus! e como é que eu havia de me acostumar a ter respeito a você?... Para isso era preciso deixar de te querer bem, e isso eu não posso mesmo, e de mais a mais não quero ser mula sem cabeça, não... cruz! Deus me defenda.
- 337 — Ah! ah! ah! — como é isso, Margarida?... mula sem cabeça?... exclamou o rapaz soltando uma risada.
- 338 — Você ri-se?... pois não sabe que toda a mulher que quer bem a um padre, vira mula sem cabeça?...
- 339 — E você ainda acredita nessas bruxarias?...
- 340 — Sim, senhor!... minha mãe já viu, e diz que na vila há uma que ela conhece muito¹⁹⁵ bem. Diz que é um bicho muito feio, do feitio de uma besta, que tem só três pés, dois atrás e um adiante, e não tem cabeça. Todas as noites de sexta-feira para sábado anda rondando os becos, correndo o seu fadário e assombrando a gente. Mamãe tem visto ela muitas vezes batendo a ferragem e abanando as orelhas pelos cemitérios.
- 341 — Ah! ah! ah! bravo! essa ainda é melhor! — continuou Eugênio sempre a galhofar. — Pois se ela não tem cabeça, como pode ter orelhas?...
- 342 — Ora!... eu sei lá?... é que terá as orelhas no pescoço.
- 343 — Pois bem, Margarida; não tenha susto; só para que você não seja mula sem cabeça, eu te protesto que não hei de ser padre; e não hei de, e não hei de; está decidido!
- 344 — Mas seu pai e sua mãe, que querem por força...
- 345 — Meu¹⁹⁶ pai e minha mãe, acho que não me hão de querer

¹⁹³ I, L, N: [eu].¹⁹⁴ I, L, N: <para>.¹⁹⁵ I, L, N: [muito].¹⁹⁶ I: <Mau>

obrigar, se eu disser que não quero ser padre.

346 — Mas eles fazem tanto gosto nisso! coitados! hão de
ficar tão aborrecidos, se você não quiser se ordenar.

347 — Paciência!... eles se hão de consolar.

348 — Pois está dito — disse Margarida depois de um breve
instante de silêncio e reflexão. — O nosso antigo juramento está
desmanchado. Agora em lugar dele havemos de fazer outro...

349 — Qual é?... estou pronto¹⁹⁷.

¹⁹⁷ I, L, N: [estou
pronto].

350 — É que você sempre, sempre me há de querer bem...

351 — Isso nem precisa jurar...

352 — Ande lá!... e que acabados os seus estudos nunca mais
há de se apartar de mim.

353 — Juro!... juro por esta cruz! — disse com emoção o
moço cruzando os dedos sobre a boca.

354 — E eu juro a mesma coisa, — repetiu Margarida fazendo
o mesmo sinal.

355 O anjo dos puros e santos amores sorriu-se àquelas juras,
e depois de ter bafejado com os leques de suas asas de ouro e seda
aquelas duas fronteiras juvenis e cândidas, remontou seu voo para
o empíreo, enquanto o austero e sombrio gênio da beatice, que
procurava disputar-lhe o coração do mancebo, pesaroso bateu as
fuscas asas, e foi-se esconder entre as ruínas de algum mosteiro
abandonado.

356 Naquele momento vinha chegando Umbelina; os dois
jovens mudaram de conversa.

357 Já entre eles havia um segredo.

CAPÍTULO X

358 Assim passou-se mais de um mês, durante o qual a
 assiduidade de Eugênio em casa de Umbelina não se interrompeu.
 A antiga amizade se reatou senão com a mesma familiaridade e
 abandono da quadra infantil, todavia com mais ardor, com mais
 energia e paixão.

359 O anjo da inocência, que desatando-lhe de manso a venda
 dos olhos já lhes ia dizendo adeus, deixava-lhes em compensação
 o diáfano e misterioso véu do pudor, esse encantador privilégio da
 puberdade, que envolve a alma virginal, e não deixa exalar-se do
 coração que o contém o suave aroma das emoções do amor, que
 apenas se revelam no rubor das faces e na meiga timidez do olhar,
 como os fulgores e¹⁹⁸ purpúreas fachas¹⁹⁹ do oriente anunciam a
 presença do sol ainda escondido atrás dos horizontes.

¹⁹⁸ I, L, N: {as}.

¹⁹⁹ I, L, N: <faixas>.

360 Mas Eugênio já²⁰⁰ era um guapo mocetão de dezesseis a
 dezessete anos, e Margarida, com os seus quatorze, já era uma moça
 feita em toda a plenitude e esplendor de seu rápido desenvolvimento.
 Umbelina bem via que já não ficava bem deixar a sós por muito
 tempo e entregues a si mesmos como no tempo da meninice aquelas
 duas criaturas que se queriam tanto, e portanto não lhe permitia mais
 que vagassem sozinhos pelos campos como outr'ora longe de suas
 vistas. Fazia muito bem; mas, não obstante, a tia Umbelina toda
 atarefada como sempre andava, não podia deixar de proporcionar-
 lhes muitas ocasiões de se acharem a sós,²⁰¹ ocasiões de que sabiam
 aproveitar-se muito bem para se afagarem. Esses afagos porém não
 passavam de uns prolongados apertos de mão, de algum abraço
 dado assim em ar de brinquedo e sem intenção amorosa, ou de um
 desses olhares mudos, longos e repassados de ternura, que em si
 resumem todo um poema de amor. Bem vontade tinham eles de
 se beijarem²⁰², mas tolhia-os um acanhamento virginal, esse pudor
 nativo, que é como o orvalho, que só na aurora esmalta o cálix
 das flores, e os desejos morreram-lhes²⁰³ dentro de²⁰⁴ alma, e os
 beijos apenas lhes estremeciam na ponta dos lábios, como tenros
 passarinhos batendo as asas implumes à beira do ninho, ansiando,
 mas nunca ousando desprender o voo pelo espaço.

²⁰⁰ H: [já].

²⁰¹ I, L, N: {em}.

²⁰² H: <beijar>.

²⁰³ D, H: <morriam-
lhes>.

²⁰⁴ D, I, L, N: <da>.

361 Quanto mais viva se tornava a afeição de Eugênio por
Margarida, maior era a repugnância, que ia tomando pelo estado
eclesiástico.

362 Não se pode imaginar com que desgosto todos os domingos
envergava a roupeta colegial e a sobrepeliz para ir ajudar na vila
a missa conventual ao vigário. Mas esse era o gosto, essa era
ordem de seus pais, que sentiam indizível prazer em apresentar
ao público o seu lindo padrezinho em botão, e não cabiam na pele
de contentes, quando o viam funcionando no altar com aquela
sisudez e gravidade de um verdadeiro sacerdote.

363 Quando, ao fazer algumas das evoluções do seu mister,
Eugênio voltava-se para o público, e encontrava entre a turba das
mulheres os grandes e luzentes olhos de Margarida fitos sobre ele,
perturbava-se, ficava enfiado e corava como uma papoula; vinha-
lhe à ideia a história da mula sem cabeça, e esta lembrança lhe
causava a mais desagradável e horripilante impressão.

364 A assídua frequência de Eugênio em casa de Margarida já ia
dando muito nos olhos, e tornando-se por demais comprometedora
não deixava de causar desgosto²⁰⁵ e inquietação a seus pais.

²⁰⁵ I, L, N: <desgostos>.

365 — Menino, — dizia a senhora Antunes a seu filho,
talvez já pela trigésima vez, — isto não vai bem. Não paras um
momento perto de tua mãe e de teu pai, e não saís da casa da
comadre Umbelina!... olha que tens de ser padre, e um padre que
não quer senão estar perto das moças... não sei o que lhe diga...
isso não te fica bem.

366 — Ora, mamãe!... pois que tem lá isso?... desde criança
que eu estou acostumado a brincar com a Margarida! pois se eu
tivesse uma irmã mais moça, não podia brincar com ela?...

367 — Ora faça-se de tolo!... como está inocente o meu filho!...
então porque brincaste com ela em criança, podes brincar agora, e
mesmo depois de padre poderás brincar ainda, como no tempo em
que andavas em fraldas de camisa; não é assim?

368 — Ah! minha mãe!... também eu... a falar a verdade...

369 Eugênio suspirou e não teve ânimo de prosseguir.

370 — Também eu o que, meu filho?... acaba.

371 — Não tenho vontade nenhuma...

- 372 Eugênio empacou outra vez.
- 373 —Vontade nenhuma de quê?... desemperra essa língua;
fala; não tenhas²⁰⁶ susto. ²⁰⁶ N: <tenha>.
- 374 — Minha mãe não fica zangada?
- 375 —Eu, não, meu filho; fala o que tens no coração; se for
alguma asneira, me entrará por um ouvido e sairá pelo outro. De
que é que não tem²⁰⁷ vontade nenhuma?... ²⁰⁷ H: <tens>.
- 376 — De ser padre, minha mãe...
- 377 Há muito tempo que Eugênio desejava, mas não tinha
ânimo de fazer aquela confissão, que lhe dava um nó na garganta, e
lhe pesava como um rochedo sobre o coração; sentia-se²⁰⁸ aliviado ²⁰⁸ I, L, N: <sentiu-se>.
alijando-o sobre sua mãe.
- 378 — Deveras, meu filho?... exclamou a mãe com surpresa,
— que me dizes?! isso é de agora, pois sempre te percebi muita
inclinação para padre... Que te dizia eu?... a tal minha afilhada
está te virando a cabecinha... logo vi... não são senão elas, que te
andam metendo essas caraminholas na cabeça...
- 379 — Elas nunca me disseram nada, minha mãe, por Deus!...
elas até gostam tanto de me ver de batina ajudando à missa na
vila!...a tia Umbelina até já me prometeu uma sobrepeliz e uma
volta bordada para quando eu disser missa nova. Eu mesmo é que
não tenho inclinação nenhuma...
- 380 — Não digas tal, menino! — interrompeu a mãe com
azedume. Seja como for, é preciso que não vás mais tão a miúdo
àquela casa. Isso não te fica bem. A Margarida já está ficando
moça, e tu não és mais²⁰⁹ nenhum²¹⁰ criança; as tuas repetidas ²⁰⁹ N: [mais].
²¹⁰ H, N: <nenhuma>.
visitas podem dar que falar da pobre menina.
- 381 — Mas, mamãe, nós nunca saímos de perto da tia
Umbelina...
- 382 — Não importa. De mais, depois que a Margarida está
ficando moça, ali é casa de muito ajuntamento, e eu não te quero
ver metido no meio de gentilha...
- 383 — Mas, minha mãe, quando lá há gente de mais, eu
sempre me venho embora.
- 384 — Nada! nada! ... isto não pode continuar assim; pode te
acontecer alguma. Se teimas em continuar a não sair lá da casa

da comadre Umbelina, falo com teu pai para te mandar já para o seminário, mesmo antes de se acabarem²¹¹ as férias, e não voltas de lá senão depois de ordenado.

²¹¹ N: <acabares>.

385 Com esta tremenda cominação Eugênio ficou acabrunhado. As últimas palavras de sua mãe caíram como rochedos sobre o seu coração, e o esmagaram. A ideia de voltar ao seminário e de separar-se de Margarida era a nuvem sinistra e carregada, que há muito ensombrava um canto do seu risonho e límpido céu de amor, e que ameaçava envolvê-lo todo em lúgubre e eterna escuridão.

386 Triste, mudo e amuado, Eugênio retirou-se, e foi encerrar-se em seu quarto, donde não saiu mais todo esse dia.

387 Como os conselhos e exprobrações do padre diretor no seminário, as repreensões e ameaças maternas vieram²¹² dar maior vulto à paixão do moço, tornando ainda mais desejado o objeto amado. É essa a inalterável e eterna lei do coração humano.

²¹² G: <viraram>.

388 Se o padre diretor ao chamar o estudante ao seu quarto lhe tivesse dito simplesmente: — menino, tens no coração uma afeição mundana, que não pode compadecer-se com o estado a que te destinas, e que é preciso que combatas. Mas se acaso não puderes banir do teu coração esse afeto, que pode ser puro e legítimo, podes continuar a estudar, porém não para o estado eclesiástico; — se tivesse procedido assim, o padre teria talvez conseguido melhor o seu intento. Deixando ampla liberdade de expansão aos sentimentos do menino, teria talvez facilitado ao seu neófito a vitória sobre si mesmo, atento o seu natural pendor para o estado clerical²¹³.

²¹³ I, L, N: [atento ... clerical].

389 A torrente represada acaba por despedaçar os diques e arrojar-se mais furiosa no seu leito natural. Desde que Eugênio viu interpor-se entre ele e Margarida um anátema tremendo, que como um abismo os separava, perturbou-se para sempre a severidade de sua alma, e esse afeto que votava à companheira de sua infância, posto que a princípio abafado temporariamente pelo manto de gelo de um factício e austero ascetismo, e agora de fresco rudemente contrariado por sua mãe, ia fatalmente transformar-se na mais ardente, profunda e impetuosa paixão.

390 Se por seu lado também a senhora Antunes, que devia
 conhecer melhor do que ninguém o coração de seu filho, sem
 deixar-lhe a rédea solta a todos os caprichos e desvarios da
 imaginação, procurasse com mais brandura encaminhá-lo ao fim
 que desejava, sem contrariar de frente as mais caras afeições do²¹⁴ 214 I, L, N: <de>.
 seu coração, talvez o tivesse conseguido, ou pelo menos evitaria a
 longa e dolorosa luta, que iria dilacerar o coração de seu filho sem
 outro resultado mais do que um infortúnio certo e irremediável.

391 A mãe de Eugênio era fanática e supersticiosa. A aventura
 da cobra enleando-se no corpo de Margarida, que nunca lhe saía
 da lembrança, lhe incomodara sempre o espírito. Agora, refletindo
 sobre a cega e ardente afeição que a menina ia inspirando cada vez
 mais a seu filho, entrou a nutrir as mais tristes e sombrias apreensões,
 e acabou por convencer-se que não era senão o demônio, que em
 figura de cobra viera lançar no seio da menina o gérmen da tentação
 para seduzir seu filho, desviá-lo de sua santa vocação, e arrastá-lo
 ao caminho da perdição. Daí²¹⁵ aquela severidade e rigor para com
 seu filho²¹⁶, severidade e rigor que lhe não eram usuais²¹⁷, e a²¹⁸ que
 só por um tão poderoso motivo podia ser impelida.

392 A boa senhora não considerava que o gérmen da tentação
 já Margarida, como toda a²¹⁹ moça bonita, o tinha nos olhos, e
 que²²⁰ por²²¹ mais²²² tremendos que fossem os anátemas que
 fulminasse para preservar o novo Adão das seduições da serpente,
 mais lhe acenderia o desejo de provar do pomo vedado.

393 O que portanto não lhe era permitido fazer francamente
 e à luz do sol, procurou Eugênio fazê-lo furtivamente e à sombra
 do manto silencioso e discreto da noite, cujos véus propícios
 ocultaram mais de uma entrevista, em que os ardentes afetos
 dos dois amantes se expandiram muito mais à vontade sem
 testemunhas nem constrangimento de espécie alguma. Romeu,
 iludindo a vigilância materna, nas horas mortas da noite, quando
 o julgavam tranquilamente adormecido, abria de mansinho a
 janela do seu quarto, saltava ao²²³ terreiro, e veloz e sutil como um
 silfo noturno, atravessando os vales silenciosos corria pressuroso
 para junto da sua Julieta, que impaciente o esperava na janelinha
 de balaústres, embaixo da figueira silvestre, de que já fizemos

215 H: <Daqui>.

216 H, I, L, N: [severidade ...
 filho].

217 A: severidade ...
 usuais > L: <daí
 aquela severidade e
 rigor que lhe eram
 usuais>.

218 I, L, N: [a].

219 I, L, N: [a].

220 L, N: [que].

221 I: ↔ por que.

222 I: [mais].

223 N: <no>.

menção no começo desta história²²⁴.

394 Ali, como os véus da noite suprimem os do recato²²⁵, os
dois amantes pondo de parte toda a reserva e timidez deram livre
expansão a²²⁶ seus afetos, e pela primeira vez falaram sem reboço
de amor, de casamento, de felicidade futura nos braços um do outro,
e os beijos, aqueles beijos, que à luz do sol apenas esvoaçavam
tímidos à flor dos lábios e morriam no limbo dos desejos, soltaram o
voo, encontraram-se através das grades, e imprimiram-se férvidos
e trementes nos lábios de um e outro amante.

395 As meigas falas que ali ciciaram²²⁷ em segredo, os arrulhos
estremecidos, os suspiros abafados, que ali se exalaram, a noite e
a solidão os receberam em seu seio segredoso, e os dispersaram
nos ares de envolta com o sussurro da folhagem.

²²⁴ I, L, N: [que ...
história].

²²⁵ I, L, N: [Ali ...
recato].

²²⁶ I, L, N: <aos>.

²²⁷ N: {se}.

CAPÍTULO XI

396 Alguns dias depois da proibição imposta a Eugênio, a casa de Umbelina amanhecia em grande animação e alvoroço. Via-se lá entrando e saindo mais gente do que de ordinário; matavam-se frangos, o forno trabalhava, o fogão deitava fumaça mais do que de costume, e reinava atividade e movimento, que faria crer que naquele dia ali se festejava algum batizado ou casamento.

397 Não havia porém nada disso. O que havia em casa de Umbelina era apenas um mutirão.

398 Mutirão! só esta palavra nos faz ressoar aos ouvidos os alegres rumores dos descantes²²⁸ e folgedos da roça, o estrépito dos sapateados da dança camponesa por entre a zoadada dos adufes e violas, e nos transporta ao meio das rústicas e singelas cenas de prazer da vida do sertanejo.

²²⁸ N: <descantos>.

399 Mutirão!... mas eu²²⁹ não sei se todos os meus leitores saberão a significação desta palavra, que julgo ser genuína brasileira, e²³⁰ que talvez não poderão encontrar em dicionário algum. Portanto é necessário defini-la.

²²⁹ N: [eu].

²³⁰ I, L, N: [que ... e].

400 É o mutirão um costume dos pequenos lavradores, ou da gente pobre dos campos, que vivem como agregados dos grandes fazendeiros, e que não possuindo terras, e menos ainda braços para cultivá-las, nem por isso deixam de plantar boas roças, ou de exercer sua pequena indústria, de que tiram a subsistência. Quando chega o tempo de qualquer dos serviços de²³¹ roça, que consistem nestas quatro operações principais — roçar, plantar, capinar e colher, — o pequeno roceiro convida seus parentes, amigos e conhecidos da vizinhança para virem²³² ajudá-lo, e todos pelo direito costumeiro são obrigados a vir dar-lhe uma²³³ mão, — é a frase usada, — ficando o que assim se aproveita dos serviços dos vizinhos na obrigação de acudir também ao chamado destes para o mesmo fim.

²³¹ N: <da>.

²³² I, L, N: <vir>.

²³³ L, N: <u'a>.

401 Já se vê que a calhandra de La Fontaine erraria seus cálculos, e perderia inevitavelmente os seus filhotes, se tivesse de haver-se com os bons lavradores desta nossa abençoada terra.

402 O mutirão constitui pois como uma espécie de sociedade

de auxílios mútuos, baseada unicamente nos costumes e usanças dessa boa gente, que não dispendo muitas vezes senão do seu único braço para o serviço, planta todavia roças consideráveis, e obtém a colheita necessária para a sua subsistência.

403 Este uso não é somente dos roceiros, e é também posto em prática pelas mulheres que vivem de fiar e tecer, das quais antigamente havia grande número na província de Minas, alimentando com²³⁴ seu trabalho esse ramo de indústria outrora mui importante e florescente.

²³⁴ I, L, N: {o}.

404 Mas o mutirão não consiste simplesmente no desempenho de uma tarefa de trabalho. O dono ou²³⁵ dona da casa tem por obrigação regalar os²³⁶ seus trabalhadores do melhor modo possível, e a reunião e a boa mesa trazem sempre como consequência natural os divertimentos e folguedos. Assim trabalha-se de dia, e à noite toca a comer e beber, a dançar, cantar e folgar.

²³⁵ I, L, N: {a}.

²³⁶ N: <aos>.

405 Como íamos contando, havia mutirão em casa de Umbelina. Tinha ela convidado²³⁷ as comadres e amigas mais chegadas da vila e das vizinhanças a virem passar alguns dias em sua casa, a fim de ajudarem-na a desmanchar algumas arrobas de lã e algodão, que queria pôr no tear, e para as regalar punha em atividade toda a sua perícia de quitandeira mestra e de quituteira abalizada²³⁸.

²³⁷ A: Como ... convidado >. I, L, N: {<Umbelina convidou para a festa >}.

²³⁸ I, L, N: [mestra abalizada].

406 À noite, como de costume, havia toques, cantigas e folguedos, e então apareciam também lá alguns rapazes da vila e dos arredores. A sociedade de Umbelina era em verdade de pessoas do povo e de baixa condição, mas honra lhe seja feita, era tudo gente comportada e de bons costumes. Ela era incapaz de chamar a sua casa vadios, peraltas e mulheres perdidas para junto da companhia de uma filha, que era a menina dos seus olhos, e cuja reputação zelava com o maior recato e solícitude²³⁹.

²³⁹ I, L, N: [A s o c i e d a d e . . . solícitude].

407 Enquanto o prazer e a festança reinavam ruidosos²⁴⁰ em casa das vizinhas, o pobre Eugênio, aferrolhado na casa paterna, mordida-se de impaciência, e devorava lágrimas de despeito e desesperação. Triste dele!... naqueles dias nem lhe era permitido ir à costumada entrevista noturna; a casa estava abarrotada de gente, por todos os cantos dela havia ouvidos afiados e olhos vigilantes, e para cúmulo de males, como a casa de Umbelina era extremamente

²⁴⁰ I, L, N: <reinava ruidoso>.

acanhada e fazia então excessivo calor, os serões do folguedo, que duravam até alta noite, se faziam no terreiro embaixo da grande figueira. Pobre Eugênio, até essas horas caladas da noite e esse solitário e propício abrigo, que lhe proporcionavam os únicos momentos de prazer e ventura que lhe era dado gozar, lhe eram disputados²⁴¹ pelo destino!

²⁴¹ G: <disputado>.

408 De noite pregado na cama, onde se revolia inquieto como se estivesse em um leito de brasas, ouvia os ecos das tocatas e descantes²⁴² ressoando ao longe pelos vales silenciosos, e quase rebentava de frenesi, de mágoa e de despeito por não poder lá se achar também. Em vão dava tratos à imaginação para descobrir algum jeito de ir tomar parte no folguedo, porém nenhum meio natural confessável se lhe oferecia ao espírito. Tinha cabal certeza de que por modo nenhum²⁴³ conseguiria licença de seus pais para lá ir.

²⁴² I: <descantos>.

²⁴³ N: <algum>.

409 Pungido por tantas contrariedades cada vez mais se irritava²⁴⁴ a sua²⁴⁵ impaciência²⁴⁶, e mais se assanhava o desejo de se achar no mutirão, ainda que fosse um só momento.

²⁴⁴ I, L, N: ↔ cada vez se irritava mais.

²⁴⁵ G, I, L, N: [a sua].

²⁴⁶ N: <paciência>.

410 Por certo algum vislumbre de zelos também se mesclava a essa impaciência; o moço sentia infinito desejo e curiosidade de ver como Margarida se comportaria em uma reunião.

411 Certo de não poder obter o consentimento de seus pais, Eugênio tomou o partido de enganá-los. Como estava em vésperas de partir para o seminário, mostrou-se com grande desejo de ir passar um dia e uma noite com um primo seu, que morava na vila, e a que de fato era sumamente afeiçoado, e para esse fim pediu permissão a seus pais. Estes, vendo o estado de tristeza e abatimento em que ia caindo seu filho, e considerando que aquele passeio poderia ser uma salutar distração para fazê-lo esquecer-se de Margarida, não ousaram denegar²⁴⁷ a permissão pedida; antes a concederam com sumo gosto, e até o autorizaram a ficar na vila os dias que quisesse.

²⁴⁷ I, L, N: <negar>.

412 À tardinha desse mesmo dia o rapaz montou a cavalo, e tomou o caminho da vila, mas lá não chegou. O caminho, que se dirigia da fazenda de²⁴⁸ Antunes para a vila de²⁴⁹ Tamanduá, ia ganhar a estrada real meia légua além da casa de Umbelina,

²⁴⁸ N: <do>.

²⁴⁹ I, L, N: [de].

pela frente da qual, como já sabemos, passava essa mesma estrada. Apenas Eugênio nela entrou, colheu as rédeas ao animal, retardando-lhe o passo o mais que podia. Quando porém a noite de todo se fechou, voltou de súbito as rédeas, e voltando a galope pela estrada real voou direito à casa de Umbelina.

413 Pretendia ali passar a noite, enquanto durassem os divertimentos, findos os quais montaria de novo a cavalo, e viria amanhecer na vila.

414 Ao chegar foi-lhe preciso também pregar uma mentira para iludir a²⁵⁰ Umbelina, que com razão mostrou-se algum tanto surpreendida com o seu aparecimento aquelas horas; o moço disse-lhe que, se bem que a muito custo, tinha alcançado de seus pais licença para vir à função. Umbelina, que era matreira como uma raposa velha, desconfiou do negócio, mas o que poderia ela fazer?... fingiu acreditar, e o acolheu com a bondade e franqueza de costume.²⁵¹

²⁵⁰ H: [a].

²⁵¹ I, L, N: [Ao ... costume.].

415 Ressoavam as violas e adufes; o folguedo já tinha começado à sombra da figueira do²⁵² terreiro.

²⁵² N: <no>.

416 Além do luar, que estava soberbo, duas grandes fogueiras acesas no terreiro a alguma distância, iluminavam de um²⁵³ modo original e pitoresco o âmbito, dentro do qual se desenhavam destacando-se vivamente as figuras daquela curiosa e interessante reunião, uns no centro, dançando, outros em²⁵⁴ derredor, sentados pelo chão ou em tamboretes e cepos de pau como servindo de cerca e limite aquele recinto²⁵⁵. O clarão das fogueiras avermelhava a cúpula gigantesca da figueira, que com sua espessa folhagem abrigava os convivas do orvalho frio da noite.

²⁵³ I, L, N: [um].

²⁵⁴ N: <no>.

²⁵⁵ I, L, N: [como ... recinto].

417 Eugênio chegou-se à roda tolhido e ressabiado. Porém Margarida, que apenas o avistou soltou um grito de alegre surpresa, e veio imediatamente colocar-se ao pé dele, fez com que logo cobrasse ânimo e presença de espírito, e tomasse assento na roda com todo o desembaraço, como qualquer dos habituados²⁵⁶.

²⁵⁶ I, L, N: [como ... habituados].

418 Atraídos pela beleza de Margarida, como dissemos, alguns rapazes frequentavam a casa de Umbelina, e lhe requestavam a filha. Esta, porém, não lhes dava a mínima atenção, e em sua cândida inocência nem mesmo suspeitava o verdadeiro motivo, por que tanto a festejavam.

- 419 Entre esses aspirantes ao amor da rapariga, o que mais
 padecia era um certo rapaz por nome Luciano. Era um moço,
 que teria a rigor seus vinte e cinco anos, de bonita e agradável
 presença, tropeiro bem principiado, que já tinha alguns lotes de
 burros no caminho do Rio, e que além de tudo se tinha em grande
 conta de bonito, de rico e de bem nascido, pelo que não deixava de
 ser sumamente ridículo, quando não era insolente e malcriado²⁵⁷. ²⁵⁷ I, L, N: [e
 malcriado].
- 420 Cheio de si olhava os demais pretendentes por cima
 dos ombros, e sorria-se deles no íntimo da alma com desdém
 e compaixão, porque estava profundamente convencido que
 ninguém mais do que ele estava no caso de merecer a preferência
 da encantadora menina e as boas graças da senhora Umbelina. No
 meio de todos aqueles pés-rapados que ali andavam, quase todos
 gente de cor e sem eira nem beira, ele, o único que possuía alguma
 coisa, e que se trajava com decência, ele o único branco legítimo
 que ali pisava, não tinha o menor receio de ser preterido por quem
 quer que fosse; pelo menos esta era a sua firme convicção.
- 421 Luciano não conhecia a²⁵⁸ Eugênio, a Que nunca em sua ²⁵⁸ N: [a].
 vida tinha visto, e estava mui²⁵⁹ longe de suspeitar que Margarida ²⁵⁹ I, L, N: <muito>.
 tivesse um amante, a²⁶⁰ cujo amor correspondesse. Quando viu ²⁶⁰ I, L, N: [a].
 pois a não disfarçada e especial predileção de que Margarida o
 rodeava, o tom de íntima familiaridade com que conversavam,
 e mais certos sinais inequívocos de uma mútua e ardente afeição
 entre os dois, Luciano foi aos ares; sentiu ferver-lhe no coração
 o veneno do ciúme, e a muito custo pôde abafar no peito um
 bramido de cólera e de despeito.

CAPÍTULO XII

- 422 Sabe o leitor o que é quatragem?...²⁶¹
- 423 Não sabe. É uma dança.²⁶²
- 424 É a dança original e pitoresca de nossos camponeses²⁶³,
dança favorita do roceiro em seus dias de festa, e que faz as delícias
do tropeiro nos serões do rancho após as fadigas da jornada.
- 425 Dança vistosa e variegada, entremeada de cantares e
tangeres, já cheia de requebros e languidamente balanceada ao
som de uma cantiga maviosa²⁶⁴, já freneticamente sapateada ao
ruído de palmas, adufes e tambores.
- 426 Sem ter o desgarre e desenvoltura do batuque brutal, não
é também arrastada e enfadonha como a quadrilha de salão; ora
salta e brinca estrepitosa e alegre, ora²⁶⁵ se requebra em mórbidas
e compassadas evoluções.
- 427 Como o próprio nome indica, forma-se de um grupo de
quatro pessoas. A música é desempenhada pelos dançantes, que
além de uma garganta bem limpa e afinada, devem ter nas mãos
ao menos uma viola, e um adufe. Há uma quantidade incalculável
de coplas para acompanhar esta dança, e a musa popular cada dia
engendra novas. São pela maior parte²⁶⁶ toscas e mesmo burlescas
e extravagantes; todavia algumas há impregnadas dessa maviosa
e singela poesia, que só a natureza sabe inspirar.
- 428 Dançava-se a quatragem no mutirão da tia Umbelina.
- 429 Margarida estava sentada junto de Eugênio, de cujo lado
não se arredara desde que este havia chegado.
- 430 Ia-se formar nova roda de dançadores; Luciano, que tinha
a viola em punho, dirigiu-se a Margarida, e convidou-a para a
dança. Ela recusou-se pretextando²⁶⁷ já ter dançado muito e achar-
se fatigada.
- 431 — Então venha esse mocinho, que aí está com a senhora,
— disse Luciano.
- 432 Com este convite o rapaz procurava mesmo ocasião de
travar-se de razões com o estudante, a fim de desabafar o ciúme
e²⁶⁸ despeito que por dentro o corroíam.
- 433 — Eu não sei dançar, — respondeu Eugênio com timidez.

²⁶¹ I, L, N: [Sabe...
quatragem?...].

²⁶² I, L, N: [Não ...
dança.].

²⁶³ A: É ... camponeses
> I, L, N: {<A
quatragem é a dança
pitoresca dos nossos
camponeses>}.
<A

²⁶⁴ I, L, N: [já ...
maviosa].

²⁶⁵ I, L, N: [ora].

²⁶⁶ I: <partes>

²⁶⁷ I: <protextando>; L,
N: <protestando>

²⁶⁸ I, L, N: {o}

434 — Deveras!... não me diga isso, moço; isso é desculpa;
falta-nos uma pessoa; venha; ... não se faça rogado.

435 — É deveras; não sei dançar, nunca dancei em dias de
minha vida.

436 — Então para que vem a estas funções?...

437 — Ora essa é boa!... para ver...

438 — Como quem vem aqui ver... mas ah! já o estou
conhecendo; o senhor não é aquele sujeitinho²⁶⁹, que ultimamente
tem ajudado à missa ao vigário lá na vila?

²⁶⁹ I, L, N: <coroinha>

439 — É ele mesmo, — acudiu Margarida, que já se
impacientava com as grosserias; — é o filho do Sr. Capitão
Antunes.

440 — Do Capitão Antunes?... ah!... e o que vem ele aqui
fazer?... de certo aqui veio fugido de casa, e há de ser bem feito
que o pai lhe passe uma dúzia de bolos, quando souber que já anda
metido em súcias...

441 Eugênio, por efeito da sua índole e mais ainda de sua
educação de seminário, era uma tímida criança para responder
às insolências de seu interlocutor. Margarida porém, que com ser
mulher e mais moça tinha o sangue mais quente, e mais altivez e
resolução, tomou as dores por ele, e não pôde deixar de repelir tão
grosseira chocarrice.

442 — Súcias não, senhor!... veja como fala!... — bradou
ela pondo-se em pé e alçando-se crespa e altaneira como siriema
enraivecida. — Este moço foi criado junto comigo, e sempre vem
a nossa casa. O pai dele não se importa com isso, e o senhor quem
é para lhe vir tomar contas?...

443 — Bravo, minha rica!... não pensei que o maganão era
tanto do seu peito!... por isso!... por isso é que a senhora anda aqui
tão soberba com os outros!

444 — Senhor Luciano!... gritou a moça indignada, e ia
responder; porém o moço²⁷⁰ satisfeito com o remoque que acabava
de atirar, voltou-lhe rapidamente as costas, e foi para o meio do
terreiro acender o cigarro na fogueira.

²⁷⁰ I, L, N: ↔ o moço,
porém.

445 Luciano estava cruelmente ferido em sua fatuidade e
amor próprio, mordida-se de raiva e de ciúme, e só procurava uma

ocasião de vingar-se do desdém de Margarida sobre o pobre e inofensivo estudante.

446 Eugênio por sua parte achava-se muito mal satisfeito de si mesmo e envergonhado do papel covarde, que fizera perante sua amada, tornando necessário que esta acudisse em sua defesa. Estava agora resolvido responder com quatro pedras na mão, se Luciano outra vez tivesse a audácia de o provocar.

447 Ia-se organizar nova quatragem, e de novo o terrível competidor de Eugênio dirigiu-se a Margarida. Esta já sumamente agastada com ele desta vez sem desculpas nem satisfações, respondeu-lhe secamente:

448 — Não quero!...

449 — Não quero!... retorquiu o rapaz com um riso forçado e gutural; — em má hora entrou aqui este fedelho, esse chupa-galhetas, que veio pôr a senhora assim tão altanada e tão cheia de fidúcias!

450 — O senhor é bem atrevido!... foi a frase mais enérgica, o doesto mais furibundo, que Eugênio levantando-se trêmulo e vermelho encontrou no vocabulário dos impropérios para atirar ao seu insolente rival.

451 Mas considere-se que Luciano era um homem no vigor da idade, alto e de compleição atlética, de barbas negras e cerradas, e que Eugênio era um menino imberbe e delicado. O epíteto de atrevido que lhe atirou à cara, foi portanto um rasgo de coragem admirável, e Deus sabe quanto custou ao pobre estudante!

452 — Como é isso?... faça o favor de repetir se é capaz... — replicou Luciano pondo-se diante de Eugênio de mãos nas cadeiras e com ar ameaçador... — Olhem a figura de quem quer se impertigar diante de mim!... este fedelho!... este rato de sacristia!... se me diz mais uma palavra, escovo-lhe aqui mesmo as orelhas...

453 Eugênio ficou amarelo, verde e depois cinzento. Além de sua natural timidez pelava-se de medo de dar ocasião a um barulho, que não deixaria de chegar aos ouvidos de seu pai.²⁷¹

454 Margarida tirou uma agulha, que trazia no corpo do vestido, e colocou-se perto de Luciano, resolvida a espetar-lh'a no

²⁷¹ I, L, N: [Eugênio ...pai.].

corpo ao primeiro movimento que fizesse contra Eugênio. Era a única arma que possuía, mas era terrível.²⁷²

²⁷² I, L, N: [Margarida ... terrível].

455 — Alto lá, senhor! — bradou uma voz, ao mesmo tempo que uma mão vigorosa agarrava o braço de Luciano...

456 — Que lucro tira o senhor de estar desfeiteando uma criança?... se lhe puser as mãos é comigo que tem de se haver.²⁷³

²⁷³ L, N: §+ §— Alto lá, senhor! (...) — Que ... haver.

457 — Pronto! respondeu Luciano voltando-se rapidamente para o seu interruptor. — Mas quem o chamou cá?... por ventura o senhor é pai da criança?...

458 — Não, mas sou amigo dele e do pai. Se continua a desfeiteá-lo, tem de se haver comigo, já o disse, e torno a repetir...²⁷⁴

²⁷⁴ I, L, N: [— Não ... repetir...].

459 Daqui originou-se uma pendência, que durou alguns minutos sem passar de doestos, provocações e fanfarronadas, em que todos tomaram parte, fazendo as mulheres uma pavorosa algazarra.

460 — Ora! ora! com efeito, senhor Luciano! — dizia a tia Umbelina altamente escandalizada com o negócio. — Nunca pensei que fosse o senhor o primeiro a vir armar barulhos e desordens nesta casa, onde até o dia de hoje, — louvado seja Deus, — não se sabia o que era a mais pequena rusga. E com quem vem mostrar-se valente? com o coitado²⁷⁵ de uma criança, que ainda ontem deixou os cueiros!

²⁷⁵ I, L, N: <a coitada>.

461 — Fie-se nisso... não está ele nos cueiros para lhe andar namorando a filha...

462 — Senhor Luciano, isso não são coisas que se digam! Estes meninos foram criados juntos, querem-se muito e...

463 — Bravo!... atalhou o rapaz com um riso²⁷⁶ de galhofa... — Ainda mais essa! muito bem! pois deixe-os andarem juntos... que mal faz isso?... deixe-os e espere pelo resultado.

²⁷⁶ N: <sorriso>.

464 — Não tem resultado nenhum, senhor Luciano; e que tenha, o senhor que tem com isso?...²⁷⁷

²⁷⁷ I, L, N: [—Não ... isso?...].

465 — Eu nada, minha senhora; mas... a falar-lhe a verdade, eu não desejava ver tão cedo a senhora como avó, e por semelhante maneira...²⁷⁸

²⁷⁸ I, L, N: [— Eu ... maneira...].

466 — Cale-se, senhor Luciano! — bradou Umbelina roxa de cólera e batendo com o pé. — Pensa o senhor que por ter na

algibeira uma pataca mais do que os outros pode dizer o que lhe vem à²⁷⁹ boca, e chegar a ponto de querer governar as filhas alheias? está enganado, muito enganado!... Sei bem o que é honra, — graças a Deus, e talvez a tenha de sobra para dar ao senhor, e a toda a sua geração. Veja, que estou em minha casa; e saiba que com uma palavra posso enxotá-lo daqui para fora.²⁸⁰

²⁷⁹ H: <na>.

²⁸⁰ I, L, N: [está ... fora].

467 Luciano quis responder, mas uma multidão de vozes aplaudindo Umbelina abafaram-lhe as palavras.

468 — Muito bem! muito bem, tia Umbelina!

469 — Tem carradas de razão, e aqui estamos para punir pela senhora.

470 — Saia! saia o desmancha-prazeres!

471 — Fora o rusguento!

472 — Fora o bobo, e vá a festa acima!²⁸¹

²⁸¹ I, L, N: [— Fora ... acima!].

473 A filúcia e o tolo orgulho do rapaz arredavam dele todas as simpatias, e portanto achou-se só no meio da tormenta que ele mesmo suscitara.

474 Fulo de raiva, Luciano pegou no chapéu.

475 — Vou-me embora! — disse bufando, — a culpa tenho eu de me meter no meio de gente baixa e sem educação. Adeus, senhora Umbelina!... pode estar certa que Luciano Gaspar de Oliveira Faria²⁸² e Andrade nunca mais há de cruzar a soleira da porta de sua casa.

²⁸² N: [Faria].

476 — Oh! oh! oh! senhor Luciano! replicou Umbelina com riso de mofa. — É pena, que não tivesse essa lembrança há mais tempo. Deus o leve, e permita que nunca se arrependa.²⁸³

²⁸³ I, L, N: [Deus ... arrependa.].

477 Um coro de aplausos a Umbelina e de apupadas a Luciano acolheu estas palavras, e o rapaz não teve remédio senão ir-se escafedendo com cara de cão que quebrou panela²⁸⁴.

²⁸⁴ I, L, N: [e ... panela.].

478 Enquanto rugia toda esta trovoada, Eugênio e Margarida, trêmulos e espavoridos, tinham-se retirado para um canto, cosendo-se à parede da casa postaram-se bem junto à janelinha de balaústres, que tantas vezes tinha ouvido seus suspiros e amorosas falas no mistério da solidão.

479 Ali encolhidos, com as mãos enlaçadas e bem unidos um ao outro, pareciam duas andorinhas recolhidas à beira do telhado esperando que se amaine a tempestade.²⁸⁵

²⁸⁵ I, L, N: [Ali ... tempestade.].

CAPÍTULO XIII

- 480 Esta pendência, que teria passado a vias de fato, se as
mulheres, que formavam a grande maioria daquela reunião,
não interviesses com²⁸⁶ seus gritos e choradeiras, esfriou
completamente o folgado, que daí em diante perdeu toda a graça
e²⁸⁷ animação e pouco durou.
- 481 Dissolvida a reunião, Eugênio partiu para a vila em
companhia do amigo, que havia tão generosamente tomado a sua
defesa contra Luciano. Receando algum desacato da parte deste,
não quis que o filho de Antunes partisse só, e acompanhou-o até a
vila, onde também morava.
- 482 Eugênio repousou o resto da noite em casa de seu protetor,
e apenas rompeu o dia foi para a casa do primo, que servira de
pretexto à sua escápula da fazenda paterna. Utilizando-se da
autorização que o pai lhe dera, aí ficou dois dias.
- 483 Um negro fugido não tem mais medo de comparecer
perante²⁸⁸ seu senhor, como Eugênio se arreceava da presença de
seu pai depois do desaguisado do mutirão. Estava certo que aquele
fato tarde ou cedo lhe chegaria aos ouvidos.
- 484 Se Umbelina e os outros convivas eram capazes de guardar
silêncio e abafar aquela desagradável ocorrência, outro tanto não
se podia esperar de Luciano, que por vingança seria o primeiro
a tocar a caixa do pregão, e até seria capaz de ir pessoalmente
denunciar a Antunes todo o acontecido.
- 485 Passados dois dias o próprio Antunes foi à vila buscar
seu filho.
- 486 Quando o algoz munido de barão e cutelo se apresenta na
masmorra do condenado, não produz mais horrível impressão do
que a presença de²⁸⁹ Antunes produziu no ânimo do filho.
- 487 Levou-o todavia para casa sem dar mostras de que sabia
coisa²⁹⁰ alguma do negócio do mutirão. Eugênio resfolegava; mas
a tormenta estava reservada para quando chegassem a²⁹¹ casa.
- 488 — Agora, senhor Eugênio, assente-se aí, e vamos
conversar um pouco, — disse Antunes fazendo sentar seu filho
diante de si. — Creio que já é tempo de parar um pouco em casa e

²⁸⁶ I, L, N: {os}.²⁸⁷ I, L, N: [graça e].²⁸⁸ I, L, N: {o}.²⁸⁹ L: <do>.²⁹⁰ L, N: [coisa].²⁹¹ N: .

ir-se arranjando para voltar ao seminário; ou ainda não estará farto de súcias?

489 Este tom de severa ironia aterrou Eugênio.

490 — Eu não estive em nenhuma súcia, — respondeu timidamente. — Meu pai não me deu licença para ficar na vila os dias que eu quisesse?

491 — Mas por ventura dei-lhe licença para ir *em* mutirão algum?

492 — Eu!... *em* mutirão?... quem lhe disse isso?...

493 — Ora! quem me disse!... quer acaso negar?...

494 O filho viu que estava perdido; calou-se, e de cabeça baixa esperou o desabar da tempestade.

495 — Com efeito, senhor Eugênio! — continuou o pai sempre no mesmo tom; — vmce.²⁹², pela maneira que vai, vem a dar um excelente padre! Enganar-me a mim para sair de casa e ir-se meter em suciatas e beberreiras²⁹³ no meio de uma corja de peraltas e vadios! nunca tal esperei!... isto vai às mil maravilhas! E a tal senhora Umbelina com o chamarisco de sua boa filha, que anda-me aqui a desinquietar os filhos alheios, dando funçanatas e descantes! não cuida ela em rezar e dar educação à menina!... Deixe-a estar, que se não mudar de vida, terá de arrepender-se; não estou mais para aturá-la em minhas terras. Se continua assim, ponha a trouxa às costas, e procure seu rumo, ou case a filha e mande-a tratar da vida. E²⁹⁴ vmce.²⁹⁵, senhor criança, com essa carinha de santo, já metido em taularias altas, fazendo roda às raparigas, e metendo-se em rusgas por amor delas!.. se lhe tivessem moído os ossos a pau, não era bem feito?... e eu e tua mãe com que cara havíamos de ficar?... ah! velhaquete!... que lindo padre não se²⁹⁶ está preparando aqui!...

²⁹² D, H: <Vmc.>.

²⁹³ D,G, H, I, L, N: <bebedeiras>.

²⁹⁴ I, L, N: [e].

²⁹⁵ D, H: <Vmc..>.

²⁹⁶ I, L, N: ↔se não está.

496 Eugênio, trêmulo, confuso e de olhos no chão deixou cair sobre sua cabeça toda esta tremenda trovoadas.

497 — Mas, meu pai!... — balbuciou ele, — eu não buli²⁹⁷ com ninguém; havia lá um homem muito malcriado que...

²⁹⁷ L, N: <subi>.

498 — Cala-te, tolo; a culpa é tua. Que foste lá fazer?... e o que esperavas mais misturando-te com semelhante canalha?... Viste lá algum homem de bem? aposto, que não. Só tu tiveste

ânimo para tanto, tu uma criança, tu que um dia tens de ser
padre!!...²⁹⁸

²⁹⁸ I, L, N: [Só ...
padre!!...].

499 Eugênio acabrunhado de dor e de vergonha, sofria as
mais violentas e pungentes torturas; as lágrimas cintilantes
lhe dançavam à borda das pálpebras, e os soluços abafados
o sufocavam e embargavam-lhe a fala. Uma vez porém que se
achava naquela cruel situação, inteiramente perdido no conceito
de seu pai, visto que não era possível encolerizá-lo mais do que
estava, Eugênio entendeu que não podia achar melhor ocasião de
abrir-lhe sua alma, e fazer-lhe a mesma confissão que já havia
feito a sua mãe.

500 Mas faltava-lhe o ânimo; fez um violento esforço e
balbuciou:

501 — Mas, meu pai... eu...

502 Não pôde continuar; as lágrimas e soluços até ali a custo
contidos fizeram expansão²⁹⁹ tempestuosa. As primeiras palavras
do menino abriram-lhes franca saída.

²⁹⁹ I, L, N: <explosão>.

503 — Mas o quê?...

504 — Mas... eu não...

505 Nova explosão de soluços afogou-lhe a palavra.

506 — Eu não, o quê?... acabemos com isto, meu filho.

507 — Eu não... tenho vontade de...

508 Aqui ainda os soluços abafavam-lhe a voz; a palavra fatal
agarrava-se³⁰⁰ teimosa na garganta, d'onde um nó de soluços não a
deixava escapar-se.

³⁰⁰ N: <aganava-se>.

509 — Mau! acabe com isso, — exclamou o pai impacientado:
— não tem vontade de quê?... fale... pois um moço, um rapagão,
que já anda em tafularias, não tem vergonha de estar aí a chorar
como uma criança! vamos com isso; de que é que não tem vontade?

510 — De ser padre, meu pai.

511 Estas palavras o estudante as despejou da boca rapidamente,
como se fossem brasas que lhe queimavam os lábios.

512 — Deveras!... viva isso! muito bem, senhor meu filho! —
exclamou Antunes com sardônico sorriso. — Então com que, não
quer ser padre?... e isto sem dúvida porque quer se casar com a
Margarida, não é assim, meu filho?

513 — Meu pai!... exclamou o filho com um olhar e um tom
de quem pedia compaixão ao desapiedado pai.

514 — És um tolo ainda, meu pobre filho; não sabes o que é o
mundo, e aquela rapariga te anda revirando os miolos.

515 — Meu pai, não é ela...

516 — Não me repliques. Estou bem certo, que se não fosse
ela, não terias semelhantes caprichos. E pensas tu, que eu hei de
consentir, que deixes de seguir uma carreira tão bela e tão honrosa,
para o que não tenho poupado dinheiro nem cuidados, por amor
de uma... miserável?...

517 — Oh! meu pai, não é assim; ela não tem culpa...

518 — Anda lá!... não cuides que podes enganar-me; bem te
conheço e a ela também... mas deixemo-nos disto. Avia-te quanto
antes para voltar ao seminário. Bem mal fiz em te mandar buscar
contra o conselho dos padres. Basta de férias. Vai-te, e não voltarás
aqui senão ordenado. Depois de amanhã sem falta quero vê-lo
pelas costas. Basta de tafularias.

519 Depois de amanhã sem falta! oh! pai desapiedado!³⁰¹ oh!
miserando Eugênio! aquelas palavras esmagaram-lhe o coração.
Partir, deixar Margarida, para não voltar senão daí a seis ou sete
anos, talvez nunca, quem sabe! — Esta ideia lhe gelara o coração
como um prenúncio de morte.

³⁰¹ I, L, N: [Depois ...
desapiedado!].

520 Depois de amanhã sem falta! Estas palavras toaram³⁰²
horríveis aos ouvidos do mancebo como os clangores da trombeta
do arcanjo anunciando o fim do mundo; o presente, o passado, o
futuro, o mundo, o espaço, tudo se esvaecia e, parecia-lhe que sua
alma se ia abismando aniquilada no seio das sombras eternas.

³⁰² I, L, N: <foram>.

521 Não era porém mais do que uma vertigem, que lhe
escurecia os olhos e turbava os sentidos, e que o fez tombar sobre
uma cadeira, banhado em suores frios. Seus olhos se cerravam
e no meio de um disco de cores inflamadas se lhe apresentou a
imagem de Margarida, pálida e chorosa, acenando-lhe ao longe
um derradeiro e triste adeus.

522 Antunes, que ao despedir os últimos raios de sua cólera
havia voltado bruscamente as costas e se retirara, nada disto havia
presenciado.

523 O delíquio foi passageiro; durou apenas alguns instantes.
Com o coração ralado de angústias o mancebo foi procurar sua
mãe, a ver se debaixo da asa maternal poderia encontrar abrigo
contra os rigores inexoráveis da autoridade paterna, e algum alívio
e conforto às amarguras de sua alma.

524 Achou de feito palavras de consolação e conforto nos
lábios maternos; mas se a mãe o tratou com menos rigor e aspereza
todavia a sua resolução de fazer Eugênio tomar ordens sacras não
era menos inabalável do³⁰³ que a do pai. A cena fatídica da cobra
enleada a³⁰⁴ Margarida estava altamente gravada em seu espírito,
e a senhora Antunes estava intimamente persuadida de que aquela
serpente era o demônio, que viera insuflar no seio de Margarida
o espírito maléfico para tentar seu filho, e que somente o hábito
sacerdotal podia preservá-lo do caminho da perdição.

³⁰³ I, L, N: [do].

³⁰⁴ I, L, N: <na>.

525 As doces palavras, as afetuosas exortações e conselhos da
mãe trouxeram momentâneo lenitivo às amarguras do filho, mas
não conseguiram desvanecer a nuvem sombria, que lhe envolvia
o espírito e lhe pesava sobre o coração.

526 O sopro da brisa matinal pode varrer a névoa ligeira que
touca o cabeço da montanha, mas não o vulcão carregado que traz
no seio a tempestade.

CAPÍTULO XIV

527 Eugênio passou uma noite febril entre cruéis insônias
e ansiados pesadelos. Mal despontou³⁰⁵ a primeira alva do dia,
levantou-se e pôs-se à janela. ³⁰⁵ N: <desapontou>.

528 O dia levantou-se cheio de serenidade e esplendor. O sol,
que surgia por detrás das colinas do levante coroadas de arvoredos,
brilhando através da ramagem orlava o horizonte como de uma
rede de ouro. Do lado fronteiro, em uma encosta longínqua, os
troncos vetustos, que o machado respeitou aqui e acolá no meio
de um vasto roçado, verberados pelos primeiros raios de sol
pareciam colunas de bronze, que ficaram em pé no meio dos
escombros de um templo derruído. Vapores diáfanos coloridos
pelos fogos da aurora, erguendo-se da valada e despregando-
se das colinas dispersavam-se nos ares como pétalas de rosa,
que uma virgem desfolhasse às brisas da manhã. Os arbustos
da vargem recamados de flores balanceavam-se brandamente
ao sopro das aragens, e sacudindo da coma³⁰⁶ orvalhada uma ³⁰⁶ N: <copa>.
chuva de pérolas abandonavam às auras³⁰⁷ matinais as primícias ³⁰⁷ I, L, N: <auroras>.
de seus perfumes. Bandos de papagaios e periquitos garrulando
alegremente atravessavam o espaço azul como nuvens de folhas
verdes levadas pelo vento.

529 Em derredor da casa também tudo era vida, prazer e
animação. Tudo acordava pulando de alegria e de amor ao primeiro
beijo do sol esplêndido do céu americano. Cada árvore era uma
orquestra de pios, trinados e gorjeios, onde o sabiá, o gaturamo, o
pintassilgo e outros mil passarinhos pareciam disputar entre si a
palma da harmonia.

530 A viração trazia dos pomares aromas inebriantes de flores
de laranjeira, de maracujá, de jambo e de jasmim, e do mato os
suaves eflúvios que destilam uma multidão de plantas balsâmicas
e flores sem nome, que vegetam à sombra de nossos bosques.

531 Entretanto nessa hora de magia, de prazer e de esplendores,
em que a terra parecia sorrir-se para o céu, que a envolvia em
ondas de luz tépida e serena, só Eugênio estava triste, sombrio e
abatido, só ele pendia para o chão a fronte esmorecida, como a

planta mimosa que a geada crestou, e a quem o calor vivificante do sol, nem o beijo da brisa matinal pode mais reerguer o colo desfalecido.

- 532 O olhar do moço enfiava-se imóvel pelo longo³⁰⁸ vale, 308 I, L, N {do}.
- que acompanhando o córrego entre dois espigões ia-se perder no pitoresco vargado, em que se achava a casa de Umbelina. Um boleado da colina lhe encobria a casa desta, e apenas lhe permitia ver os topos das duas paineiras vizinhas à ponte, que lhe³⁰⁹ 309 I, L, N: [permitia... lhe].
- acordavam n'alma tão suaves recordações, agora amarguradas pelo fel do presente.
- 533 Seu olhar estava fito sobre esses topos, sua alma conversava com eles, e lhes murmurava um doloroso adeus.
- 534 Largo tempo ali esteve Eugênio na mesma posição mergulhado nas mais acerbos e pungentes reflexões. A energia dos sentimentos se³¹⁰ havia despertado com extraordinária precocidade 310 I, L, N: [se].
- na alma do mancebo, que apenas púbere já sentia fundamente todos os violentos transportes da paixão, todos os seus inefáveis gozos, e raladoras angústias.
- 535 Ao sair dali Eugênio foi direito procurar sua³¹¹ mãe. 311 N: <a>.
- 536 — Minha mãe, não poderei ir ao menos hoje³¹² à casa da 312 I, L, N: ↔ não poderei ao menos hoje ir.
- tia Umbelina despedir-me dela e de Margarida? Sabe Deus se não será a última vez que tenho de vê-la³¹³!... 313 D, G, I, L, N: <vê-las>.
- 537 — Não fales assim, meu filho; Deus há de permitir que as vejas ainda por muitos e muitos anos.
- 538 — Não sei, minha mãe, mas...
- 539 — Mas o que queres lá ir³¹⁴ fazer? temos hoje³¹⁵ muito 314 L, N: [ir].
- que arrumar para a tua viagem, que é amanhã sem falta. Eu te desculparei para com elas... 315 I, L, N: [hoje].
- 540 — Oh! minha mãe!... temos muito tempo para isso. Eu não me demorarei mais de uma hora, meia hora mesmo, se V.m.³¹⁶ 316 D, H: <Vmc.>
- quiser. Tenho de me ir embora por seis ou sete anos, ou mais... talvez para sempre, e me ficará um grande pesar³¹⁷, se lhes não³¹⁸ 317 L, N: <prazer>.
- puder dizer adeus. 318 L, N: [não].
- 541 — Queres que te diga a verdade, meu filho?... desde o outro dia que fiquei muito mal satisfeita com aquela gente, e a minha vontade é que nunca mais lá ponhas os pés. Se souberes³¹⁹ 319 H: <soubesses>.

o susto que rapei³²⁰, quando soube que lá andaste metido em folias e batuques no meio de gente malvada!...

542 — Mas, minha mãe, a culpa foi minha.

543 — Bem sei; bem sei; mas se aquela comadre de uma figa tivesse mais juízo na cachola, e menos malícia no coração, não consentiria, que parasses lá um só instante...

544 — Eu enganei-a, minha mãe, e ela acreditou que meu pai me tinha dado licença...

545 — Não creias tal; tão tola não é ela. Bem viu que foste fugido; acreditou-te porque lhe fez conta. É ela mesma que te anda seduzindo e te pondo a perder, ela e a minha boa afilhada, que também — Deus me perdoe; — está ficando uma fresca joia.

546 Eugênio compreendeu que era tempo perdido instar mais com sua mãe. Resignou-se e conformou-se com sua sorte. Para despedir-se de Margarida restava-lhe ainda uma última esperança; essa abrigava-se debaixo do manto propício da noite, pela qual esperou com ansiedade.

547 Um luar escasso e melancólico esbatia-se frouxamente pelas campinas adormecidas no mais profundo silêncio. Sua luz baça mal disfarçava a escuridão da noite no pequeno vale, em que se achava situada a casa de Umbelina, a qual apenas se distinguia na sombra, escondida embaixo da frondosa copa da figueira como o filhote da ema abrigado à sombra das asas maternas. Como dois gigantes negros abraçando-se no ar as duas altas paineiras alçavam³²¹-se projetando pelo vargado as sombras colossais. Indolente aragem mal bulia nos ramos dos arvoredos, e somente os pios intercidentes³²² do curiango³²³ resvalando pelo chão no voo rasteiro quebravam o silêncio daquela solidão.

548 De entre as sombras das paineiras surgiu um vulto esguio e lesto à semelhança de um silfo aéreo que, parecendo nem tocar a terra com os pés, atravessou rapidamente o vargado, penetrou no terreiro, e sumindo-se por baixo da grande figueira foi colocar-se bem junto à janelinha de balaústres.

549 A favor daquela mudez profunda quem de ouvido afiado estivesse encostado à cerca do terreiro, ouviria um ciciar de vozes abafadas segredando ternuras e entreveladas³²⁴ de beijos, suspiros

³²⁰ D, I, L, N: [raspei].

³²¹ N: <laçavam>.

³²² I, L, N: <intercedentes>.

³²³ G: <cariango>.

³²⁴ I: <entrevaladas>.

e soluços a confundirem-se com o frêmito da folhagem, que de quando em quando estremecia a uma frouxa lufada da³²⁵ viração espreguiçando-se nos ramos da figueira.

³²⁵ I, L, N: <de>.

550 — Adeus, Margarida!... adeus!
 551 — Pois já?... um momento! um instantezinho ainda.
 552 — Pois sim... mas se meu pai der por minha falta... não
 deve tardar a amanhecer... mais um beijo, Margarida!

553 — Toma... tu hás de me querer bem sempre, sempre, não
 é assim, Eugênio?

554 — Sempre! eu te juro, e torno a jurar; padre nunca, nunca
 hei de ser. Adeus!...

555 — Adeus, Eugênio...

556 — Ah! não chores assim, que me cortas o coração. Enxuga
 essas lágrimas, para que eu possa ter ânimo de ir-me embora.

557 — Deixe-me chorar, Eugênio. Que hei de eu fazer?... hei
 de chorar³²⁶ sempre, sempre até que voltes.

³²⁶ I, L, N: <orar>.

558 —E hei de voltar, Margarida; tanto hei de pedir, instar,
 rogar a minha mãe, que ela há de mandar buscar-me, e um dia,
 Margarida, um dia hei de ser homem, e havemos de viver juntos,
 e não haverá poder na terra nos possa separar.

559 — Mas... meu Deus! até lá eu morro de saudades.

560 — Não, Margarida; hei de fazer tudo para sair do
 seminário, e voltar o mais breve possível... ah! não chores mais
 assim... já não te pedi?...

561 — Pois bem... olha, já não estou mais chorando... mas...
 não fiques lá muito tempo não, ouviste?... volta, volta depressa,
 Eugênio.

562 — Fica sossegada, minha vida³²⁷; eu hei de voltar. Adeus!..
 um último beijo ainda, e... adeus!³²⁸

³²⁷ I, L, N: <meu amor>.

³²⁸ I, L, N: [, e... adeus!].

563 — Adeus!...³²⁹

³²⁹ I, L, N: [—
 Adeus!...].

564 Este diálogo era suspirado com voz trêmula e abafada
 entre comprimidos intervalos de soluços, carícias e beijos
 devorados entre lágrimas³³⁰, e ninguém poderia adivinhar que

³³⁰ I, L, N: [entre ...
 devorados].

fundas tristezas, que ansiosas e cruéis inquietações se exalavam³³¹ ³³¹ N: <exalam>. n'aqueles tímidos e sentidos arrulhos, que mais pareciam vagos murmúrios da solidão perdendo-se nas asas da brisa confundidos com o ramalhar da folhagem e o burburinho da fonte vizinha.

565 Um momento depois o mesmo vulto, que vimos atravessar o vale rápido e leve como um silfo noturno, lá se ia vagaroso e como que se arrastando a custo a se esgueirar pelas sombras do vargado. De quando em quando parava, voltava-se para trás, apertava as mãos convulsivamente contra o peito; um estremeção como de um soluço lhe agitava o corpo, e com³³² voz que era mais ³³² I, L, N: {a}. um gemido, murmurava — Margarida!

566 Dir-se-ia alma penada ou duende da noite, que com a aproximação do dia se recolhia ululando aos fúnebres lugares donde havia saído.

CAPÍTULO XV

567 Os seminaristas de Congonhas do Campo viam com
certa surpresa e assombro ao anoitecer, depois que a sineta havia
vibrado a hora do recolhimento, um de seus companheiros, pálido
e abatido, atravessar de braços cruzados e olhos baixos a longa
fila de dormitórios, e encaminhar-se para o quarto do padre diretor
e ali ficar largo tempo em íntima e misteriosa prática. Isto tinha
lugar duas e³³³ três vezes por semana.

³³³ I, L, N: <ou>.

568 Esse estudante, que antes de partir para as férias, tímido
e acanhado ao princípio era por fim um menino travesso e
brincalhão como os outros, ia-se tornando um moço cada vez
mais tristonho e misantropo.

569 No passeio e recreação acompanhava os outros como um
autômato, com os olhos ou pregados no chão ou alongados além
pelos horizontes e parecendo estranho a tudo que em derredor
dele se passava. Grave e pausado como um velho ermitão formava
um vivo contraste com a turba jovial de seus garrulos e travessos
companheiros; dir-se ia o triste e moroso noitibó perdido entre um
bando de inquietos e chilradores melros.

570 Nas horas de estudo e recolhimento vivia debruçado sobre
os livros, mas tinham observado que cismava muito e lia bem
pouco. Os seminaristas novos, que ainda não o³³⁴ conheciam, tê-
lo-iam tomado por um idiota, se na aula o rapaz não desenvolvesse
prodígios de memória e de inteligência dando de si melhores
contas do que nenhum outro. Isto mesmo era mais um motivo
de pasmo da parte dos seminaristas, que olhavam para aquele
excêntrico e misterioso colega com certa curiosidade cheia de
respeito e³³⁵ admiração.

³³⁴ I, L: ↔ o não.

571 O³³⁶ que ia porém fazer aquele estudante duas e três
vezes por semana ao quarto do padre mestre diretor?... O leitor
vai já sabê-lo.³³⁷

³³⁵ D: [respeito e].

³³⁶ I, L, N: [O].

³³⁷ I, L, N: [O leitor ...
sabê-lo.].

572 O pai de Eugênio, reenviando-o para o seminário, tinha
escrito aos padres comunicando-lhes os desvios e desregramentos
de seu filho, e pedindo lhes mui encarecidamente que tomassem
debaixo de seu particular cuidado dirigir-lhe a consciência e

procurar desarraigá-lo do espírito certa paixãozinha, — assim se expressava ele, — que o ia tornando um pouco avesso à sua natural vocação e louvável propósito de ordenar-se.

573 Isto para o padre diretor não era nenhuma novidade. Estava ele bem lembrado, e o leitor também não se terá esquecido, dos versos feitos a Margarida, sequestrados pelo reitor à pasta do estudante. Era prevendo aquela descaída do seu neófito, que o padre se havia oposto com tanta energia a que Eugênio saísse do seminário durante as férias.

574 Também de sua parte os padres tinham grande interesse e vivo desejo de atrair ao grêmio da classe clerical aquele mancebo, que por sua bela inteligência, seu espírito de devoção e excelentes dotes morais parecia talhado pelo céu para ser um digno ministro da religião do Crucificado.

575 Concebe-se pois o esforço, com que aqueles zelosos missionários se empenhariam em fazer tão bela aquisição para o clero brasileiro, e mesmo, se fosse possível, para a congregação a que pertenciam.

576 Muito satisfeitos se mostraram quando viram voltar ao seminário o esperançoso estudante. Vendo seu ar melancólico e abatido, adivinharam-lhe a causa, mas não se inquietaram com isso, esperando que o tempo e a ausência seriam suficientes para desvanecer a tal paixãozinha, que se extinguiria³³⁸ por si mesma, com a luz da lâmpada, a que falece o óleo.

³³⁸ N: <extinguiu>.

577 Mal pensavam eles, que o amor que abrasava o coração do mancebo, era como a chama do amianto, que arde perenemente sem nunca consumir-se.

578 Em viagem para o seminário Eugênio com o coração cortado de angústia e de saudade e cheio de despeito contra a tirania paterna, formava em seu espírito o projeto de mostrar-se inteiramente rebelde à disciplina claustral, embora atraísse sobre si as mais severas reprimendas e castigos; pretendia comportar-se com tal desídia e relaxamento, tais desatinos e desregramentos praticar, que os padres se veriam obrigados a expeli-lo do seminário.

579 Firme neste propósito chegou a Congonhas, mas apenas cruzou os umbrais do piedoso edifício, sentiu desfalecer toda

a sua energia reacionária, sua fronte altanada curvou-se a um profundo sentimento de respeito e submissão; todas essas veleidades de revolta se encolheram³³⁹ nos seios da alma, como se calam medrosos escondendo-se nas moitas do vergel os gárrulos passarinhos, quando percebem a sombra da asa do gavião, que atravessa os ares esvoaçando por cima deles.

³³⁹ I: <encolherem>.

580 Tímido, cordato e dócil por natureza, Eugênio não tinha coragem para praticar o mal, nem era capaz de proceder contra os ditames da sua consciência. O espírito religioso, que constituía um dos traços mais proeminentes do seu caráter, lhe fazia olhar com veneração aquele edifício, morada dos padres santos, e consideraria o mais abominável dos pecados profaná-lo com atos de desregramento e rebeldia.

581 Debalde pois tentaria impor à sua vontade atos que a consciência repelia, e fazer calar as nobres e virtuosas tendências, que a natureza lhe tinha plantado no coração. Resignou-se, e contentou-se em chorar sobre³⁴⁰ sua sorte.

³⁴⁰ G, I, L, N: {a}.

582 Ferida pelo infortúnio a alma bem formada não blasfema contra Deus, nem se revolta contra os homens.

583 Longe de expelir transformado em veneno o fel do coração, converte-o em lágrimas de resignação e expande mais suave e puro o perfume da virtude, como o sassafrás golpeado pelo ferro do derrubador destila mais ativo e redolente o aroma, que lhe embalsama o âmago.

584 Todavia Eugênio não podia expelir de seu coração a imagem de Margarida, e nem ele o tentava, pois reputava isso um projeto impossível, absurdo, louco. Essa imagem agora lhe estava gravada n'alma em traços muito mais vivos e profundos do que nos anos da primeira ausência. A meiga e plácida afeição da infância havia tomado as proporções de uma paixão enérgica e fogosa, e se assenhoreara de seu coração, como esse truculento e rijo cipó que se atraca ao madeiro da floresta, o enleia o³⁴¹ aperta, e com ele se identifica, destinado a viver e perecer com ele.

³⁴¹ G, I, L, N: <e>.

585 A saudade, que o devorava, já não era essa tristeza lânguida e melancólica, que se entorna do coração com certa suavidade como o perfume de uma flor mirrada, e se espairose

nos ares nas asas do devaneio como uma nuvem doirada pelos fulgores da aurora. Era o negrume carregado de uma noite pesada, muda e funérea; de uma noite toldada, sem luz de estrelas nem lampejos de relâmpagos, sem rumorejos de³⁴² harmonia, nem fragores de tempestade.

³⁴² G, I, L, N: [relâmpagos, sem rumorejos de].

586 Era a paixão com todas as suas cruéis inquietações e anelos febris, com todas as suas sombrias apreensões no futuro, e suas doces e pungentes recordações no passado.

587 A tudo isto vinha-se juntar um sentimento de dolorosa compaixão pela sorte de sua querida companheira. Ah! quão sozinha, quão desamparada a havia deixado na solidão do lar quase deserto, entregue às angústias da saudade, como flor mimosa exposta a todos os rigores do sol canicular! Pobrezinha! a injustiça prevenção dos pais de Eugênio, retirando-lhe sua estima e amizade, a privavam da única consolação que lhe restava, tirando-lhe até os meios de saber notícias do amigo ausente! Com que amargura não exprobrava a³⁴³ sua mãe no íntimo da alma aquele iníquo e desalmado procedimento! Como o não³⁴⁴ teria profligado, amaldiçoado mesmo, se não partisse d'uma mãe, a quem respeitava e amava!...

³⁴³ I, L, N: [a].

³⁴⁴ N: ↔ não o.

588 Pelas suas Eugênio aquilatava as angústias de Margarida. Ele a via todas as tardes, — e seu coração adivinhava, — encaminhar-se para as paineiras do vargado pálida e chorosa, com as madeixas revoltas e dispersas pelos ombros, como palmeira³⁴⁵ a que o sopro violento da tormenta vergara o colo, derriçara os galhos e emaranhara os leques emurchecidos. Ali a via sentada largo tempo com os olhos fitos nos campos da fazenda paterna, triste como Eva exilada do paraíso, regando com suas³⁴⁶ lágrimas as raízes daquelas árvores queridas, companheiras e confidentes fiéis das alegrias do passado e das amarguras do presente.

³⁴⁵ L, N: <palmeiras>.

³⁴⁶ N: <as>.

589 Entranhando-se nestas tristes imaginações Eugênio estorcia convulsivamente as mãos, e o sofrimento lhe espremia do coração duas lágrimas, que o fogo do desespero lhe queimava nas pálpebras sem dar-lhes tempo a rolarem pelas faces, e a muito custo podia conter no peito um brado de blasfêmia e um ímpeto de revolta.

590 Cedendo porém ao peso de seu infortúnio o moço não
ousava, nem tentava combater a paixão, que fazia a tortura da sua
vida³⁴⁷. Sabia isso impossível, mas o seu espírito crente e religioso
só julgava realizável a sua redenção por um favor especial do céu,
pelo influxo da graça divina, favor que não esperava, nem ousava
implorar, porque dele se julgava indigno; ou quem sabe? — tinha
medo de ser atendido, e parecia-lhe que faltando-lhe aquele amor
não poderia mais viver, faltar-lhe-ia o ar e a luz, a terra e o céu se
aniquilariam para ele.

³⁴⁷ I, N: §-§ Cedendo ...
vida. § Sabia ...ele.

591 Assim o infeliz moço agarrava-se à sua saudade e ao seu
infortúnio, como o escorpião que rodeado de chamas se atraca à
própria cauda, que o morde e que o lacera.

592 O abatimento e melancolia de Eugênio longe de
desvanecer-se pareciam ir-se agravando com o tempo, fenômeno
singular naquela idade, em que as dores da alma parecem dissipar-
se com a mesma facilidade com que se evaporam as ligeiras
névoas ao primeiro sopra das brisas travessas da manhã.

593 Entretanto já quase um ano havia decorrido, e os padres
começando a inquietar-se à vista do estado deplorável, a que se
ia reduzindo o pobre moço, entenderam que deviam lançar mão
de meios mais enérgicos e positivos para debelar a paixão, que
não só o desviava do sacerdócio, como mesmo ameaçava levá-lo
ao túmulo. Foi então que começaram as práticas e confidências
íntimas com o padre diretor. A princípio e por muito tempo
nenhum resultado tiveram, e o padre já desalentado quase
desistiu da empresa. Suas palavras, conselhos e exortações não
conseguiam³⁴⁸ produzir a menor moessa no espírito do mancebo, o
qual revelando-lhe sem reboço o estado de sua alma confessava
sua fraqueza ou antes impotência para combater o mal, que o
assoberbava, e às mais calorosas e eloquentes objurgações³⁴⁹ do
padre opunha um desanimado e glacial — não posso.

³⁴⁸ D, H:
<conseguiram>.

³⁴⁹ N: <objurações>.

594 — Não posso! — dizia ele. Bem vejo que tudo quanto V.
Rma.³⁵⁰ me propõe é justo, razoável e salutar; quero fazer tudo
quanto me aconselha; mas há uma força superior à minha vontade,
um poder contra o qual vão quebrar-se todos os meus esforços.
Não posso.

³⁵⁰ D, H: <Rvma.>.

CAPITULO XVI

- 595 Mais um ano se passou empregado naquela³⁵¹ inútil
 porfia³⁵² do padre diretor, que empenhara em vão todo o esforço e
 perseverança para arrancar o mancebo àquele estado de desânimo
 e abatimento. Este não vendo outra solução senão a morte à
 sua cruel situação, abandonava indefeso o coração ao abutre da
 angústia, que o devorava.
- 596 Desalentados por fim os reverendos preceptores
 deliberaram entre si e convieram em um expediente, do qual
 esperavam pronto e seguro resultado. Escreveram ao pai do
 estudante fazendo-lhe ver o estado de melancolia e prostração, em
 que vivia, e como apesar de todos os esforços por eles empregados
 a sua constante preocupação não o abandonava, continuando a
 mostrar-se inteiramente avesso ao estado sacerdotal. Aconselhavam
 portanto ao pai, que procurasse casar a rapariga, que assim trazia
 desgarrada do bom caminho aquela ovelha predestinada, que Deus
 parecia ter criado para santas e sublimes coisas. Era este o único
 recurso eficaz com que contavam, pois era natural que o moço
 sabendo que a menina estava casada, tratasse de banir do espírito
 aquela teimosa tentação, de que Satanás se prevalecia para arredá-
 lo de sua natural e santa vocação. Que era pena perder-se por tão
 fútil³⁵³ e baixo motivo um digno sacerdote, que viria a ser um dia
 um dos mais belos ornamentos do clero brasileiro.
- 597 Lisonjeado com os elogios feitos ao filho, Antunes
 aplaudiu e aceitou o conselho, e deu-se pressa a pô-lo em execução.
 Sabendo que Luciano, aquele que tivera a pendência com seu
 filho, conservava ainda a mais viva inclinação por Margarida, e
 que pondo de parte a sua fatuidade e arrogância, era um excelente
 rapaz, morigerado e tratador³⁵⁴ da vida³⁵⁵, tanto ele como a senhora
 Antunes começaram a dar passos com grande empenho e diligência
 no intuito de efetuar aquele casamento. Baldados porém ficaram
 todos esses esforços. Margarida resistiu inabalável a todos os
 conselhos, exortações, repreensões, desenganos, promessas e até
 às ameaças de maldição por parte de seus padrinhos, e recusou-se
 obstinadamente a aceitar marido, fosse ele qual fosse.

³⁵¹ I, L, N: <naquele>.³⁵² L, N: <porfiar>.³⁵³ G, I, L, N: <útil>.³⁵⁴ G: <traidor>.³⁵⁵ A: tratador da vida > I, L, N: <trabalhador>.

598 Outrora Umbelina tinha afagado no espírito a esperança,
e acreditava na possibilidade do futuro enlace dos dois meninos,
Eugênio e Margarida. Não via na pobreza desta embarço sério
para isso, e quanto à linhagem, ela, a viúva de um alferes dessa
brilhante cavalaria mineira, a nata do exército, onde não³⁵⁶ se
alistava senão gente de sangue limpo e de família honrada, e da
qual o simples soldado era tão respeitado e respeitável como hoje
um capitão, ela em nada se julgava inferior aos Antunes.

³⁵⁶ I: [não].

599 Mas Umbelina não era mulher de têmpera a seguir com
tenacidade uma ideia, nem lutar com dificuldades. Logo que viu
o vivo desejo, que mostravam os pais de Eugênio para fazê-lo
padre, desvaneceram-se suas esperanças, e nem pensou mais no
desejado enlace. Bonachona e pachorrenta, Umbelina deixava os
acontecimentos seguirem seu curso natural, contanto todavia, que
não se afastassem, no que lhe tocava de perto, do caminho da
honra e da honestidade³⁵⁷.

³⁵⁷ I, L, N: [Bonachona
... honestidade.].

600 Contudo não deixou de aconselhar à filha, que acesse
à vontade de seus padrinhos, mas com tão pouca insistência, que
parecia inteiramente neutral naquele negócio. O comportamento de
seus compadres para com ela, desde a desagradável ocorrência do
mutirão tinha revoltado o seu orgulho, e era com maus olhos que
via a interferência, que queriam exercer nos negócios de sua casa.

601 Margarida, a pobre Margarida, via eclipsar-se para sempre
e sem remédio a estrela de suas esperanças no seio de um fúnebre
e sinistro negrume, que de mais em mais se condensava sobre
sua cabeça. A alegria e o sossego fugiram daquela alma, onde
a saudade e o pesar se aninharam para sempre. Ela via que os
elementos revoltos só preparavam tempestades no horizonte de
sua vida, e conspiravam de modo assustador para desunir dois
destinos, que o céu parecia ter criado para se desenvolverem e
se extinguirem ao lado um do outro, e não podia encarar sem
horror esse futuro, onde a estrela de sua felicidade pálida e incerta
vacilava à borda de um horizonte tenebroso. Tinha crença firme
no amor e nas promessas do seu querido; mas não tinha fé no
destino, nesse poder implacável e tirânico³⁵⁸, que zomba dos mais
firmes protestos e das juras mais leais.

³⁵⁸ N: [tirânico].

602 Sofrendo cruelmente, Margarida procurava esconder aos
olhos de sua mãe a violência e amargura de seus martírios.

603 Se não fosse a sua feliz e robusta organização e a têmpera
forte do seu espírito, teria sucumbido ao peso de tantos pesares
e aflições.

604 Eugênio e Margarida eram como dois lindos arbustos de
viçosa e opulenta folhagem, que nasceram bem junto³⁵⁹ um do
outro; as raízes se entrevelaram³⁶⁰ no mesmo alvéolo, nutrindo-se
da mesma seiva, e os ramos balançados pela mesma viração³⁶¹ se
abraçaram³⁶² e confundiram no ar. Um imprudente e desalmado
cultor pensando que lhes era nociva aquela vizinhança, entendeu
que devia separá-los, e arrancando um deles o transplantou para
longe. Para isso foi mister lacerar desapiedadamente as raízes
de ambos, e um e outro largaram pelo chão as folhas murchas,
penderam para a terra os nus e ressequidos galhos, e não houve
bafejo de³⁶³ primavera, orvalho benfazejo nem sopro de brisa
vivificante, que pudesse restituir-lhes o perdido viço e louçania.

605 Vendo a invencível relutância da filha e a fria indiferença
da mãe, Antunes cheio de indignação tomou de acordo com sua
mulher a bárbara³⁶⁴ resolução de enxotar de sua fazenda aquelas
duas pobres e inofensivas mulheres³⁶⁵.

606 — Desaforo! — exclamava o velho inchando as bochechas
e bufando de cólera — ao que parece a tal comadre pensa que
estou gastando dinheiro e apurando a paciência com a educação
do menino para dá-lo em dote à sua pequena.... ora não falta mais
nada! é isso... outro não é o motivo, porque embirram em não
querer nem que se fale em casamento; que malucas!... Pois já que
a menina não se casa, rua com elas!... procurem seu rumo, que não
estou mais para aturá-las³⁶⁶.

607 — Que dúvida! — acrescentava a mulher — rua com elas
e quanto antes!... a tal comadre de uma figa, se não quer casar
a filha, é porque não quer se desfazer daquele engodo, que lhe
chama a casa os fregueses. Saindo a Margarida, adeus súcias
e beberreiras³⁶⁷! adeus jogos e pandeiradas, em que os filhos-
famílias vão atirar fora o dinheiro de seus pais... e é isso o que a
ela não lhe faz conta.

³⁵⁹ D: <juntos>.

³⁶⁰ I, L, N:
<entrelaçaram>.

³⁶¹ I, L, N:
<vibração>.

³⁶² I, L, N:
<abraçavam>.

³⁶³ I, N: <da>.

³⁶⁴ I, L, N: [bárbara].

³⁶⁵ A: de ... mulheres > I,
L, N: {<a resolução
de expulsá-las da
fazenda>}.

³⁶⁶ I, L, N: [Pois ...
aturá-las.].

³⁶⁷ H, I, L,
N: <bebedeiras>.

608 — Lá isso também pode ser; mas o fito principal da
 patusca era filar-me³⁶⁸ o rapaz, isto ninguém me tira do sentido...
 até consta-me que o menino, depois que expressamente lhe
 proibimos pôr lá mais³⁶⁹ os pés, quando já todos aqui dormiam,
 fugia sorrateiramente de³⁷⁰ casa, e lá ia passar quase todas as
 noites!... e que me diz a esta, hein, senhora?...

³⁶⁸ N: <lhe>.

³⁶⁹ N: [mais].

³⁷⁰ I, N: <da>.

609 — Deveras, senhor Antunes!... o que me está dizendo...
 homem!... veja, que víbora traiçoeira admitíamos dentro de casa!
 Nada! nada! nem mais um momento quero ver essa mulher perto
 de nós... é a serpente! é o diabo em pessoa!...

610 Assim pois, ficou irrevogavelmente proferida a sentença
 de banimento das duas infelizes mulheres, sentença dura e injusta
 em todo o ponto, e que não tinha outra base mais do que a infundada
 prevenção dos dois fanáticos esposos. É verdade que Umbelina,
 como dona de uma pequena bodega à beira da estrada, tinha de
 tolerar sem remédio a reunião em sua casa de muita rapaziada
 vadia e turbulenta, que lá se agrupava por vezes aos domingos, e
 lá³⁷¹ armava algazaras e rara vez algum pequeno distúrbio. Mas
 essa gente se conservava do balcão para fora, e nunca penetrava
 no interior da casinha de Umbelina, a qual, — justiça lhe seja
 feita, — sabia muito bem zelar a sua reputação, e a honra de sua
 filha³⁷².

³⁷¹ I, N: [lá].

³⁷² I, L, N: [Mas ...
 filha.].

611 Um belo dia pois, Umbelina e sua filha tiveram de
 arrumar a sua trouxa, e de dizer eterno adeus à sua linda casinha,
 ao risonho e pitoresco vale, ao córrego e às paineiras, que por
 tantos anos tinham sido o abrigo e a companhia de sua feliz e
 pacífica existência.

612 Umbelina por sua parte de há muito desgostosa, e disposta
 a abandonar aqueles lugares, não sentiu grande pesar em deixá-
 los; mas a pobre Margarida... essa aí deixava o coração feito em
 pedaços entre as garras da dor e da saudade. Triste sina era a
 sua!... a sorte desapiedada lhe arrancava até a companhia daqueles
 sítios queridos, daqueles seres inanimados, que para os outros não
 tinham³⁷³ valor nem significação alguma, mas que para Margarida
 tinham uma alma com quem se entendia, uma voz consoladora,
 que com ela conversava mistérios de amor e de saudade.

³⁷³ N: <tinha>.

613 Quando viu sumirem-se por detrás das colinas a alva
casinha, o vargado³⁷⁴, e os últimos topos da figueiras e das duas
paineiras, pareceu-lhe que um véu de eterno luto se estendia sobre
seu coração, e uma voz lúgubre lhe murmurava dentro da alma:
— tudo está acabado! —

³⁷⁴ N: <arvoredado>.

614 Assim devia retirar-se Eva, enxotada³⁷⁵ do paraíso ante
a³⁷⁶ espada de fogo do arcanjo vingador, chorosa e a passos lentos,
volvendo de quando em quando para o jardim de delícias, que
acabava de perder, olhos empanados de lágrimas de indizível
angústia. Assim devia retirar-se Eva, sim; porém talvez menos
infeliz, porque sentia na sua a destra do esposo, que a afagava,
e lhe sustinha os passos vacilantes pelas tristonhas e escabrosas
sendas do exílio.

³⁷⁵ I, L, N: <expulsa>.

³⁷⁶ A: ante a > I, L, N:
<pela>

615 Margarida porém, ai dela!... despedindo-se daquele éden
saudoso da sua infância, dizia também eterno adeus ao bem
querido de seu coração.

CAPÍTULO XVII

616 Grande é o poder do tempo.

617 O próprio braço da dor, quando não consegue esmagar a sua vítima, por fim de contas esmorece fatigado, e o seu estilete, por mais buído que seja, acaba por³⁷⁷ embotar-se.

³⁷⁷ G, I, L, N: <de>.

618 O físico de Eugênio, graças à mocidade e a uma feliz e sadia organização, tendo resistido aos rudes e continuados golpes de uma dor íntima,³⁷⁸ intensa e corrosiva, o espírito como que fatigou-se de sofrer, ou antes habituou-se ao sofrimento.

³⁷⁸ I, L, N: {e}.

619 Uma influência talvez ainda mais forte que o tempo, se bem que por ele auxiliada, contribuiu também grandemente para a salutar modificação que se operou na vida do mancebo. Sua natural tendência à devoção e ao misticismo, que nele constituía também uma paixão, há muito tempo abafada pelos pesares e inquietações de um amor infeliz, acordou finalmente no seio daquela alma ulcerada, e se não pôde acalmar de todo seus sofrimentos e tumultuosas agitações, veio pelo menos dar-lhes um³⁷⁹ caráter menos sombrio e desesperado.

³⁷⁹ N: [um].

620 Eugênio não pôde suportar por mais tempo a triste solidão em que gemia abraçado com a cruz de seu sofrimento. Não sabendo onde achar socorro e consolação para o mal que o flagelava, correu a prostrar-se aos pés do Crucificado, regou-os com suas lágrimas, e beijou-os cheio de contrição e de amor, implorando-lhe que lhe acalmasse aquela febril agitação, que lhe queimava o cérebro, e lhe restituísse a paz do³⁸⁰ coração.

³⁸⁰ D: <ao>.

621 Desde então começou a sentir de novo aqueles celestes enlevos, que as solenidades religiosas outrora lhe despertavam n'alma. No templo, aos sons do órgão sagrado e dos hinos religiosos, seu espírito se arrebatava entre as nuvens de³⁸¹ incenso sobre as asas do êxtase e pairava pelo empíreo no meio dos coros angélicos. O altar inundado de esplendores e de nuvens aromáticas lhe parecia o escabelo do trono de Deus, o único degrau seguro, por onde se pode subir ao conspecto do altíssimo. No meio de suas deslumbrantes visões o mancebo invejava dentro da alma, e cobiçava ardentemente a glória sem

³⁸¹ N: <do>.

par de empunhar a chave do sacrário, e de queimar o incenso aos pés do onipotente³⁸².

³⁸² I, L, N: [No ... onipotente.].

622 Eugênio, então entrado nos dezenove anos já não tinha o seu dormitório no salão dos meninos; pertencia à turma dos grandes, e dos que propriamente se chamam *seminaristas* ou candidatos ao sacerdócio. Como tal, tinha portanto o seu cubículo ou cela particular. Ali também, entregava-se com fervor a contínuas práticas de devoção e ascetismo, e ajoelhado aos pés da imagem da Mãe de Deus, rezava longamente e deixava o seu espírito perder-se engolfado em santas e beatíficas contemplações, ou lia as páginas ardentes e sublimes de S. Jerônimo ou S.³⁸³ Agostinho, e os seráficos escritos de S. Francisco de Sales e de S.³⁸⁴ Teresa de Jesus, tão perfumados de mística unção e de angélica piedade.

³⁸³ D, H: {Santo}.

³⁸⁴ D, H: {Santa}.

623 A estas práticas de devoção e piedosas leituras vinham-se juntar estudos severos das matemáticas, de filosofia e teologia, que lhe iluminavam e robusteciam a inteligência, ao passo que a leitura assídua do Eclesiastes, do livro da sabedoria e dos provérbios de Salomão lhe confortava o coração, e o protegia contra os ataques das seduções e vaidades do mundo.

624 Mas não se pense que Eugênio enlevado em seus atos de devoção e absorvido em seus estudos havia conseguido esquecer-se de Margarida.

625 Somente o seu amor purificando-se ao contato da religião de tudo que nele havia de carnal e terreno, tinha tomado as cândidas roupagens de uma afeição angélica e ideal, e o fel amargo da saudade, que lhe afogava o coração, se havia transformado em uma torrente de lágrimas silenciosas e resignadas, que entornava³⁸⁵ aos pés da Virgem consoladora dos aflitos.

³⁸⁵ I, L, N: <vertia>.

626 Entre as nuvens de incenso, que embalsamavam o templo, no meio dos anjos de suas visões pairava também a imagem de Margarida, e por entre as piedosas e místicas harmonias, que enchiam as abóbadas sagradas, ouvia-lhe a voz suave e argentina. No retiro solitário de sua cela, quando prostrava-se em oração ante a imagem da Virgem, Margarida estava também ajoelhada ao lado dele como nos tempos de seus brincos de criança, e era ela o anjo, que nas asas de neve e ouro levava as suas preces ao trono do onipotente.

- 627 Essas duas tendências naturais de seu coração terno e entusiasta, pode-se dizer essas duas paixões, que lhe eram inatas, o amor e a devoção, congraçavam-se admiravelmente em seu espírito. O arrebo místico, a³⁸⁶ contínua aspiração para Deus e para as coisas celestes não excluía³⁸⁷ nele o amor por essa criatura, que é sobre a terra um dos mais belos reflexos do infinito poder— a mulher. É que de fato esses dois sentimentos tão puros, tão celestes ambos, nada têm de inconciliáveis em si mesmos, e somente uma lei meramente convencional, impondo o celibato como um preceito³⁸⁸ imperativo, podia levantar entre eles esse odioso antagonismo, contra o qual a razão protesta e revolta-se o coração.
- 628 Eugênio pois não deixava de sentir em si a mais pronunciada vocação para o sagrado ministério do altar; se não fora o amor, que nele ainda prevalecia sobre as tendências teocráticas, sua resolução estaria definitivamente firmada e decidida. O seu espírito oscilava perplexo entre essas duas belas e santas aspirações, as quais, se não fossem canonicamente incompatíveis, teriam entretecido para a frente do mancebo a mais brilhante coroa de glória, de amor e de felicidade, e que no³⁸⁹ entretanto³⁹⁰ por sua incompatibilidade estavam fadadas a cavar-lhe um abismo de angústias e desgraças.
- 629 Dois anjos a um tempo tomavam Eugênio pela mão, e o convidavam para o céu.
- 630 Um era a piedade, que lhe mostrava os degraus do altar, e lhe corria diante dos olhos maravilhados os véus sacrossantos, que encobrem o trono de Deus.
- 631 O outro era o amor, que lhe entreabria a porta misteriosa da alcova nupcial, e lhe apresentava a imagem de Margarida.
- 632 O despertar do espírito religioso na alma do mancebo, alimentado e auxiliado por contínuas exortações e conselhos dos padres, já era um grande passo para a consecução do fim que tinham³⁹¹ em vista. A paixão ascética ia pouco a pouco ganhando sua alma, e em breve os afetos profanos não encontrariam nela nem mais um cantinho onde aninhar-se.
- 633 Aplaudiam-se entre si deste belo resultado, e já não duvidavam de que mais tarde ou mais cedo o triunfo seria completo, e o moço abjurando de uma vez todas as paixões

³⁸⁶ G, I, L, N: [a].

³⁸⁷ L, N: <excluía>.

³⁸⁸ N: [preconceito].

³⁸⁹ H: [no].

³⁹⁰ L, N: <entanto>.

³⁹¹ I, L, N: <tinha>.

terrenas se entregaria sem resistência nos braços de sua natural vocação, — o sacerdócio.

634 Escreveram ao pai de Eugênio:

635 "Graças ao Todo-poderoso e aos nossos perseverantes esforços, a ovelha desgarrada vai-se encaminhando para o aprisco da religião... O bálsamo salutar da devoção vai dissipando os efeitos do veneno, que a paixão pecaminosa lhe filtrara no coração. Mais um passo, e poderemos cantar assinalada vitória sobre o espírito das trevas, ganhando um digno ministro para o altar, e uma bela alma para o céu. Resta, que V. S. nos comunique o casamento da rapariga, e tudo estará concluído".

636 A despeito de toda a força da sua vocação eclesiástica, de todo o fervor do seu ascetismo religioso, Eugênio mantinha-se firme na resolução de não tomar ordens. Assim o havia jurado a Margarida. Firmada pela religião do juramento, essa afeição terna e profunda que votava à companheira de sua infância, afeição que com ele nascera, que era a luz de seus olhos, a seiva de seu coração, o perfume de sua alma, via cerrar-se³⁹² os áditos do santuário do Senhor, para o qual volvia olhos invejosos como para um Éden vedado, de que suas fraquezas o tornavam indigno. Mas Margarida era um anjo de Deus exilado na terra, e se ele não podia com suas mãos profanas tocar nos vasos sagrados e na hóstia sacrossanta, poderia ao menos ajoelhado ao lado dela, inclinar a fronte venerabunda ante os altares, e entoar com ela hinos de louvor ao todo-poderoso. O culto e³⁹³ adoração oferecidos ao Senhor por um de seus anjos não podiam deixar de ser-lhe tão gratos como aqueles, que lhe são endereçados pelas mãos de seus ungidos.

³⁹² I, L, N: <cerrarem-se>.

³⁹³ N: <de>.

637 Destes devaneios, em verdade bem suaves, o vinham arrancar considerações de outra ordem, que o lançavam n'um pego de amarguras e inquietações. Via diante de si a incerteza do futuro, o inabalável emperramento de seus pais, que a todo o transe o queriam fazer padre, a sorte precária de Margarida, mal vista e repudiada por eles, pobre e frágil criatura exposta a todos os embates de um destino cruel, e a todas as seduções e azares de um mundo corrupto e libertino.

638 Já não era só o amor, era um dever mais santo e por
ventura mais forte que o amor, que o forçava a jamais abandonar
ao seu destino aquela infeliz criatura, que o céu como que havia
confiado à sua guarda e proteção, fazendo-a nascer junto dele,
e colocando-a à sombra do mesmo lar, como a tenra trepadeira,
que nasce enleada ao viçoso e copado arbusto, amparando-se com
sua sombra e nutrindo-se de sua seiva. Margarida, mesmo não
podendo ser sua esposa, era sua irmã; embora o não fosse pelo
sangue, o destino colocando junto ao seu o berço dela, os tinha feito
irmãos pela alma. Agora que seus pais com tanta desumanidade a
repudiavam, e que não lhe restava senão sua velha e mísera mãe,
ele, que era seu único amparo sobre a terra, devia viver só por ela
e para ela.

639 O espírito do mancebo bem queria nas asas da religião e
da piedade desprender-se da terra, e consagrar-se exclusivamente
ao culto da divindade; mas um laço poderoso lhe tolhia os voos e
o tinha atado aos interesses e afeições mundanas.

640 Depois de ter volvido n'alma todas³⁹⁴ tristes e amargas
reflexões, Eugênio exclamava: — Não, não posso, não devo
ser padre! — e passava a excogitar os meios de despedir-se do
seminário o mais breve que fosse possível.

³⁹⁴ D, H: {estas}; G, I,
L, N: {essas}.

CAPÍTULO XVIII

- 641 Eugênio, que já então tocando os vinte anos, conservava na alma toda a candura e singeleza da infância, confiava ao seu diretor espiritual por miúdo e sem disfarce³⁹⁵ todas essas lutas íntimas, todas as irresoluções, fraquezas, inquietações do seu espírito. Expondo-lhe a obrigação sagrada, em que se considerava, de amparar e proteger na vida a companheira de sua infância, o padre lhe fez ver que nada obstava a que ele satisfizesse aquele nobre e louvável impulso do coração, e que nisso não havia estorvo a que se ordenasse, uma vez que, banindo do coração todo o sentimento amoroso, considerasse Margarida como sua irmã.
- 642 Por³⁹⁶ esse efeito porém era forçoso que evitasse o mais que pudesse a sua presença, fugisse de toda e qualquer relação com ela, e fosse como a Providência, que esconde a mão que derrama tantos benefícios sobre a terra; aliás recairia inevitavelmente em suas antigas fraquezas e desvarios. Ponderava-lhe demais, que³⁹⁷ uma vez ordenado³⁹⁸, seu pai³⁹⁹ não duvidaria em restituir a Margarida as suas boas graças, e tomaria decerto a seu cargo ampará-la, prover à sua sorte futura, procurando-lhe um bom marido.
- 643 A estas palavras Eugênio estremeceu; mas contendo aquele movimento:
- 644 — Estou certo, — respondeu — de tudo, quanto me diz; ... mas... é impossível!... estou inteiramente convencido que toda e qualquer tentativa que eu faça para banir de meu coração esta paixão, será sem resultado. Não está em mim, nem há poder nenhum sobre a terra que me possa tirar do sentido aquela mulher.
- 645 — Não o há sobre a terra, mas há no céu. Implore com fervor a graça divina, e ela não lhe faltará, e o seu triunfo, que considera impossível, será facilimo e completo. A oração, a penitência, os exercícios piedosos, são armas poderosas para combater a tentação, filho; e V.m.⁴⁰⁰ mesmo já fez delas a mais brilhante prova, quando sendo muito mais criança conseguiu debelar completamente o inimigo que o tinha em contínua obsessão. Se não fosse a imprudência de deixar o seminário, e ir
- ³⁹⁵ H: <disfarces>.
- ³⁹⁶ I, L, N: <Para>.
- ³⁹⁷ G, I, L, N: [que].
- ³⁹⁸ L, N: {que}.
- ³⁹⁹ G, I: {que}.
- ⁴⁰⁰ D, H: <Vmc.>.

colocar-se⁴⁰¹ de novo entre as goelas⁴⁰² da serpente que o seduzia, teria evitado esta nova luta, talvez mais renhida e encarniçada que a primeira. Hoje porém, que já com vinte anos deve ter outra energia e força de vontade, e sabe melhor ponderar as coisas, é que assim desanima como um covarde, e recua espavorido diante do inimigo?

⁴⁰¹ I, L, N: <colar-se>.

⁴⁰² H, I: <guelas>.

646 — Mas, senhor padre, eu jurei a Margarida... Perjurar, esquecê-la, abandoná-la a seu cruel destino, não é uma traição, uma infâmia?

647 — O juramento inspirado pelas sugestões do demônio não é juramento, filho. Deus não o aceita, nem o confirma no céu. Jurou o nome de Deus em vão, fez mais, profanou como um ímpio o seu santo nome envolvendo-o em atos desregrados de libertinagem. Cometeu um grande pecado, de que cumpre lavar-se com lágrimas sinceras de compunção e arrependimento; mas não é um juramento, nem o constitui em obrigação alguma.

648 — Não sei, senhor padre, não sei, o que lhe possa objetar; ... mas o coração se revolta, e diz-me a consciência que eu⁴⁰³ cometeria uma indignidade, um crime mesmo, arrojando em um abismo de infortúnio e desespero a uma criatura de quem sou mais do que o amparo, de quem sou a única esperança.

⁴⁰³ I: <o>.

649 — Filho, olhe, que toma por vozes da consciência o que não é senão murmúrio da paixão, embuste do demônio, que porfia em obumbrar-lhe o espírito e amolecer o coração. Ânimo, filho!... nada o embarça para esse nobre e santo cometimento, senão a sua própria vontade. Essa paixão que o atormenta, é um cálix de provação que Deus lhe preparou para acrisolá-lo na luta e no sofrimento, e torná-lo mais digno do sagrado ministério a que o chama o céu. O inimigo com quem tem de travar-se, foi-lhe enviado por Deus, como o anjo de Jacó. Faça como aquele santo patriarca, que combateu com o anjo a noite inteira; não se recuse a essa luta agradável aos olhos de Deus; combata noite⁴⁰⁴ dia, ⁴⁰⁵ vencerá como Jacó.

⁴⁰⁴ D,H, I, L, N: {e}.

⁴⁰⁵ G, I, L, N: {que}.

650 Eugênio saiu de junto do padre com o espírito um tanto abalado; pelo menos achava-se resolvido a implorar o auxílio do céu para extinguir aquela paixão, que era ao mesmo tempo o encanto e o tormento de sua existência.

651 Ainda que sem fé a princípio, e sem esperança alguma
de resultado, — e talvez por isso mesmo, — entregou-se como
outr'ora às práticas do mais austero ascetismo, e na solidão de
sua cela deu-se à vida de penitência e contemplação com uma
exaltação e fervor dignos dos antigos anacoretas dos desertos da
Cálcida, da Nitria e da Tebaida.⁴⁰⁶

652 À força de orações e jejuns, vigílias e macerações, de novo
conseguiu reduzir⁴⁰⁷ seu corpo à múmia ambulante, e o espírito
a um foco de visões beatíficas e fanáticas alucinações. Desta vez
porém o áspero e pesado manto do ascetismo não logrou abafar a
chama teimosa que abrasava o peito do mancebo. A fibra de⁴⁰⁸ seu
coração tinha-se fortalecido com os anos. O vaso frágil das afeições
infantis se convertera em urna⁴⁰⁹ diamantina, que conservava
inteiro e inalterável o filtro fatal que os lábios de Margarida nele
havia vazado entre os beijos de mel e lágrimas de fogo.

653 Embora procurava o anjo da⁴¹⁰ devoção, com a sombra
mística de suas asas, acalmar os tumultuosos transportes daquela
alma apaixonada. Na maior exaltação de seus êxtases beatíficos, no
rigor de suas mais⁴¹¹ austeras mortificações, lá mesmo lhe aparecia a
imagem de Margarida, formosa como visão celeste, e com um sorriso
melancólico dizia-lhe com acento triste e amarga exprobação:

654 — Louco, que pretendes esquecer-me, e pedes ao céu
forças para ser perjuro e desapiedado! Lutas em vão; eu sou o
anjo que levo ao céu teus pensamentos e tuas orações, e jamais
consentirei que cheguem ao trono de Deus tuas monstruosas⁴¹²
preces. Esquece-me se puderes, mas não peças auxílio ao céu para
precipitar-me⁴¹³ no inferno!

655 Então Eugênio, alucinado e quase em delírio, batia com
a fronte em⁴¹⁴ terra, estorcendo-se e bradando com voz sufocada
entre soluços:

656 — Perdão, Margarida, perdão!

657 Assim continuou por longo tempo a luta travada no espírito
do mancebo entre o amor e a religião, entre duas paixões que com
ele nasceram, e com ele poderiam viver e fazer a sua felicidade,
se as instituições humanas não houvessem erguido entre elas uma
barreira insuperável.

⁴⁰⁶ A: § Eugênio ...
existência. § Ainda
... Tebaida. > I, L,
N: §§ Eugênio ...
existência. Ainda ...
e da Tebaida.

⁴⁰⁷ I, L, N: {o}.

⁴⁰⁸ I, L, N: <do>.

⁴⁰⁹ I: <uma>.

⁴¹⁰ N: <de>.

⁴¹¹ I, L, N: [mais].

⁴¹² G, I, L, N:
<mentirosas>.

⁴¹³ I, L, N: <caíres>.

⁴¹⁴ N: <na>.

658 Entretanto a ausência, o decurso dos anos, a falta absoluta de
relações e mesmo de notícias da mulher amada, eram circunstâncias
que não podiam deixar de influir poderosamente em desvantagem
da paixão profana, que insensivelmente se ia arrefecendo como
lâmpada velada, que se consome a si mesma e fenece à míngua de
alimento. Outro tanto não acontecia ao misticismo, que alimentado
por contínuas práticas de devoção, exaltado por eloquentes e
calorosas exortações e conselhos, cada dia ia ganhando terreno, e
contava com todos os elementos da vitória.

659 Duas circunstâncias vieram contribuir poderosamente
para acelerar o triunfo das ideias teocráticas e fazer palejar⁴¹⁵ a
estrela do amor no horizonte da vida do mancebo. ⁴¹⁵ G, I, L, N: <paliar>.

660 Era um domingo. Celebrava-se missa solene por ocasião
de uma festividade da igreja.

661 Por esse tempo o padre missionário Jerônimo Gonçalves
de Macedo, o digno e venerável companheiro de Viçoso e de
Leandro, achava-se em Congonhas do Campo de passagem para o
sertão da Farinha Podre, onde por sua grande ilustração e virtudes
apostólicas era chamado a⁴¹⁶ lançar as bases de um novo colégio
na extremidade ocidental da província de Minas, — o seminário
de Campo-Belo. ⁴¹⁶ I, L, N: <para>.

662 Jerônimo foi convidado a pregar o sermão desse dia.

663 Possuía ele em alto grau os mais eminentes predicados
do⁴¹⁷ orador sagrado. A uma bela e imponente figura, a um
acionado largo e majestoso, a uma voz cheia, vibrante e sonora
reunia a palavra ardente e repassada de unção, a eloquência que
se inspira em sua verdadeira fonte, na abundância do coração.
O rico e formoso templo do Bom Jesus regurgitava de povo,
que acudira ansioso para ouvir a palavra do santo e eloquente
missionário. ⁴¹⁷ I, L, N: <de>.

664 Quando assomou no púlpito aquela nobre e veneranda
figura, aquele busto, cujas linhas corretas e harmoniosas podiam
servir de modelo ao escultor de gosto⁴¹⁸ o mais severo para a
imagem de um santo, possuído de respeito e admiração, cuidaríeis
ver surgir⁴¹⁹ do interior do muro⁴²⁰ do templo o vulto do santo seu
homônimo, do austero cenobita⁴²¹ dos desertos da Cálcida. ⁴¹⁸ G, I: <gesto>.
⁴¹⁹ I: <surdir>.
⁴²⁰ I, L, N: [do muro].
⁴²¹ H: <cenóbio>.

665 Era uma santa virgem e mártir que a igreja comemorava
nesse dia. O elogio da castidade formou naturalmente o tema
principal do sermão.

666 O orador, depois de ter feito um brilhante panegírico
da vida da santa, passou no epílogo a fulminar com os raios de
sua eloquência a⁴²² moleza, o apetite sensual e os desvarios das
paixões mundanas, e divinizou a castidade, — a mais excelsa
entre todas as virtudes, esse lírio puro e peregrino, cuja fragrância
é mais grata ao Senhor do que os cânticos dos anjos, e do que todo
o incenso que se queima em seus altares.

⁴²² N: <e>.

667 Para dar maior realce ao painel, traçou com mão de mestre
uma viva pintura da sedução de Eva tentada pela serpente no
paraíso.

668 — A concupiscência, — dizia ele — é a serpente, que
destila dos lábios enganosos, o veneno que nos dá morte à alma e
nos faz perder para sempre as delícias da celeste Jerusalém. Feliz
aquele que, como a virgem mártir cujas virtudes hoje a igreja
comemora, pode esmagar aos pés a cabeça da serpente maldita, e
exclamar triunfante, enquanto ela se estorce moribunda no chão:
"— Afasta-te, Satanás!.."

669 Inspirando-se nas páginas ardentes e sublimes do santo do
seu nome, exclamava com ele:

670 "Soldado efeminado, que fazes tu sentado à sombra do
lar paterno? tu repousas, e a trombeta divina enche o espaço de⁴²³
seus clangores! O divino combatente aparece sobre as nuvens;
uma espada de dois gumes sai de sua boca. Ele corre, derriba e
despedaça; e tu não queres deixar o teu leito pelo campo de⁴²⁴
batalha, a escuridão em que jazes pelo esplendor do sol! levanta-
te! a coragem te dará força. "

⁴²³ I, L, N: <dos>.

⁴²⁴ H: <da>.

671 "Visses embora teu pai, tua mãe ou tua amante atravessada
à soleira de tua porta para impedir-te a passagem, passa sem
derramar uma⁴²⁵ lágrima⁴²⁶; passa, tu és soldado; lá está o teu
estandarte; é a cruz!"

⁴²⁵ I, L, N: [uma].

⁴²⁶ L, N: <lágrimas>.

672 "Deserto esmaltado das⁴²⁷ flores do⁴²⁸ Cristo!... solidão,
onde se engendram as pedras de que é construída a Sion celestial!
santos eremitérios, em que conversa-se⁴²⁹ familiarmente com

⁴²⁷ I, L, N: <de>.

⁴²⁸ I, L, N: <de>.

⁴²⁹ I, L, N: ↔se
conversa.

Deus, infeliz daquele que vos desconhece, e mais infeliz ainda aquele que, vos conhecendo, vos foge e vos evita!"

673 Fazendo aquela viva e eloquente apologia da vida casta e solitária, Jerônimo procedia por pedido e especial⁴³⁰ recomendação de seus colegas de Congonhas, que o tinham inteirado da situação de Eugênio; e assim todas aquelas calorosas e veementes apóstrofes iam com direção calculada ao espírito do mancebo, o qual sem nada suspeitar as escutava absorto; e sentia a palavra santa penetrar-lhe como lâmina ardente até o âmago do coração.

⁴³⁰ G: ↔especial e recomendação.

674 A pintura da serpente rastejando aos pés de Eva no paraíso para seduzi-la e arrastá-la à perdição, fez a mais viva impressão, e trouxe-lhe à memória a aventura da infância de Margarida, enleada e afagada por uma cobra, aventura que tão funesta apreensão deixara no espírito de sua mãe. Encontrando a mais exata e palpitante analogia entre o episódio do Gênesis, e aquele incidente de sua infância, Eugênio estremeceu.

675 Já para ele não havia dúvida; aquele acontecimento era um aviso do céu; aquela serpente fatídica era o demônio; e Margarida, nova Eva por ele seduzida, lhe oferecia o pomo fatal, e o levava ao caminho do exílio e da perdição eterna.

676 Poucos dias depois um sonho, talvez visão filha da debilidade física e da alucinação do espírito, o visitou nas horas caladas da noite.⁴³¹

⁴³¹ I, L, N: [Poucos ...noite].

677 Ajoelhado em oração e debruçado à beira do leito Eugênio adormeceu, e viu-se em sonho transportado ao meio de um templo magnífico, inundado de esplendores, de perfumes e harmonias. Súbito abriu-se a abóbada do templo, e um coro de anjos, que descia do céu, baixou sobre ele. O anjo que vinha à frente de todos, tinha a figura de Margarida, e trazia na mão uma palma. Postando-se diante dele entregou-lhe a palma, e disse-lhe apontando para o altar: — Eis ali o caminho do céu!

678 Eugênio olhou para o altar, e viu que a Virgem, que se achava sobre o trono, lhe sorria e acenava chamando-o a si.

679 Este sonho impressionou-o vivamente. Era uma revelação; a vontade do céu se achava manifestada do modo o⁴³² mais patente e irrefragável. Entendeu que Margarida era morta, e transformada

⁴³² I, L, N: [o].

em anjo de Deus no céu, como já o fora sobre a terra, viera-lhe anunciar que era só ordenando-se que se encontraria com ela na bem-aventurança. Seu destino estava decretado no céu, e⁴³³ sua ⁴³³ I, L, N: {a}. vocação irrevogavelmente firmada sobre a terra.

680 Pobre Margarida! Entre ti e o teu amante uma sombra espessa se interpunha, e a estrela de luz pura e suave, que luziu sobre vossos berços, e sorriu à vossa infância, obumbrada pelas fuscas⁴³⁴ asas do gênio austero do ascetismo se eclipsava ⁴³⁴ N: [fuscas]. totalmente na alma do teu Eugênio.

681 Nessa alma agora entregue a mil beatíficas alucinações, a tua imagem ia-se de todo apagando, e apenas de quando em quando lhe aparecia como visão longínqua, envolta em brumas melancólicas em um ponto obscuro do horizonte.

682 Pobre Margarida!

CAPITULO XIX

683 Eugênio com o pé alçado sobre a cabeça da serpente
fascinadora achava-se em vésperas de cantar triunfo.

684 Ainda a paixão não se havia extinguido ao⁴³⁵ todo; o ⁴³⁵ I, L, N: <de>.
cancro pecaminoso ainda lhe atracava ao coração seus enredados
filamentos; mas o moço, premunido de ascético heroísmo, com⁴³⁶ ⁴³⁶ I, L, N: {a}.
mão firme e resoluta havia empunhado buído escapelo para
extirpá-lo de uma vez, embora lhe custasse gritos de agonia e
lágrimas de sangue.

685 Dispunha-se Eugênio a ir dar conta ao seu diretor das
grandes vitórias que ia alcançando sobre si mesmo, e manifestar-
lhe a firme e inabalável resolução em que se achava, de tomar
ordens sacras e até de entrar para as fileiras dos filhos de S.
Vicente de Paulo, quando recebeu um recado do mesmo diretor
chamando-o ao seu cubículo.

686 — Senhor Eugênio, — disse o padre, apenas o seminarista
compareceu — acabo de receber uma carta do senhor seu pai,
em que me comunica uma importante notícia. Se fosse em outros
tempos, eu hesitaria em dar-lhe semelhante nova, mas hoje creio
posso dar-lh'a sem receio de consterná-lo, certo de que a receberá
com toda a sobrançeria e serenidade de ânimo de um homem
superior às paixões do século.

687 A esta linguagem Eugênio sobressaltou-se.

688 — Diz respeito a meus pais? — perguntou com ansiosa
inquietação.

689 — Não, não; a esse respeito esteja tranquilo. Estão vivos
e com saúde, louvado seja Deus... É outra coisa...

690 — Margarida?... — exclamou o moço, mas logo atalhou-
se envergonhado.

691 — Sim, sim; essa menina, que foi criada em casa de seus
pais, e sua companheira de infância, essa menina, conforme me
escreve seu pai...

692 O padre fez uma breve reticência, como hesitando sobre o
modo, porque havia de exprimir-se.

693 — Morreu?... perguntou Eugênio tornando-se pálido

como um cadáver.

694 — Não, senhor; casou-se.

695 A esta revelação Eugênio estava⁴³⁷ lívido, convulso, atordoado, como se um raio houvesse estalado junto dele, apenas pôde murmurar com lábios trêmulos:

⁴³⁷ A: Eugênio estava >
H: <; >

696 — Casou-se!... ah!... muito bem!

697 Como quem arranca subitamente as ataduras a uma ferida profunda, que apenas começa a cicatrizar e a faz de novo abrir-se entre dores cruéis, golfando o sangue aos borbotões, assim o padre com aquela fatal e inesperada nova veio despertar em um momento todo o ardor e frenesi da paixão que começava a adormecer no coração do moço. Turvou-lhe os olhos a sombra trêmula de uma vertigem, as pernas lhe esmoreceram, e foi-lhe mister encostar-se a uma mesa para não cair redondamente em terra.

698 Em vão esforçou-se por afetar tranquilidade e resignação; forçoso lhe foi retirar-se para ocultar aos olhos do diretor a agitação de⁴³⁸ seu espírito.

⁴³⁸ I, L, N: <do>.

699 Este porém, a quem não podia escapar aquela tão visível e extraordinária perturbação, não se inquietou muito com isso. Proecto conhecedor das paixões e fraquezas do coração humano, bem previa que outro não podia ser o resultado imediato daquela revelação; mas estava também certo que ela seria o golpe de morte desfechado sobre a paixão do mancebo. Passada aquela primeira irritação um salutar desengano convencendo-o da inconstância e fragilidade das afeições mundanas, lhe serviria de escarmento eterno contra todas as seduções do espírito das trevas.

700 — Margarida infiel!...Margarida casada!... — exclamava Eugênio ao entrar em⁴³⁹ seu quarto, delirante, a arquejar, e apertando a cabeça entre as mãos convulsas. — Quem o diria!... pôde tão facilmente esquecer-se de mim para entregar-se a outro!... e eu tantos anos luto em vão para arrancar daqui a imagem dela e entregar-me nos braços de meu Deus!... que vergonha!... que miséria!... À força de jejuns, de penitências, de mortificações tenho quebrantado no meu corpo, acabrunhado meu espírito e flagelado meu coração rebelde, e nem assim consegui apagar

⁴³⁹ I, L, N:<no>.

este fogo que me devora... sim, não consegui nada; era engano meu; ... agora o vejo... e ela tranquila e risonha, sem escrúpulo e sem constrangimento algum voa aos braços de outro, e dá-lhe a gozar estas delícias, que eu... louco que eu fui!... estava trocando por um inferno de amarguras e martírios!... Oh Margarida! Margarida!... que fizestes!... ah! ... tu eras mesmo a serpente; teus lábios destilavam veneno de morte; ... era o fogo do inferno que te incendiava⁴⁴⁰ os olhos... Com teu amor mostravas-me o paraíso, que era a porta do inferno!... com tua traição e falsidade me abres também o inferno nesta e na outra vida!...⁴⁴¹ Por toda parte tu és o anjo mau destinado a precipitar-me no abismo das torturas!... mas... que importa!... ah!... se continuasse⁴⁴² a querer-me... quem⁴⁴³ sabe!... que valem sem ti o paraíso e todas as suas⁴⁴⁴ delícias!... eu te acompanharia de bom grado pelos ásperos e tenebrosos caminhos do desterro, como Adão acompanhou a sua Eva; suportaria alegre todos os trabalhos e as tribulações da vida, se sentisse tua mão enlaçada com a minha, e o teu coração palpitando junto ao meu!... Mas ah! meu Deus! eis em que deram tantos anos de luta e sacrifício!... Desprezei um tesouro que possuía, para correr após um bem quimérico, uma sombra vã... e agora aperto os braços, e não encontro nem um nem outro... e acho-me abraçado... com quê?... com as chamas do inferno!... Ai de mim!⁴⁴⁵ ... meu Deus! como eu blasfemo! eu sou um réprobo!... um precito!...⁴⁴⁶

⁴⁴⁰ G, I, L, N: <incendiava>.

⁴⁴¹ A § Margarida... vida. § Por... Precito. > G, I, L, N: §+§ §-Margarida... vida. Por... precito.

⁴⁴² D: <continuasses>.

⁴⁴³ N: [que importa! ... quem...].

⁴⁴⁴ N: [suas].

⁴⁴⁵ H: {Ai de mim!}.

⁴⁴⁶ I, L, N: [um precito!...].

701

Eugênio debatia-se em acessos febris entre as garras do ciúme, que lhe atassava o coração, e o cauterizava com o fogo da sua letal peçonha. Era o último trago amargo e corrosivo da taça das paixões. Seu amor, que até então envolto no casto véu dos devaneios sentimentais se havia mantido em uma esfera ideal e pura, tornou-se material e libidinoso. Os gozos de outrem lhe chamaram a atenção para os sedutores atrativos físicos da sua amante, e lhe atearam nas veias a febre da volúpia. O demônio do ciúme, empunhando o facho infernal, abrasava o sangue do infeliz mancebo no fogo da concupiscência. Volvia e revolia na lembrança com amarga complacência todos os encantos do corpo de Margarida; — a boca úmida e vermelha, ninho voluptuoso de beijos e sorrisos, — os seios túrgidos ofegando alterosos em ânsias amorosas, — os olhos

quebrados nadando em eflúvios de ternura, — o bafejo suave e perfumado como as emanções de um rosal, — e todos estes misteriosos tesouros, que o pudor recata, e ante os quais a própria fantasia do mancebo se detinha tímida e respeitosa, receando profaná-los, tudo isso se lhe apresentava à imaginação com as mais vivas cores e o abrasava em sede de sensualismo, infligindo-lhe o suplício de Tântalo. Tudo isso, que havia perdido, era agora pasto franco aos desejos libidinosos, à concupiscência brutal desse Luciano, que o havia ultrajado, ou de algum ente talvez mais desprezível.

702 Com estas ideias a escaldarem-lhe o cérebro, a torturarem-lhe o coração, o pobre moço pensava morrer de despeito, de vergonha e desesperação.

703 Blasfemava, estorcia-se e entrava em acessos de furor⁴⁴⁷.

704 Estranho e deplorável egoísmo do amor! Eugênio teria sofrido menos, se soubesse que Margarida, fiel ao seu amor, houvera sucumbido vítima da mágoa e da saudade. Mais depressa se teria resignado, e daria por bem empregados todos os peníveis⁴⁴⁸ esforços, todos os sacrifícios a que se devotou durante anos para desterrar do coração a imagem dela. Quando considerava em sua infidelidade, envergonhava-se de ter mirrado a flor de sua mocidade em uma luta improficua contra um inimigo indigno dele, contra uma mulher, que o fascinara com as aparências⁴⁴⁹ de um anjo, e que não era mais que larva imunda, que há mais tempo devera ter esmagado debaixo dos pés!

705 Estranha alucinação! Julgava-se com o direito, e até com o restrito dever de bani-la para sempre da lembrança, e quisera que ela o amasse a todo o transe, que se deixasse finar por ele de amor e de saudade!

706 Morta de amor por ele, seria um anjo, que o chamava para o céu. Viva nos braços de outro, é a serpente que o arrasta para o inferno.

707 Pura e fiel, era uma vítima imaculada digna de ser imolada ao seu espírito ascético nas aras da religião. Perjura e desleal é um monstro, que o fascina, e o precipita no abismo das eternas chamas!

708 Alguns dias cruéis e noites de agonia passou Eugênio

⁴⁴⁷ I, L, N: [Blasfemava... furor].

⁴⁴⁸ I, L, N: <penosos>.

⁴⁴⁹ N: [dele... aparências].

nessa tempestuosa agitação, que quase tocava ao delírio. Às vezes lhe fervia o coração em desejos de vingança, e ideias de sangue e suicídio lhe pairavam lóbregas pelo espírito. Outras vezes, inculcando-o a si mesmo da deslealdade de Margarida, tendo-a como um merecido castigo de sua atroz ingratidão, corria após ela, e ia cair-lhe aos pés suplicante e debilhado em lágrimas, pedindo-lhe perdão de⁴⁵⁰ seu monstruoso perjúrio, e maldizia a loucura e covardia que lhe havia feito desprezar um tesouro real, que o destino lhe havia colocado entre os braços, para correr após a sombra de um bem, que o céu lhe recusava.

⁴⁵⁰ G, I, L, N: <do>.

709 Esta extrema e violenta superexcitação, não podia durar muito tempo sem produzir a morte ou a loucura. Sucedeu-lhe porém felizmente a prostração profunda, o desalento glacial do desengano.

710 A alma do mancebo, que era até então como um foco de chamas açoitadas por ventos tempestuosos, converteu-se em um limbo silencioso, gélido e sombrio, onde não havia um eco, nem para a dor, nem para o prazer, onde não se exalava o perfume de uma saudade, nem luzia o reflexo de uma esperança.

711 Seu espírito parecia adormecido em pesado torpor, sobre as ruínas de todas as suas afeições mundanas, de todas as suas aspirações de ideal e celeste misticismo.

712 — É mais uma provação, que Deus vos reservava, filho; — dizia-lhe o padre diretor, procurando consolá-lo; — mais um cálix de amargura, para vos acrisolar nas tribulações da vida, e vos servir de escarmento eterno contra as ilusões do mundo. Era necessária ainda esta última gota de fel, para tornar o sacrifício mais perfeito e agradável aos olhos de Deus. Bem-aventurados os que choram.

CAPÍTULO XX

713 Banidas da fazenda do capitão Antunes, Umbelina e
Margarida, tristes como outrora Agar e Ismael despedidos da tenda
de Abraão, e internando-se pelo deserto, tomaram o caminho da
vila de Tamanduá, onde Umbelina possuía ainda uma pequena
casa habitada por uma velha parenta, ainda mais pobre do que
ela. Sem expelir a pobre mulher, que não tinha outro abrigo, aí se
estabeleceram com ela.⁴⁵¹

⁴⁵¹ I, L, N: [Sem ... ela.].

714 Umbelina já bastante entrada em⁴⁵² anos, e cheia de
achques, quase nada mais podia fazer. Sua velha companheira,
essa coitada!... vivia quase às esmolas. Aquela pequena e
desvalida família teria caído na mais extrema miséria, se não fosse
Margarida que, cheia de mocidade, robustez e boa vontade, se
entregava a um contínuo trabalho, cosendo, lavando, engomando,
e assim provia à parca subsistência de todos, e lhes proporcionava
mesmo um pouco de abastança.

⁴⁵² N: <nos>.

715 Mesmo naquela humilde condição, a formosura de
Margarida, que havia atingido a todo o opulento viço, a todo o
esplendor da juventude, atraía a atenção geral, e fascinava todos
os olhos.

716 Lavando roupa, com os lindos braços nus, como as asas
de uma ânfora de alabastro, os cabelos entornados pelos ombros,
como a ramagem do salgueiro, com os pés embebidos na água,
e as roupas regaçadas⁴⁵³ deixando ver as extremidades de duas
colunas do mais perfeito labor, era a náiade da fonte.

⁴⁵³ N: <arregaçadas>.

717 No templo, vestida pobremente mas com esmerado asseio
e elegante singeleza, com os tímidos e pudibundos olhos velados
pelos longos cílios, em sua cândida e modesta atitude tomá-la-íeis
por uma estátua da Virgem, produção genial de inspirado cinzel.

718 Em casa, fiando ou entregue aos trabalhos de agulha,
vendo aquele busto angélico pendido sobre a almofada, vos
lembraríeis da casta Lucrecia, ou da pudica Suzana.

719 Desprotegida como se via, sua pureza navegava entre mil
riscos em um mar semeado de cachopos, e sirtes traiçoeiras, e
como lâmpada exposta a todos os ventos, mantinha-se como por

um milagre. Não faltaram libertinos e sedutores, que dispendo dos favores da fortuna, da posição e da mocidade, empregassem inúteis esforços para arrastá-la ao lodo da prostituição; nem também amantes, que possuídos de sincero e verdadeiro amor, cobiçassem e pleiteassem⁴⁵⁴ com ardor a posse do coração e da mão da ⁴⁵⁵ Margarida.

⁴⁵⁴ I, L, N: [e pleiteassem].

⁴⁵⁵ D, G, I, L, N: <de>.

720 Não era porém somente o inimigo externo, que ela tinha a temer. De temperamento ardente, de compleição sanguínea e vigorosa, Margarida não era muito própria para manter por largo tempo a sua afeição na esfera de uma pura⁴⁵⁶ aspiração ideal, de um celeste devaneio. Feita para os prazeres do amor e para as expansões ternas do coração, os instintos sensuais achavam em sua natureza estímulos de indomável energia; sua pudicícia teria infalivelmente naufragado no meio dos perigos que a rodeavam, se uma paixão casta e santa, que desde a infância lhe enchia o coração, não lhe⁴⁵⁷ servisse de broquel contra todas as seduições do mundo.

⁴⁵⁶ I, L, N: [pura].

⁴⁵⁷ I, L, N: ↔lhe não.

721 O anjo do amor puro velava desde o berço sobre a encantadora menina, e com suas asas cândidas, afugentava para longe dela as larvas malditas⁴⁵⁸ do gênio da devassidão.

⁴⁵⁸ I, L, N: [malditas].

722 Graças a esse⁴⁵⁹ celeste talismã, Margarida, como um lírio de alvura deslumbrante, balanceava incólume e orgulhosa o cálix imaculado no meio da torrente turva e impetuosa, que lhe rugia em derredor.

⁴⁵⁹ I, L, N: <este>.

723 Já perto de sete anos eram volvidos, desde que se partira o querido companheiro de sua infância⁴⁶⁰. Entregue à melancolia e ao desalento, Margarida, ainda que aparentemente robusta e sadia, sofria um mal de coração, que lhe contaminava as fontes da existência. Uma organização de vigorosa têmpera, e sobretudo uma alma paciente e resignada, davam-lhe força apenas para não sucumbir e resistir tranquila e quase risonha ao peso esmagador do seu infortúnio.

⁴⁶⁰ A: § Já...infância. E n t r e g u e . . . infortúnio. > I, L, N: §-§ § Já ... infância. § Entregue.... infortúnio.

724 Ao seu aspecto ninguém à primeira vista adivinharia que um gérmen de morte lhe ia solapando a existência. Era como um desses pomos, que ostentam na superfície a mais fresca e viçosa cor, e que entretanto trazem no âmago já bem adiantado o gérmen da destruição.

725 Uma esperança e um dever lhe alentavam o ânimo, lhe
vigoravam o corpo, e davam-lhe força e vontade para viver. Era a
esperança de ver ainda um dia o seu querido Eugênio, e o dever de
viver para sua pobre e desamparada mãe.

726 A sorte despiadosa em breve a livrou de um desses
cuidados, tornando ainda mais triste e precária a sua situação.
Umbelina afrontada de desgostos⁴⁶¹, velhice e enfermidades
faleceu deixando a pobre órfã mais desvalida e angustiada que
nunca. Um feroz destino como que se comprazia em recalca-la
cada vez mais na voragem do infortúnio.

⁴⁶¹ L, N: <desgosto>.

727 Ela porém resistia ainda alentada por uma última esperança,
— a mais doce de toda a sua vida, — a volta de Eugênio, — de
Eugênio, que solto de seu ergástulo monástico e livre do jugo da
autoridade paterna, vinha-lhe⁴⁶² ofertar o braço, e conduzi-la ao
altar para receberem a santificação daquele amor, que com eles
havia nascido, e com eles devia morrer.

⁴⁶² I, L, N: ↔lhe vinha.

728 Esta última esperança, tímida e vacilante como luz de
estrela moribunda, prestes a afogar-se no seio de um vulcão, era o
único e débil fio que ainda a prendia à existência.

729 Desditosa Margarida! ainda não havia esgotado todo o fel
do cálix da amargura que a fatalidade lhe havia destinado. Faltava-
lhe ainda a última gota, a mais amarga de todas.

730 Poucos meses depois da morte de Umbelina, chegou aos
ouvidos de Margarida a notícia de que Eugênio havia tomado
ordens. Daí em diante a desgraçada moça não contou mais com
a vida.

731 O mal, que a afligia, tomou subitamente proporções
assustadoras.

732 O sangue rico, juvenil e ardente da moça, agitado pelas
violentas inquietações e padecimentos da alma, precipitava-
se tempestuoso pelas artérias, e solapando os vasos centrais da
circulação, ameaçava rompê-los. O histerismo também de quando
em quando lhe enrijava os músculos, e lhe excitava no cérebro
abrasado terríveis e deploráveis alucinações.

733 Era sol posto. Margarida debruçada à janelinha do seu
quarto de dormir, olhava para os campos, que se estendiam por

detrás de sua casa, entregue a uma tristeza mortal.

734 O sino da matriz badalou Ave-marias.

735 Margarida levantou-se e começou a rezar o *Angelus*.
Uma súbita ansiedade afrontando-lhe o coração, sufocou-a e
quase a lançou por terra sem sentidos. Margarida teve um triste
pressentimento.

736 — Minha tia, — disse ela à sua velha parenta, que nesse
momento ia entrando no quarto, — estou muito doente; de um
momento para outro posso expirar; parece-me que tenho gangrena
no coração. Mande-me chamar o vigário; quero me confessar.

737 — Não fales assim, menina!... chamar o vigário para
quê?... o que é que estás sofrendo então, minha filha?

738 — Tenho umas ânsias que me apertam o coração e quase
me sufocam. Ainda agora escapei por pouco de cair em terra.

739 — Isso são vertigens, menina; não é caso para já pedir
confissão; bem mostras que nunca tiveste moléstia nenhuma; por
isso te assustas com tão pouco... ah! que diria se sofresses⁴⁶³ os
meus achaques!... eu vou fazer um chá de melindre, que para
aflições de coração é um porrete⁴⁶⁴; verás como hás de te dar bem
com ele;... sossega, que isso não há de ser nada.

⁴⁶³ D: <sofresse>.

⁴⁶⁴ D, G, H, I, L, N:
<prodígio>.

740 — Não é nada!... eu cá é que sinto, minha tia. Deus a livre
de sofrer o que eu sofro; ... eu não posso durar muitos dias.

741 — Ora valha-te a⁴⁶⁵ Virgem Maria!... que cisma é essa que
te entrou pela cabeça, minha filha!...ora vejam, quem fala aqui em
morrer!... ainda se fosse eu, que já estou com um pé na sepultura...
mas tu, menina, criança do outro dia, tão fresquinha e corada como
uma maçã madura...

⁴⁶⁵ N: [a].

742 — Que engano!... quer minha tia creia, quer não creia, eu
não ando nada boa... mande chamar o padre...

743 — Nesse caso é melhor chamar o cirurgião primeiro, não
achas?...

744 — Para quê?... remédio para isto só a terra, minha tia.
Mande, mande chamar o padre....

745 — Hoje?...

746 — Agora mesmo, se for possível. Quem sabe se
amanhecerei?...

747 — Arre lá, menina!... não tirarás da cabeça semelhante
ideia?...

748 — Seja cisma embora, minha⁴⁶⁶ tia; eu quero me confessar.

⁴⁶⁶ N: <minta>.

749 — Que mania, meu Deus!... mas enfim vá feito; —
como isso⁴⁶⁷ afinal de contas nenhum mal te pode fazer, vou
fazer-te a vontade. Estou⁴⁶⁸ que o padre vai ter mais trabalho
em desencasquetar-te da cabeça essa⁴⁶⁹ mania de morrer, do que
mesmo em ouvir-te os pecados... estás tão nervosa... Valha-me S.
Francisco das Chagas...

⁴⁶⁷ D, H, I, L, N: <isto>.

⁴⁶⁸ I, L, N: {vendo}.

⁴⁶⁹ I, L, N: <esta>.

750 — Nervosa, não, minha tia; estou mesmo muito mal...

751 — Está bom!... não teimo mais contigo; vou pedir ao
vizinho para chamar o pobre vigário... mas, meu Deus!... se ele
não estiver em casa?... não há outro padre na terra...

CAPITULO XXI

752 Na tarde desse mesmo dia na sala de visitas de uma casa de sobrado das melhores da antiga Vila de Tamanduá, achava-se uma reunião de várias pessoas gradas e notáveis do lugar. Eram visitas, que vinham cumprimentar a um jovem sacerdote, recentemente ordenado, que nesse dia havia chegado ao seu país natal, depois de uma larga ausência.

753 Era um padre alto, de tez clara, de fisionomia a um tempo grave e serena, de um tipo nobre e regular. Todavia na fronte larga e pálida via-se como a sombra de um sofrimento íntimo, e uma ligeira nuvem melancólica toldava um pouco a limpidez de seus grandes olhos azuis. Estes indícios reunidos a duas rugas prematuras, uma vertical e outra horizontal, que se cortavam formando uma cruz bem no meio da testa, pareciam revelar, que dentro daquele crânio se haviam agitado lutas e tormentas apenas serenadas.

754 Estava em hábitos talvez de sua profissão, apertados com um cinto à maneira dos missionários de S. Vicente de Paulo; tinha também como eles no alto da cabeça uma tonsura maior do que a dos outros padres, e trazia pendente sobre o peito um grande crucifixo de metal. Faltavam-lhe apenas mais alguns meses de noviciado para ser definitivamente admitido no seio da Congregação.

755 Era o padre Eugênio, filho do capitão Antunes, que acabava de chegar a Tamanduá investido de todas as ordens sacras⁴⁷⁰ e precedido de uma grande reputação de sabedoria e santidade. Era isto um acontecimento, que punha em grande expectativa e alvoroço a vila inteira.

⁴⁷⁰ I, L, N: [sacras].

756 — É chegado o padre Eugênio! — ecoava de boca em boca, e cada um se apressava em ir ver e saudar o novo padre, que instalado na casa, que seu pai possuía na vila, levou o resto do dia a receber as visitas e cumprimentos dos numerosos amigos da família e de quase toda a população do lugar.

757 Apesar de toda a cortesia e afabilidade com que acolhia os visitantes, via-se que o padre estava entregue a uma penível⁴⁷¹ preocupação, que mal podia dissimular. Havia ele chegado na véspera à fazenda de seu pai, onde pernoitara. Apesar de sete anos

⁴⁷¹ I, L, N: <penosa>.

de ausência, e de uma vida passada entre místicas contemplações e práticas de austero ascetismo, a vista daqueles sítios acordou-lhe na alma todas as lembranças de sua infância, frescas⁴⁷² e vivazes, como se foram da véspera, à semelhança de um bando de pintassilgos, que desperta chilrando debaixo do folhado laranjal aos primeiros raios da manhã.

⁴⁷² N: [frescas].

758 Oh! essas emoções suaves de⁴⁷³ primeira quadra da vida têm um filtro sutil, um aroma inextinguível, que se entranha no coração para nunca mais desapegar-se dele. Volvem-se anos e anos, e quando já na meta extrema da existência a fronte encanecida nos pende para a sepultura, por entre os gelos da velhice a flor virginal do primeiro amor exala um doce perfume, e perto do túmulo nos embala ainda com as lembranças do berço.

⁴⁷³ I, L, N: <da>.

759 Eugênio pois, que via ainda na última ourela do horizonte uns restos do clarão róseo da aurora da existência, devia então sentir em toda a sua força e suavidade a magia dessas recordações.

760 Cuidava que a flor delicada do amor, cujo perfume aspirara⁴⁷⁴ desde o berço, tinha morrido de uma vez para sempre abafada debaixo do manto gélido do ascetismo claustral. Mas ela era como a *sempre-viva*, que exposta ao orvalho frio da noite, esconde o seio fechando sobre ele as pétalas de ouro, para expandi-las de novo nítidas e formosas aos beijos do primeiro raio do sol. Ela havia apenas cerrado o seu cálix na sombria e silenciosa solidão da cela do cenobita, e agora ao contato do ar à vista do solo onde nascera, procurava abrir-se de⁴⁷⁵ novo exalando mais ativo o aroma há tanto tempo enclausurado, e rodeava o coração do moço como de um tépido e delicioso eflúvio de recordações.

⁴⁷⁴ I, L, N: <aspirava>.

⁴⁷⁵ I, L, N: <ao>.

761 Sentindo esse inesperado despertar de emoções, que julgava para sempre extintas, o padre estremeceu de sustos, e se esforçou por conjurá-las do melhor modo possível por meio de orações e penitências. Viera ao seu país natal, somente para visitar seus pais, que há tantos anos não via, e dar-lhes o gosto, porque tão ardentemente suspiravam de vê-lo ordenado e ouvir-lhe uma missa, e no fim de uns quinze dias ao mais tardar pretendia voltar ao seminário a continuar a sua vida austera de cenobita e entrar para a Congregação da Missão de S. Vicente de Paulo. Mas tomado

de susto e de sinistros pressentimentos, já se arrependia do passo que havia dado. A noite, que passou na fazenda paterna, foi para ele uma noite de horríveis inquietações e tribulações de espírito. Se não fosse a estranheza, que tal fato iria produzir em sua família e mesmo em toda a povoação, nessa mesma madrugada teria desaparecido sem dar parte a ninguém, e a toda a pressa voltado ao seminário a fim de pôr-se ao abrigo do espírito tentador, que de novo buscava atravessar-se em seu caminho, e preparar-lhe novas lutas e dissabores.

762 No outro dia o padre Eugênio levantou-se com o espírito cheio de terrores e de vagas apreensões. Em companhia de seus pais, pôs-se a caminho para a vila, triste e inquieto, como quem ia para um Getsêmani de provações, ou como quem marcha por um caminho estreito e escabroso flanqueado de abismos vertiginosos.

763 Avistando em distância a casinha de Umbelina, já tombando em ruínas e abafada entre o matagal, que lhe crescia em roda, sentiu uma nuvem de tristeza afogar-lhe o coração, e procurando afetar indiferença, não pôde deixar de perguntar pelos antigos habitantes daquela casinha.

764 — Eu sei! — respondeu friamente o pai. — A Umbelina, essa morreu...a filha, como talvez já saibas, casou-se, e creio que anda por aí mesmo.

765 Antes nada perguntasse!... bem quisera que Margarida se achasse a milhares de léguas. Esta informação veio ainda mais alarmar a consciência já tão aterrada do jovem sacerdote. Cheio de terrores e apreensões sinistras, estremecia só com a ideia de encontrar-se com Margarida, e implorava a Deus do fundo da alma, que lhe poupasse aquela dura provação, que lhe arredasse dos lábios aquele cálix de amargura.

766 Mas por fim envergonhou-se de seus próprios terrores, e procurou revestir-se de coragem.

767 — De que estou eu a tremer? — perguntava a si mesmo. — Margarida é casada... está morta para mim, e não pode senão recordar-me um passado, que foi de paixão e fogo na verdade, mas que há muito se acha sepultado debaixo de uma lápide de gelo... E mesmo que assim não fosse, serei eu tão fraco, tão indigno e

vil, que ainda consinta aninhar-se debaixo destas vestes sagradas um sentimento ímpio e profano! Não é fugindo do inimigo, mas travando com ele, que o soldado se torna digno de cingir os louros da vitória. Se por fraco e pusilânime sou incapaz de combater, deveria nunca ter deixado a sombra do lar paterno⁴⁷⁶, deveria nunca ter tomado estas sagradas insígnias de soldado da Cruz. Ânimo pois... — a coragem te dará força! — estas palavras de um grande santo, que muito mais do que eu sofreu e combateu por amor de Cristo, sejam o meu talismã através dos perigos e tentações do século.

⁴⁷⁶ H: [deveria ... paterno].

768 Era já noite cerrada; o concurso das visitas ia-se diminuindo, e na sala do padre apenas se contaria meia dúzia de pessoas. Bateram à porta; alguém procurava o Sr. padre Eugênio.

769 — Pode subir, — disse este⁴⁷⁷ cuidando ser mais alguma visita.

⁴⁷⁷ I, L, N: <ele>.

770 — É um rapazinho, que quer falar a V. Rvm.⁴⁷⁸ —, lhe disseram.

⁴⁷⁸ I: <V. Rv.>.

771 O padre levantou-se e dirigiu-se para o topo da escada.

772 — Que me queres, filho?

773 — Eu venho da parte de uma pobre mulher, — respondeu o rapaz, — pedir ao senhor padre pelo amor de Deus, para ir confessar uma pessoa que se acha à morte.

774 O padre estremeceu; um confuso e sinistro pressentimento lhe atravessou o espírito.

775 — Pois não há aí o senhor vigário, ou outro qualquer sacerdote, filho? eu acabo de chegar de viagem, e acho-me bastante fatigado...

776 — Já fui a casa do senhor vigário, e disseram-me que foi fazer um batizado fora daqui a cinco léguas, e que não volta senão depois de amanhã.

777 — E a pessoa para quem me⁴⁷⁹ chamam, está em grande risco de vida?...

⁴⁷⁹ D: [me].

778 — Está, sim senhor; se não fosse isso, eu não viria incomodar o senhor padre...

779 — Nesse caso... não há remédio senão acudir-lhe... Mora muito longe a pessoa, a quem tenho de confessar?...

780 — Não, senhor; é mesmo na povoação; o senhor pode ir a pé; é lá no fim da vila, mas não é muito longe.

781 —Visto isso, filho, espera aí um momento para ires comigo, e me guiares até lá.

782 O padre depois de desculpar-se para com suas visitas, informando-as do motivo urgente e indeclinável, que o obrigava a retirar-se, tomou o seu bastão e⁴⁸⁰ seu chapéu triangular, desceu a escada, e saiu em companhia do rapazinho, que o viera chamar.

⁴⁸⁰ I, L, N: {o}.

783 Este o foi conduzindo silenciosamente através das ruas quase desertas até uma viela quase sem habitações na extremidade da vila. Ali parou à porta de uma pobre casinha isolada⁴⁸¹. A porta estava aberta; o rapazinho retirou-se; o padre entrou, e bateu com a sua bengala no⁴⁸² soalho do corredor⁴⁸³.

⁴⁸¹ A: Ali... isolada. >
I, L, N: [<Ali parou à entrada de uma casinha>].

⁴⁸² H: <ao>.

784 Uma pobre velhinha, tendo na mão uma candeia de ferro de luz frouxa e vacilante, o veio receber, e depois de o cumprimentar com religioso respeito, o introduziu silenciosamente no quarto da enferma, que era nos fundos da casa.⁴⁸⁴

⁴⁸³ I, L, N: [A porta ... corredor.].

⁴⁸⁴ A: Uma ... casa. >
I, L, N: {<Surgiu à porta uma velhinha, tendo na mão uma candeia de ferro, de luz frouxa e vacilante.>}.>.

CAPÍTULO XXII

785 No quarto da enferma, apesar de⁴⁸⁵ sua pobre simplicidade, ⁴⁸⁵ I, L, N: <da>. reinava uma ordem e asseio, que contrastava com o aspecto miserável do resto da casa. O leito bem composto, era guarnecido de um transparente cortinado cor de rosa, e em frente dele sobre uma pequena mesa de jacarandá de pés torneados, via-se um lindo oratório dourado, diante do qual ardia uma vela de cera entre duas jarras cheias de viçosas e fragrantas flores. Parecia mais uma gruta mística e perfumada, um voluptuoso ninho de amor, do que o quarto de um moribunda.

786 Margarida estava sobre a cama, meio deitada, meio assentada, com as costas apoiadas na cabeceira, os braços cruzados e a cabeça pendida sobre o peito.

787 À primeira vista não parecia uma pessoa que estava precisada dos últimos socorros da religião. O rosto nada tinha de desfigurado, e estava fresco e corado, e a moça parecia estar no gozo da melhor saúde, e de todas as suas forças. Examinando-a porém mais atentamente, notava-se o arquejo ansiado e violento de seu peito, o coração pulsar-lhe forte e descompassado de modo assustador, e na luz dos olhos um não sei quê de sombrio e desvairado. Via-se que aquelas duas rosas excessivamente vivas, que lhe tingiam as faces, não podiam denotar um estado normal, e eram resultado de profunda perturbação na circulação arterial.

788 A velha apenas introduziu o padre, retirou-se com⁴⁸⁶ sua ⁴⁸⁶ I, L, N: {a} candeia.

789 Mal deu com os olhos na moça, o padre estacou de repente, fez um gesto de espanto, e olhando inquieto ora para a porta, ora para o leito, dava mostras⁴⁸⁷ de querer sair precipitadamente. Seu ⁴⁸⁷ G, I: <mostra> rosto cobriu-se de medonha palidez, e suas feições se transtornaram de modo horrível.

790 Seu primeiro impulso, foi de fugir depressa e sem dizer palavra; mas hesitou; não podia negar os auxílios de seu sagrado ministério, a quem os implorava em artigo de morte. Foi-lhe mister um esforço sobre-humano para dominar a sua perturbação.

791 Desde o primeiro momento, Eugênio e Margarida se

havia reconhecido, e por alguns instantes se olharam mudos e atônitos sem ousarem proferir palavra.

792 Margarida estava deslumbrante de formosura. As
madeixas opulentas de seus compridos cabelos, rolando-lhe em
torno dos ombros em um denso e escuro nevoeiro, davam o mais
esplêndido realce ao busto encantador; os grandes olhos negros,
cheios de uma luz sombria e melancólica, fixos sobre o padre,
eram como brandões ardentes e sinistros, que lhe queimavam a
alma.

793 O padre esforçou-se em compor a fisionomia, procurando
dar-lhe uma expressão calma e severa. Assentou-se gravemente à
beira do leito, e cruzando as mãos sobre o peito:

794 — Não é a Sra. Margarida, que estou vendo, e com quem
estou falando? perguntou com voz surda.

795 — Bendito seja Deus! — exclamou a moça com
vivacidade, e levantando as mãos ao céu. — Há quanto tempo não
ouço esta voz!... é ela mesmo; é Margarida, senhor padre!...

796 — E quer-se confessar?...

797 — Sim! sim!... que boa sina o trouxe aqui!... graças a
Deus... morro consolada... Eugênio!...

798 Falando assim Margarida delirante de prazer estendia os
braços para o padre.

799 — Senhora! — retorquiu o padre levantando-se em
sobressalto, e dando à voz uma inflexão severa, — lembre-se
que sou um padre, que venho confessá-la... mas... que é isto?...
— continuou olhando atentamente para Margarida.. — vejo-a
tão sadia e corada!... por Deus, que não se acha em estado de
pedir confissão!... é um laço diabólico, que estão me⁴⁸⁸ armando!
A senhora não precisa de meu ministério; eu me retiro. Adeus,
senhora! —

⁴⁸⁸ I, L, N: ↔me estão.

800 — Senhor padre eu não sabia que o senhor estava na terra.
Foram chamar o vigário; ... veio o senhor; foi Deus que o mandou.
Por piedade, não se vá; não me deixe morrer sem confissão... eu
me acho muito mal...

801 — Muito mal! não parece; ... o que está sofrendo então?

802 — Sofro muito, muito!... parece que a cada momento se

me rebenta o coração — mas agora... como o senhor veio, sinto-me feliz; já não morro tão sozinha...tão desamparada.

803 — Desamparada!... pois onde está seu marido?

804 — Meu marido! — exclamou a moça atônita. — Tenho eu algum marido?...

805 — Pois a senhora não casou-se!?

806 — Eu!? quem lhe disse isso?...

807 — Disseram-me; — então não é verdade?...

808 — Não; nunca!... quiseram casar-me, isso sim; mas eu nunca quis... Meu Deus! por que haviam de enganá-lo assim?!...

809 — Ah! meu pai! meu pai! — murmurou consigo o padre — agora compreendo tudo... para que semelhante mentira!... Pobre Margarida! — continuou dirigindo-se à moça — como zombaram cruelmente de ti, e de mim!...

810 — Isso pouco importa; estou agora bem satisfeita. O que me afligia era pensar que ia morrer sem nunca mais torná-lo a ver.

811 — Mas, Margarida, eu sou agora um sacerdote...

812 — Que tem isso? assim mesmo quero-lhe bem... que mal pode fazer o amor de uma moribunda? é padre?... fez muito bem; quem sou, pobre desgraçada, para o impedir de seguir uma carreira tão bonita... veja...eu estou bem contente, e dou louvores a Deus.

813 — Ah! Margarida, não me fales assim.

814 — Por que não, senhor padre? sinto-me tão feliz! lembre-se, quando nós éramos pequeninos?... não me jurou que a primeira pessoa, que havia de confessar, seria eu? veja como Deus nos ouviu...

815 — Que cruel recordação, senhora! que fatalidade! sim, esse primeiro juramento Deus o guardou escrito no livro do destino, e agora recebe o seu tremendo complemento!

816 — Era a vontade de Deus, devia cumprir-se...

817 — Mas em que transe, justo céu!... também eu havia jurado depois que nunca me havia⁴⁸⁹ ordenar... fui perjuro... ordenei-me, perjurei⁴⁹⁰ de novo...ai Deus!... tudo isto é o justo castigo de meus repetidos perjúrios.

⁴⁸⁹ I, L, N: {de}.

⁴⁹⁰ I, L, N: {me}.

818 — Perjúrio não, senhor padre, aquilo foi um juramento

louco, que Deus não aceitou. Esta mão foi feita para o altar, e não para mim, pobre desvalida, está muito bem empregada no serviço de Deus... deixa-me beijá-la.

819 Falando assim a moça tomava a destra de Eugênio, e a beijava inundando-a de lágrimas...

820 — Não chores assim, Margarida! — disse com acento comovido e tornando a assentar-se à beira do leito. Dizes que estás feliz e satisfeita, e me despedaças o coração com tuas lágrimas!

821 — Deixa-me chorar, Eugênio! — disse a moça abandonando-se insensivelmente à doce familiaridade de tempos mais felizes. — Deixa-me chorar, não fazes ideia de quanto estas lágrimas me fazem bem. Desde que te foste embora, nunca pude chorar assim... isto me alivia tanto!..

822 Eugênio também deixando-se arrebatado⁴⁹¹ pelo perfume das suaves recordações, que se lhe evaporavam do coração, esqueceu um momento que era padre, chegou-se mais para junto de Margarida, retirou a mão que ela apertava com ternura entre as suas, colocou-a sobre o ombro dela, e encarando-a com doçura:

⁴⁹¹ H: <arrebentar>.

823 — Margarida, não chores!... — disse, e encostando instintivamente seu rosto ao dela, os lábios de ambos roçaram de leve.

824 O padre estremeceu e recuou assustado, como se houvesse tocado em uma áspide venenosa. Por alguns instantes ficaram ambos silenciosos.

825 — Ah! meu Deus! — prosseguiu o padre, — eu vinha confessá-la, e sou eu o penitente, que de joelhos a seus pés devo suplicar-lhe perdão...

826 — Perdão de quê, Eugênio?...

827 — Ainda me perguntas, Margarida! pois não faltei-te⁴⁹² à palavra jurada?... não sou a causa de tua perdição? ⁴⁹³ não matei-te?...⁴⁹⁴

⁴⁹² I, L, N: ↔te faltei.

⁴⁹³ A: da tua perdição
> I, L, N: <do teu sofrimento>.

828 — Não, não és tu, que me matas... eu é que era uma ímpia, uma libertina, querendo roubar-te ao altar, querendo valer mais que Deus. Mas sossega⁴⁹⁵... creio que não morro ainda... depois que te vi, sinto-me tão melhor!...

⁴⁹⁴ I, L, N: [Não matei-te?].

⁴⁹⁵ I, L, N: <sossego>.

829 Margarida falava assim tanto para não consternar o padre,

como porque realmente a alegria de vê-lo a⁴⁹⁶ fazia esquecer os seus sofrimentos. ⁴⁹⁶ H: [a].

830 — Acha-se melhor?... — retorquiu o padre — ainda bem!... não precisa mais dos socorros de meu ministério, nem sou eu o padre mais próprio para ouvi-la de confissão. Adeus, senhora!... não devo voltar mais à sua casa...

831 — Ah! por piedade!... não deixes de voltar, volta⁴⁹⁷ ⁴⁹⁷ I, L, N: [volta]. meu padre, volta, se não queres que eu morra impenitente e desesperada... que perigo há em ouvir de confissão uma pobre moribunda?

832 — Mas achas-te melhor, Margarida; poderás esperar o vigário...

833 — Não quero me confessar com nenhum outro... já agora hei de cumprir o juramento, que fiz quando menina... se o não cumprir, creio que a minha alma não se salvará... acho-me muito mal... esta melhora é passageira, a cada momento posso expirar. Mas eu me esforçarei em reter o alento da vida, se me prometes⁴⁹⁸ ⁴⁹⁸ G, I, L, N: <prometeres>. voltar amanhã...

834 O padre ficou por um momento pensativo.

835 — Pois bem, Margarida, voltarei, — disse afinal, e com um movimento rápido e brusco, alongando a mão que tinha pousada⁴⁹⁹ sobre o ombro da moça, a estreitou no⁵⁰⁰ coração.

836 — Até amanhã — murmurou com voz breve o padre, e tomando o chapéu retirou-se precipitadamente, hirtó e convulso, como se acabasse de ter uma pavorosa visão.

837 — Até amanhã! — suspirou Margarida, como um eco mavioso, que a voz de Eugênio acabava de acordar no seio de uma gruta misteriosa.

⁴⁹⁹ H, I, L, N: <pousado>.

⁵⁰⁰ D, H: <ao>.

CAPITULO XXIII

838 O padre Eugênio entrou em casa com o cérebro a arder, e com o coração açoitado das mais violentas agitações. De coração mole e extremamente impressionável, não tinha força para lutar contra a tempestade medonha, que dentro dele se suscitava. Como piloto fraco e inexperiente, que se perturba e desorienta em presença do perigo, arrependia-se mil vezes de ter tomado o timão, tão superior às suas forças, de uma nau pujante destinada a afrontar mares tão tormentosos. A tonsura sacerdotal era uma coroa⁵⁰¹ de espinhos, que se lhe enterravam no crânio, e lhe arrancavam bramidos de desespero.

⁵⁰¹ N: <canoa>.

839 Exasperava-se contra a mentira de que seu pai, de certo de convivência com os padres de Congonhas, se havia prevalecido para determiná-lo a tomar ordens.

840 — Para que semelhante embuste, meu Deus! — murmurava consigo. — Que ideia infernal de sacrificar o destino de duas pessoas por meio de uma mentira!... Se não fosse tal mentira, se me constasse, — como era verdade, — que Margarida fiel ao seu amor se finava de saudades por mim, de certo eu nunca teria tomado esta veste sagrada, que hoje me queima as carnes como a túnica de Nesso. A impressão de um sonho, de um sermão, se teria esvanecido como fumaça, como tantas outras que não puderam desarraigar de meu coração uma paixão, que com ele nasceu, e que com ele... desgraçado de mim!... sim, mil vezes desgraçado!... que com ele terá de morrer... Margarida!...pobre Margarida!... tens tanto de boa, pura e leal, como de formosa... e tanto de formosa, como de infeliz!... Nem nos mais exaltados sonhos de fantasia, eu fazia ideia justa do tesouro que eu louco troquei por uma coroa de martírio, que não tenho força para suportar!... meu Deus, eu endoudeço! ... Margarida!... meu Deus!... meu Deus!... meu Deus!...

⁵⁰² I, L, N: [Meu ... Deus!...].

841 Eugênio estorcia-se em febril agitação, e quase delirava. A paixão, que julgava já não ser mais que uma triste recordação, uma dolorosa desilusão do passado, não se tinha extinguido debaixo das vestes sagradas do sacerdote. Era essa paixão como o arbusto, a que⁵⁰³ geada despojou das folhas, e mirrou-lhe os

⁵⁰³ D, I, L, N: ↔ que a .

galhos, e parece estar morto pra sempre, entanto que o tronco e a raiz cheios de seiva e vitalidade estão prontos a germinar com novo viço e galhardia ao primeiro bafejo da primavera.

842 Ou antes era como a fogueira, cujas chamas uma chuva glacial havia apagado, ficando intactos todos os materiais, que já secos e quase calcinados, esperam apenas o contato de uma centelha para de novo se inflamarem com fúria irresistível. A vista de Margarida resplandecente de beleza e dos mais voluptuosos encantos do corpo, a certeza de sua fidelidade, aquele ligeiro roçar de lábios, filtro fatal, que lhe coou nas veias o delicioso veneno da voluptuosidade, foram centelhas vivas, que em um momento puseram em horrível conflagração a paixão, que há tanto tempo adormecida parecia estar morta no seio do mancebo⁵⁰⁴. Uma

⁵⁰⁴ A: paixão ... mancebo. > I, L, N: {< ardente, há tanto adormecida>}.

843 Não era já um reflexo da pura afeição da infância, desse sereno amanhecer do amor envolto nos véus cândidos da inocência. Não era também a paixão juvenil com suas recordações saudosas, com seus sonhos dourados e ardentes aspirações de felicidade. Era tudo isso, e mais alguma coisa ainda. Eram os instintos sensuais longo tempo sopitados, que em uma organização vivaz e vigorosa despertavam com império irresistível. Era uma sede voraz de gozos e volúpias, era uma febre, era um delírio. O demônio da luxúria acendera nas chamas do inferno seu facho furibundo, e com ele se aprazia em requeimar o sangue do mísero sacerdote.

844 Entrando em casa Eugênio não quis ver pessoa alguma a fim de esconder a perturbação que o agitava, e como a noite já ia avançada, recolheu-se sozinho ao seu aposento.

845 A noite passou-a entregue às mais horríveis tribulações. Ora rezando com fervor, pedia ao céu forças para afrontar o embate da terrível tentação, que o assaltava, ora desalentado entregando-se ao delírio da paixão, chorava, rugia, blasfemava.

846 No dia seguinte perguntando-lhe seu pai, quem era, e como ia a pessoa a quem tinha ido confessar, respondeu laconicamente:

847 — É uma rapariga, que não conheço... não está em perigo.

A moléstia dela parece-me mais cisma do⁵⁰⁵ que outra coisa. ⁵⁰⁵ I, L, N: [do].

848 Como seus pais reparassem, e comesçassem a se inquietar
com a palidez e extrema excitação nervosa, em que o⁵⁰⁶ viam, para ⁵⁰⁶ D: [o].
subtrair-se a seus olhares e perguntas, apenas acabou de almoçar
mal e rapidamente, saiu a pretexto de dar um passeio higiênico⁵⁰⁷ ⁵⁰⁷ I, L, N: [higiênico].
e ver algumas pessoas conhecidas.

849 — O padre está muito incomodado, — disse a senhora
Antunes a seu marido, logo que Eugênio se retirou. — Ele sofre
alguma coisa que não nos quer dizer... queira Deus!...

850 — Queira Deus o quê, senhora?...

851 — A serpente, senhor!... a serpente!...

852 — Ora, senhora!... deixe-se dessas abusões⁵⁰⁸... pois um ⁵⁰⁸ I, L, N: <alusões>.
homem, um padre... um missionário!... nem sempre a gente é
criança.

853 — Queira Deus!... queira Deus! — murmurou a mãe
levantando-se da mesa e rezando.

854 O padre durante a noite tinha feito firme propósito de não
voltar mais à casa de Margarida apesar da promessa, que havia
feito. Antes faltar a uma simples promessa, do que expor-se ao
perigo de quebrar um voto, e perder sua alma. Portanto ao sair de
casa dirigiu-se para o lado oposto ao bairro, em que ela morava.
No fim de contas porém, depois de ter percorrido muitas ruas
e parado em muitas casas, fosse por uma fatal casualidade, ou
porque o coração mesmo sem que ele o sentisse, o ia arrastando,
achou-se nas vizinhanças da habitação, de que fugia.

855 Ao avistá-la o coração bateu-lhe uma fatal pancada.

856 — Ah! Margarida!... pobrezinha! quem te há de valer!...
sabe Deus, se estás agonizando e vais morrer sem confissão!...
é meu dever lá ir... que posso recear de uma moribunda?... uma
desumanidade, uma pusilanimidade abominável deixá-la morrer
ao desamparo... o vigário não está... que remédio tenho senão
socorrê-la?... ah! e quem sabe, se já não será tarde!

857 Pensando assim o padre se encaminhava ora vagaroso e
irresoluto, ora a passos precipitados, para a casa de Margarida.

858 É assim, que o passarinho pousado na grimpá da árvore
fascinado pela serpente, que enroscada no tronco fita nele os

olhos peçonhentos, hirtos de pavor e soltando pios lastimosos vem descendo de ramo em ramo até meter-se na garganta escancarada do hediondo réptil.

859 Margarida depois que Eugênio saíra na véspera, havia adormecido embalada em um delírio de felicidade, e graças a esse sono reparador amanhecera melhor, se bem que um tanto descorada e abatida. Isto mesmo denotava, que o sangue lhe corria mais calmo e regular pelas artérias. Sentia-se tão aliviada, que parecia-lhe ter voltado ao gozo de perfeita saúde.

860 Levantou-se alegre e tranquila; penteou seus negros e compridos cabelos, plantou entre eles um botão de rosa, seu enfeite favorito, e vestiu-se com certo esmero e faceirice, como noiva, que se prepara para ser conduzida ao altar... não, como vítima, que se adorna para o sacrifício. Mesmo abatida como se achava, estava fascinante de beleza. Tinha nos olhos uma luz tão lânguida e quebrada, na boca uma expressão tão voluptuosa, as faces um tanto desbotadas tinham um matiz de jambo tão suave e delicado, o colo e os braços acetinados eram de tão fresca e mimosa morbidez, que a custo se acreditaria, que aquela moça estava precisada dos socorros extremos da religião.

861 Quando Eugênio entrou, Margarida estava sentada sobre a cama com o cotovelo sobre o travesseiro e mão na face⁵⁰⁹. O padre sobressaltou-se vendo-a tão fresca e tranquila, e tão faceiramente vestida.

862 — O⁵¹⁰ que é isto, santo Deus!... exclamou com voz severa; — esperava encontrar uma enferma no leito da agonia, e o que é que estou vendo!... estará zombando comigo por ventura, senhora Margarida!⁵¹¹

863 — Eu zombar com o senhor padre! julga-me capaz disso? — murmurou a moça em tom de queixa tão meigo e mavioso, que diríeis arrulho de pomba, que dentro do ninho afaga o companheiro.

864 — Então que quer dizer esta mudança, esses enfeites, essa cor e esse rosto, que parece tão animado e cheio de saúde?..

865 À chegada do padre a palidez da moça se havia trocado por um vivo encarnado, que lhe incendia as faces, e seus olhos lampejavam com brilho descomunal⁵¹².

⁵⁰⁹ A: Quando... face. > I, L, N: {<Quando Eugênio entrou, Margarida estava recostada ao travesseiro.>}

⁵¹⁰ I, L, N: [O]

⁵¹¹ A: estará ... Margarida. > I, L, N: {<Estará zombando de mim?>}

⁵¹² I, L, N: <estranho brilho>

866 — Acho-me melhor, é verdade, — respondeu, — não
estou sofrendo agora grande incômodo, mas não sei porque, me
diz o coração, que meus dias estão contados.

867 — Não creia tal, minha filha, isso é pura cisma; é um
capricho da sua imaginação. Mas enfim... seja como for, não me
é permitido demorar-me por mais tempo a sós no quarto de uma
moça, que parece estar no gozo de perfeita saúde. Adeus, senhora
Margarida.

868 — Ah! não, pelo amor de Deus! não se vá ainda! tenha
paciência com esta pobre infeliz.

869 A moça proferiu estas palavras com acento tão terno e
suplicante, e fitando no padre um olhar tão repassado de angústia
que este sentiu-se comovido e abalado até os seios d'alma.

870 Fitou nela um olhar terno e compungido, e a contemplou
por alguns instantes silencioso.

871 — Margarida! — exclamou por fim, não sabes quanta
pena tenho de ti... mas...

872 — Mas não se vá embora ainda; tenha piedade de mim...
eu não estou tão boa, como pareço. Dizem, que a morte quando
está a chegar faz a gente melhorar de repente e depois mata. É a
última visita da saúde, que se despede para sempre... Há de ser
isso; não me deixe morrer desamparada... A morte há de me ser
tão doce, se eu morrer junto de ti, Eugênio!...

873 — Margarida!... murmurou o padre suspirando e sentando-
se junto dela.

874 — Eugênio!... como eu sou feliz em poder recordar contigo
antes de morrer aqueles bons tempos de nossa meninice!...

875 — Margarida, para que recordar agora uma felicidade,
que não pode mais voltar!

876 — Pode; ... por ventura não estamos juntos?... eu era tua
irmãzinha naquele tempo; agora tu és padre, e eu ainda sou tua
irmã, e quero morrer nos teus braços...

877 — Cala-te, Margarida!... ai de mim!... é agora que avalio
a felicidade, que perdi.⁵¹³ — Ah! perdão, perdão, meu Deus!... eu
blasfemo! — interrompeu-se o padre batendo com a mão nas faces.

878 — Não perdeu nada; — replicou Margarida com meiguice,

⁵¹³ N: [Ai ... perdi.].

— ganhou muito; estas mãos foram feitas para o altar... como são alvas e benfeitas!

879 Falando assim a moça tomava entre as suas as mãos de Eugênio, e as beijava não com o respeito devido a um padre, mas com toda a ternura e ardor febril da paixão. Ao contato daqueles lábios mórbidos e frementes Eugênio sentiu uma estranha vibração agitar-lhe todo o corpo, e o filtro delicioso da volúpia coar-lhe até o âmago do coração. Assustado levantou-se bruscamente, e ia a sair de carreira pela porta afora. Margarida o deteve pelo braço.

880 — Por quem é, não vá embora, — disse-lhe com súplice ternura.

881 O padre não insistiu; cedendo a uma fatal fascinação tornou a sentar-se junto de Margarida. O corpo lhe tremia todo, a fronte gotejava suor em bagas, e os olhos lhe desmaiavam frouxos em langor voluptuoso.

882 — Margarida!... aqui estou, — murmurou com desalento. — Mas... anjo meu!... tem piedade de mim... lembra-te, que sou padre!...

883 — Que importa!...eu sou tua irmã; ... quero abraçar meu irmão antes de morrer...

884 A moça pôs as mãos ambas sobre os ombros⁵¹⁴ do padre, e fitou-lhe o rosto com um olhar e um sorriso, que resumiam um longo poema de amor. Os olhos alucinados nadavam-lhe em eflúvios de ternura, e o bafejo tépido e suave escoando-se por entre a rosa dos lábios entreabertos aflagava as faces do mancebo. O xale em que se envolvia, tinha-lhe escapado dos ombros, e os dois pomos mal cobertos pulavam-lhe no seio inquietos e ansiosos, como duas rolinhas implumes, que forcejam por saltar do ninho.

⁵¹⁴ I, L, N: <o ombro>.

885 No quarto de Margarida reinava uma luz frouxa, que entrava por uma janela de empanada; o ar estava impregnado do aroma inebriante das flores, que ornavam a mesa. A velha tinha saído, e naquela casa só se achavam os dois...

886 Margarida encostou a cabeça ao ombro de Eugênio;⁵¹⁵ este envolveu-a em um abraço.

⁵¹⁵ L, N: {e}.

887 — Um momento de suprema felicidade!... depois o inferno! que importa!...

888 Este brado de blasfêmia, que erguia-se do coração do
padre, sussurrou-lhe apenas pelos lábios⁵¹⁶.

⁵¹⁶ I, L, N: [Este ...
lábios.].

889 Ao bafo ardente da paixão sensual na alma de ambos se
havia apagado o lume da razão⁵¹⁷.

⁵¹⁷ I, L, N: [Ao ...
razão.].

CAPITULO XXIV

890 No dia seguinte, que era um domingo, o padre Eugênio
 tinha de dizer a sua primeira missa na vila de Tamanduá. O pai
 fazia uma grande festa, a que havia convidado a melhor gente do
 lugar. Era um dia de regozijo e prazer para a família, e de grande
 expectativa para os demais habitantes. Depois da missa um lauto
 jantar esperava os convidados.

891 Muitos parentes e amigos da família de Antunes, que
 tinham batizados e casamentos a fazer, estavam esperando
 pela vinda do padre Eugênio, querendo ter o gosto de ver esses
 sacramentos ministrados por suas mãos.

892 Portanto o padre teve de apresentar-se na igreja muito
 antes da hora da missa a fim de ter tempo de celebrar esses
 batizados e casamentos.

893 Quando o sacrílego padre entrou no templo, dizem que os
 sinos, sem que ninguém os tocasse, deram badaladas fúnebres, e
 que um tufão escancarando a porta interior do frontispício entrara
 pela nave e apagara a lâmpada do santuário.

894 O padre estava de palidez cadavérica, e seus olhos
 desvairados despediam de quando em quando lampejos torvos e
 sombrios.

895 Sinistros pensamentos lhe ondeavam desencontrados
 pela mente agitada, como nuvens que se despedaçam por um céu
 tempestuoso ao sopro rijo das refegas.

896 Precipitado do alto de⁵¹⁸ seu puro e austero ascetismo no
 abismo da fraqueza, o espírito do padre tombou em outro abismo
 mais fundo e talvez mais degradante. Atassalhado de remorsos, de
 vergonha e desesperação, julgando-se perdido sem remédio e para
 sempre, entregou-se de corpo e alma à torrente da fatalidade que
 o arrastava.

⁵¹⁸ I, L, N: <do>.

897 — Já que assim o quiseram os homens, — murmurava
 consigo, — já que assim o ordena a sanha irresistível do destino,
 assim seja! serei um padre sacrílego; um padre infame, como
 tantos outros, que todos os dias profanam com mãos impuras os
 vasos do altar e a hóstia sacrossanta. Era essa a sina fatal que

desde o berço me estava fadada... Margarida não morre... o que a atormenta, não é mais do que uma deplorável apreensão... O céu não quis que eu fosse seu esposo, o inferno me fez seu... que horror, meu Deus! que abominável sacrilégio!... mas... já agora que hei de eu fazer... caí até o fundo do abismo, donde nunca mais poderei levantar-me! Ah celibato!... terrível celibato!... ninguém espere afrontar impunemente as leis da natureza! tarde ou cedo elas têm seu complemento indeclinável, e vingam-se cruelmente dos que pretendem subtrair-se ao seu império fatal!...

898 Apenas o padre tinha acabado de fazer uma breve oração no altar do consistório, quando a ele se dirigiu uma pobre velha e lhe pediu pelo amor de Deus para fazer a encomendação a um cadáver que se ia dar à sepultura, e que se achava no corpo da igreja.

899 O padre ficou transido de horror; afeito a esse triste espetáculo Eugênio não era medroso; mas desta vez sem saber porque, sentia um pavor irresistível. Um suor gelado inundava-lhe a testa, e as artérias lhe titilavam nas fontes com dolorosa vibração. Mas não podia deixar de cumprir esse piedoso dever para com um morto. Vestiu a sobrepeliz, tomou o ritual, e acompanhado do sacristão, que levava na mão o hissope, dirigiu-se para o corpo da igreja.

900 Sobre um⁵¹⁹ pobre caixão sem tampo, pobremente amortalhado esterçava-se⁵²⁰ um corpo de mulher. Dois tocheiros ardiam de um lado e outro à⁵²¹ cabeceira do caixão. Um lenço branco cobria o rosto da finada, e sobre o seu peito via-se uma capela de alvas flores, símbolo da virgindade.

⁵¹⁹ I, L, N: <num>.

⁵²⁰ G, I: <enterçava-se>

⁵²¹ I, L, N: <da>.

901 O templo estava quase deserto; apenas aqui e ali algumas velhas ajoelhadas murmuravam em voz baixa suas orações.

902 O sacristão para se dar começo à encomendação, tirou o lenço do⁵²² rosto da finada; o padre soltou um grito rouco e sufocado, cambaleou, e teria baqueado em terra, se não deparasse o braço que o sacristão lhe apresentava para escorar-se. A finada era Margarida!

⁵²² I, L, N: <ao>.

903 — Que tem, senhor padre? está incomodado? perguntou-lhe o sacristão.

904 — Não há de ser nada... passei mal a noite, e... não estou ainda acostumado a estas coisas... ia tendo uma vertigem.

- 905 O padre limpou o suor gelado, que lhe inundava a fronte,
e desempenhou atabalhoadamente e sem saber o que fazia, a sua
cruel e fúnebre tarefa.
- 906 Chegando ao consistório, depois de ter dito ao sacristão,
que os batizados e casamentos se fariam⁵²³ depois da missa, ⁵²³ I, L, N: <faziam>.
debruçou-se sobre a credência e escondendo o rosto entre as mãos
ali ficou imóvel por largo tempo orando, chorando, delirando...
- 907 A turba das pessoas, que em companhia de seu pai com
o rosto prazenteiro e conversando alegremente iam invadindo a
sacristia, o despertou daquele angustioso letargo. A fim de evitar
conversas e olhares curiosos tratou imediatamente de revestir-
se. Todavia um amigo que estando ao pé dele havia notado sua
extrema palidez e o transtorno das feições:
- 908 — O senhor padre, — disse-lhe, — parece estar
incomodado; se sofre alguma coisa melhor será não dizer missa
hoje...
- 909 O padre olhou para ele espantado e sem dizer palavra
continuou a paramentar-se.
- 910 A missa do padre novo que gozava de uma grande nomeada
de sabedoria e santidade, tinha atraído à igreja um numeroso e
brilhante concurso. O pai e a mãe de Eugênio sobretudo⁵²⁴ estavam ⁵²⁴ I, L, N: [sobretudo].
no auge do prazer⁵²⁵ e do contentamento, recebendo de todos as ⁵²⁵ I, L, N: [do prazer e].
mais lisonjeiras felicitações⁵²⁶. ⁵²⁶ I, L, N: [recebendo
... felicitações].
- 911 Chegando à escada que sobe para o altar mor o padre
parou, e quando já todos de joelhos esperavam, que começasse⁵²⁷ ⁵²⁷ I, L, N: <rezasse>.
o intróito, viram-no com assombro arrancar do corpo um por um
todos os paramentos sacerdotais, arrojá-los com fúria aos pés do
altar, e com os olhos desvairados, os cabelos hirtos, os passos
cambaleantes atravessar a multidão pasmada, e sair correndo pela
porta principal.
- 912 Estava louco... louco furioso.

FIM

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese constitui-se como continuação da pesquisa iniciada no mestrado e teve como objetivo apresentar uma proposta de edição crítica do romance *O Seminarista*, de Bernardo Guimarães. A edição crítica surgiu da necessidade de resgatar e preservar o texto da edição príncipe, visto que o romance sofreu muitas alterações ao longo do seu processo de transmissão, a ponto de originar outra redação do texto, que não saiu da pena do seu autor. Desse modo, a edição não decorre da necessidade de reconstituição de um original ausente, mas da recuperação de um original presente. Esta edição tem ainda o propósito de apresentar ao leitor não apenas as variantes genuínas, como as não-genuínas, que também circularam e tiveram impacto sobre a leitura da obra. Trata-se de um trabalho, a nosso ver, importante tanto para a Crítica Textual quanto para a Literatura. A contribuição para a Crítica Textual está nas discussões apresentadas sobre a metodologia de trabalho, escolha do texto de base, descrição e análise de variantes, relações genealógicas entre os testemunhos, fixação e estabelecimento de normas e critérios para o texto crítico. Já com a Literatura, contribui-se pelo estabelecimento e fixação do texto de uma obra importante no cânone literário brasileiro, a qual, há muito tempo, foi relegada ao olvido e tem sido divulgada por meio de edições espúrias.

Iniciamos, assim, este trabalho, apresentando a trajetória de *O Seminarista*, a partir da publicação do romance, passando pelas primeiras críticas recebidas na época, até a crítica acadêmica, que esboça uma análise da obra fundada na premissa de que é um romance de tese embrionário. Por se tratar de um texto literário, é fundamental que sejam levados em consideração a recepção da obra e os aspectos linguísticos e estilísticos examinados pelos críticos, uma vez que são características decisivas para a distinção dos ramos da tradição. Nesse sentido, ainda que as alterações não-autorais do texto incidam, sobretudo, nas descrições de paisagens, personagens e acontecimentos, muitos críticos que tiveram acesso apenas ao texto do ramo abreviado, ressaltam o caráter descritivo da obra. Isso nos leva a questionar se eles manteriam a mesma posição caso tivessem acesso e pudessem comparar os textos dos dois ramos. Caberia ao crítico, que agora pode conhecer a história editorial da obra, analisar *O Seminarista* sob uma nova perspectiva, considerando suas modificações e o impacto causado na transmissão da obra.

As alterações não-autorais sofridas pelo romance foram analisadas com base tanto em fatores internos ao texto (erros tipográficos e variantes) como em fatores externos a ele (história das editoras, relações entre editoras e direitos autorais). São esses os dados fundamentais para aprofundar a análise da obra e procurar compreender quais foram os motivos que suscitaram modificações em *O Seminarista*.

A partir da observação dos fatores externos, foi possível localizar duas edições idênticas, publicadas no mesmo ano, porém de editoras diferentes: a edição de 1899, da Empresa Democratica, e da Francisco Alves. Verificou-se também que as características materiais do impresso (capa, mancha, caracteres, tamanho, etc) e a mudança de proprietários e de endereço da editora Garnier (informações essas registradas nas edições) foram fundamentais para a datação, que muitas vezes não vem indicada. Com a análise de fatores externos ao texto também foi possível reconhecer duas edições publicadas pela mesma editora, a Livraria Martins, em um curto intervalo de tempo, mas que apresentam diferenças textuais entre si.

Outro fator externo importante é o direito autoral. Na época em que *O Seminarista* foi publicado, no final do século XIX, não era comum os editores pagarem direitos autorais sobre o que publicavam. Todavia, Bernardo Guimarães vendeu os direitos da obra, e não de uma determinada tiragem, ao seu editor B. L. Garnier, o que poderia implicar na não-publicação do romance, se assim o seu editor decidisse. Além da posse dos direitos autorais, contam para a transmissão da obra as leis da época relacionadas a esses direitos. Dessa maneira, as edições publicadas até 1943, antes de a obra tornar-se de domínio público, deveriam ser impressas mediante autorização de B. L. Garnier e seus sucessores ou de herdeiros do autor. Contudo, conforme atesta Basílio de Magalhães (1926:138), tal procedimento não ocorreu. O provável desrespeito à lei de direitos autorais e à cessão de direitos ao editor revela o caráter das edições da obra publicadas entre 1899 e 1941, o que, conseqüentemente, estende-se por sua transmissão subsequente.

O texto publicado em 1931, pela Civilização Brasileira, dá origem ao *ramo do texto abreviado*, que diverge da edição príncipe, publicada em 1872, a primeira do *ramo do texto completo*. Considerando o intervalo de tempo entre esses dois testemunhos, descartamos a hipótese de que as alterações feitas ao texto abreviado sejam da mão de Bernardo Guimarães.

Como preparamos a edição crítica de um original impresso, a metodologia utilizada para analisar e editar o romance foi a teoria do *copy-text*, de Walter Wilson Greg. Além dos critérios de escolha do *copy-text*, Greg classifica as variantes entre acidentais (relacionadas ao

aspecto gráfico) e substantivas (relacionadas ao conteúdo). Contudo, o editor norte-americano não apresenta nenhuma proposta de classificação para as variantes substantivas. Devido às particularidades do texto, tais como o grande número de variantes dessa natureza, associamos ao método de Greg, conceitos das teorias lachmanniana e neolachmanniana, suprimindo, dessa forma, uma lacuna da teoria anglo-americana e buscando classificar as variantes de acordo com a sua tipologia, a fim de identificar padrões de variação e compreender as mudanças ocorridas na tradição. Embora a adoção de princípios metodológicos de duas teorias diferentes pareça resultar inoperante, constatamos que eles podem ser empregados de maneira complementar, tratando, assim, de particularidades do texto impresso e da necessidade de classificação das variantes.

O *copy-text* foi definido com base nos testemunhos publicados enquanto o autor estava vivo. Há duas edições publicadas em vida do autor: a de 1872 e a de 1875, ambas feitas a partir da mesma matriz tipográfica, com mancha e erros tipográficos idênticos, mas com folha de rosto diferente. Optou-se pela edição príncipe, por ser mais próxima, em todos os sentidos, dos originais do autor.

Definido o *copy-text*, seguimos para a colação dos testemunhos. Inicialmente, os testemunhos cotejados e apresentados em nossa dissertação foram examinados a partir de uma leitura comparativa, palavra a palavra. Devido ao grande número de testemunhos de que dispúnhamos na pesquisa atual, recorremos ao auxílio de meios tecnológicos, muito úteis para o trabalho do editor crítico. A utilização do *software* de colação *Juxta Commons* otimiza o trabalho filológico. No caso específico desta obra, no entanto, esse recurso eletrônico não dá conta de todos os tipos de variantes, como as junções, separações e reelaborações, de modo a ser necessário filtrar os dados registrados no aparato crítico, gerado pelo programa, para poder classificá-los. Além disso, é necessário atentar para o formato de arquivo inserido, a fim de não desconfigurar os caracteres gráficos e alterar o texto a ser cotejado, o que influenciaria o aparato preparado pelo programa.

Como foi possível observar, os trechos alterados relacionam-se, principalmente, ao estilo descritivo do autor, que é descaracterizado a partir de tantas mudanças, uma vez que as variantes se dão, sobretudo, nas descrições de paisagens e de situações, nos diálogos do narrador com o leitor e nos diálogos entre as personagens. Com base nas variantes identificadas, é possível notar que as mudanças feitas ao texto não ocorrem somente entre elementos acidentais, mas também entre elementos substantivos. Por isso, é fundamental a

distinção entre *erro* e *inovação*, na medida em que não é possível, a princípio, caracterizar todo desvio do original como erro ou como inovação. Denominamos como *erro* todo desvio tipográfico que ocorre ao longo do texto. Chamamos de inovação toda alteração voluntária ou involuntária que resulta em adições, omissões, alterações de ordem, substituições e reelaborações do texto. Mesmo com a profusão de variantes encontradas, que fazem o ramo abreviado divergir significativamente do ramo completo, concluímos que a redação abreviada não configura em si uma nova obra, mas sim um estado da mesma obra representada pela redação completa.

A análise quantitativa das variantes aponta para algumas hipóteses sobre os motivos que terão condicionado a redução do texto. Nos testemunhos do ramo abreviado, a variante com maior frequência de ocorrência é a omissão e, a seguir, a substituição. Nos testemunhos do ramo completo, a variante com maior frequência de ocorrência é a substituição, o que indica a manutenção da extensão do texto.

O estudo analítico das variantes permite classificá-las em três categorias relacionadas a sua natureza linguística: gramatical, lexical e textual. Essa classificação permite-nos identificar tendências de redução, manutenção ou ampliação do texto. Permite igualmente evidenciar quais seriam os padrões e a finalidade das alterações: coesão do texto, correção ou modificação.

Por meio do exame das variantes foi possível estabelecer as relações genealógicas entre os testemunhos, a fim de mostrar as concordâncias e discordâncias entre eles. Inicialmente, identificamos dois ramos diferentes na tradição de *O Seminarista*, e, posteriormente, os testemunhos pertencentes a cada ramo. Contudo, era necessário identificar também quais testemunhos seriam os modelos e quais seriam os descendentes. Para isso, foi necessário selecionar os lugares-críticos mais relevantes da categoria de *substituição* e mapear a sua transmissão. Após a comparação de treze lugares-críticos, constatou-se que, no ramo do texto completo, o testemunho A serviu de modelo para os demais, pois é o testemunho que apresenta a lição genuína; D descende de A e serviu de modelo para H. O ramo do texto abreviado começa com o testemunho G, que descende de A. G coincide com A na maior parte de suas lições, mas contém algumas inovações, que são reproduzidas por I, o que indica que G foi seu modelo. I traz a redação abreviada e terá sido o modelo de L, do qual descende N.

Identificadas as relações genealógicas, procurou-se estabelecer o texto crítico. Cabe ao editor decidir o tipo de aparato (positivo ou negativo) e a sua posição (na mesma página ou após o texto), não sem antes definir os procedimentos adotados na edição. É fundamental que

o leitor esteja a par das decisões editoriais, para que ele saiba o que foi alterado e preservado no texto. Por se tratar de uma edição crítica de original presente, optamos pela publicação e preservação do texto da edição príncipe. Os erros tipográficos e as falhas de impressão foram emendados e listados, bem como os erros referentes a nomes de religiosos, santos e topônimos. No texto crítico, a escolha por notação das variantes e aparato crítico lateral visam facilitar sua leitura.

Após 145 anos da primeira edição de *O Seminarista* e depois de uma dezena de anos esquecido pelo cânone, apresentamos este trabalho, que esperamos estar à altura do *ingenium* de Bernardo Guimarães. Grande é o poder do tempo.

BIBLIOGRAFIA

Obras de Bernardo Guimarães

GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*: romance. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1875.

A Ilha Maldita: romance phantastico. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1879.

_____. *Cantos da solidão*: poesias. Rio de Janeiro: Typ. Americana de José Soares de Pinho, 1858.

_____. *O bandido do rio das Mortes*: romance historico. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1922.

_____. *O Ermitão de Muquém ou a historia da fundação da romaria do Muquém, na província de Goiás*: romance de costumes nacionais. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1929.

_____. *O Garimpeiro*: romance. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, s.d.

_____. *O Índio Afonso*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1900.

_____. *O Seminarista*: romance brasileiro. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1872. 258p

_____. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1875]. 258 p.

_____. Rio de Janeiro: Paris: H. Garnier, [s.d.]. 225 p.

_____. Rio de Janeiro: Paris: H. Garnier, [1895]. 244 p.

_____. Rio de Janeiro: Empresa Democrática, 1899. 192 p.

_____. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1899. 192 p.

_____. Rio de Janeiro: H. Garnier, [1917]. 244 p.

_____. Rio de Janeiro: H. Antunes & Cia, 1923. 125 p.

_____. Rio de Janeiro : Jornal do Brasil, 1928. 108 p.

_____. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1931. 172 p.

_____. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1941. 158 p.

_____. São Paulo: Moderna, 1988. (Travessias) 64 p.

_____. São Paulo: Ática, 1989. (Série Bom Livro). 14^a.ed. 126 p.

_____. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. (Coleção Prestígio) 12^a.ed. 139 p.

_____. *Quatro romances: O Ermitão De Muquém; O Seminarista; O Garimpeiro; O Indio Afonso*. São Paulo: Martins, 1944.

_____. *Quatro romances: O Ermitão De Muquém; O Seminarista; O Garimpeiro; O Indio Afonso*. São Paulo: Martins, s.d.

_____. _____. São Paulo: Sociedade Brasileira de Difusão do Livro, 1949.

____. *Rosaura: a enjeitada*: romance brasileiro. São Paulo: Saraiva, s.d.

Sobre Bernardo Guimarães e *O Seminarista*

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, Rio de Janeiro. *Arquivo Bernardo Guimarães*.

ALENCAR, Heron de. *O romancista Bernardo Guimarães*. Suplemento Literário, Minas Gerais, 18/07/1970.

ALPHONSUS, João. “Bernardo Guimarães, romancista regionalista”. In FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *O romance brasileiro, de 1752 a 1930*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, [1952]. p. 91-102

____. *A posição moderna de Bernardo Guimarães*. Suplemento Literário, Minas Gerais. 18/07/1970.

ALMEIDA, Pires de. *A escola byroniana no Brasil*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1962. p. 177-188

AMORA, Antônio Soares. Três estudos. *Suplemento Literário*, Minas Gerais, 25/07/1970, p. 11.

ANDREWS JR., Norwood. “*O seminarista*, de Bernardo Guimarães: romance de transição”. *Revista de Letras*. Assis: Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras (UNESP), 1963. vol. IV, p. 80-93.

ARAÚJO, Marco André Franco de. *O regionalismo e questões sociais em O Seminarista de Bernardo Guimarães*. Inhumas: Universidade Estadual de Goiás, 2008. (trabalho de conclusão de curso) 42 p.

ATAÍDE, Vicente. *A narrativa de Bernardo Guimarães*. Suplemento Literário, Minas Gerais. 15/01/1977.

AZEVEDO, Arthur. Bernardo Guimarães. *Almanaque*, de Heitor Guimarães, 1885. p. 223.

BADARÓ, Francisco Coelho Duarte. *Parnaso mineiro*: notícia dos poetas da província de Minas Geraes. Ouro Preto: Província de Minas, 1887. p. 57-59

BANDEIRA, Manuel (organização e prefácio). *Antologia dos poetas brasileiros*: fase romântica. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1946. p.74-75

BEVILAQUA, Clóvis. *Epochas e individualidades*. Estudos litterarios. Rio de Janeiro: Garnier, 1888.

- BOECHAT**, Maria Cecília. “Uma notícia sobre a crítica de Bernardo Guimarães”. In: **CAMBRAIA**, César Nardelli; **MIRANDA**, José Américo. *Crítica textual: reflexões e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos de Crítica Textual – Faculdade de Letras da UFMG, 2004. p. 143-148
- BOSI**, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3ª edição. São Paulo: Cultrix, 1993.
- BRINCHES**, Victor Manuel Fernandes. *Dicionário biobibliográfico luso-brasileiro*, Rio de Janeiro, Editora Fundo Cultural, 1965, p. 317-318.
- BROCA**, Brito. *Românticos, pré-românticos e ultra-românticos: vida literária brasileira*. São Paulo: Polis/INL, 1979.
- CALEGARI**, Lizandro Carlos. A expressão do colonialismo em O seminarista, de Bernardo Guimarães. Chasqui. Revista de Literatura Latinoamericana. vol. 34, n. 1, maio 2005. p. 90-101. Chasqui, vol. 34, n. 1., maio 2005. p. 90-101.
- CANDIDO**, Antonio. “A poesia pantagruélica”. In: ———. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993. p. 225-243.
- . “Bernardo Guimarães, poeta da natureza. In _____. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2009. 12ª. ed. p. 484-92 (1ª. ed. 1959)
- . Literatura de dois gumes. In: ———. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 163-180.
- . Literatura e subdesenvolvimento. In: ———. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162.
- . *Noções de análise histórico-literária*. São Paulo: Humanitas – FFLCH-USP, 2005.
- . “O contador de casos Bernardo Guimarães”. In _____. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2009. 12ª. ed. p. 549-56 (1ª. ed. 1959)
- . *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas- FFLCH-USP, 2004.
- CARPEAUX**, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968. p 102-104
- CARVALHO**, Aderbal de. *Esboços litterarios*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1902. p.84-85
- CARVALHO**, Ronald. *Pequena história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Briguiet, 1937. 5ª.ed. p. 258-259.
- CASTELLO**, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. São Paulo: EDUSP, 2004. vol. I p. 238- 243

____. “Época romântica” in *Aspectos do romance brasileiro*. Rio de Janeiro: MEC, Serviço de Documentação, s.d. p.13-64

CAVALHEIRO, Edgar. *Panorama da poesia brasileira*, vol. II – *O Romantismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959. p. 77-84.

COELHO, José Maria Vaz Pinto. *Poesias e romances do dr. Bernardo Guimarães*. Rio de Janeiro: Typ. Universal de Laemmert & C., 1885.

CORRÊA, Irineu Eduardo Jones. *Bernardo Guimarães e o paraíso obscuro*. A floresta enfeitada e os corpos da luxúria no romantismo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. (tese de doutorado). Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/trabalhos/2006/irineueduardo_floresta.pdf>. Acesso em: 14/05/2010.

COUTINHO, Afrânio. “O regionalismo na ficção”. in: *A literatura no Brasil*. 3ª.ed. ver. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: EDUFF, 1986. v. 4. p. 4-36

____. &**SOUSA**, José Galante. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global, 2001. p. 810-811.

COSTA LIMA, Luiz. “BernardoGuimarães e o cânone”. In _____. *Pensando nos trópicos*. (Dispersa Demanda II) Rio de Janeiro: Vozes, 1991. p. 241-252

CRUZ, Dilermando. *Bernardo Guimarães: perfilbio-bibliolitterario*. Contendo na íntegra o drama inédito: A voz do Pagé. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1914. 2ª. ed.

DUTRA, Waltensir. ; **CUNHA**, Fausto. *Biografia crítica das letras mineiras*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1956. p. 47-58

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. “Bernardo Guimarães, pensador social”. In *Revista Brasileira de História da Educação*. Janeiro/abril 2008, nº 16. p. 87- 124

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, Rio de Janeiro. *Pasta Bernardo Guimarães*.

FRANÇA, Carlos Ferreira. *O lirismo de Bernardo Guimarães* – These para o concurso de Professor Substituto de Retórica, Poética e Literatura Nacional do Imperial Colégio Pedro II – Rio de Janeiro: Tip. de G. Leuzinger & Filhos, 1879. p. 36-42

GOMES, Ednaldo Cândido Moreira. *Sutilezas e mordacidades na poética de Bernardo Guimarães*. Belo Horizonte: PUC, 2007. (dissertação de mestrado) Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=89993>. Acesso em: 11/01/2010.

GRAVATÁ, Hélio. *Bibliografia de e sobre Bernardo Guimarães*. Minas Gerais Suplemento Literário. Belo Horizonte: v. 5, n. 205, 01/08/1970. p. 8-12. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/websuplit/exBernardoGuimarãeser/exbSup.asp?Cod=05020508197008-05020508197009-05020508197010-05020508197011-05020508197012>>. Acesso em: 20 de março de 2009.

GRIECO, Agripino. *Evolução da prosa brasileira*. 1932. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1947. 2ª.ed. rev. p. 35-36

GUIMARÃES, Armelim. *E assim nasceu A escrava Isaura*. Brasília: Senado Federal. Centro Gráfico, 1985.

GUIMARÃES, Bernardo. *Contrato para Baptiste Louis Garnier*. Rio de Janeiro, 27 jun. 1872. 1f.

GUIMARAENS, Alphonsus. *Obra completa*. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1960. p. 47-48

GUIMARAENS FILHO, Alphonsus Henriques. “Bernardo Guimarães e o processo de Catalão”, Minas Gerais (Suplemento Literário), Belo Horizonte, ano V, n.204, de 25 de julho de 1970, p. 3-5.

HADDAD, Jamil Almansur. “Introdução a Bernardo Guimarães”. Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, ano XIX, vol. CLII – outubro de 1952, p. 41-47

HOMENAGEM A BERNARDO GUIMARÃES. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984.

LIMA, Augusto de. Bernardo Guimarães. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, nº47, novembro de 1925, p. 229-239.

LIMA, Israel Souza. (org.) *Biobibliografia dos patronos: Bernardo Guimarães e Casimiro de Abreu*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2000. (Coleção Afrânio Peixoto, vol. 3)

MONTEIRO LOBATO, José Bento. *Cidades mortas*. São Paulo: Brasiliense, 1965.

MACHADO, António Alcântara. “O fabuloso Bernardo Guimarães” in *Cavaquinho e saxofone*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1940. p. 215-224

MAGALHÃES, Basílio. *Bernardo Guimarães: esboço biográfico e crítico*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1926.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1976-1978

MASCARENHAS, Alexandre Ferreira. *Cadernos Ofícios: Casa Bernardo Guimarães*. Ouro Preto: FAOP, 2008.

MIRANDA, José Américo. *Bernardo Guimarães: crítico de Gonçalves Dias*. 2003. Disponível em: <[http://www.lettras.ufmg.br/cesp/textos/\(2003\)bernardo.pdf](http://www.lettras.ufmg.br/cesp/textos/(2003)bernardo.pdf)>. Acesso em: 30/09/2009.

MELLO, José Alexandre Teixeira de. Bernardo Guimarães. *Gazeta Literária*, Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, I/11, 20 de março de 1884.

MIRANDA, José Américo. *Bernardo Guimarães, crítico de Gonçalves Dias*, 2003. Disponível em: <[www.lettras.ufmg.br/cesp/textos/\(2003\)bernardo.pdf](http://www.lettras.ufmg.br/cesp/textos/(2003)bernardo.pdf)>. Acesso em: 11/01/2010.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: romantismo*. v.2. 3ª edição. São Paulo: Cultrix, 1989.

MOTA, Arthur. *Vultos e livros*. São Paulo: Monteiro Lobato, 1921. p. 107-118

NOGUEIRA, Almeida. *A academia de São Paulo: tradições e reminiscências: estudantes, estudantões, estudantadas: edição comemorativa do sesquicentenário dos cursos jurídicos no Brasil, 1827-1977*. (notas e acréscimos de Carlos Penteado de Rezende). São Paulo: Saraiva, 1977. Vol. III - 3. ed.

OLIVEIRA, Martins de. “A prosa – advento do romance – conto” in *História da literatura mineira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1963. p.113-114

ORBAN, Victor. *Litterature bresilienne*. Paris: Librairie Garnier Frères, 1910. 2ª. Ed. p. 120
O Waggon. Uberaba, MG: Empresa d'O Waggon, 1884. Anno 1, n.1 (03 de fevereiro de 1884)-anno 1, n.52 (01 de fevereiro de 1885).

PEIXOTO, Afrânio. *Noções de historia da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1931. p.264

PROENÇA, Manoel Cavalcanti. *Estudos literários*. Rio de Janeiro: J. Olympio, [1971]. p.29-42

PUBLICAÇÕES. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typografia do Diário. Ano 55. n° 257, 21 de set. 1872. p. 2.

QUEIROZ, Maria José de . “Convite à leitura de Bernardo Guimarães” in *Colóquio – Letras*, Lisboa, n. 83, janeiro de 1985, p. 21-33

Revista da Academia Mineira de Letras. Belo Horizonte, v. 21, 1955-1959. p.171-172.

Revista ilustrada. Rio de Janeiro, n. 375, março de 1884.

REZENDE, Francisco de Paula Ferreira de. *Minhas recordações*. Rio de Janeiro : J. Olympio, 1944. p.302-310

ROMERO, Silvio. *Estudos de literatura contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago, 2002. (Rio de Janeiro: Laemmert, 1885). p. 35-39

_____. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1960. 3ª. ed. vol. III. p.297-313. (1ª.ed. 1888)

_____. *Evolução da literatura brasileira (vista sintética)*. S.l.: Campanha, 1905.

SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902. vol. 1 p.413

SALES, Germana Maria Araújo. *Folhetins: uma prática de leitura no século XIX*. Entrelaces. Agosto 2007. p. 44-56.

SANTOS, Carlos José dos. *Bernardo Guimarães naintimidade*. Belo Horizonte: Typ. Antunes, 1928. 30p. ref.: in Revista do Archivo Publico Mineiro. p.183-197 Disponível em:<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtexport/makepdf.php?cid=618&mid=31&full_pdf=1>. Acesso em: 31 de agosto de 2008.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez estudos de Innocencio Francisco da Silva, applicaveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional: 1867. 1. 8 p. 393-394

SILVA, Ozângela de Arruda. *Da Europa ao Ceará: a circulação de romances e suas conexões comerciais no século XIX*. II Seminário Brasileiro do Livro e História Editorial. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.uff.br/lihed/segundoseminario/index.php/component/content/article/37-por-autor-nome/106-de-n-a-q#ozasilva>>. Acesso em: 30/07/2010.

SOARES, A. J. de Macedo. *Harmonias brasileiras*. São Paulo: Imparcial, 1859.

SOUTO, M. *O Mosquito: jornal caricato e critico*. Rio de Janeiro, RJ: Typ. de Domingos Luiz dos Santos, 5 de out. 1872. p. 7

SOUZA, Luana Batista. *Grande é o poder do tempo: colação entre testemunhos de O Seminarista*, de Bernardo Guimarães. São Paulo, 2012. 201 f. Dissertação (Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SÜSSEKIND, Flora. “Bernardo Guimarães: romantismo com pé-de-cabra”. In _____. *Papéis Colados*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993. p. 151-164

VEIGA, José Pedro Xavier da. *Ephemerides mineiras (1664-1897)*. Ouro Preto : Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1897. p. 302-307 -

VELHO SOBRINHO, João Francisco. *Dicionário bio-bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: [Oficinas graficas irmãos Pongetti] p. 309-312

VERÍSSIMO, José. *Estudos de literatura brasileira*. 2^a. série. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (Bernardo Guimarães, p. 253-264)

_____. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916. p.286-291.

_____. *História da literatura brasileira*. De Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 3 e. rev. e aum. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954. (Documentos Brasileiros, 74)

VOLOBUEF, Karin. *Frestas e arestas: A prosa de ficção do Romantismo na Alemanha e no Brasil*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1998. (Coleção Prismas). p.160-170

ZICA, Matheus da Cruz e; **FARIA FILHO**, Luciano Mendes de. *A obra de Bernardo Guimarães como fonte para história da educação*. III Congresso Brasileiro de História da Educação – PUCPR, 2004. Disponível em: www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/.../324.pdf. Acesso em: 15/09/2009.

_____. *Educação e masculinidade na produção jornalística e literária de Bernardo Guimarães (1852-1883)*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008. (dissertação de mestrado)

Crítica textual

AVALLE, D'Arco Silvio. *Principî di critica testuale*. Padova: Antenore, 1972.

ALTSCHUL, Nadia. La nueva crisis de la filología editorial: cultura del manuscrito, scribal version, "literatura" medieval. *Revista de poética medieval*, Madri: Universidad de Alcalá, n. 20, pp. 41-66, 2008.

AZEVEDO FILHO, Leodegário de Azevedo. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro: São Paulo: Presença: EDUSP, 1987.

BERNABE, Alberto. *Manual de critica textual y edición de textos griegos*. Madrid: Clásicas, 1992.

BLECUA, Alberto. *Manual de crítica textual*. Madrid: Castalia, 1983 [reimpr.: 1990].

BÖDEKER, Hans Erich. *Histoires du Livre*. Nouvelles Orientations, Paris: IMEC, 1995.

BORDALEJO, Barbara. *The phylogeny of the order in the Canterbury Tales*. 2003. 216f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras Disponível em:

<https://media.wix.com/ugd/dd4b55_2bb25b366fca43ae86645372f4583b00.pdf>. Acesso em: 15/10/2012.

BOWERS, Fredson. *Principles of bibliographical description*. Princeton: Princeton University Press, 1949.

_____. *Bibliography and textual criticism*. Oxford: Oxford University Press, 1964.

_____. *Essays in Bibliography, Text and Editing*. Charlottesville: University of Virginia Press, 1975.

BUENO, Francisco Silveira. *Estudos de filologia portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1946 [3ed. 1959].

CAMBRAIA, César Nardelli. & **MIRANDA**, José Américo (orgs.). *Crítica textual: reflexões e práticas*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

_____. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____; **MELO**, Teresa C. A. de.; **VILAÇA**, Cynthia Elias L. de. Tradição latina-românica do Livro de Isaac: análise de lugares críticos. *Filologia linguística portuguesa*, São Paulo, n.10-11, p.409-425, 2008/2009.

_____.; **LARANJEIRAS**, Maíra Borges. Tipologia dos erros na tradição latina do livro de Isaac. *Caligrama – Revista de estudos românicos*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 7-48, 2010.

CANDIDO, Antonio. *Noções de análise histórico-literária*. São Paulo: Humanitas, 2005.

CASTRO, Ivo; **RAMOS**, Maria Ana. “Estratégia e Tática da Transcrição”, Paris, Foundation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais (Separata de Critique Textuelle Portugaise – Actes du Colloque – Paris, 20-24 octobre 1981, pp. 99-119), 1986.

_____. “Filologia”. In: *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa, Verbo, 1995.

_____. “Os ossos de Camões”. In: *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 1997, II, pp. 403-409

CASTELLO, José Aderaldo. Época romântica in *Aspectos do romance brasileiro*. Rio de Janeiro: MEC, Serviço de Documentação, s.d. p.13-64.

CEIA, Carlos. *E- Dicionário de Termos Literários*. Disponível em: <<http://www.edtl.com.pt>>. Acesso em: 28/10/2009.

CERQUIGLINI, Bernard. *Éloge de la variante*. Paris: Ed. du Seuil, 1981.

CUNHA, Celso. “Sobre a tipologia dos erros ou variantes em crítica textual”. In: CUNHA, Celso. *Sob a pele das palavras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Academia Brasileira de Letras, 2004, p. 329-340.

DAVIS, T. The CEAA and modern textual editing. *Library*. s5-XXXII, 1, p. 61-74, 1977.

DIAS, João José Alves. *Iniciação à bibliofilia*. Lisboa: Pró-Associação Portuguesa de Alfarrabistas, 1994.

FAULHABER, Charles. Textual criticism in the 21st century. *Romance Philology*, Berkeley, XLV, n. 1, p. 123-48, aug. 1991.

FORNARO, Sotera. Karl Lachmann et sa méthode. *Revue germanique internationale*, n. 14, Paris: CNRS, pp. 125-138, 2011.

GASKELL, Philip. *A new introduction to bibliography*. Oxford: Oxford University Press, 1972.

GLOSSÁRIO DE CRÍTICA TEXTUAL DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario>. Acesso em: 01/12/2016.

GREETHAM, D. C. *Textual scholarship: an introduction*. New York: Garland Pub, 1994.

GREG, Walter Wilson. What is bibliography. *Transactions of the Bibliographical Society*, London, vol. XII, pp. 39-53, 1914 [repr.: Nendeln: Kraus Reprinto Limited, 1967].
 _____. The Rationale of Copy Text. *Studies in Bibliography*, vol. 3. Charlottesville, 1950-1951. p. 19-36.

HAY, Louis. *La naissance du texte*. [S. l.]: José Corti, 1989.

HOUAISS, Antonio. *Elementos de bibliologia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1967.

LACHMANN, Karl. Über das Hildebrandslied. *Abhandlungen*, Berlim: Academia de Berlim, 11 de jun. 1830.

LAUFER, Roger. *Introdução à textologia: verificação, estabelecimento, edição de textos*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

LEXICON OF SCHOLARLY EDITING. *A Multilingual Lexicon for a Multilingual Discipline*. Disponível em: <http://uahost.uantwerpen.be/lse/>. Acesso em 15/10/2016.

LUCRETI. *De rerum natura*: libri sex. Reimer, 1850. ed. Karl Lachmann.

MASS, Paul. *Textkritik*. Leipzig: B. G. Teubner, 1927. (trad. *Textual criticism*. London: Oxford University Press, 1958).

MCKENZIE, D.F. *La bibliographie et la sociologie des textes*. Trad. Marc Amfreville. Paris: Ed. du Cercle de la Librairie, 1991. Título original: Bibliography and the sociology of texts.

NASCIMENTO, Aires. A. “Prática de leitura e exercício filológico de crítica textual: a vida do texto e do livro”, in Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, vol. II, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 505-520, 1997.

NASCIMENTO, Braulio do. Processos de variação do romance. *Revista Brasileira de Folclore*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 8/10, p. 59-126, 1964.

PASQUALI, Giorgio. *Storia della tradizione e critica del testo*. Florença: Felice Le Monnier, 1952. (1934)

PICCHIO, Luciana Stegagno. *A Lição do Texto*. Filologia e Literatura. I – Idade Média. Lisboa: Edições 70, 1979.

PRIEGO, Miguel Ángel Pérez. *La edición de textos*. Madrid: Síntesis, 2011. 2ªed. ampliada. e atualizada

REIS, Carlos. *Crítica textual e edições críticas: em questão*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, 2006.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Para uma nova edição crítica de Dom Casmurro. *Caligrama – Revista de estudos românicos*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 189-202, 2010.

SCHACHTERLE, Lance. Cooper and his collaborators: recovering Cooper's final intentions for his fiction. *Studies in Bibliography*, vol. XX, Charlottesville, 2003-2004, pp. 317-338.

SPAGGIARI, Barbara. & **PERUGI**, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. *Introdução à Edóctica*. Crítica Textual. São Paulo: Ars Poética: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. 2ª. ed. rev.e atual.

TANSELLE, G. Thomas. Some principles for Editorial Apparatus. *Studies in Bibliography*. vol. 25, 1972, pp. 41-88.

_____. Greg's Theory of Copy-Text and the Editing of American Literature. *Studies in Bibliography*. vol. 28, Charlottesville, 1975, pp.167–230.

_____. The Editorial Problem of Final Authorial Intention. *Studies in Bibliography*, vol. 29, Charlottesville, 1976, pp. 167–211.

_____. *Textual Criticism since Greg: a chronicle 1950-1985*. Charlottesville: University press of Virginia: 1987.

TIMPANARO, Sebastiano. *The genesis of Lachmann's method*. Chicago: University of Chicago, 2005.

XAVIER, Maria Francisca; **MATEUS**, Maria Helena (Orgs.). *Dicionário de termos linguísticos*. Lisboa: Cosmos, 1990.

História do livro e processo editorial

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

BERGER, Paulo. *A tipografia no Rio de Janeiro: impressores bibliográficos, 1808-1900*. Rio de Janeiro: Cia. Industrial de Papel Pirahy, 1984.

BRITO, Mario da Silva. “Breve história de uma editora ou Memória de um amigo do, da e dos Martins”. In: MARTINS 30 anos. São Paulo: Martins, 1967. Ed. comemorativa do trigésimo aniversário de fundação da Livraria Martins Editora.

FARIA, Maria Isabel Ribeiro de & **PERICÃO**, Maria da Graça. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: EDUSP, 2008.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 2005. 2ª. ed. rev. e ampl.

LOPES, Moacir C. *A situação do escritor e do livro no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1978.

MARIZ, Ana Sofia. *Editora Civilização Brasileira: O design gráfico de um projeto editorial (1959-1970)*. Rio de Janeiro, 2005. 180 p. Dissertação (Mestrado em Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.anasofia.net/pdf/dissertacao4.pdf>>. Acesso em: 04/02/2011.

MARTINS 30 anos. São Paulo: Martins, 1967. Ed. comemorativa do trigésimo aniversário de fundação da Livraria Martins Editora.

MCKERROW, Ronald B. *Prolegomena for the Oxford Shakespeare*. Oxford: Clarendon Press, 1939.

_____. *Introducción a la bibliografía material*. Madrid: Arco/Libros, 1998.

MCMURTRIE, Douglas C. *O livro: impressão e fabrico*. Trad. Maria Luisa Saavedra Machado. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1969. Original inglês.

NIEMEYER, Lucy. *Tipografia: uma apresentação*. Rio de Janeiro: 2AB, 2001. 2ª. ed.

OLIVEIRA, Luciane Moreira de. *Entre textos e imagens: editores e impressos na Revista Ilustrada*. I Seminário Brasileiro Sobre o Livro e História Editorial. (anais) 8 a 11 de novembro de 2004. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <<http://www.uff.br/lihed/primeiroseminario/pdf/lucianemoreira.pdf>>. Acesso em: 13/04/2011.

PAIXÃO, Fernando. (coord.). *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

SENNA, Ernesto. História da Livraria Garnier. *Almanaque Brasileiro Garnier*, 1910. p. 106-113.

Outros

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. São Paulo: Paulus. 1990.

BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (De 24 de fevereiro de 1891). Artigo 72, §26, do Título IV (“Dos Cidadãos Brasileiros”), Seção II (“Declaração de Direitos”). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituiCAao91.htm>. Acesso em: 15/08/2010.

BRASIL. Decreto n. 847 de 11 de outubro de 1890. Código Penal da República. capítulo V (“Dos crimes contra a propriedade litteraria, artistica, industrial e commercial”), seção I (“Da violação dos direitos da propriedade litteraria e artistica”), artigos 342-350. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>>. Acesso em: 15/08/2010.

BRASIL. Lei de 16 de dezembro de 1830. Código Criminal do Império, parte III, título III (“Crimes contra a propriedade”), art. 261. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LIM/LIM-16-12-1830.htm>. Acesso em: 15/08/2010.

BRASIL. Lei n.º496 (Lei Medeiros de Albuquerque), de 01 de agosto de 1898. Define e garante os direitos autorais. Art. 3º. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/Internet/InfDoc/novoconteudo/Legislacao/republica/leis1898p1780p/pdf02.pdf#page=3>>. Acesso em: 15/10/2010.

BRASIL. Lei n° 5.988, de 14 de dezembro de 1973. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5988.htm>. Acesso em: 15/10/2010.

SCOREL, LÍlian. *Edição lobatiana das memórias de um Sargento de Milícias: um caso de co-autoria na história do livro e da literatura no Brasil*. São Paulo: 2002. 113 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

MORAES, Marcos Antonio. (org.) *Mário, Otávio*. Cartas de Mário de Andrade a Otávio Dias Leite (1936-1944). São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

OLIVEIRA, Bento José de. *Nova grammatica portugueza compilada de nossos melhores auctores*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1862. Disponível em: <http://purl.pt/17362/2/1-280-v_PDF/1-280-v_PDF_24-C-R0150/1-280-v_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf>. Acesso em: 20/11/2011.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro Ribeiro. *Serões grammaticaes ou nova gramatica portugueza*. Bahia: Imprensa Popular, 1890.

_____. _____. Bahia: Progresso, 1950. 5ª ed.

VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Ed. UNB, 1982.

Websites

AULETE, Caldas. *Aulete Digital* — Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete, versão online. Acessado em 25/08/2014.

BIBLIOTECA VIRTUAL DE LITERATURA. Disponível em: <<http://www.biblio.com.br/>>. Acesso em: 15/08/2009.

DEDALUS. Catálogo on-line das bibliotecas da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.sbd.fflch.usp.br/site/modules/tinycontent/index.php?id=4>>. Acesso em: 03/07/2009.

DOMÍNIO PÚBLICO. Biblioteca digital desenvolvida em software livre. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>

EDITORA ÁTICA. Disponível em: <<http://www.atica.com.br/>>. Acesso em: 20/03/2010.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em: <<http://www.bn.br>>. Acesso em: 10/07/2009.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Acesso às bases eletrônicas. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/template_01/default.asp?VID_Secao=6> . Acesso em: 13/07/2009.

GLOSSÁRIO DE CRÍTICA TEXTUAL. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm>>. Acesso em: 10/12/2011.

GRUPO EDITORIAL RECORD. Disponível em:
<http://www.record.com.br/grupoeditorial_editora.asp?id_editora=5>. Acesso em
20/12/2010.

PINTO, Luiz Maria da Silva. Dicionário da Língua Brasileira. Ouro Preto: **1832**,
Typographia de Silva.

REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA. Pesquisa no arquivo. Disponível em:
<<http://www.realgabinete.com.br/GEADOPAC/>>. Acesso em: 12/07/2009.

TEXTUAL SCHOLARSHIP. Disponível em: <<http://www.textualscholarship.org/index.html>>. Acesso em: 03/10/2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Sistema de Bibliotecas e
Informação. Disponível em: <<http://www.sibi.ufrj.br>>. Acesso em: 08/07/2008.

ANEXO 1

VARIANTES EMPREZA DEMOCRATICA (TESTEMUNHO D)

Tabela 1 – Casos de adição

ADIÇÃO	
TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO D
Vou para o estudo, Margarida; papae mais mamãe querem que eu vá estudar para padre. (cap. I)	Vou para o estudo, Margarida; papae e mais mamãe querem que eu vá estudar para padre. (cap. I)
Se a imagem da simples e travessa menina de doze annos não se tinha apagado do espirito (cap. IX)	Se a imagem da simples e travessa menina de doze annos não se lhe tinha apagado do espirito (cap. IX)
combata noite dia, vencerá como Jacob (cap. XVIII)	combata noite e dia, vencerá como Jacob (cap. XVIII)

Tabela 2 – Casos de alteração de ordem

ALTERAÇÃO DE ORDEM	
TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO D
não se o que sabia era a mais pequena rusga (cap. XII) p 135	não se sabia o que era a mais pequena rusga (cap. XII)
Era essa paixão como o arbusto, a que geada despojou das folhas (cap. XXIII)	Era essa paixão como o arbusto, que a geada despojou das folhas (cap. XXIII)
E com vem quem mostrar-se valente? (cap. XII)	E com quem vem mostrar-se valente? (cap. XII)

Tabela 3 – Casos de omissão de palavra

OMISSÃO DE PALAVRA	
TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO D
(...) que olhavam para aquelle excentrico e mysterioso collega com certa curiosidade cheia de respeito e admiração (cap. XV)	(...) que olhavam para aquelle excentrico e mysterioso collega com certa curiosidade cheia de admiração (cap. XV)
(...) começou a ter um horror, não á pessoa de Margarida (cap.VII)	(...) começou a ter horror, não á pessoa de Margarida (cap.VII)
(...) para ser um digno ministro da religião do Crucificado (cap. XV)	(...) para ser um digno da religião do Crucificado (cap. XV)
E a pessoa para quem me chamão (cap. XXI)	E a pessoa para quem chamão (cap. XXI)
Como seus paes reparassem, e comesassem a se inquietar (...), em que o vião (cap. XXIII)	Como seus paes reparassem, e comesassem a se inquietar (...), em que vião (cap. XXIII)

Tabela 4 – Casos de junção de parágrafo

JUNÇÃO DE PARÁGRAFO	
TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO D
§ -Não o há sobre a terra...talvez mais renhida e encarniçada que a primeira § Hoje porem... e recua espavorido diante do inimigo? (cap. XVIII)	§ -Não o há sobre a terra...talvez mais renhida e encarniçada que a primeira. Hoje porém... e recua espavorido diante do inimigo? (cap. XVIII)

Tabela 5 – Casos de substituição

SUBSTITUIÇÃO	
TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO D
via-se, ha-de haver quarenta annos (cap. I)	via-se, ha-de haver sessenta annos (cap. I)
O viandante, que por alli passasse, — ha cerca de quarenta annos (cap. II)	O viandante, que por ali passasse, ha cerca de sessenta annos (cap. I)
(até que um escravo chegando com um varapao veio dar cabo della (cap. II)	até que um escravo chegando com um varapão veio dar cabo della (cap. II)
vagueando pelas sombras das pittorescas selvas da Ilha de França (cap. III)	vagueando pelas sombras das pittorescas selvas da Ilha da França (cap. III)
que desfigurão os quatro angulos da cadeia do Ouro-Preto! (cap. IV)	que desfigurão os quatro angulos da cadeia de Ouro-Preto! (cap. IV)
um bello grupo de magnificas e giganteas castanheiras silvestres (cap. IV)	um bello grupo de magnificas e gigantescas castanheiras silvestres (cap. IV)
donde pensava poder-se encherger as collinas e vargedos da fazenda paterna (cap. IV)	donde pensava poderem-se encherger as collinas e vargedos da fazenda paterna (cap. IV)
e Vm. também lá os tinha no seu calhamaço (cap. VI)	e Vmc. também lá os tinha no seu calhamaço (cap. VI)
Porque não pôde; ...e que importa isso?... (...) e Vm. não só pensou, como escreveu. (cap. VI)	Porque não pôde... e que importa isso?... (...) e Vmc. não só pensou, como escreveu. (cap. VI)
Para esse fim ha de Vm. jejuar uma semana inteira (cap. VI)	Para esse fim ha de Vmc. jejuar uma semana inteira (cap. VI)
esta menina é para Vm. o mesmo que uma irmãzinha (cap. VIII)	esta menina é para Vmc. o mesmo que uma irmãzinha (cap. VIII)
Aqui ninguem é capaz de caçoar com Vm. (cap. VIII)	Aqui ninguem é capaz de caçoar com Vmc. (cap. VIII)
Margarida, que já esperando Eugenio o tinha avistado de longe (cap. IX)	Margarida, que já esperando Eugenio o tinha avistado ao longe (cap. IX)
e os desejos morrêrão-lhes dentro de alma (cap. X)	e os desejos morriam-lhes dentro da alma (cap. X)
e que não possuindo terras, e menos ainda braços para cultural-a (cap. XI)	e que não possuindo terras, e menos ainda braços para cultural-as (cap. XI)
vmce. , pela maneira que vae, vem a dar um excellente padre! (cap. XIII)	Vmc. , pela maneira que vae, vem a dar um excellente padre! (cap. XIII)
Enganar-me a mim para sahir de casa e hir-semetter em suciatas e beberreiras (cap. XIII)	Enganar-me a mim para sahir de casa e hir-semetter em suciatas e bebedeiras (cap. XIII)
E vmce. , senhor criança, com essa carinha de sancto (cap. XIII)	E Vmc. , senhor criança, com essa carinha de santo (cap. XIII)
Eu não me demorarei mais de uma hora, meia hora mesmo, se Vm. quizer. (cap. XIV)	Eu não me demorarei mais de uma hora, meia hora mesmo, se Vmc. quizer. (cap. XIV)

se não partisse d'uma mãe (cap. XV)	se não partisse de uma mãe (cap. XV)
Suas palavras, conselhos e exhortações não conseguão produzir a menor móssa no espírito do mancebo (cap. XV)	Suas palavras, conselhos e exhortações não conseguiram produzir a menor móssa no espírito do mancebo (cap. XV)
Bem vejo que tudo quanto V. Rma me propõe é justo (cap. XV)	Bem vejo que tudo quanto V. Rvma. me propõe é justo (cap. XV)
e da qual o simples soldado era tão respeitado e respeitavel como hoje um capitão (cap. XVI)	e da qual o simples soldado era tão respeitado e respeitavel com hoje um capitão (cap. XVI)
e os ultimos topes da figueiras (cap. XVI)	e os ultimos topes da figueira (cap. XVI)
e lhe restituísse a paz do coração (cap. XVII)	e lhe restituísse a paz ao coração (cap. XVII)
ou lia as paginas ardentes e sublimes de S. Jeronimo ou S. Agostinho, e os seraphicos escriptos de S. Francisco de Salles e de S. Thereza de Jezuz (cap. XVII)	ou lia as paginas ardentes e sublimes de S. Jeronymo ou Santo Agostinho, e os seraphicos escriptos de S. Francisco de Salles e de Santa Thereza de Jezus (cap. XVII)
e Vm. mesmo já fez dellas a mais brilhante prova (cap. XVIII)	e Vmc. mesmo já fez dellas a mais brilhante prova (cap. XVIII)
si continuasse a querer-me (cap. XIX)	si continuasses a querer-me (cap. XIX)
como isso afinal de contas (cap. XX)	como isto afinal de contas (cap. XX)
A tonsura sacerdotal era uma côroa de espinhos, que se lhe enterravão no craneo, e lhe arrancavão bramidos de desespero (cap. XXIII)	A tonsura sacerdotal era uma côroa de espinhos, que se lhe enterrava no craneo, e lhe arrancava bramidos de desespero (cap. XXIII)
e o bafejo tépido e suave escoando-se por entre a roza dos labios entre-abertos affagavam as faces do mancebo (cap. XXIII)	e o bafejo tépido e suave escoando-se por entre a roza dos labios entre-abertos affagava as faces do mancebo (cap. XXIII)
Para afflições de coração é um porrete (cap. XX)	Para afflições de coração é um prodigio (cap. XX)
Era um arrulho de juritis perdido (cap. IV)	Era um arrulho de juriti perdido (cap. IV)
retraçando-lhe na phantasia em cadentes e melodosos versos (cap. V)	retraçando-lhe na phantasia em candentes e melodosos versos (cap. V)
e vejo que todos têm razão (cap. VIII)	e vejo que todos teem razão (cap. VIII)
faz na sociedade a figura d'um idiota (cap. IX)	faz na sociedade a figura de um idiota (cap. IX)
atado continuamente ao poste do estudo forçado e da oração (cap. IX)	atado continuamente ao posto do estudo forçado e da oração (cap. IX)
tudo isso fugiu-lhe de rondão da phantasia (cap. IX)	tudo isso fugiu-lhe de roldão da phantasia (cap. IX)
e os desejos morrêlhão-lhe dentro de alma, e os beijos apenas lhes estremecião na ponta dos labios (cap. X)	e os desejos morriam-lhes dentro da alma, e os beijos apenas lhes estremecião na ponta dos labios (cap. X)
não lhes dava a minima attenção (cap. XI)	não lhe dava a minima attenção (cap. XI)
não poderei hir ao menos hoje a casa da tia Umbelina despedir-me della e de Margarida? Sabe Deus se não será a ultima vez que tenho de vel-a! ...(cap. XIV)	não poderei hir ao menos hoje a casa da tia Umbelina despedir-me della e de Margarida? Sabe Deus se não será a ultima vez que tenho de vel-as! ... (cap. XIV)
Eugenio e Margarida erão como dous lindos arbustos (...) que nascêrão bem juncto um do outro (cap. XVI)	Eugenio e Margarida erão como dous lindos arbustos (...) que nasceram bem juntos um do outro (cap. XVI)
que diria se soffresses os meus achaques! (cap. XX)	que diria se soffresse os meus achaques! (cap. XX)
alongando a mão que tinha pousada sobre o	alongando a mão que tinha pousada sobre o

hombro da moça, a estreitou no coração (cap. XXII)	hombro da moça, a estreitou ao coração (cap. XXII)
---	---

ANEXO 2

VARIANTES H. ANTUNES & CIA (TESTEMUNHO G)

Tabela 1 — Casos de adição

ADIÇÃO	
TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO G
que quero eu fazer com criação? (cap. I)	que quero eu fazer com a criação? (cap. I)
que zelava com extremo cuidado (cap. III)	que zelava com a extremo cuidado (cap. III)
e escondia cuidadosamente esses manuscritos, que scismava longamente. (cap. V)	e escondia cuidadosamente esses manuscritos, em que scismava longamente. (cap. V)
contentou-se em chorar sobre sua sorte (cap. XV)	contentou-se em chorar sobre a sua sorte (cap. XV)
combata noite dia, vencerá como Jacob (cap. XVIII)	combata noite dia, que vencerá como Jacob (cap. XVIII)
Depois de ter volvido n'alma todas tristas e amargas reflexões (cap. XVII)	Depois de ter volvido na alma todas essas tristes e amargas reflexões (cap. XVII)

Tabela 2 — Casos de alteração de ordem

ALTERAÇÃO DE ORDEM	
TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO G
E com vem quem mostrar-se valente? (cap XII)	E com quem vem mostrar-se valente? (cap XII)
não poderei hir ao menos hoje a casa da tia Umbelina... (cap. XIV)	não poderei ao menos hoje ir á casa da tia Umbelina... (cap. XIV)
Ponderava-lhe demais, que uma vez ordenado, seu pae não duvidaria em restituir a Margarida as suas boas graças (cap. XVIII)	Ponderava-lhe demais, uma vez ordenado, seu pae que não duvidaria em restituir a Margarida as suas boas graças (cap. XVIII)
(...) Jeronymo procedia por pedido e especial recommendação de seus collegas de Congonhas (cap. XVIII)	(...) Jeronymo procedia por pedido especial e recommendação de seus collegas de Congonhas (cap. XVIII)

Tabela 3 — Casos de omissão de palavra

OMISSÃO DE PALAVRA	
TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO G
tenho tanta vontade de ter tambem a minha vaquinha. (cap. I)	tenho tanta vontade de ter a minha vaquinha. (cap. I)
Era ela uma matrona gorda e corada (cap. II)	Era uma matrona gorda e corada (cap. II)
nem com quem quer que fosse (cap. VII)	nem com quer que fosse (cap. VII)

as sinistras apprehensões de sua mãe parecião tender a realizar-se (cap. VII)	as sinistras apprehensões da mãe pareciam tender a realizar-se (cap. VII)
E um terror vago se apoderou da alma de Eugenio (cap. VII)	Um terror vago se apoderou da alma de Eugenio (cap. VII)
e com ellas voltavão- lhe tambem a enxamear no espirito as fagueiras recordações (cap. VIII)	e com ellas voltavam tambem a enxamear no espirito as fagueiras recordações (cap. VIII)
cada vez mais se irritava a sua impaciencia (cap. XI)	cada vez mais se irritava a impaciencia (cap. XI)
O arroubo mystico, a continua aspiração para Deus (cap. XVII)	O arroubo mystico, continua aspiração para Deus (cap. XVII)
(...) investido de todas as ordens sacras e precedido de uma grande reputação de sabedoria (cap. XXI)	(...) investido de todas as ordens e precedido de uma grande reputação de sabedoria (cap. XXI)

Tabela 4 — Casos de omissão de trecho

OMISSÃO DE TRECHO	
TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO G
Dahi aquella severidade e rigor para com seu filho , severidade e rigor que lhe não erão usuaes (cap. X)	Dahi aquella severidade e rigor que lhe não eram usuaes (cap. X)
Era o negrume carregado de uma noite pezada, muda e funerea; de uma noite toldada, sem luz de estrellas nem lampejos de relampagos, sem rumorejos de harmonia, nem fragores de tempestade (cap. XV)	Era o negrume carregado de uma noite pesada, muda e funerea; de uma noite toldada, sem luz de estrellas nem lampejosde harmonia, nem fragores de tempestade (cap. XV)

Tabela 5 — Casos de junção de parágrafo

JUNÇÃO DE PARÁGRAFO	
TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO G
§ — Margarida ... vida! § Por ... precito! (cap. XIX)	§ — Margarida ... vida! Por ... precito! (cap. XIX)

Tabela 6 — Casos de separação de parágrafo

SEPARAÇÃO DE PARÁGRAFO	
TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO G
§ É verdade ...outr'ora. Ella lhe apparecia... e de sangue. (cap. V)	§ É verdade ...outr'ora. § Ella lhe apparecia... e de sangue. (cap. V)

Tabela 7 — Casos de substituição

SUBSTITUIÇÃO	
TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO G

outros tocando flauta, clarineta e outros instrumentos (cap. IV)	outros tocando flauta, clarinete e outros instrumentos (cap. IV)
talvez aquella alma impressionavel e apaixonada (cap. V)	talvez aquella calma impressionavel e apaixonada (cap. V)
A viagem, o movimento, as distracções, o ar livre restituirão em breve... (cap. VIII)	A viagem, o movimento, as distracções, o ar livre restituiram em breve... (cap. VIII)
sómente na manhã do dia seguinte (cap. VIII)	sómente na manhã de dia seguinte (cap. VIII)
mas parece querer recolher dentro d' alma (cap. VIII)	mas parece querer recolher dentro da alma (cap. VIII)
arrependeu-se no intimo d' alma (cap. VIII)	arrependeu-se no intimo da alma (cap. VIII)
faz na sociedade a figura d' um idiota (cap. IX)	faz na sociedade a figura de um idiota (cap. IX)
a ponte, a tranqueira , as paineiras visinhas (cap. IX)	a ponte, a tronqueira , as paineiras visinhas (cap. IX)
tudo isso fugiu-lhe de rondão da phantasia (cap. IX)	tudo isso fugiu-lhe de roldão da phantasia (cap. IX)
Eugenio soube retribuir com usura a visita que lhe fizerão as visinhas (cap. IX)	Eugenio soube retribuir com usura as visitas que lhe fizerão as visinhas (cap. IX)
as reprehensões e ameaças maternas viêrão dar maior vulto (cap. X)	as reprehensões e ameaças maternas viraram dar maior vulto (cap. X)
e esse solitario e propicio abrigo (...) lhe erão disputados pelo destino! (cap. XI)	e esse solitario e propicio abrigo (...) lhe erão disputado pelo destino! (cap. XI)
não tinha o menor receio de ser preferido por quem quer que fosse (cap. XI)	não tinha o menor receio de ser preterido por quem quer que fosse (cap. XI)
no meio de uma corja de peraltas e vadios (cap. XIII)	no meio de uma corja da peraltas e vadios (cap. XIII)
a sua resolução de fazer Eugenio tomar ordens sacras não era menos inabalavel que a do pae (cap. XIII)	a sua resolução de fazer Eugenio tomar ordens sacras não eram menos inabalavel que a do pae (cap. XIII)
Se souberes o susto que rapei (cap. XIV)	Se souberes o susto que raspei (cap. XIV)
Sabe Deus se não será a ultima vez que tenho de vel-a! ... (cap. XIV)	Sabe Deus se não será a ultima vez que tenho de vel-as! ... (cap. XIV)
e sómente os pios intercadentes do curiango resvalando (cap. XIV)	e sómente os pios intercadentes do cariango resvalando (cap. XIV)
como esse truculento e rijo cipó que se atraca ao madeiro da floresta, o enleia o aperta (cap. XV)	como esse truculento e rijo cipó que se atraca ao madeiro da floresta, o enleia e aperta (cap. XV)
Que era era perder-se por tão fútil e baixo motivo (cap. XVI)	Que era era perder-se por tão útil e baixo motivo (cap. XVI)
era um excellente rapaz, morigerado e tractador da vida (cap. XVI)	era um excellente rapaz, morigerado e traidor da vida (cap. XVI)
por mais buído que seja, acaba por embotar-se (cap. XVII)	por mais buído que seja, acaba de embotar-se (cap. XVII)
as solemnidades religiosas outrora lhe despertavão n'alma (cap. XVII)	as solemnidades religiosas outr'ora lhe despertavam na alma (cap. XVII)
Depois de ter volvido n' alma todas tristas e amargas reflexões (cap. XVII)	Depois de ter volvido na alma todas essas tristes e amargas reflexões (cap. XVII)
e jamais consentirei que cheguem ao throno de Deus tuas monstruosas preces (cap. XVIII)	e jámais consentirei que cheguem ao throno de Deus tuas mentirosas preces (cap. XVIII)
e fazer pallejar a estrella do amor no horisonte da vida do mancebo (cap. XVIII)	e fazer palliar a estrella do amor no horisonte da vida do mancebo (cap. XVIII)

podião servir de modelo ao escultor de gosto o mais severo para a imagem de um sancto (cap. XVIII)	podião servir de modelo ao escultor de gesto o mais severo para a imagem de um santo (cap. XVIII)
era o fogo do inferno que te incendia os olhos (cap. XIX)	era o fogo do inferno que te incendiava os olhos (cap. XIX)
pedindo-lhe perdão de seu monstruoso perjurio (cap. XIX)	pedindo-lhe perdão do seu monstruoso perjurio (cap. XIX)
cubiçassem e pleiteassem com ardor a posse do coração e da mão da Margarida (cap. XX)	cubiçassem e pleiteassem com ardor a posse do coração e da mão de Margarida (cap. XX)
para afflições de coração é um porrete (cap. XX)	para afflições de coração é um prodígio (cap. XX)
dava mostras de querer sahir precipitadamente (cap. XXII)	dava mostra de querer sahir precipitadamente (cap. XXII)
se me promettes voltar amanhã... (cap. XXII)	se me prometteres voltar amanhã... (cap. XXII)
abalado até os seios d' alma (cap. XXIII)	abalado até os seios da alma (cap. XXIII)

ANEXO 3

VARIANTES JORNAL DO BRASIL (TESTEMUNHO H)

Tabela 1 — Casos de adição

TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO H
papae mais mamãe querem que eu vá estudar (cap. I)	papae e mais mamãe querem que eu vá estudar (cap. I)
impedia que se tornasse uma paixão imperiosa e fatal (cap. V)	impedia que elle se tornasse uma paixão imperiosa e fatal (cap. V)
Se a imagem (...) não se tinha apagado do espirito (cap. IX)	Se a imagem (...) não se lhe tinha apagado do espirito (cap. IX)
ou lia as paginas ardentes de S. Jeronimo ou S. Agostinho (cap. XVII)	ou lia as paginas ardentes de S. Jeronimo ou Santo Agostinho (cap. XVII)
S. Thereza de Jezus (cap. XVII)	Santa Thereza de Jezus (cap. XVII)
Depois de ter volvido n'alma todas tristas e amargas reflexões (cap. XVII)	Depois de ter volvido n'alma todas estas tristes e amargas reflexões (cap. XVII)
combata noite dia, vencerá como Jacob (cap. XVIII)	combata noite e dia, vencerá como Jacob (cap. XVIII)
Ai de mim!... meu Deus! (cap. XIX)	Ai de mim! Ai de mim! ... meu Deus! (cap. XIX)

Tabela 2 — Casos de alteração de ordem

TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO H
E com vem quem mostrar-se valente? (cap. XII)	E com quem vem mostrar-se valente? (cap. XII)
Era essa paixão como o arbusto, a que geada despojou das folhas (cap. XXIII)	Era essa paixão como o arbusto, que a geada despojou das folhas (cap. XXIII)

Tabela 3 — Casos de junção

TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO H
§— Não o há sobre a terra.... Que a primeira § Hoje porem ...inimigo? (cap. XVIII)	§ — Não o há sobre a terra.... Que a primeira. Hoje porem ...inimigo? (cap. XVIII)

Tabela 4 — Casos de omissão de palavra

TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO H
com as vistas minuciosas e escrutadoras do artista (cap. IV)	com as vistas minuciosas escrutadoras do artista (cap. IV)
que era também o seu professor de latim (cap. VI)	que era também ø seu professor de latim (cap. VI)
começou a ter um horror (cap. VII)	começou a ter horror (cap. VII)

Mas Eugenio já era um guapo mocetão (cap X)	Mas Eugenio era um guapo mocetão (cap X)
uma mentira para illudir a Umbelina (cap. XI)	uma mentira para illudir Umbelina (cap. XI)
para ser um digno ministro da religião do Crucificado (cap. XV)	para ser um digno da religião do Crucificado (cap. XV)
e que no entretanto por sua incompatibilidade (cap. XVII)	e que entretanto por sua incompatibilidade (cap. XVII)
Esta mão foi feita para o altar, e não para mim (cap. XXII)	Esta mão feita para o altar, e não para mim (cap. XXII)
a alegria de vel-o a fazia esquecer os seus soffrimentos (cap. XXII)	a alegria de vel-o fazia esquecer os seus soffrimentos (cap. XXII)

Tabela 5 — Casos de omissão de trecho

TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO H
Dahi aquella severidade e rigor para com seu filho , severidade e rigor que lhe não erão usuaes (cap. X)	Daqui aquella severidade e rigor que lhe não era usuaes, e a que só por um tão poderoso motivo podia ser impellida (cap. X)
Se por fraco e pusillanime sou incapaz de combater, deveria nunca ter deixado a sombra do lar paterno , deveria nunca ter tomado estas sagradas insignias de soldado da Cruz. (cap. XXI)	Se por fraco e pusillanime sou incapaz de combater, deveria nunca ter tomado estas sagradas insignias de soldado da Cruz. (cap. XXI)

Tabela 6 — Casos de substituição

TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO H
via-se, ha-de haver quarenta annos (cap. I)	via-se, há-de haver sessenta annos (cap. I)
ha cerca de quarenta annos (cap. I)	ha cerca de sessenta annos (cap. I)
vossê ha-de ficar um padrinho bem bonitinho (cap. I)	vossê ha-de ficar um padrezinho bem bonitinho (cap. I)
em quanto um sabiá pousado na mais alta grimpa (cap. I)	enquanto um sabiá, pousando na mais alta grimpa (cap. I)
Tendo prendido os bezerros (cap. I)	Tenho prendido os bezerros (cap. I)
e da venda de fructas, hortalices e leite (cap. I)	e da venda de fructas, hortaliças e leite (cap. II)
murmurando certas orações e esconjuros cabalisticos (cap. II)	murmurando certas orações e escoujuros cabalisticos (cap. II)
um escravo chegando com um varapao (cap. II)	um escravo chegando com um varapão (cap. II)
um esbelto rapagote de cerca de doze annos (cap. III)	um esbelto rapazote de cerca de doze annos (cap. II)
grandes, medios, submedios e meninos (cap. IV)	grandes, medios, submedios e minimos (cap. IV)
bello grupo de magnificas e giganteas castanheiras (cap. IV)	bello grupo de magnificas e gigantescas castanheiras (cap. IV)

Deus, Margarida e a musa formavão como uma triplice aureola, que cingirião a fronte de Eugenio (cap. V)	Deus, Margarida e a musa formavam como uma triplice aureola que cingiria a fronte de Eugenio (cap. V)
retraçando-lhe na phantasia em cadentes e melódiosos versos (cap. V)	retraçando-lhe na phantasia em candentes e melódiosos versos (cap. V)
e Vm. também lá os tinha no seu calhamaço (cap. VI)	e Vmc. também lá os tinha no seu calhamaço (cap. VI)
e Vm. também lá os tinha no seu calhamaço de envolta com estas abominações... mais este sacrilegio! (cap. VI)	e Vmc. também lá os tinha no seu calhamaço de envolta com estas abominações... mas este sacrilegio! (cap. VI)
e Vm. não só pensou, como escreveu (cap. VI)	e Vmc. não só pensou, como escreveu (cap. VI)
que se destina ao estado ecclesiastico (cap. VI)	que se destina ao estudo ecclesiastico (cap. VI)
ha de Vm. jejuar uma semana inteira (cap. VI)	ha de Vmc. jejuar uma semana inteira (cap. VI)
lição dobrada a estudar na occasião do repouso (cap. VII)	lição dobrada e estudar na occasião do repouso (cap. VII)
que lhe offegava no coração (cap. VIII)	que lhe offegava o coração (cap. VIII)
esta menina é para Vm. o mesmo que uma irmãzinha (cap. VIII)	esta menina é para Vmc. o mesmo que uma irmãzinha (cap. VIII)
aqui ninguém é capaz de caçoar com Vm. , senhor Eugenio (cap. VIII)	aqui ninguém é capaz de caçoar com Vmc. , senhor Eugenio (cap. VIII)
a figura d'um idiota (cap. IX)	a figura de um idiota (cap. IX)
atado continuamente ao poste do estudo forçado (cap. IX)	atado continuamente ao posto do estudo forçado (cap. IX)
tudo isso fugiu-lhe de rondão da phantasia (cap. IX)	tudo isso fugiu-lhe de roldão da fantasia (cap. IX)
o tinha avistado de longe (cap. IX)	o tinha avistado ao longe (cap. IX)
Bem vontade tinhamo elles de se beijarem (cap. X)	Bem vontade tinhamo elles de se beijar (cap. X)
e os desejos morrêrão-lhes dentro da alma (cap. X)	e os desejos morriam-lhes dentro da alma (cap. X)
De que é que não tem vontade nenhuma? (cap. X)	De que é que não tens vontade nenhuma? (cap. X)
tu não és mais nenhum criança (cap. X)	tu não és mais nenhuma criança (cap. X)
e até o autorisárão a ficar na villa os dias que quizesse (cap. XI)	e até o autorisárão a ficar na villa so dias que quizesse (cap. XI)
póde dizer o que lhe vem á bôca (cap. XII)	póde dizer o que lhe vem na bôca (cap. XII)
hir-se metter em suciatas e beberreiras (cap. XIII)	hir-se metter em suciatas e bebedeiras (cap. XIII)
vmce. pela maneira que vae, vem a dar um excellente padre (cap. XIII)	vmc. pela maneira que vai, vem a dar um excellente padre (cap. XIII)
E vmce. , senhor criança (cap. XIII)	E vmc. , senhor criança (cap. XIII)
meia hora mesmo, se Vm. quizer (cap. XIV)	meia hora mesmo, se Vmc. quizer (cap. XIV)

Se souberes o susto que rapei (cap. XIV)	Se soubesses o susto que raspei (cap. XIV)
Suas palavras, conselhos e exhortações não conseguião (cap. XV)	Suas palavras, conselhos e exhortações não conseguiram (cap. XV)
Bem vejo que tudo quanto V.Rma me propõe é justo (cap. XV)	Bem vejo que tudo quanto V.Rvma me propõe é justo (cap. XV)
Que nascêrão bem juncto um do outro (cap. XVI)	Que nascêrão bem juntos um do outro (cap. XVI)
muita rapaziada vadia e turbulenta, que lá se agrupavão (cap. XVI)	muita rapaziada vadia e turbulenta, que lá se agrupava (cap. XVI)
tiverão de arrumar a sua trôxa (cap. XVI)	tiverão de arrumar a sua trouxa (cap. XVI)
e os ultimos topes da figueiras (cap. XVI)	e os ultimos topes da figueira (cap. XVI)
por miudo e sem disfarce (cap. XVIII)	por miudo e sem disfarces (cap. XVIII)
e Vm. mesmo já fez dellas a mais brilhante prova (cap. XVIII)	e Vmc. mesmo já fez dellas a mais brilhante prova (cap. XVIII)
entre as goélas da serpente (cap. XVIII)	entre as guelas da serpente (cap. XVIII)
do austero cenobita dos desertos da Chalcida (cap. XVIII)	do austero cenobio dos desertos da Chalcida (cap. XVIII)
e tu não queres deixar o teu leito pelo campo de batalha (cap. XVIII)	e tu não queres deixar o teu leito pelo campo da batalha (cap. XVIII)
para afflições de coração é um porrete (cap. XX)	para afflições de coração é um prodigio (cap. XX)
como isso afinal de contas nenhum mal te pode fazer (cap. XX)	como isto afinal de contas nenhum mal te pode fazer (cap. XX)
e bateu com a sua bengala no soalho do corredor (cap. XXI)	e bateu com a sua bengala ao soalho do corredor (cap. XXI)
Eugenio tambem deixando-se arrebatar pelo perfume das suaves recordações (cap. XXII)	Eugenio tambem deixando-se arrebentar pelo perfume das suaves recordações (cap. XXII)
alongando a mão que tinha pousada sobre o hombro da moça (cap. XXII)	alongando a mão que tinha pousado sobre o hombro da moça (cap. XXII)
a estreitou no coração (cap. XXII)	a estreitou ao coração (cap. XXII)
A tonsura sacerdotal era uma corôa de espinhos, que se lhe enterravão no craneo (cap. XXIII)	A tonsura sacerdotal era uma corôa de espinhos, que se lhe enterrava no craneo (cap. XXIII)
e lhe arrancavão bramidos de desespero (cap. XXIII)	e lhe arrancava bramidos de desespero (cap. XXIII)
não me é permittido (cap. XXIII)	não me e permittido (cap. XXIII)

ANEXO 4

VARIANTES ENTRE OS TESTEMUNHOS DA LIVRARIA MARTINS

Tabela 1 — Casos de adição

TESTEMUNHO L	TESTEMUNHO N
falas que ali ciciaram (cap. X)	falas que ali se ciciaram (cap. X)

Tabela 2 — Casos de alteração de ordem

TESTEMUNHO L	TESTEMUNHO N
demandando os sitios (cap. IV)	demandando so sitios (cap. IV)
como o não teria profligado (cap. XV)	como não o teria profligado (cap. XV)

Tabela 3 — Casos de omissão de palavra

TESTEMUNHO L	TESTEMUNHO N
exortando-o a que persistisse (cap. VII)	exortando-o que persistisse (cap. VII)
mesmo antes de se acabarem as férias (cap. X)	mesmo antes de acabares as férias (cap. X)
mas eu não sei (cap. XI)	mas não sei (cap. XI)
Luciano Gaspar de Oliveira Faria e Andrade nunca mais há de cruzar a soleira (cap. XII)	Luciano Gaspar de Oliveira e Andrade nunca mais há de cruzar a soleira (cap. XII)
nesse poder implacável e tirânico , que zomba dos mais firmes protestos (cap. XVI)	nesse poder implacável, que zomba dos mais firmes protestos (cap. XVI)
lhe proibimos pôr lá mais os pés (cap. XVI)	lhe proibimos pôr lá os pés (cap. XVI)
veio pelo menos dar-lhes um caráter menos sombrio (cap. XVII)	veio pelo menos dar-lhes caráter menos sombrio (cap. XVII)
obumbrada pelas fuscas asas (cap. XVIII)	obumbrada pelas fuscas (cap. XVIII)
tu és o anjo mau destinado a precipitar-me no abismo das torturas!... mas... que importa!... ah!...se continuasse a querer-me quem... sabe? que valem sem ti o paraíso e todas as suas delícias? (cap. XIX)	tu és o anjo mau destinado a precipitar-me no abismo das torturas!... mas... sabe? que valem sem ti o paraíso e todas as delícias? (cap. XIX)
Ora valha-te a Virgem Maria (cap. XX)	Ora valha-te Virgem Maria (cap. XX)
acordou-lhe na alma todas as lembranças de sua infância, frescas e vivazes, como se foram da véspera (cap. XXI)	acordou-lhe na alma todas as lembranças de sua infância e vivazes, como se foram da véspera (cap. XXI)
De que estou eu a tremer? (cap. XXI)	De que estou a tremer? (cap. XXI)
os braços cruzados e a cabeça pendida sobre o corpo (cap. XXII)	os braços cruzados e a cabeça sobre o corpo (cap. XXII)
a moça parecia estar no gozo da melhor saúde, e de todas as suas forças (cap. XXII)	a moça parecia estar no gozo da melhor saúde, e de todas as forças (cap. XXII)
Desde que te foste embora (cap. XXII)	Desde que foste embora (cap. XXII)

tu não é mais nenhum criança (cap. X)	tu não é nenhum criança (cap. X)
Luciano não conhecia a Eugênio (cap. XI)	Luciano não conhecia Eugênio (cap. XI)

Tabela 4 — Casos de omissão de trecho

TESTEMUNHO L	TESTEMUNHO N
armando arapucas e esparrelas para apanhar pombas, sabiás, inhambus, saracuras e outros pássaros com que obsequiava a sua linda amiguinha , a qual com isto mostrava-se infinitamente satisfeita (cap. III)	armando arapucas e esparrelas para apanhar pombas, sabiás, inhambus, saracuras, a qual com isto mostrava-se infinitamente satisfeita (cap. III)
tu és o anjo mau destinado a precipitar-me no abismo das torturas!... mas... que importa!... ah!...se continuasse a querer-me quem... sabe? que valem sem ti o paraíso e todas as suas delícias? (cap. XIX)	tu és o anjo mau destinado a precipitar-me no abismo das torturas!... mas... sabe? que valem sem ti o paraíso e todas as delícias? (cap. XIX)
contra um inimigo indigno dele, contra uma mulher, que o fascinara com as aparências de um anjo, e que não era mais que larva imunda (cap. XIX)	contra um inimigo indigno de um anjo, e que não era mais que larva imunda (cap. XIX)
Cala-te, Margarida!... Ai de mim! é agora que avalio a felicidade que perdi. Ah! perdão, perdão, meu Deus!... eu blasfemo! (cap. XXIII)	Cala-te, Margarida!... Ah! perdão, perdão, meu Deus!... eu blasfemo! (cap. XXIII)

Tabela 5 — Casos de substituição

TESTEMUNHO L	TESTEMUNHO N
onde pastava o gado (cap. I)	onde estava o gado (cap. I)
pequenas quinquilharias e ouropéis (cap. III)	pequenas quinquilharias e européis (cap. III)
outras vezes ficava olhando para o ocidente (cap. IV)	outras vezes ficava olhando para o acidente (cap. IV)
tentativas de um estro infantil (cap. VI)	tentativas de um astro infantil (cap. VI)
apre! ... como faz calor! (cap. VIII)	arre! ... como faz calor! (cap. VIII)
não tenhas susto (cap. X)	não tenha susto (cap. X)
mesmo antes de se acabarem as férias (cap. X)	mesmo antes de acabares as férias (cap. X)
saltava ao terreiro (cap. X)	saltava no terreiro (cap. X)
alegres rumores dos descantes (cap. XI)	alegres rumores dos descantos (cap. XI)
serviços de roça (cap. XI)	serviços da roça (cap. XI)
regalar os seus trabalhadores (cap. XI)	regalar aos seus trabalhadores (cap. XI)
cada vez se irritava mais a impaciência (cap. XI)	cada vez se irritava mais a paciência (cap. XI)
da fazenda de Antunes (cap. XI)	da fazenda do Antunes (cap. XI)
com um riso de galhofa (cap. XII)	com um sorriso de galhofa (cap. XII)
a presença do Antunes (cap. XIII)	a presença de Antunes (cap. XIII)

para quando chegassem a casa (cap. XIII)	para quando chegassem em casa (cap. XIII)
a palavra fatal agarrava -se teimosa na garganta (cap. XIII)	a palavra fatal aganava -se teimosa na garganta (cap. XIII)
mal despontou a primeira alva do dia (cap. XIV)	mal desapontou a primeira alva do dia (cap. XIV)
sacudindo da coma orvalhada (cap. XIV)	sacudindo da copa orvalhada (cap. XIV)
as duas altas paineiras alçavam -se (cap. XIV)	as duas altas paineiras laçavam -se (cap. XIV)
ansiosas e cruéis inquietações se exalavam naqueles tímidos (cap. XIV)	ansiosas e cruéis inquietações se exalam naqueles tímidos (cap. XIV)
que se extinguiria por si mesma (cap. XV)	que se extinguiu por si mesma (cap. XV)
lhe arrancava até a companhia daqueles sítios queridos... Que para os outros não tinham valor (cap. XVI)	lhe arrancava até a companhia daqueles sítios queridos... Que para os outros não tinha valor (cap. XVI)
a alva casinha, o vargedo , e os últimos topes das figueiras (cap. XVI)	a alva casinha, o arvoredo , e os últimos topes das figueiras (cap. XVI)
entre as nuvens de incenso (cap. XVII)	entre as nuvens do incenso (cap. XVII)
impondo o celibato como um preceito imperativo (cap. XVII)	impondo o celibato como um preconceito imperativo (cap. XVII)
o culto e adoração oferecido ao Senhor (cap. XVII)	o culto de adoração oferecido ao Senhor (cap. XVII)
procuravo o anjo da devoção (cap. XVIII)	procuravo o anjo de devoção (cap. XVIII)
batia com a frente em terra (cap. XVIII)	batia com a frente na terra (cap. XVIII)
a fulminar com os raios de sua eloquência a moleza, o apetite sensual (cap. XVIII)	a fulminar com os raios de sua eloquência e moleza, o apetite sensual (cap. XVIII)
Umbelina já bastante entra em anos (cap. XX)	Umbelina já bastante entra nos anos (cap. XX)
e as roupas regaçadas (cap. XX)	e as roupas arregaçadas (cap. XX)
Seja cisma, embora minha tia (cap. XX)	Seja cisma, embora mint a tia (cap. XX)
disse ele cuidando ser mais alguma visita (cap. XXI)	disse ele cuidando ser ainda alguma visita (cap. XXI)
O padre depois de desculpar-se para com suas visitas (cap. XXI)	O padre depois de desculpar-se para com as visitas (cap. XXI)
A tonsura sacerdotal era uma coroa de espinhos (cap. XXIII)	A tonsura sacerdotal era uma canoa de espinhos (cap. XXIII)
tu não é mais nenhum criança (cap. X)	tu não é nenhuma criança (cap. X)
tinha cabal certeza de que por modo nenhum conseguiria licença (cap. XI)	tinha cabal certeza de que por modo algum conseguiria licença (cap. XI)
à sombra da figueira do terreiro (cap. XI)	à sombra da figueira no terreiro (cap. XI)
uns no centro, dansando, outros em derredor (cap. XI)	uns no centro, dansando, outros no derredor (cap. XI)
regando com suas lágrimas (cap. XV)	regando com as lágrimas (cap. XV)
as mais calorosas e eloquentes objurgações do padre (cap. XV)	as mais calorosas e eloquentes objurações do padre (cap. XV)

ANEXO 5

ENCADERNAÇÃO DOS TESTEMUNHOS DA EDIÇÃO CRÍTICA

Testemunho A — B. L. Garnier (1872)

Testemunho D — Empreza Democratica (1899)

Testemunho G — H. Antunes (1923)

Testemunho I — Civilização Brasileira (1931)

Testemunho L — Livraria Martins (1944)

Testemunho N — Livraria Martins (s. d.)